



LEONARDO PADURA

ESTAÇÕES HAVANA
VERÃO

MÁSCARAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sobre *Máscaras*

No dia 6 de agosto, quando a Igreja católica celebra a Festa da Transfiguração do Senhor, um corpo é encontrado no Bosque de Havana – e o morto é o filho homossexual de um importante diplomata cubano, que nunca o aceitara. Neste terceiro volume da série *Estações*

Havana, o investigador Mario Conde precisa confrontar seus preconceitos e medos, penetrando em um submundo que até então, mesmo sob o dilacerante sol de Havana, havia permanecido na sombra, composto de frustrações e segredos, mas também de resistência e coragem. As máscaras à sua volta começam pouco a pouco a cair, revelando que o que parece decente pode ser, na verdade, bastante sórdido – e, por outro lado, que no que parece diferente é possível encontrar o humano, o semelhante. É então que Conde pega sua máquina de escrever e abraça, enfim, a decisão por tanto tempo adiada: tornar-se escritor.

“A escolha do gênero policial nos permite entrar nos recantos mais obscuros da sociedade. E a atmosfera angustiante deste romance é tão eficaz como um ataque aberto.” – *Le Monde*

ESTAÇÕES HAVANA

O dia a dia do policial cubano Mario Conde – que, na verdade, queria mesmo era ser escritor – pelas ruas de Havana durante as quatro estações do emblemático ano de 1989, marcado pela queda do Muro de Berlim.

Passado perfeito

No primeiro fim de semana de 1989, Mario Conde é encarregado de um caso misterioso e urgente: Rafael Morín, executivo do Ministério da Indústria, está desaparecido desde o dia 1º de janeiro. Quis o destino que Morín fosse um ex-colega de escola e, como se não bastasse, casado com Tamara, a grande paixão do tenente.

Ventos de quaresma

Em plena primavera cubana, Mario Conde conhece uma mulher aficionada por *jazz* e sexo e é encarregado de desvendar o assassinato de uma professora de química. A investigação o coloca em uma trilha em que o consumo de drogas e a fraude revelam o lado sombrio da cidade.

Paisagem de outono

Mario Conde está prestes a completar 36 anos e sente que chegou o momento de mudar sua vida. Mas ainda é preciso desvendar um último caso: o assassinato de um ex-funcionário do governo cubano que havia desertado para Miami. Ao longo da investigação, o autor recria as crônicas de uma geração forçada a se perguntar para onde foram os seus ideais.

Sobre Leonardo Padura

Nascido em Havana em 1955, Leonardo Padura Fuentes é pós-graduado em Literatura Hispano-Americana, romancista, ensaísta, jornalista e autor de roteiros para cinema. Ganhou reconhecimento internacional com a série de romances policiais Estações Havana, estrelada pelo investigador Mario Conde, já traduzida em mais de quinze países, vencedora de diversos prêmios internacionais e recentemente adaptada para o cinema e a TV.

No Brasil, é colunista da *Folha de S.Paulo* e colaborador do *El País*. Dele a Boitempo publicou *O homem que amava os cachorros*, considerada sua obra máxima, em 2013, e *Hereges*, em 2015. Pelo conjunto de sua obra, Padura recebeu o Premio Nacional de Literatura de Cuba, em 2012, e o Princesa de Asturias, da Espanha, em 2015.

LEONARDO PADURA

MÁSCARAS

ESTAÇÕES HAVANA

TRADUÇÃO
ROSA FREIRE D'AGUIAR



Mais uma vez, e como deve ser:
para você, Lucía

Nota do autor

Refugiando-me em certas liberdades poéticas, neste romance citei, mais ou menos extensamente, textos de Virgilio Piñera, Severo Sarduy, Dashiell Hammett, Abilio Estévez, Antonin Artaud, Eliseo Diego, Dalia Acosta e Leonardo Padura, além de vários documentos officiosos e alguns trechos dos Evangelhos. Mais de uma vez transformei-os e em outras até os melhorei, e quase sempre suprimi as aspas que antes se usavam em tais casos.

Por outro lado, quero agradecer aos seguintes amigos pelo tempo e talento que investiram na leitura e revisão dos originais do livro: Lourdes Gómez, Ambrosio Fonet, Alex Fleites, Norberto Codina, Arturo Arango, Rodolfo Pérez Valero, Justo Vasco, Gisela González, Elena Núñez e, claro, Lucía López Coll. Finalmente, como sempre, aviso que os personagens e fatos deste livro são obra de minha imaginação, embora se pareçam bastante com a realidade. Mario Conde é uma metáfora, não um policial, e sua vida, simplesmente, transcorre no espaço possível da literatura.

Verão de 1989

“PEDAGOGO: [...] Não, não há saída possível.

ORESTES: Resta o sofisma.

PEDAGOGO: É verdade. Numa cidade tão orgulhosa como esta, de façanhas que nunca se realizaram, de monumentos que jamais se erigiram, de virtudes que ninguém pratica, o sofisma é a arma por excelência. Se alguma das mulheres sábias lhe disser que é uma fecunda autora de tragédias, não ouse contradizê-la; se um homem lhe afirmar que é um crítico consumado, ajude-o em sua mentira. Trata-se, não se esqueça, de uma cidade em que todo mundo quer ser enganado.”

Virgilio Piñera, *Electra Garrigó*, ato III

“Antes de mais nada, importa admitir que, assim como a peste, o teatro é um delírio e é contagioso.”

Antonin Artaud, *O teatro e seu duplo*

“Todos usam máscaras.”

Batman

O calor é uma praga maligna que tudo invade. O calor cai como um manto de seda vermelha, maleável e compacto, envolvendo os corpos, as árvores, as coisas, para injetar-lhes o veneno escuro do desespero e a morte mais lenta e segura. É um castigo sem apelações nem atenuantes, que parece disposto a devastar o universo visível, embora seu vórtice fatal deva ter caído sobre a cidade herege, sobre o bairro condenado. É o martírio dos cachorros vira-latas, doentes de sarna e desespero, que procuram um lago no deserto; desses velhos que arrastam bengalas mais cansadas que suas próprias pernas, enquanto avançam contra a canícula na luta diária pela subsistência; das árvores antes majestosas, agora vergadas pela fúria dos graus em ascensão; da poeira morta nas calçadas, saudosa de uma chuva que não chega ou de um vento indulgente, capazes de reverter com sua presença esse destino imóvel e transformá-la em lodo ou em nuvens abrasivas ou em tormentas ou em cataclismos. O calor tudo esmaga, tiraniza o mundo, corrói o que ainda é possível salvar e desperta apenas as iras, os rancores, as invejas, os ódios mais infernais, como se seu objetivo fosse provocar o fim dos tempos, da história, da humanidade e da memória... Mas como é possível fazer tanto calor, porra?, sussurrou enquanto tirava os óculos escuros para enxugar o suor que sujava seu rosto, cuspiendo para a rua uma saliva grossa e escassa que rolou sobre a poeira sedenta demais.

O suor queimava seus olhos, e o tenente Mario Conde olhou para o céu, clamando pela piedade de alguma nuvem oportuna. E foi então que os gritos de júbilo ecoaram em seu cérebro. Voavam trazendo uma algaravia densa, de coro ensaiado, que se expandiu como se tivesse brotado da terra e deslizasse

contra o calor da tarde, se levantasse por um instante sobre o ronco dos carros e caminhões que corriam pela Calzada e se abraçasse sorratamente à memória de Conde. Mas só ao chegar à esquina é que os viu: enquanto um grupo festejava, saudando-se com tapas e mais gritos, outros discutiam, também em voz alta e com cara de poucos amigos, culpando-se mutuamente pela mesma razão que os outros eram tão felizes: estes perderam e aqueles ganharam, concluiu facilmente quando parou para olhá-los. Havia rapazes de várias idades, entre doze e dezesseis anos, de todas as cores e todos os tipos, e Conde pensou que se alguém como ele, vinte anos antes, tivesse parado naquela mesma esquina do bairro ao escutar uma algaravia parecida teria visto exatamente o que ele estava vendo: rapazes de todas as cores e todos os tipos, só que aquele ali, o que mais discutia ou festejava, certamente teria sido Condesito, neto de Rufino Conde. De repente respirava a ilusão de que ali não existia o tempo, pois aquele mesmo cruzamento servira desde então para jogar beisebol, embora em certas temporadas aparecesse, infiel e traiçoeira, uma bola de futebol ou uma cesta de basquete cravada no poste de luz. Mas em pouco tempo a bola de beisebol – no bate, na mão, no quatro-esquinas, nos três *rolling-a-fly* ou na parede – voltava a se impor, sem maiores controvérsias, sobre essas modas passageiras: o beisebol os contagiara, como uma paixão crônica, que Conde e seus amigos sofreram em virulentas proporções.

Apesar do calor, as tardes de agosto sempre tinham sido as melhores para jogar beisebol na esquina. A época de férias propiciava que todos estivessem no bairro em todas as horas, sem nada melhor a fazer, e o sol exacerbado do verão permitia jogar até depois das oito da noite, quando alguma partida realmente o merecia. Mas ultimamente Conde vira poucos jogos de beisebol na esquina. Os rapazes pareciam preferir outras diversões menos enérgicas e fedorentas do que essa de correr, bater na bola e gritar, durante horas, sob o sol carbonizante do verão, e ele ficava pensando o que fariam os rapazes de agora nas longas tardes de agosto. Eles, não: sempre jogavam beisebol, lembrou-se, e lembrou-se de que já não restavam muitos deles no bairro: enquanto uns entravam e saíam da prisão por crimes maiores e menores, outros tinham se mudado para lugares tão distintos entre si como Alamar, Hialeah, Santiago de las Vegas, Union City, Cojimar ou Estocolmo, e até havia um com um bilhete só de ida para o cemitério de Colón: pobre Marquitos. Por isso, embora quisessem e tivessem

forças nas pernas e resistência nos braços para tanto, os daquela época nunca mais poderiam organizar outro time de beisebol ali na esquina: a vida devastara essa possibilidade, como tantas outras.

Quando a discussão e as comemorações terminaram, os rapazes resolveram organizar outra partida, e os dois líderes evidentes do grupo se prepararam para escolher os jogadores de cada equipe a fim de redistribuir as forças e prosseguir a guerra em condições mais equânimes. Então Conde teve uma ideia: pediria a eles para jogar. Sentia-se moído pelas oito horas de trabalho no Departamento de Informação da Central de Polícia, mas eram apenas seis da tarde e preferia não voltar já para o calor solitário de sua casa. O melhor que podia fazer era jogar beisebol. Se deixassem.

Aproximou-se do grupo, que estava em volta da tábua escolhida como *home-plate*, e chamou o filho do negro Felicio. Felicio era um dos que sempre jogaram com ele e, como fazia muito tempo que não o via, Conde imaginou que estaria preso de novo. O rapaz era tão negro quanto o pai e também herdara aquele cheiro de suor, abrasivo e amargo, que Conde conhecia de cor por ter a faculdade de adquiri-lo toda vez que andava com Felicio.

– Rubén – disse então ao pretinho, que o olhava desconfiado –, você acha que eu posso jogar um pouco com vocês?

O rapaz continuou a observá-lo como se não tivesse escutado e, depois, olhou para os amigos. Conde achou que se impunha uma explicação.

– Faz tempo que não jogo e me deu vontade de pegar umas bolas...

Rubén se aproximou dos outros jogadores para não ser o único a assumir o peso da decisão. Neste país é melhor consultar todo mundo, pensou Conde, enquanto esperava o veredicto. As opiniões pareciam divididas, e o consentimento demorou mais que o previsto.

– Tudo bem – disse Rubén enfim, em sua função de intermediário, mas nem ele nem os outros pareciam satisfeitos com essa concessão.

Enquanto discutiam a formação das equipes, Conde tirou a camisa e dobrou duas vezes a barra da calça. Por sorte, naquele dia não tinha levado a pistola para o trabalho. Pôs a camisa sobre o muro da casa onde vivera o galego Enrique – morto também, fazia dez, vinte, mil anos? –, e finalmente lhe disseram que ia ficar na equipe de Rubén e servir no campo. Mas, ao se ver cercado pelos rapazes, sem camisa como eles, Conde sentiu a evidência de que

tudo era absurdo e forçado demais: percebia na pele o olhar dissimulado dos jovens e pensou que talvez deviam vê-lo como o primeiro missionário chegado a uma tribo remota: era um estranho, com outras palavras e outros costumes, e não seria fácil integrar-se naquela confraria que não o solicitara, nem o queria, nem podia entendê-lo. Além disso, todos os rapazes deviam saber que era um policial e, respondendo à ética ancestral do bairro, não lhes seria especialmente agradável que outros os vissem nessas intimidades com Conde, por mais amigos que tivessem sido seus pais ou irmãos mais velhos. Sim, havia certas coisas naquela esquina que não mudavam.

Enquanto os de sua equipe avançavam para cobrir suas posições, Conde apanhou a camisa e se aproximou de Rubén. Quis passar o braço em seus ombros, mas se conteve ao pressentir o contato de sua pele com a camada de suor que cobria o rapaz.

– Desculpe, Rubén, mas me lembrei de que estou esperando um telefonema. Jogamos outro dia – disse.

E se afastou para a Calzada, sentindo que o sol, vermelho, ímpio, já batendo na altura de seus olhos, queimava-lhe o corpo e a alma. Sobre sua cabeça pôde ver a espada em chamas que lhe indicava a saída irreversível do paraíso irremediavelmente perdido que fora seu, e já não era nem voltaria a ser. Se aquela esquina não lhe pertencia, restaria algo de seu título de propriedade? A lancinante sensação de ser estranho, forasteiro, diferente o envolveu com tamanha força que Conde teve de se conter e se agarrar nos últimos resquícios de seu orgulho para não sair correndo. E só então, ao recuperar a plena consciência do calor impróprio para alguém correr pela rua, entendeu a verdadeira razão pela qual não quiseram aceitá-lo: Como foi que não percebi? Esses sacanas estão jogando a dinheiro...

- O que há com você, bicho?
- Não sei. Acho que estou cansado.
- Que calor, né?
- Do caralho.
- Você está com uma cara de merda.

– Imagino – admitiu Conde, que tossiu e pela janela cuspiu no pátio da casa. De sua cadeira de rodas o magro Carlos o observou e deu de ombros. Sabia que quando o amigo se comportava assim o melhor era ignorá-lo. Sempre dissera que Conde era um desgraçado sofredor, um saudosista incorrigível, um masoquista por conta própria, um hipocondríaco à prova de golpes e o sujeito mais difícil de consolar de todos os que havia no mundo, e nesse dia não parecia ter vontade de investir tempo e neurônios para decifrar o acesso de melancolia aguda que seu amigo sofria.

– Quer pôr música? – perguntou então.

– Você quer?

– Falei por falar. Para fazer alguma coisa, né?

Conde se aproximou da longa fila de fitas cassetes que ocupavam a prateleira do alto da estante. Passou a vista nos títulos e intérpretes e, dessa vez, praticamente não se espantou com o gosto musical eclético do Magro.

– O que gostaria de ouvir? Beatles? Chicago? Fórmula V? Los Pasos? Creedence?

– Aham, Creedence – foi mais uma recordação: gostavam de ouvir a voz compacta de Tom Fogerty e as guitarras primitivas do Creedence Clearwater Revival.

– Continua sendo a melhor versão de “Proud Mary”.

– Isso não se discute.

– Canta como se fosse um negro, ou melhor, canta como se fosse Deus, que filho da mãe.

– É, que filho da mãe – disse o outro, e se flagraram olhando-se nos olhos: no mesmo instante os dois tinham sentido a agressiva certeza da lânguida reiteração que viviam. Aquele mesmo diálogo, com palavras iguais, eles haviam repetido outras vezes, muitas vezes, durante quase vinte anos de amizade, sempre no quarto do Magro, e sua ressurreição periódica lhes dava a sensação de que penetravam no reino encantado do tempo cíclico e perpétuo, onde era possível imaginar que tudo é imaculado e eterno. Mas muitos sinais visíveis, e outros tantos escondidos atrás da vergonha, do medo, do rancor e até do carinho, avisavam que a única coisa permanente era a voz gravada de Tom Fogerty e as guitarras do Creedence: a calvície ameaçadora de Conde e a gordura doentia do Magro, que já não era magro, a tristeza compacta de Mario

e a invalidez irreversível de Carlos eram, entre outras mil, provas fidedignas demais de um desastre lastimável e, para completar, ascendente.

– Faz tempo que você não vê Candito Vermelho? – perguntou o Magro quando terminou a música.

– Um bocado.

– Outro dia ele veio aqui e me disse que tinha largado o negócio de fazer sapatos.

– E em que está metido agora?

O Magro olhou para o gravador, como se de repente algo no aparelho ou na música o tivesse distraído.

– O que há com você, besta?

– Nada... Agora tem uma birosca clandestina e vende cerveja.

Conde mexeu a cabeça e sorriu. Podia farejar as intenções do amigo a quilômetros de distância...

– E me disse por que não íamos um dia, você e eu...

Conde tornou a mexer a cabeça e repetiu o sorriso.

– Você sabe que não posso ir a um lugar desses, Magro. Isso é ilegal, e se acontece alguma coisa...

– Ah, Mario, não encha o saco. Olhe, com esse calor que está fazendo hoje, a cara de enterro que você está... e daqui até a casa de Candito é perto... Umas cervejinhas. Ande, vamos.

– Não posso, besta. Lembre-se de que sou policial, porra – disse, erguendo com os braços frágeis de sua determinação abatida bandeiras que clamavam SOS. – Não insista, Magro.

Mas o Magro insistiu:

– Porra, estou louco para ir e pensei que você fosse se animar. Você sabe que nunca saio daqui, estou mais entediado do que sapo debaixo de pedra... Umas cervejinhas geladas. Pelo meu aniversário, está bem? E você praticamente nem é mais policial...

– Mas que grande filho da puta você é, Magro. O seu aniversário é só na semana que vem.

– Tudo bem, tudo bem. Se não quer, não vamos...

Conde parou a cadeira de rodas ao chegar à entrada do cortiço. Enxugou de novo o suor, enquanto observava o corredor com portas dos dois lados. Sentia os braços pesados pelo esforço de conduzir os cento e quinze quilos de seu amigo por mais de dez quarteirões, tendo de enfrentar duas ladeiras e suas inevitáveis descidas. No fundo do corredor uma lâmpada piscando riscava a penumbra e das portas abertas de cada quarto da casa de cômodos saía o brilho das telas dos televisores e as vozes dos personagens da novela do momento. “Diga-me, mamãe, quem é o culpado de tudo o que aconteceu? Por favor, diga-me, mamãe”, alguém perguntava a quem certamente sofrera coisas horríveis naquela vida em capítulos que pretendia se parecer com a outra vida. Então guardou o lenço e caminhou até a porta de Candito, a única que se mantinha fechada. Enquanto empurrava a cadeira de rodas, tentou esconder o rosto entre os braços: ainda sou policial, pensava, aproximando-se da tentação daquelas cervejas clandestinas e do esquecimento fresco e apetecível que o acúmulo delas lhe causaria.

Bateu e a porta se abriu como se estivessem sendo esperados. Cuqui, a mulatinha que agora vivia com Candito, só precisara esticar o braço para girar a maçaneta. Como todos os moradores do cortiço, ela também assistia à novela, e em seu rosto surgiu o espanto do personagem que no fim descobre toda a verdade. “Sou eu o culpado”, Conde pensou em dizer, mas se conteve.

– Entrem, entrem – ela insistiu, mas em sua voz havia a incerteza do personagem da novela: negava-se a acreditar, e talvez por isso gritou para dentro da casa, sem deixar de observar os recém-chegados: – Candito, tem visita.

Como num teatro de marionetes, Candito Vermelho pôs sua cabeça cor de açafraão entre as cortinas que tapavam a cozinha, e Conde compreendeu o código: ter visita significava algo diferente de ter clientes, e Candito devia sair com cuidado. Mas ao vê-los o mulato sorriu e caminhou até eles.

– Porra, Carlos, você o convenceu – disse, enquanto apertava as mãos de seus dois velhos colegas do colégio pré-universitário.

– Eu lhe disse que vinha e aqui estou, não é?

– Bem, corram que ainda me sobra alguma coisa. Ei, Cuqui, prepare um *lasqueadito* especial para os companheiros e largue essa novela, ande. Toda vez que eu vejo estão falando a mesma lenga-lenga...

Candito afastou os móveis para que a cadeira do Magro pudesse atravessar a sala, levantou a cortina que escondia a cozinha e abriu a porta que dava para o pátio: umas seis mesas, todas ocupadas, fizeram Conde parar. Candito o encarou e assentiu: sim, podia entrar. Mas da cozinha Conde observou os fregueses por um instante: quase todos eram homens, só três mulheres, e tentou identificar algum rosto. O instinto o fez tocar na cintura para perceber a ausência da pistola, mas se tranquilizou ao não reconhecer ninguém. Qualquer um daqueles personagens podia ter tido um diálogo anterior com ele na Central de Polícia e Conde não gostava da ideia de um reencontro num lugar desses.

As mesas eram redondas, de mármore barato com pés de ferro, e nelas se acumulavam as garrafas vazias. Uma lâmpada de luz fria iluminava o local e um gravador tocava, a todo volume, músicas sofridas de José Feliciano, cuja voz tentava se impor à dos bebedores. Ao lado de um tanque, dois baldes de metal suavam seu gelo no calor do ambiente. Candito foi até uma mesa que ficava num canto, ocupada por dois indivíduos de aspecto temível. Falou com eles em voz baixa. Os homens concordaram e largaram seus assentos: um era um louro enorme, de mais de um metro e oitenta, com braços compridíssimos e uma cara povoada de tantas crateras como a superfície lunar; o outro, menor e de pele tão negra que parecia azul, devia ser neto direto e herdeiro universal do próprio homem de Cro-Magnon: a teoria darwinista da evolução se refletia em seu prognatismo exagerado e na frente estreita onde brilhavam as luzes amarelas de olhos de animal selvagem. Com um gesto, Candito Vermelho pediu a Conde que aproximasse a cadeira de Carlos e, com outro, indicou aos homens que lhe servissem três cervejas.

– O que você disse a esses homem das cavernas? – murmurou Conde enquanto se sentavam.

– Calma, Conde, calma. Aqui você é um anônimo, não é? Esses são meus compadres no negócio.

Conde virou a cara para o louro grande, que já se aproximava com as cervejas, punha-as em cima da mesa e, sem falar, se afastava para os baldes.

– São seus guarda-costas, não são?

– São meus compadres, Condesito, e servem para o que der e vier.

– Ei, Candito – disse então o Magro –, e quanto é que está a lourinha?

– Depende, Carlos, do que se consegue. Atualmente anda complicado e pus cada uma a três pratos. Mas as de vocês são por conta da casa, e isso não se discute, tá legal? – sorriu quando ia chegando Cuqui com um prato transbordando de lascas de presunto, queijo e bolachas. – Tudo bem, nega, continue vendo a chatice da sua novela – e a despachou com uma carícia na bunda.

A cerveja gelada produziu certa paz no espírito acalorado de Conde, que lamentou ter bebido a primeira garrafa quase sem respirar. Agora só o incomodava o volume agressivo da música e a sensação de desamparo que lhe causava estar de costas para os outros clientes, mas compreendia que era Candito quem devia olhar para o resto das mesas e resolveu se despreocupar quando o louro lhe trocou uma vazia por outra cheia. A eficiência voltava à ilha.

– E o que anda fazendo, Conde? – Candito deu diversos golinhos. – Faz tempo que nos perdemos de vista.

Conde provou o presunto.

– Agora virei barnabé, porque me suspenderam depois da briga que tive com um imbecil aí. Me puseram para preencher fichas e não me deixam nem pôr a cara na rua... Você, sim, é que deu uma guinada completa.

Candito deu um gole demorado na garrafa.

– Tem que ser assim, Conde, e você sabe: o que a gente não pode é se queimar em nenhum bisines. A coisa dos sapatos estava meio devagar e, pá, mudei o jogo. Você sabe que a vida anda duríssima e que quem não tem grana é carta fora do baralho, não é?

– Se te pegam com isso você vai entrar pelo cano. Pelo menos de uma boa multa nem Deus te salva... E, se me pegam aqui, continuo barnabé pelo resto da vida.

– Não fale assim, Conde, que eu garanto que não dá rolo.

– E você, continua indo à igreja?

– Continuo, vou às vezes. A gente tem sempre que estar de bem com algumas pessoas... Com a polícia, por exemplo.

– Pare de dizer besteira, Candito.

– Parem com isso, cavalheiros – interveio o Magro. – Essas lourinhas estão de arreentar. Peça para me trazerem outra, Vermelho.

Candito levantou o braço e fez o gesto:

– Mais três.

O louro voltou a servi-los. Agora se ouvia no gravador a voz de bêbado melodioso de Vicentico Valdés – ele jurava que sabia onde estavam as argolas que faltam à Lua – e, enquanto bebia sua terceira cerveja, Conde sentiu que relaxava. Ser policial por mais de dez anos lhe criara tensões que o perseguiram por todo lado. Só em alguns lugares, como na casa do Magro, conseguia se livrar de certas obsessões e sentir a leveza visceral dos velhos tempos, aquela época de que falavam agora, quando eram estudantes no pré-universitário de La Víbora e os sonhos de futuro eram possíveis e frequentes, pois na época o Magro era magro, andava sobre suas duas pernas e não tinha sido ferido na guerra de Angola, Andrés pretendia ser um grande jogador de beisebol, o Coelho insistia em reescrever a história, Candito Vermelho luzia seu efervescente cabelo afro cor de açafão e Conde se dedicava a suar em cima de uma Underwood seus primeiros contos de escritor abortado.

– Lembra, Conde? – perguntou-lhe Candito, e Mario disse que sim, também se lembrava dessa história tão simpática que agora não havia escutado.

O louro trouxe a quarta rodada de cervejas, e Cuqui, o segundo prato de *lasqueados*, sobre o qual o magro Carlos se jogou. Conde se inclinou para pegar uma lasca de presunto, quando Candito ficou em pé, deixando cair a cadeira que ocupava.

– Filho da puta – alguém gritou.

Sem ter tempo de se levantar, Conde virou a cabeça e viu o mulato que, tapando o rosto, cambaleava para trás, como se fugisse do louro grande que estava na frente dele com uma garrafa na mão. Então o negro pré-histórico se aproximou por trás do homem, gritando filho da puta, filho da puta, firmou-se em suas pernas de macaco de luta e lhe triturou os rins com uma série de murros rapidíssimos que o puseram de joelhos. Enquanto isso, o louro grande já tinha dado as costas a seu companheiro e olhava para o resto das mesas, com as mãos na cintura, avisando: Quem se levantar... Mas ninguém havia se levantado.

Conde, já em pé, viu Candito passar a seu lado, chegar na frente do mulato penitente e o agarrar pela gola da camisa. De uma sobancelha do homem jorrava sangue, enquanto o negro pequeno, do outro lado, o segurava pelo

cabelo e, com uma escova de limpeza na outra mão, lhe batia na altura da orelha.

– Largue-o – gritou Candito, mas o negro insistiu com a escova. – Largue-o, porra – gritou, e soltou a camisa do mulato para se agarrar à mão do negro, que só então afrouxou sua garra. Conde observou com interesse quase científico a derrubada do mulato macerado: caiu para a direita e sua cabeça ecoou no cimento como um coco seco. Não, não teria aguentado muito mais.

Então o louro caminhou até o gravador e mudou a fita: Daniel Santos era o novo convidado da noite. Depois, sem muita pressa, foi atrás do mulato e o segurou pelas axilas, enquanto o negro pequeno o levantava pelos tornozelos. Saíram por uma porta que havia no fundo do pátio e na qual Conde não havia reparado.

Candito olhou para os outros fregueses. Por um minuto só se ouviu a voz de Daniel Santos.

– Não aconteceu nada, hein...? – disse afinal. – Se alguém quiser mais cerveja me peça, ok? – e levantou a cadeira, que caíra, na pressa com que se levantara.

Conde já estava sentado e o Magro enxugava o suor que começara a banhá-lo em toda a sua gordura.

– O que houve, Vermelho? – o Magro deu um gole demorado.

– Não se preocupem. Como se diz: são ossos do ofício.

– O sujeito vinha por minha causa, não é?

Agora foi Candito que bebeu sua cerveja e, sem olhar, escolheu uma lasca de queijo.

– Não sei, Conde, mas vinha por causa de alguém – respirava ruidosamente, sem deixar de mastigar.

– E como é que você sabe, Vermelho, se o cara nem falou, porra? – o Magro não saía de seu espanto.

– Não se pode deixar que falem, Carlos, mas vinha por causa de alguém.

– Caralho, mas por pouco não o mataram.

O Vermelho sorriu e passou a mão na testa:

– O chato disso é que tem que ser assim, meu irmão. Aqui o que vale é a lei da selva: respeito é respeito. E já nem esse nem nenhum dos que estão aqui, nem nenhum dos que ouvirem o que aconteceu hoje aqui, voltará a se arriscar.

– E agora o que vão fazer com ele? – a curiosidade corroía o Magro, que bebia nervoso.

– Pô-lo para descansar até que se refresque. E, depois que pagar o que tomou, o mandamos para casa, porque hoje precisa dormir cedo, não acha?

O Magro sacudiu a cabeça, como se não entendesse alguma coisa, e olhou para Conde, que continuava calado, pelo visto concentrado no bolero que Daniel Santos cantava.

– Você viu isso, bicho?

– Claro que vi, besta.

– E está entendendo alguma coisa?

– Não. Juro pela minha mãe que cada vez entendo menos... Ei, Vermelho, traga mais cerveja, ande.

O pior de tudo era a sensação de vazio. Enquanto a campainha do relógio martelava no cérebro de Conde, avisando, quinze para as sete, quinze para as sete, e as pálpebras lutavam para vencer o peso do sono e a ingestão recente das cervejas, quinze para as sete, o vazio ia recuperando seu lugar como uma mancha de óleo subitamente liberada que se espalha sobre o mar da consciência: mas se tratava de uma mancha sem cor, porque era o vazio e o nada, era o fim que sempre começava, um e outro dia, com aquela implacável capacidade de renovação contra a qual não tinha defesas nem argumentos válidos: quinze para as sete era a única coisa tangível no meio do vazio.

Ultimamente começara a imaginar que a morte podia ser algo assim: um despertar sem atmosfera, trabalhoso mas indolor, desprovido de expectativas e de surpresas porque era só isto: o buraco sem fim do mundo do vazio, uma nuvem escura e acolchoada que o abrigava, definitivamente. Então também tentava recordar de quando não havia a sensação de vazio nem os pensamentos de morte, e o amanhecer funcionava como a cortina que se abre para a nova sessão, imaginada ou surpreendente, não importa, mas de algum modo atraente e necessária: a inadvertida ansiedade de viver outro dia. Mas lhe acontecia o mesmo quando se sentia doente e tentava pensar em como era quando se sentia bem, mas não conseguia, pois a onipresença do mal-estar não o deixava recuperar outras sensações agradáveis.

Quando ia para a rua, em manhãs como aquela, quentes desde o amanhecer, arrastando o sabor solitário do café e sem ter atrás de si a despedida de uma mulher, nem na distância do futuro nenhum ímã que o atraísse, Conde ficava pensando qual seria a razão última que ainda o impelia a acertar a hora

do relógio e destravar o alarme, quando o tempo era, justamente, a manifestação mais objetiva de seu vazio. E como não achava uma razão convincente – sentido do dever? responsabilidade? necessidade de ganhar a vida? movimento por inércia? – tornava a se perguntar o que fazia ali, caminhando para a fila do ônibus cada dia mais compacta e violenta, fumando um cigarro que corroía suas entranhas, vendo gente que a cada dia lhe era mais desconhecida, sofrendo o calor que crescia a cada minuto, e respondeu a si mesmo que era seu caminho acelerado para o inferno. Então tocou na cintura e descobriu que novamente deixara a pistola em casa. Entrou no fim da fila do ônibus e acendeu o terceiro cigarro do dia. Se de um jeito ou de outro vou morrer...

– O major Rangel quer vê-lo.

E, com o anúncio do oficial de guarda, Conde recuperou pelo menos uma de suas esperanças perdidas: sim, talvez agora pudesse tomar um bom café, capaz de arrancar-lhe o gosto doce de requentado daquele líquido pardo cheio de partículas não identificáveis que bebera na lanchonete decepcionante onde parara antes de chegar à Central. Observou a fila diante do elevador e resolveu pegar a escada. Não imaginava qual seria a razão da convocação do Velho, mas com o nariz da memória já podia desfrutar o aroma do café recém-coado, servido naquelas xícaras branquíssimas que seu chefe costumava usar. Três meses antes, depois de sua briga pública com o tenente Fabricio, Conde fora julgado pelo Tribunal Disciplinar e condenado a preencher fichas e passar telex no Departamento de Informação por seis meses, até que seu caso fosse de novo analisado para decidirem se voltava às investigações. Desde então evitava encontrar o Velho: a sentença de Conde era, para o major, sua própria condenação. Apesar de suas excentricidades e de uma falta de rigor cada vez mais visível, o tenente sempre fora seu melhor homem, e o Velho confiava nele e mais de uma vez manifestara por ele carinho e respeito, em público e em particular. Por isso, de certa maneira, Conde sentia que o havia ludibriado. E, para completar, as Investigações Internas – a que toda a Central fora submetida – deixavam o major Rangel de tamanho mau humor que o mais aconselhável era vê-lo de longe, quando não houvesse outro jeito senão vê-lo, pensou.

Empurrou a porta de vidro e entrou na antessala do escritório do Velho. Atrás da escrivaninha que por muitos anos fora ocupada por Maruchi, a chefe de expediente do major, havia agora outra mulher, de uns cinquenta anos, fardada e com a patente de tenente, que dissipou a esperança da xícara de café que Conde já aproximava dos lábios. Mario caminhou até ela, cumprimentou-a e, depois de dizer quem era, informou-lhe que o major o aguardava. A secretária apertou uma tecla no interfone e mandou a mensagem para o gabinete do chefe.

– O tenente Mario Conde.

– Pode entrar – falou o interfone, e a nova secretária se ergueu para abrir a porta da sala.

O major Antonio Rangel se levantara, atrás de sua mesa, e estendia a mão a Conde. Esse gesto, inabitual no Velho, advertiu o tenente de que as coisas não iam bem.

– Como está lá embaixo, Mario?

– Vai indo, major.

– Sente-se.

Conde ocupou uma das poltronas defronte da mesa e então não pôde se conter.

– Velho, onde está Maruchi?

O major não o olhou. Procurava alguma coisa numa de suas gavetas, até que tirou um charuto. Não parecia um bom havana: escuro demais, com nervos evidentes, rebelde diante da chama do isqueiro que o Velho aproximava.

– Parece um pedaço de pau – disse afinal o major, depois de soltar duas ou três baforadas, enquanto olhava a marca como se não pudesse acreditar, e Conde esperou sua confirmação. – Não acredito. Ouça isto, “Selectos”, Feitos em Holguín. Quem foi que disse que em Holguín se faziam charutos? Este país enlouqueceu... Maruchi foi transferida. Ainda não sei para onde, nem sei por quê. Mais que isso não me pergunte, porque não posso dizer nada, e se pudesse tampouco diria... Está me entendendo?

– É impossível não entendê-lo, major – admitiu Conde, enquanto dava adeus ao café que sempre se podia conseguir com Maruchi. – E por que está sem bons charutos?

–Estou sem e não é da sua conta. Vamos ao que interessa – disse o major, reclinando-se em sua poltrona. Parecia muito cansado, como se também tivesse caído no vazio, pensou Conde, que sempre admirara a vitalidade juvenil do major Rangel, tão distante de seus 58 anos verdadeiros, cultivada e regada a banhos de piscina e horas batendo bola numa quadra. – Chamei-o porque você vai trabalhar num caso.

Conde deu um ligeiro sorriso e resolveu aproveitar sua vantagem microscópica.

– Não vai me oferecer um café?

Na embocadura do charuto o major abriu um de seus sorrisos: apenas um movimento do lábio superior.

– Já estamos no dia 7, mas este mês ainda não chegou a cota de café... Você se deu mal. Bem, o problema é que não me bastam os investigadores que tenho e não há outro jeito senão suspender provisoriamente o seu afastamento. Preciso que você e o sargento Manuel Palacios peguem imediatamente um caso: um travesti morto no Bosque de Havana.

– Um travesti.

– Foi o que eu disse.

– Não, disse um “trass-vesti”. E se diz “tra-vesti”.

O major mexeu a cabeça, negando.

– Você nunca vai mudar, meu filho? Pensa que a vida é um jogo? – sua voz se transformara: a voz do major podia mudar com o assunto e a intenção, com a hora e o lugar, e nesse momento era áspera e calcinante.

– Desculpe, Velho.

– Não desculpo, Conde, não desculpo. Você imagina como está a minha cabeça? Acha que é fácil trabalhar com um exército de Investigações Internas metido aqui na Central? Sabe quantas perguntas me fazem todo dia? Sabe que dois investigadores já foram expulsos por corrupção e outros dois serão suspensos por negligência? E por acaso sabe que todas essas histórias também me envolvem? Não, não posso desculpá-lo... E você, por que anda vestido à paisana? Não lhe disse que devia andar de uniforme enquanto estivesse lá embaixo?

Conde se levantou e olhou pela janelona do escritório. Uns edifícios, algumas árvores e o mar tão calmo, lá no fundo, marcando a linha de tantos

sonhos, destinos e enganos.

– Quem tem as informações sobre o caso? – perguntou e tocou de novo na cintura, onde às vezes costumava levar a pistola.

– Ninguém, ele acaba de ser descoberto. Acho que Manolo já está esperando por você em seu cubículo. Vá agora mesmo.

Conde deu meia-volta e se encaminhou para a porta. Pegou a maçaneta e parou. Sentia-se estranho, não sabia se adulado ou usado, embora imaginasse que o Velho devia se sentir muito mais estranho que ele: até onde soubesse, era a primeira vez que o Velho revogava a sentença de um subordinado.

– É uma pena que você não queira me desculpar e não possa me oferecer um café. Mas, como gosto muito de você, se puder vou lhe conseguir um bom charuto – disse, e saiu sem esperar resposta a seu comentário nem agradecer ao major por lhe confiar aquele trabalho. No último instante resolveu que dizer muito obrigado poderia ser de muito mau gosto.

Quando o guarda levantou a lona, o fotógrafo aproveitou para apertar mais uma vez o obturador, como se ainda precisasse se apropriar daquele ângulo exato da morte do ser carnavalesco que, segundo a carteira de identidade, tinha se chamado Alexis Arayán Rodríguez. Agora era uma massa vermelha, da qual saíam duas pernas muito brancas, com os músculos bem delineados, contrastando com a relva queimada pelo sol. Um rosto de mulher, violáceo e inchado, arrematava a figura. No pescoço, bem esticada, levava a faixa de seda vermelha da morte.

Conde baixou o braço e o guarda soltou o pano, francamente entediado. Conde pegou um cigarro e o sargento Manuel Palacios lhe pediu outro. Conde deu, de má vontade: Manuel Palacios dizia que não fumava, mas, na verdade, o que nunca fazia era comprar cigarros. Conde olhou para o rio.

De manhã, sob o arvoredado denso do Bosque de Havana, vivia-se a ilusão de que o verão havia se extraviado, para sorte da cidade. Uma brisa carinhosa, que arrastava os odores escuros do rio, agitava os galhos dos álamos e das alfarrobeiras insolentes, das amendoeiras abertas como lonas de circo e dos falsos loureiros riscados de cipós finíssimos que se entrecruzavam até formar longas tranças penduradas. Conde lembrou que, quando criança, assistira a várias festas de aniversário nos caramanchões de aluguel do bosque, do outro lado da ponte, e que numa ocasião, representando um Tarzan pendurado nos

cipós dos loureiros, arranhara numa pedra as botas ortopédicas novas em folha que sua mãe lhe calçara para ir à festa. Sobre a pele negra de seus únicos sapatos anuais ficaram dois riscos acusatórios, que lhe custaram uma semana de castigo, sem ver televisão, nem ouvir os episódios de *Guaytabó*, nem jogar beisebol. Conde nunca se esquecera disso porque naquela mesma semana o índio Guaytabó havia conhecido o velho Apolinar Matías na borracharia do Turco Anatolio e tinham começado sua amizade indestrutível de lutadores pela justiça e contra a maldade. E ele perdera esse encontro memorável.

Olhando para o rio, Conde pensou que, ainda bem, na cidade se continuava roubando, assassinando, assaltando, malversando com uma insistência crescente e, para ele, salvadora. Era terrível, mas era assim: essa morte por asfixia que o médico legista agora tentava explicar ao tenente investigador Mario Conde e a seu auxiliar, o sargento Manuel Palacios, lhe permitira atenuar o vazio e sentir que seu cérebro funcionava de novo e servia para algo mais do que para as dores de cabeça de suas frequentes ressacas.

– O que acha, Conde? É um homem, sim. Vestido e maquiado como mulher. Já temos até travestis assassinados, somos quase um país desenvolvido. Nessa toada, daqui a pouco fabricaremos foguetes e iremos à Lua...

– Pare de falar merda e continue – disse Conde, lançando a guimba do cigarro no rio. Às vezes gostava de falar assim, e aquele médico legista, por alguma razão tão indefinível como inevitável, o fazia reagir com aspereza. Talvez fosse só por sua vulgar familiaridade com a morte.

– Continuo, mas não estou falando merda... – retrucou o legista e, escutando-o, Conde tentou imaginar o que havia acontecido.

Viu Alexis Arayán, mulher sem os benefícios da natureza, toda engalanada de vermelho, com um vestido comprido e antiquado, os ombros cobertos pelo xale também vermelho e a cintura marcada por uma faixa de seda, caminhando com alguém sob a noite multiplicada do Bosque de Havana. Conde pensou que talvez a brisa tivesse despertado naquele momento, e que ali a noite era mais propícia e amável do que no resto da cidade. As marcas deixadas pelas sandálias de Alexis registravam o trajeto da estrada para o bosque. As outras pegadas eram de seu acompanhante, um homem corpulento, que devia olhar com insolente fascínio o rosto de Arayán: sobrancelhas bem delineadas, pálpebras sombreadas de lilás discreto, cílios eriçados com rímel e aquela boca,

tão esplendorosamente vermelha quanto o estranho vestido, vindo de um passado impreciso mas sem dúvida remoto. Talvez tenha havido beijos, jogos de mãos provocantes, carícias daqueles dedos finos e de unhas pintadas de Alexis Arayán Rodríguez. Em seguida os dois pararam, junto do tronco maltratado do *flamboyant* centenário e florido, e ali se desencadeara aquela tragédia de amor equívoco.

– Sabem de uma coisa? – Conde interrompeu o relato do legista e olhou para o cadáver coberto. – Ontem foi 6 de agosto, não foi?

– Foi, e daí? – interveio o legista.

– Para que vocês vejam que ter ido ao catecismo tem suas vantagens... Dia 6 de agosto é a festa da Transfiguração para os católicos. Segundo a Bíblia, nesse dia Jesus se transformou diante de três de seus discípulos no monte Tabor, e Deus, de uma nuvem de luz, pediu aos apóstolos que o escutassem sempre. Não é muita coincidência que apareça um travesti morto num 6 de agosto?

O sargento Palacios cruzou os braços sobre seu peito de galinha desnutrida e olhou para Conde. O tenente desfrutou desse olhar em que pairava a incerteza de uma tímida vesguice: soube que surpreendera seu esquelético subordinado, mas seu subordinado gostava que ele o surpreendesse assim.

– E como é que você se lembra disso, Conde? Que eu saiba, faz uns trinta anos que você não vai à igreja.

– Menos, Manolo, menos. O que acontece é que sempre gostei dessa história: no catecismo eu imaginava Deus na nuvem, iluminando tudo, como um refletor.

– Venha cá, Conde, e se Alexis se travestisse todos os dias? – perguntou o legista, sorrindo com uma interrogação triunfal que fez Conde pensar em outras razões para sua aversão.

– Então acabou o mistério – Conde admitiu. – Mas seria uma pena, não é? A transfiguração de Alexis Arayán... Soava bem. Bom, continue sua história.

Viu quando os dois se detiveram debaixo do *flamboyant*. O brilho da lua, docemente desenhado entre a folhagem, dava um tom prateado ao casal do homem grande e da falsa mulher, sobre os quais a brisa jogou uma chuva de pétalas vermelhas. Quiçá tenham se beijado, se acariciado talvez, e Alexis se ajoelhou, como um penitente, sem a menor dúvida tencionando satisfazer com

seu orifício mais próximo a urgência do acompanhante: as manchas da vegetação em seus joelhos delatavam a genuflexão. Então precipitou-se o final da tragédia: em algum momento a faixa de seda vermelha passara da cintura ao pescoço de Alexis e o homem grande cortara sem dó a respiração daquela mulher que não o era, até que seus olhos pintados pularam fora das órbitas possíveis e todos os esfíncteres abriram suas comportas, deslocados pela asfixia.

– E, para mim, é isso que está pegando, Conde. O grande o matou de frente, a julgar pelas pisadas, não é? Mas pelo visto o travesti não resistiu, nem o arranhou, nem tentou se safar...

– Então não houve briga?

– Se houve foi verbal. Nas unhas do cadáver não parece ter vestígios de nada, mas mais tarde eu lhe dou uma informação mais segura... E agora vem o segundo mistério: o assassino começou a arrastar o cadáver para lá, olhe bem a vegetação ali, está vendo?, como se fosse jogá-lo no rio... Mas o moveu apenas por dois metros. Por que não o atirou na água se foi a primeira coisa que pensou?

Conde observou o mato que o legista indicava e a lona que agora cobria o corpo de Alexis Arayán, escondendo a mancha no pano vermelho: fora essa mancha que alertara o corredor madrugador, que se desviara de sua rota cotidiana de *jogging* para descobrir o cadáver sobre o qual já passeavam formigas apressadas com a magnitude do banquete.

– Mas o que é realmente mais estranho é o seguinte: depois de matar o travesti, o homem grande baixou a calcinha dele e examinou seu ânus com os dedos... Sei disso porque depois ele se limpou na roupa. O que acham, rapazes? Bem, minha historinha acaba aí. Quando fizerem a autópsia e no laboratório terminarem as outras análises, talvez tenhamos algo mais. Bem, já vou indo, porque tenho outro mortinho em Havana Velha...

– Vá em paz, Flor de Morto – disse Conde, e virou as costas.

Olhou de novo para o rio sujo em cujas águas se banhara uma vez. Em outras águas, na verdade, pensou como Heráclito: não tão sujas, pelo menos lá na altura da ponte de La Chorrera, onde ele e os amigos costumavam pescar *biajacas* e carpas chinesas, quando alguém decidiu que aqueles peixes vermelhos e exóticos podiam se multiplicar nos rios e represas da ilha.

– Bem, Manolo, atreva-se às perguntas que nos deixou Flor de Morto. Por que uma pessoa se deixa asfixiar sem resistir? E por que o assassino não o jogou no rio? E por que cargas d’água resolveu examinar o ânus dele?

O sargento Manuel Palacios cruzou os braços finíssimos sobre o peito descarnado. Em cada caso para o qual era designado junto com Conde acontecia sempre a mesma coisa: ele devia ser o primeiro a se enganar.

– Não sei, Conde – disse então.

Conde o olhou, estranhando sua cautela.

– Mas como não sabe, se você sempre sabe.

– Mas hoje não sei... Escute aqui, Conde, o que é que você tem hoje, porra? Você está um saco, cara...

Conde o olhou de novo, enquanto acendia um cigarro. Manuel Palacios estava certo. O que é que ele tinha?

– Não sei, Manolo, mas é uma coisa ruim. Sabe que eu fiquei feliz quando me disseram que havia um caso de homicídio e que eu podia sair da Central? Estou fodido, meu chapa, me alegrando porque tem gente morta. E esse legista me dá nos nervos, juro pela minha mãe.

Manuel Palacios concordou. Já conhecia Conde bastante bem para avaliar tais confissões pecaminosas e resolveu ser bondoso dessa vez.

– O que você acha de ser um homem respeitável, casado e com filhos, que de repente paquera uma mulher, ele não é um mulherengo e ela é linda, alta, ele se entusiasma com sua conquista e vem com ela para o Bosque, se beijam, se acariciam, a mulher se ajoelha para chupá-lo, como diz o legista, e então o cara descobre que não é uma mulher, mas o contrário? Ou o que você acha de o grande também poder ser o contrário, quer dizer, tão veado quanto o morto, e ter se vingado de Arayán por alguma velha história de veadagem? Ou de o grande ser um tarado que gosta de sair com travestis para matá-los depois, porque odeia os travestis, pois ele mesmo é um travesti frustrado por seu tamanho e sua gordura? Essa é a mais bonita de todas, não acha?

Conde tossiu, com o cigarro entre os lábios.

– Cada dia você está mais inteligente, juro... É esquisito, Manolo. Ninguém se deixa asfixiar sem dar sequer um arranhão no outro. E, me diga, o que é que se pode levar escondido no reto? Drogas? Uma joia? E como o outro sabia que tinha que procurar ali?... Porque se conheciam, não é? Mas se o

assassino resolveu não jogá-lo no rio é porque tem certeza de que ninguém vai ligá-lo a esse lugar nem a esse travesti. E esse vestido vermelho que parece tirado sei lá de onde? E por que um travesti tão elegante anda com a carteira de identidade? Não acha incongruente? Quer que lhe diga uma coisa, Manolo? Não estou gostando nem um pouquinho disso. Parece misterioso demais, e neste país faz calor demais e tem aporrinhações demais para que além disso haja mistérios. E, para completar, jamais gostei de veados, para seu governo. Já fiquei meio de pé atrás com essa história...

– Ficou mesmo – admitiu o sargento.

– Vá à merda, Manolo.

O pior dos mortos é que deixam os outros vivos, pensou Conde depois que a mulher lhe confirmara: É meu filho, sim, o que aconteceu agora?, e ele a achara tão forte e tão segura que lhe dissera, sem calmantes verbais: É que o mataram ontem à noite, e então a mulher começara a se consumir, era fisicamente visível a redução orgânica do corpo sobre a delicada poltrona de couro, e de suas mãos retorcidas sobre o rosto saíra um grito indeciso...

A carteira de identidade que Alexis Arayán levava consigo indicava aquele endereço como sua residência permanente: um casarão de dois andares na Sétima Avenida de Miramar, com um jardim bem cuidado e paredes pintadas de branco brilhante, vidraças milagrosamente intactas na cidade dos vidros quebrados e dois automóveis na garagem. Um Mercedes e um Toyota, esclareceu Manuel Palacios, que sabia tudo o que é possível saber sobre carros e marcas... Era a imagem da prosperidade, e assim devia ser, pois segundo a carteira de identidade Alexis era filho de Faustino, mais exatamente Faustino Arayán, último representante cubano da Unicef, diplomata de longas missões, personagem da alta-roda, e de Matilde Rodríguez, essa mulher que talvez tivesse uns sessenta anos muito bem vividos, com o cabelo de um castanho delicado e as mãos tão cuidadas, que de repente aparentava muito mais de sessenta anos e parecia ter perdido a petulante segurança com que recebera os policiais.

Com o grito surgira uma negra, vinda silenciosamente de algum lugar da mansão. Andava sem fazer barulho, como se seus pés não tocassem no chão.

Conde observou seu olhar avermelhado saído de olhos inchados e brilhantes. Sem cumprimentar os policiais sentou-se ao lado de Matilde e começou a consolá-la em voz baixa e com gestos quase maternos. Então se levantou, saiu por onde havia entrado e voltou com um copo de água e uma pílula rosada minúscula, que entregou a Matilde. A profissão de Conde lhe permitiu perceber um tremor fugaz nas mãos da negra quando se aproximaram das mãos descontroladas da mãe de Alexis. Ainda sem olhar Conde ou Manolo, a negra disse:

– Ultimamente ela anda muito mal dos nervos – e, ajudando-a a ficar de pé, levou Matilde até a escada.

Conde olhou para Manuel Palacios e acendeu um cigarro. Manolo deu de ombros, dizendo: Que merda, e esperaram. Enquanto isso, Conde resolveu usar um cinzeiro azul e branco que dizia: GRANADA. Tudo parecia limpo e perfeito naquela casa onde, de repente, se instalara uma inesperada tragédia. Dez minutos depois a negra desceu e se sentou diante deles. Finalmente, olhou-os: seus olhos continuavam vermelhos e brilhantes, como os de uma pessoa febril.

– Ultimamente ela anda muito mal dos nervos – repetiu, como se fosse uma recomendação invariável ou as únicas possibilidades de seu vocabulário.

– E o companheiro Faustino Arayán?

– Está no Ministério das Relações Exteriores, saiu cedo – disse ela, unindo as mãos e apertando-as entre as pernas, como se rezasse para uma imagem cravada no chão.

– E você trabalha aqui? – interveio Manolo.

– Trabalho.

– Há muito tempo?

– Mais de trinta anos.

– Sabe se Alexis saiu ontem daqui?

– Não.

– Não vivia aqui?

– Não.

– Mas esta era sua casa, não era?

– Sim.

– Sim o quê: era ou não era, saiu ou não sabe se saiu?

– Sim, era sua casa, mas não vivia aqui e portanto não saiu. Faz meses...
Pobre Alexis.

– E, então, onde vivia?

A negra olhou para a escada que levava aos quartos. Estava na dúvida. Precisava autorização? Agora, sim, parecia nervosa, enquanto baixava o olhar vermelho e mordida os lábios.

– Na casa de outra pessoa... de Alberto Marqués.

– E quem é esse? – continuou Manuel Palacios, acomodando suas nádegas escassas na beira do assento.

A negra olhou de novo para a escada, e Conde teve a sensação inominada que uma amiga sua, por falta de palavra melhor, chamava de *líporis*: vergonha pelo ridículo alheio. Aquela mulher, em pleno ano de 1989, arrastava o instinto atávico da escravidão: era uma criada e, pior, pensava como uma criada, envolta talvez nos véus invisíveis mas tensos de uma genética moldada por várias gerações escravizadas e reprimidas. O constrangimento físico substituiu então a *líporis*, e Conde teve vontade de escapar desse mundo de brilhos e esmaltes.

A negra tornou a olhar o sargento Palacios e acabou dizendo:

– Acho que é um amigo de Alexis... Um amigo com quem ele vivia. Pobre Alexis, meu Deus...

Quando comprovou a existência real do quase impossível endereço, Conde fechou a caderneta para a qual transferira vários dados do corpulento prontuário de Alberto Marqués Basterrechea e a guardou no bolso traseiro. Observou as buganvílias do jardim, milagrosamente alegres sob aquele sol insociável das duas da tarde. Carmim, violeta, amarelas, suas flores, como borboletas encantadas, se confundiam num leve bosque de folhas, espinhos e galhos que pareciam capazes de sobreviver a qualquer cataclismo local ou universal. A sombra silvestre do jardim, na qual se sobressaíam arequeiras de penachos arrogantes, dava um toque sombrio à casa que se erguia alguns metros atrás, exibindo seu número 7, da rua Milagros, entre a Delicias e a Buenaventura. Seria uma invenção de Alberto Marqués esse número e esses três nomes de ruas – Milagres, Delícias e Boaventura – para enfiar sua casa num

recanto do Paraíso Terrestre, no meio de uma glória perfeita e edênica? Sim, aquilo devia ser um dos infinitos estratagemas do demônio, pois segundo as informações que Conde guardava em sua caderneta, extraídas do velho mas ainda útil prontuário que o especialista em segurança do Ministério da Cultura, com um esplêndido sorriso, pusera à sua disposição, tudo era possível em se tratando daquele exato e diabólico Alberto Marqués: homossexual de vasta experiência predadora, apático político e transviado ideológico, ser conflituoso e provocador, estrangeirizante, hermético, gongórico, possível consumidor de maconha e outras drogas, protetor de *gays* extraviados, homem de duvidosa filiação filosófica, cheio de preconceitos pequeno-burgueses e classistas, anotados e classificados com a inegável ajuda de um manual moscovita de técnicas e procedimentos do realismo socialista... Aquele impressionante *curriculum vitae* era o resultado das recordações escritas, conjugadas, resumidas e até citadas textualmente de vários informantes policiais, sucessivos presidentes do Comitê de Defesa da Revolução, quadros do remoto Conselho Nacional de Cultura e do atual Ministério da Cultura, do departamento político da embaixada cubana em Paris e até de um padre franciscano que numa época pré-histórica fora seu confessor e de dois amantes perversos, interrogados por motivos estritamente criminais. Onde foi que eu me meti, porra?

Tentando em vão limpar sua mente dos prejulgamentos – é que sou louco por prejulgamentos, e não resisto aos veados –, Conde atravessou o jardim e subiu os quatro degraus da entrada, para apertar a campainha que sobressaía como um mamilo debaixo do número 7. Acariciou-a duas vezes e repetiu a operação, pois o som não chegou a ele e, quando ia tocar de novo, em dúvida se batia na aldrava, sentiu que a escuridão o assaltava atrás da porta que se abria, devagar, mostrando o rosto pálido do dramaturgo e diretor de teatro Alberto Marqués.

– De que me acusam agora? – perguntou o homem, dando à sua voz profunda uma ironia explícita. Conde tentou superar a surpresa da porta que pareceu abrir-se sozinha, da palidez espetacular do rosto do anfitrião e da pergunta com que o atacou e preferiu sorrir.

– Procuo Alberto Marqués.

– Sou eu, senhor policial – disse o homem, e abriu a porta mais uns centímetros, com evidente teatralidade, para que Conde tivesse o prazer proibido de vê-lo de corpo inteiro: mais que pálido, incolor, magro até a esqualidez, com a cabeça enfeitada apenas por uma penugem lisa e descolorida. Cobria-se do pescoço aos calcanhares com um roupão chinês que podia ter pertencido à dinastia Han: sim, pensou o policial, pelo menos dois mil anos de angústias deviam ter passado sobre aquela seda, de cores desbotadas como o rosto do homem, puída e rústica como se já não fosse seda, na qual sobressaíam, dando testemunho de tantas batalhas, manchas que podiam ser de café, banana, iodo ou até sangue, para oferecer um novo estampado irregular e tristíssimo àquilo que quisera ser um traje de históricos imperadores... Conde fez um esforço para sorrir, lembrou-se das terríveis informações que carregava grudadas à nádega e atreveu-se a perguntar:

– Como sabe que sou policial? Estava me esperando?

Alberto Marqués piscou várias vezes e tentou organizar os fios murchos de seu cabelo.

– Não precisa ser Sherlock Holmes... Com este calor, a esta hora, com essa sua cara e nesta casa, quem pode vir senão a polícia? Além disso, já soube do pobre Alexis...

Conde assentiu, concordando. Nos últimos tempos era a segunda vez que o advertiam a respeito de sua cara de policial e ele estava prestes a crer que era verdade. Se havia motoristas de ônibus com cara de motorista de ônibus, médicos com cara de médico e alfaiates com cara de alfaiate, não era difícil ter pinta de polícia depois de dez anos de ofício.

– Posso entrar?

– Eu poderia não deixá-lo entrar?... Entre – acrescentou enfim, e abriu a porta para a total escuridão.

Ali não havia calor, apesar de todas as janelas estarem fechadas, e não se ouvia o sussurro de algum ventilador atenuante. Na penumbra fresca, Conde adivinhou o teto de pé-direito alto e entreviu móveis tão escuros como o ambiente, espalhados em desordem pela amplidão da sala que era dividida ao meio por duas colunas talvez dóricas em seus píncaros. No fundo, a uns cinco metros, a parede se fundia num corredor também escuro. Alberto Marqués, sem fechar a porta, foi então até uma das paredes da sala e abriu uma porta-

janela que espalhou a luz grosseira de agosto no piso xadrez do aposento, provocando uma luminosidade agressiva e decididamente irreal: como de uma lâmpada orientada para o palco. Então Conde entendeu tudo: havia caído no meio do cenário de *O preço*, a obra de Arthur Miller que trinta anos antes, com êxito ainda recordado (o prontuário também dizia isso), Alberto Marqués montara e que, havia uns dez anos, ele mesmo tinha visto numa versão encenada por um dos discípulos mais ortodoxos do dramaturgo. Entrara na cena em que chegam os personagens e... claro que sim. Seria possível?

– Sente-se, por favor, senhor policial – disse Alberto Marqués, indicando com má vontade uma poltrona de mogno enegrecida por sujeiras e suores fossilizados, e só então fechou a porta.

Conde aproveitou aqueles segundos para observá-lo melhor: entre o roupão e o piso viu dois tornozelos raquíticos e afilados, tão transparentes quanto o rosto, que se prolongavam em pés descalços, como de avestruz, arrematados por dedos estranhamente gordos e separados, com unhas iguais a ganchos quebrados. Os dedos das mãos, porém, eram finos, achatados, como os de um pianista em atividade. E o cheiro? Com seu olfato devastado pelos vinte anos de prática ativa do tabagismo, Conde tentava separar os cheiros de umidade, de vapor de óleo requentado e de um bafo conhecido mas de difícil identificação, enquanto observava como o homem do roupão de seda chinesa se acomodava na outra cadeira de braços, abria as pernas e colocava com cuidado suas mãos de esqueleto ambulante sobre os braços de madeira, como se quisesse enlaçá-los, possuí-los, com o gesto final de dobrar os dedos finíssimos sobre as beiradas dianteiras da madeira.

– Bem, pode falar.

– O que sabe a respeito do que aconteceu com Alexis Arayán?

– Coitado... Que o mataram no Bosque de Havana.

– E como soube?

– Um telefonema hoje de manhã. Um amigo que foi informado.

– Quem é esse amigo?

– Um que vive por ali e viu a confusão. Averiguou, informou-se e me ligou.

– Mas quem é?

Alberto Marqués suspirou ostensivamente, piscou mais um pouco, mas não tirou as mãos dos braços da poltrona.

– Dionisio Carmona, é esse o nome dele, se é o que quer saber. Está satisfeito? – tentou tornar evidente que a confissão o incomodava.

Conde pensou em lhe pedir licença, mas achou melhor não. Se Alberto Marqués era irônico, ele seria insolente. Como aquela bicha ia se meter com ele, um policial? Acendeu um cigarro e lançou a fumaça na direção do interlocutor.

– Pode jogar a cinza no chão, senhor policial.

– Tenente Mario Conde.

– Pode jogar a cinza no chão, senhor policial tenente Mario Conde – disse o homem, e Conde obedeceu. Você vai se foder comigo, seu engraçadinho de merda, pensou.

– E o que mais sabe?

Alberto Marqués levantou os ombros, enquanto fechava os olhos e soltava outro sonoro suspiro.

– Bem... que o enforcaram. Ai, meu Deus, pobre criatura.

Talvez o homem estivesse realmente abalado, pensou Conde, e então atacou.

– Não, tecnicamente o asfixiaram. Apertaram o pescoço dele até acabar o oxigênio. Com uma faixa de seda vermelha. E sabe que ele estava vestido de mulher, todo de vermelho, com xale e tudo?

Alberto Marqués soltara os braços da cadeira e com a mão direita esfregava desde as maçãs do rosto até a barbicha. *Touché*, concluiu Conde.

– Vestido de mulher? De roupa vermelha? Uma comprida, que nem um roupão antigo?

– É – respondeu Conde –, o que você sabe sobre isso? Porque, segundo eu sei, ele saiu ontem desta casa.

– Saiu, sim, lá pelas sete da noite, mas juro que o vi um pouquinho antes e não estava vestido de Electra Garrigó.

Paris não acaba nunca, e a recordação de cada pessoa que viveu ali é diferente da recordação de qualquer outra... E isso é muito certo, embora o tenha dito Hemingway, que foi o escritor mais ególatra e narcisista do século. Minha recordação de Paris é como uma nostalgia azul, que em vinte anos não

consegui tirar de cima de mim. Pois quando cheguei a Paris, naquele mês de abril de 1969, já havia despontado uma primavera bonita de doer e que dava vontade de fazer alguma coisa para ser mais feliz, se é que existe felicidade, para ser mais inteligente e tudo abarcar, tudo saber, ou para ser mais livre, se é que isso também existe, existirá ou existiu um dia. E me lembro de ter sentido a magia de um sol carinhoso, como de veludo, banhando os Champs-Élysées, os grandes palácios napoleônicos, a frivolidade dos cafés, e entendi melhor o que acontecera um ano antes. Ainda sinto como uma carícia na pele a luz da tarde batendo na rosácea central da Notre-Dame, o ruído histórico e escuro do Sena na altura da Cité, escuto aquele negro tocador de realejo diante do Louvre, fazendo seu macaquinho africano dançar ao ritmo de uma valsa vienense. Também me lembro do concerto dos Rolling Stones, quando pretendiam ser mais rebeldes que os Beatles, e pude vê-los a duzentos metros de distância, sob o céu frio da primavera de Paris, entre os gritos de adoração das lourinhas francesas, liberadas, filhas abortadas e mães recém-paridas de uma revolução que podia ter sido e não foi, embora depois daquele mês de maio o mundo nunca mais tenha voltado a ser o mesmo, porque se fizera a revolução, sim: a revolução dos costumes e da moral, a revolução permanente do século XX que Liev Davidovitch Bronstein, aliás, Leon Trotski, nunca imaginou, Lembro-me de tudo, cada dia, cada minuto, cada conversa com Jean-Paul Sartre e com sua inevitável Simone de Beauvoir, os jantares com George Plimpton enquanto me entrevistava para a *Paris Review*, a pesquisa na vida, na loucura mansa e nos papéis de Antonin Artaud para uma edição já acertada de *O teatro e seu duplo*, a nostalgia adquirida com a morte de um Camus que nunca conheci e que sempre conheci tanto, o reencontro, guiado pelos olhos e passos de Néstor Almendros, com o cenário real de tantos filmes franceses, e a busca, no braço de meu amigo Cortázar, da arqueologia jazzística do entreguerras, cultuada em bares que eram como grutas benéficas... Lembro-me de tudo porque seria minha última viagem a Paris, quase que meu último tango, e a memória se antecipou à história – sábia memória –, fabricou sua autodefesa previdente e, por isso, guardou cada instante feliz dessa última viagem a Paris como se soubesse que ia ser minha última viagem a Paris.

Por isso também me lembro daquele dia de acasos concomitantes e repleto de magnetismos propiciatórios, quando o Fortão, o Outro Rapaz e eu fomos

em direção a Montparnasse, pairando no último suspiro da tarde, em busca de um restaurante grego que só podia se chamar A Odisseia e era especialista em certos pratos de cabritos monteses. Desfrutávamos do ócio e da liberdade, caminhávamos de braços dados, como um exército invencível, quando o Fortão o viu, ou a viu, para sermos exatos. Era uma mulher alta, de elegância absorvente, uma mulher suprema, como deveria ter sido a dona da voz de Edith Piaf se Edith não tivesse sido um simples pardal alcoólatra: uma mulher inquietante em sua altura, em sua beleza delineada com a mestria dos cosméticos, na projeção agressiva de seus seios e naquela boca parecendo uma flor metálica. Na pele senti sua soberbia: estava vestida de vermelho, espalhafatosa mas tão serena, e em sua estampa descobri a mesma dignidade trágica que sempre vi na persistente Electra: foi uma revelação, ou uma premonição, vestida de vermelho.

– É um *travesti* – disse o Fortão.

E eu (e também o Outro Rapaz, de cujo nome não devo nem sequer me lembrar, pois seria política e ideologicamente incorreto revelar sua velha amizade com o Fortão e comigo, naquela Paris fantasmagórica onde tudo era possível, inclusive que eu andasse com ele pelas ruas) fiquei como uma estátua de sal: petrificado e prostrado.

– Meu Deus, como é possível? – disse o Outro, que até se permitiu menções a Deus nas lonjuras libérrimas de Paris, quando em suas conversas havanasas afirmava público sua ideologia materialista dialética e histórica e sua certeza de que a religião é o ópio, a maconha e até os Marlboros dos povos...

– É perfeita – disse, pois já sabia que aqueles travestis atrevidos de Paris saíam para a rua para se confundir e se exhibir, mas nunca pensei num espetáculo assim: aquela mulher teria arrebatado qualquer homem porque era mais perfeita que uma mulher, quase diria que era *a* mulher, e assim disse.

– Não. O *travesti* não imita a mulher – comentou então o Fortão, como se estivesse dando uma conferência, com aquela voz e suas palavras de sabichão. Sempre empregava orações longas, estratificadas, barrocas e lezamianas, como caricaturas do pobre Gordo. – Para ele, *à la limite* não há mulher, porque sabe (e sua tragédia maior é que nunca deixa de saber) que ele, quer dizer, ela, é uma aparência, e que seu reino e a força de seu fetiche encobrem um irremediável defeito da natureza tão sábia...

E nos explicou sua teoria de que a ereção cosmética do *travesti* (o Fortão enfatizava, *travesti*), a agressão resplandecente de suas pálpebras trêmulas e metalizadas como asas de insetos vorazes, sua voz deslocada, como se pertencesse a outro personagem, sempre em *off*, a boca pretendida, desenhada sobre a boca escondida, e seu próprio sexo, mais presente quanto mais castrado, é toda uma aparência, algo como uma perfeita mascarada teatral, disse, e me olhou, como se devesse me olhar, como se tivesse de fazê-lo.

Foi quando ele disse tal palavra, *aparência*, que entendi tudo, e que minha descoberta pousou como fragmentos em seu ímã e me virei assustado para procurar o travesti. Mas já havia desaparecido na penumbra mágica de Paris, como um brilho fugaz... Uma aparência. Uma mascarada. Aí estava a essência mesma da representação, desde que as danças rituais se transformaram em teatro, quando surgiu a consciência da criação artística: o travesti como artista de si mesmo... Mas ele já sumira, e o que vi foi o Outro Rapaz, estático e descontrolado, negando-se a se mexer, trespassado por aquela possibilidade do que ele sempre quisera ser – ou fazer – e nunca se atrevera...

No restaurante grego, por uma janela de vidro via-se o esplendor escarlate do Moulin Rouge. O Outro, que estava em Paris enviado pelo Conselho Nacional de Cultura porque acabava de publicar um mau livro de sucesso programado em meio à moda terceiro-mundista e latino-americanista da época – sempre à cata das oportunidades –, recebia em seu rosto esse brilho sanguíneo que o fazia parecer mais excitado, enquanto o Fortão, que se embalara no tema, escrevia em voz alta alguns parágrafos de um futuro ensaio.

– Rei – às vezes me chamava assim, subindo minhas patentes nobiliárias –, o *travesti* humano é uma aparição imaginária e a convergência das três possibilidades de mimetismo – e marcou uma pausa para tomar um copo daquele vinho áspero dos Bálcãs, servido em bonitas imitações de antigas ânforas gregas. – Primeiro, o travestimento propriamente dito, impresso nessa pulsão ilimitada da metamorfose, nessa transformação que se reduz à imitação de um modelo real e determinado, mas que se precipita na busca de uma realidade infinita (e, desde o início do “jogo”, aceita como tal). É a irrealidade cada vez mais fugidia e inalcançável (ser cada vez mais mulher, até ultrapassar o limite, indo mais além da mulher)... Segundo, a camuflagem, pois nada garante que a transformação cosmética (ou inclusive cirúrgica) do homem em

mulher não tenha como finalidade oculta uma espécie de desaparecimento, de invisibilidade, *d'effacement* e de supressão do próprio macho no clá agressivo, na horda brutal dos machos. E, por último – disse o Fortão –, está a intimidação, pois o desajuste frequente ou o exagero da maquiagem, o artifício visível, a máscara de diversas cores paralisam ou aterrorizam, como acontece com certos animais que usam a aparência para se defender ou caçar, para compensar defeitos naturais ou virtudes que não têm, a coragem ou a habilidade, não é mesmo?

O Outro – sempre tão vulgar, “camuflado” atrás de uma cultura que não tem –, sem deixar de chupar sonoramente as costeletas do cabrito que havia devorado – o Fortão pagava –, olhou pela janela, como que procurando alguma coisa.

– Mas, afinal – perguntou então –, são bichas-loucas ou não?

A verdade é que eu nunca soube por que o Fortão insistia em levá-lo conosco durante esses passeios sentimentais e alimentares por Paris. Porque para o Outro Rapaz – e isso todo mundo sabia – a única coisa que interessava eram as bichas-loucas, e, quanto mais desmunhecadas e de banheiro público, melhor. E, se o Fortão estivesse precisando de alguém com quem cruzar espadas, em Paris havia milhares, de baciada, lindíssimos e tão meigos...

– Cubanamente falando eu diria que sim, que são bichas-loucas – disse afinal o Fortão, que também tinha sua predileção pelas bichas-loucas. – Igual a você – e sorriu, apontando o Outro –, mas mais atrevidas, não é? E, já que estamos falando disso, querem ir amanhã, sábado, a um cabaré onde se apresentam uns *travestis*?

O convite me entusiasmou tanto que bebi sem controle uma daquelas ânforas de vinho, algo que nunca havia feito nem voltaria a fazer em minha vida. Mas em Paris tudo era possível: até beber e não se embriagar... Voltamos para casa, andando pela cidade, e foi nessa noite, no estúdio do Fortão, que comecei a rabiscar umas linhas numa cartolina, e de manhã vi que já desenhara o vestido vermelho que usaria a minha Electra Garrigó naquela representação iluminada, mas tragicamente abortada, que demonstrou ao pobre Virgilio Piñera que sua obra era tão genial que ele quase não podia acreditar.

Conde pensou: Esse malandro está me enrolando, quando entendeu que já era irrefreável sua vontade de urinar. A história do travestismo parisiense pela qual o Marqués enveredara em busca do vestido vermelho de seu amiguinho assassinado lembrava demais uma fábula preparada e montada para agarrar incautos, envolvê-los numa teia de aranha e depois degluti-los, talvez intelectualmente ou quem sabe fisicamente, quando, por exemplo, dissessem que estavam com vontade de urinar. Cruzou as pernas, e foi pior: cresceu a pressão sobre sua bexiga transbordante por causa dos líquidos ingeridos para amenizar o calor, e ele compreendeu que sua urgência só tinha duas opções: retirar-se ou pedir ao dramaturgo que o deixasse usar o banheiro. A primeira solução era tão inadequada como a segunda, pois não queria estabelecer nenhum tipo de relação com aquela personagem, mas tampouco podia deixá-lo agora, quando se oferecia como um condutor inigualável aos mistérios mais escabrosos da vida dupla de Alexis Arayán. Esse Marqués decadente era sua principal testemunha, talvez, inclusive, o assassino do mascarado, embora – pensou enquanto sentia que estava prestes a urinar nas calças e voltando a estudar o aspecto físico de seu anfitrião – duvidasse que fosse capaz de estrangular alguém com aqueles bracinhos de setemesinho. Mas Conde sempre achara que urinar em casa alheia era o primeiro passo para uma intimidade descoberta: ver o que existe num banheiro é como observar a alma da pessoa: uma cueca suja, uma privada em que não se deu descarga ou um gel de banho perfumado costumam ser tão reveladores como uma confissão diante de um padre... ou diante do juiz.

– Preciso ir ao banheiro – disse então, quase sem ter ordenado a seu cérebro.

Imaginou que o Marqués ia sorrir: sorriu, e jogou sobre Conde um olhar que o fez sentir-se medido, pesado, apalrado em suas intimidades.

– Olhe, é por ali, a terceira porta à esquerda. Ah, e para dar a descarga tem que segurar o botão até que a água leve todos os eflúvios, entendeu?

– Obrigado – disse Conde, e se levantou, sabendo que sua bexiga o traía de forma vergonhosa. Andou até o corredor escuro e atravessou dois aposentos: como estava na linha de mira do Marqués, mal olhou para os lados, mas soube que o primeiro era um quarto e o segundo, um escritório cheio de livros até o teto longínquo. Então descobriu a origem do cheiro que não conseguira

classificar no início: era o perfume opressivo e magnético de papel velho, úmido e empoeirado, que saía daquele recinto, também escuro, onde estava o que devia ser a biblioteca de Alberto Marqués, com toda certeza repleta de obras e autores excluídos por certos códigos e de exóticas maravilhas editoriais, inimagináveis para um leitor comum, que Conde tentou imaginar com os resíduos de inteligência que não estavam ocupados pela dúvida de se chegaria ou não ao vaso sanitário.

Abriu a porta e encontrou o banheiro: ao contrário do resto da casa, parecia limpo e organizado, mas ele tampouco se deteve em estudá-lo. Parou diante do vaso, sacou à luz o pênis desesperado e começou a urinar, sentindo como corria para a louça todo o alívio do mundo. E corria, e corria, quando olhou para a porta e achou ter visto uma sombra atrás dos vidros foscos em que havia um remendo malfeito. Estaria ele o olhando? Conde cobriu o pênis com a mão e terminou de urinar encarando a porta. Era só o que me faltava, pensou, enquanto se sacudia e recebia o incontrolável tremor do fim do ato. Mais que depressa guardou sua extremidade diminuída dentro da calça e puxou a descarga, segundo as instruções recebidas. Adeus, eflúvios.

Quando saiu para o corredor viu o Marqués na sala, sentado na poltrona. Andou até ele e tornou a ocupar seu assento.

– Como é gostoso urinar quando se tem vontade, não é? – comentou o dramaturgo, e Conde teve a certeza de que o havia observado. Puta que pariu, pensou, assim já é demais, mas tentou tomar a ofensiva.

– E o que tem a ver toda essa história de Paris com Alexis Arayán?

O Marqués sorriu e deixou escapar uns solucinhos curtos.

– Desculpe – disse. – Bem, tem a ver com a roupa com que o encontraram e porque ele não era um travesti. Melhor dizendo, não era o que se chama de praticante, embora às vezes fizesse isso de brincadeira. Disfarçava-se e encarnava personagens. Tanto femininos como masculinos, embora nunca tivesse sido capaz de subir num palco; entende? Era demasiado tímido e cerebral para isso, cheio de inibições, estou sendo claro?... Mas sempre gostou muito desse traje, que foi o que desenhei naquela noite em Paris para a minha versão de *Electra Garrigó* que devia estrear em Havana e no Teatro das Nações de Paris em 1971. E, embora Alexis fosse homossexual, como já deve saber,

nunca imaginei que tivesse a ousadia necessária para ser um travesti e, que eu saiba, nunca tinha saído na rua vestido de mulher.

– Mas, então, por que saiu assim ontem?

– Não sei, isso é o senhor que deve averiguar... Para isso o pagam, não é?

– Acho que sim – disse Conde. – Com certeza Alexis era católico?

– Era, claro. E meio místico.

– E lhe falou alguma coisa do Dia da Transfiguração?

– Da transfiguração? Que transfiguração?

– A de Cristo... a que se celebrava ontem, 6 de agosto.

– Não, não, não me falou disso... Olhe, ontem ele saiu daqui sem se despedir, mas não me preocupei muito, porque era assim: meio neurótico e às vezes ficava muito introvertido. Eu o ouvi sair pelo corredor e por isso sei que foi por volta das sete... Além disso, para sua informação: Alexis e eu éramos só amigos. Ele tinha problemas em casa, os pais o ameaçavam todo dia de botá-lo para fora, e então ele me pediu que o deixasse viver aqui. Mas não havia mais nada, entende? Cada ovelha com sua parrelha, e estou muito velho para me fazer de lobo...

Conde acendeu outro cigarro e se perguntou outra vez: em que merda fui me meter? Aquele mundo era distante e exótico demais e ele se sentia definitivamente perdido e com mil perguntas a cujas respostas não tinha acesso. Por exemplo: essa bicha velha gostava de bicha ou de homem? E o homem que sai com bicha também é bicha, não é? Duas bichas podem ser amigas e até viver juntas e não foderem uma com a outra? Mas disse:

– Compreendo, claro... E como você e Alexis se conheceram? Há quanto tempo?

O Marqués voltou a sorrir e arrumou as lapelas do roupão.

– Realmente não sabe?... Olhe, faz dezoito anos, quando corria o ano do Senhor de 1971, eu fui parametrado e, claro, não tinha nenhum parâmetro dos que pediam. Parametrar um artista, como se fosse um cachorro com *pedigree*: dá para imaginar? É quase cômico, se não tivesse sido trágico. E além disso é uma palavra horrorosa... Parametrar. Bem, começou toda aquela história de parametração dos artistas e me tiraram do grupo de teatro e da associação de teatrólogos, e depois de comprovarem que eu não podia trabalhar numa fábrica, como devia fazer se quisesse me purificar graças ao contato com a classe

operária, embora ninguém nunca tenha me perguntado se eu desejava ser puro nem à classe operária se estava disposta a se lançar nessa tarefa desintoxicante, me puseram para trabalhar numa biblioteca pequenininha que fica em Marianao, classificando livros. E vou lhe confessar uma coisa pela qual espero que não me prenda, senhor tenente: foi um erro. Não se pode deixar um artista perto demais de bons livros que ele não tem, porque os rouba... Embora não tenha alma de ladrão, rouba. Imagine que naquela biblioteca tinha, teve, uma edição do *Paraíso perdido* com ilustrações de Doré. Sabe do que estou falando? Bem, se quiser eu explico...

– Não precisa – cortou-o Conde.

– Bem, eu trabalhava ali e Alexis ia estudar na biblioteca, pois ficava perto do curso onde estava matriculado. E o fato é que ele sabia quem eu era e, claro, me admirava. Coitado, não se atrevia a falar comigo, porque disseram tantas coisas de mim... mas essas, sim, o senhor deve saber, não é? Até que um dia se atreveu e me confessou que havia lido duas peças minhas e estado num ensaio de *Electra Garrigó*, e que tinha sido a emoção mais forte que sentira na vida... Aquele pobre menino me adorava, e não há artista que resista à adoração de um jovem aprendiz. Bem, ficamos amigos.

– Só mais uma pergunta, por ora – disse Conde enquanto olhava o relógio. Essa última história lhe parecia a mais extraordinária de todas as ouvidas e lidas e quis imaginar o que podia ter sentido aquele homem, aplaudido e mimado pelos críticos, no silêncio anônimo de uma biblioteca municipal, onde suas expectativas se reduziam ao roubo de algum livro cobiçado. Não, não era fácil.

– Alexis tinha problemas com alguém? Ou tinha uma relação estável com alguém?

Dessa vez, Alberto Marqués não sorriu nem piscou. Apenas mexeu os longuíssimos dedos com os quais cobria a ponta do braço de sua poltrona.

– O que você chama de problemas, bem, isso não sei. Era um menino meigo, para dizer o mínimo. Precisava de paz e carinho, e em sua casa o tratavam como a um leproso, envergonhavam-se dele, e isso o transformou num sujeito retraído, que via um fantasma em cada sombra. Além do mais, sabia que nunca chegaria a ser um artista, e era com isso que sonhara a vida toda, mas assumiu com coragem sua falta de talento, e isso, sim, não é qualquer um que sabe fazer, concorda?

Conde pensou: É verdade. E se perguntou: Será comigo? Não, não pode ser, ele não me conhece e eu tenho talento. Talento de merda.

– No emprego, no Fundo de Bens Culturais, todos gostavam dele, sobretudo os artistas, pois sempre os defendia dos ataques imundos da burocracia, essa sanguessuga do talento. E, bem, creio que sim, que agora mantinha relações bastante estáveis com um pintor, um tal de Salvador K., que não conheço pessoalmente. Está satisfeito? Quer ir de novo ao banheiro? – e agora, sim, sorriu.

Conde se levantou: encontrara um terrível adversário verbal, pensou, e estendeu a mão para receber os ossos descarnados e mal articulados do famoso Alberto Marqués. Era a mão de uma rã.

– Não quero ir ao banheiro, mas não estou satisfeito. Além disso, você me deve o final da história dos travestis.

– Ah, claro, príncipe – disse o Marqués, sem poder se conter, e acrescentou: – Desculpe, mas é que adoro os títulos nobiliários, sabe? Bem, quando quiser, senhor policial Conde, mas veja bem: para obrigá-lo a voltar vou lhe emprestar o livro que o Fortão escreveu sobre os travestis. Está dedicado a mim, sabe?... Verá de quanta loucura o ser humano é capaz – e sorriu, encenando uma série de soluços e piscadas incontroláveis.

Conde observou a capa do livro: de uma crisálida brotava uma borboleta com rosto de gente, grotescamente dividido: olhos de mulher e boca de homem, cabelo feminino e queixo masculino. Chamava-se *O rosto e a máscara* e estava, de forma nem um pouco cifrada, dedicado “Ao último membro na ativa da nobreza cubana”. Teve vontade de ir para casa e começar a ler esse livro que talvez lhe desse algumas chaves do que havia acontecido ou, pelo menos, lhe ensinasse algo sobre o mundo obscuro da homossexualidade. Em sua dissertação travestística o Marqués mencionara três atitudes possíveis dos transformistas: a metamorfose como superação do modelo, a camuflagem como forma de desaparecimento e o disfarce como meio de intimidação. Qual teria impelido Alexis Arayán a vestir-se de Electra Garrigó precisamente na noite da festa da Transfiguração? Pensando bem, estava começando a gostar dessa história, mas se quisesse entender alguma coisa devia saber um pouco

mais. Pelo menos uma coisa era certa: Alberto Marqués não podia ser o assassino físico de Alexis Arayán. Com aqueles braços precisaria de duas horas para asfixiar o jovem, enquanto este apertava o nariz com os dedos. Mas também era certo que Alberto Marqués tinha muito a ver com essa morte vestida de vermelho.

Quando viu Manuel Palacios encostado no para-lama do carro, à sombra do primeiro dos *flamboyants* de Santa Catalina, Conde descobriu como suava. Caminhara apenas quatro quadras e a transpiração já manchava sua camisa, mas seu cérebro, atordoado pela quantidade de informação recém-acumulada, não havia processado a sensação de calor que agora se revelava umidamente. Eram quase quatro da tarde e parecia que a temperatura havia subido vários graus mais.

– O que houve? – perguntou o sargento, e Conde se enxugou com o lenço.

– Um sujeito esquisitíssimo que estragou o meu dia. É mais bicha do que uma tarde de domingo – disse e sorriu, porque a metáfora não lhe pertencia: tinha o *copyright* de seu velho conhecido Miki Cara de Boneca. – E você sabe que eu não resisto a uma bicha... Mas esse sujeito é diferente... O sacana me deu o que pensar... E você, o que averiguou?

Enquanto o carro ia andando pela Santa Catalina rumo à Central, Manuel Palacios lhe contou o primeiro resultado surpreendente da autópsia:

– Segundo o seu amigo Flor de Morto, não tiraram nada do cu dele, Conde: pelo contrário, enfiaram... Duas moedas de um peso. Que tal? Já tinha ouvido falar de uma coisa dessas?

Conde abanou a cabeça, negando. Mas o sargento não o deixou processar seu espanto por essa revelação insólita:

– O homem que o matou é branco, sangue do grupo AB, e deve ter entre quarenta e sessenta anos. Possivelmente destro. Quer dizer, já temos um milhão e meio de suspeitos...

Conde se negou a rir do gracejo e o sargento Manuel Palacios terminou sua história: a morte fora mesmo por asfixia, e o assassino apertara a faixa de frente para o travesti, mas apesar disso só encontraram uma amostra mínima de pele alheia em uma das unhas de Alexis. As pisadas do homem grande indicavam que devia pesar uns oitenta ou noventa quilos, que calçava 44, sem defeitos na pisada, e provavelmente usava *jeans*, pois no lugar do crime apareceu uma fibra

de brim agarrada num arbusto. Quanto à possível felação, estava descartada, pois pelo menos na boca do morto não havia restos de sêmen. Impressões digitais não havia, e a faixa de seda tampouco fornecia qualquer informação que prestasse. Na área do crime não apareceu nada especialmente revelador, além do lixo que sempre há nesses lugares: uma garrafa, uma camisinha usada, guimbas, uma chave enferrujada, pontas de charutos sem marca e com marca: Rey del Mundo, Montecristo, Corona, um pente de plástico faltando seis dentes e até um dente do siso...

– Então está claro que não houve briga – comentou Conde quando Manolo terminou seu inventário. – E essa história das moedas...

– É, esquisita, né? Mas o que eu acho mais estranho é que não o atiraram no rio. Pois se ele aparecesse no mar não saberíamos de onde tinha saído ou, talvez, os peixes o teriam comido, e se o encontrássemos não o teríamos identificado. Vamos entrar na Central?

– Não, não – disse Conde, que fez uma pausa e olhou com autopiedade para a casa de Tamara, o mais constante de seus amores perdidos, a mulher de pele sempre cheirando a colônias fortes com quem sonhara durante os últimos dois mil anos de sua vida. – Melhor seguir para o Vedado, agorinha mesmo me lembrei de um amigo e quero falar com ele.

– Mas que porra você está fazendo aqui, Condenado? – e, como quem não quer nada, olhou para as outras mesas, farejando possíveis reações diante da chegada de Conde. – Se essa gente fica sabendo que você é da polícia e se você começa a falar baixinho comigo, me jogam um balde de merda em cima...

– Quem está falando baixinho é você – disse Conde em voz alta, agarrando o copo de rum que estava em cima da mesa e tomando-o de um só gole.

Miki Cara de Boneca não ousou detê-lo nem olhar de novo para os lados, e Conde sorriu. Fazia quase vinte anos que o conhecia e sempre fora igual: um grande bosta. Na época do pré-universitário, Miki tinha fama de paquerador e dizia ter batido um recorde absoluto de namoradas num ano – claro, sempre com beijoquice incluída – graças àquela fuça sem espinhas e de feições perfeitas, a qual, depois, os anos consumiram com especial rancor: mais rugas do que as previsíveis aos trinta e oito anos, marcas de espinhas tardias, uma

gordura mal distribuída que Miki – nunca mais chamado de Cara de Boneca – tentava esconder sob a barba cerrada que contrastava com o cabelo ralo que lhe sobrava caindo na testa, como restos também mortais do que outrora fora sua arrogante cabeleira loura. A transição da adolescência para a idade adulta fora, para Miki Cara de Boneca, uma mutação devastadora. Porém, depois de tudo e contra todas as apostas possíveis, Miki acabou sendo o único escritor reconhecido entre seus velhos companheiros do pré-universitário que adoravam escrever: um romance abominável e dois livros de contos especialmente oportunos lhe haviam proporcionado o acesso a essa categoria imerecida: ele sabia – e Conde também – que sua literatura estava irremediavelmente condenada ao mais célere esquecimento, depois de sua decisão premeditada, mas aplaudida por certos críticos e editores, de escrever sobre os camponeses e as necessárias cooperativas quando em todos os jornais se falava dos camponeses e das necessárias cooperativas, e de *gusanos* apátridas e escórias, quando esses epítetos eram gritados nas ruas do país durante o verão de 1980... Entretanto, sua carteira da União dos Escritores o qualificava assim: escritor, e toda tarde Miki se refugiava no bar da União para beber umas doses de rum que, pensava Conde, a rigor não lhe pertenciam.

– Quer conversar em outro canto? – propôs então o tenente, aflito com o desespero do suposto escritor.

– Não, deixe, aqui ninguém o conhece e o rum já está acabando. Quer um duplo?

Conde olhou para o balcão onde serviam rum Bocoy branco. Displícite, pareceu meio na dúvida, talvez para reafirmar a si mesmo.

– Quero, acho que vai cair bem.

– Me dê quatro pesos – disse Miki, e estendeu a mão.

Conde sorriu: Claro, um grande bosta, pensou, e lhe deu uma nota de dez.

– Um triplo para mim e um duplo para você.

Enquanto esperava Miki, Conde acendeu um cigarro e tentou escutar a conversa de seus vizinhos mais próximos. Eram três: um mulato, jovem mas muito grisalho, que falava sem parar; um moreno gordo, de barba e uma corcunda de dromedário deformado; e um sujeito alto, com uma cara de fanchão de deixar pasmo de entusiasmo o próprio Lombroso. Que imagem de uma literatura! Falavam, mal e com entusiasmo, de outro escritor que, pelo

visto, tivera muito êxito com um romance recente e que escrevia nos jornais artigos muito lidos, e o qualificavam de populista de merda. Sim, diziam, destilando fel pelo chão do local, imagine que ele escreve romances policiais, entrevistas com jogadores de beisebol e músicos de salsa e crônicas sobre rufiões e a história do rum: estou lhe dizendo, é um populista de merda, por isso ganha tantos prêmios, e mudavam de assunto para falar deles mesmos, que eram escritores de fato preocupados com os valores estéticos e o reflexo das contradições sociais, quando Miki voltou com os dois copos de rum.

– Não lhe disse? Pegamos o final da última garrafa. É isso que me deixa nervoso. A cada dia acaba mais cedo.

– Você gosta de vir aqui, não gosta, Miki?

O escritor provou o rum enquanto surrupiava um cigarro do maço de Conde.

– Gosto, é claro. Tem rum, dá pra falar um pouco de merda e de vez em quando você pode afogar o ganso com alguma doida que adore poesia. Agora mesmo estava esperando uma que tem mais grana que o Banco Nacional. Não sei de onde diabos tira tanta nota. Pois é, se minha poetisa chegar você desaparece, está bem?

Conde concordou, pensando em lhe perguntar quem eram seus vizinhos e quem estavam desancando agora, mas temeu que o escutassem. Gostaria de ler aquela história do rum, pensou, enquanto tomava um gole desse álcool incestuoso e a-histórico, por cujas moléculas corria água demais, nunca destilada.

– Miki, o que você sabe de um pintor que se chama Salvador K.?

Miki sorriu e deu mais um gole no rum.

– Que é um merda.

– Porra, aqui todo mundo é um merda, oportunista, populista ou veado, não é?

– É isso aí. O que é que você pensava? Que isto aqui era o Parnaso? Que ao entrar aqui lhe sussurrariam “Canta, ó musa, a glória de Aquiles, filho de Peleu” ou uma babaquice dessas? Não, nem de longe, e para o seu conhecimento: o marmanjo em questão é essas quatro coisas juntas. O cara pinta uns quadros coloridos que vendem muito bem, mas o que faz é pura

merda... Olhe, acho que mora aqui perto, ali na N com a 17, na casa da mulher. E o que é que você quer com esse sujeito?

– Nada, é que outro dia me falaram dele. E você diz que ele é casado?

– Não, eu disse que ele vive na casa da mulher.

– Aham. Escute, Miki, e você, que conhece o pior da vida de todo mundo, o que sabe de Alberto Marqués?

Se agora mesmo você parar aí, na porta da União, e gritar: Quem é Alberto Marqués?, vão logo sair uns duzentos caras, se ajoelhar no chão, fazer reverências e lhe dizer: É Deus, é Deus, e, se você deixar mais um pouquinho, eles organizam uma homenagem e escrevem uma apreciação completa, juro pela minha mãe mortinha... Mas, se gritasse isso há quinze anos, iam aparecer duzentos caras, quase os mesmos duzentos que você veria agora, e lhe dizer, brandindo o punho e com as veias do pescoço bem saltadas: É o Diabo, o inimigo de classe, o apóstata, o apóstata da próstata, boa metáfora, não é?... Porque isto aqui é assim, Conde: antes era melhor nem falar dele, agora é o monumento vivo à resistência ética e estética, veja você, um saco. A todo instante alguém conta que foi até sua casa e falou com ele, e você precisa ouvir: é como se tivesse ido a Meca... Paga-paus. Imagine que agora dizem que é o pai do pós-modernismo crioulo, que ele, Grotowski e Artaud são os três grandes gênios do teatro do século XX, que Virgilio Piñera, Roberto Blanco e Vicente Revuelta devem a ele tudo o que são e até que sua veadagem é uma virtude porque lhe permite expressar outra sensibilidade. Isso mesmo. Dá para entender alguma coisa? Pois eu entendo: quando tinham que traí-lo, traíram, e agora que ele não é perigoso, e é até de bom tom chorar pelos que tombaram em velhos combates ideológicos, como você sabe, o adoram. E, no fim das contas, sabe o que resta? Um sujeito para lá de fodido, com mais ódio dentro de si do que se tivesse parido um nazista, e transformado num grande personagem, e não pelo que fez, mas pelo que não pôde fazer, porque o arruinaram, e, quando quiseram lhe dar uma chance, o sujeito disse que não, que não queria mais fazer teatro nem publicar nada, e se aposentou. Um puta de um herói, é isso que veem agora... O mais terrível é que o cara teve de engolir em seco uns dez anos de silêncio e solidão. Desses duzentos adoradores

de agora, talvez quatro ou cinco continuaram vendo-o depois que o liquidaram, quando houve o problema com os veados e os extraviados ideológicos e os idealistas e estrangeirizantes e todo aquele saco do realismo socialista e da arte como arma ideológica na luta política... Tiraram o cara de circulação e o mandaram de *fly* para uma livraria ou algo assim, não sei direito. Um rebosteio: anos e anos sem que se publicasse uma linha sua na mais insignificante revistinha, os críticos foram proibidos de mencioná-lo quando escreviam sobre teatro, ele desapareceu das antologias e até dos dicionários de autores. Nada: deixou de existir. Desfez-se no ar, puf!, não porque tivesse morrido ou deixado o país, que é quase a mesma coisa. Não. Mas porque o obrigaram a mudar de costumes. Tornou-se famoso na fila da banana e na do pão, na policlínica e no ponto de distribuição do leite... Terrível, não é? Mas o que quase ninguém diz agora é o tipo de bichona que ele foi e ainda é. Conhece a história dos negros alugados? Pois ouça, que é genial. Ele falava com um negro fanchão e dizia que ia lhe pagar para que trepasse com ele, mas com uma condição: que o pegasse de surpresa, para que houvesse mais emoção. E dizia ao negrão, por exemplo, que um dia qualquer da semana, entre as seis e as nove da noite, entrasse em sua casa, o agarrasse de surpresa e o violentasse. Então ele começava a ler, todo dia a essa hora, até que um dia o negro chegava e ele saía correndo pela casa e o negro o perseguia, e ele gritava e se escondia e no final o negro o agarrava, tirava a roupa dele e, pimba!, enfiava-lhe o caralho. Já ouviu coisa mais bichona do que essa? E as histórias de quando saía para caçar garotos pela rua... e mil outros babados. Que bichona! Mas quer que lhe diga o que é mais verdadeiro do que tudo isso, mais verdadeiro do que sua veadagem, do que sua ruína, do que a traição de suas velhas amiguinhas, do que o culto que lhe rendem agora? Quer? Pois a verdade verdadeira é que esse veado que se caga de medo quando lhe dão um grito tem uns colhões que vão até os tornozelos. Aguentou como um homem e ficou aqui, porque diz que, se saísse daqui, aí sim é que morria, e não fez o jogo nem dos de dentro nem dos de fora: calou o bico e se trancou em casa... Quem dera eu tivesse metade dos colhões que tem essa bicha-louca... Ai, porra, vai saindo, Condenado, que minha poetisa está vindo aí. Sabe como essa *crazy* me chama? Miki Rourke, veja só que merda... Puta que pariu, meu rum já acabou. Foda, né?

Conde se lançou pela rua 17 com um gosto ruim na boca – e não era por culpa do rum –, a proa apontando para o mar e o casco disposto a não se deixar derrotar dessa vez pelo fausto incisivo, e pelo visto à prova do tempo e de outras erosões, daqueles palácios que um dia resumiram o orgulho de uma classe em seu momento de esplendor criativo e deram à rua o mote, esquecido há tempos, de Avenida de los Millonarios. O sucesso daqueles homens muito ricos – que não saíam do espanto de sê-lo e, àquele ponto, com apenas três golpes de audácia política, financeira ou até contrabandista – precisava tanto de evidência que todos se empenharam em dar forma eterna à sua fortuna, e compraram todos os talentos necessários para perpetuar sua vitória, magnificando-a em pedras, ferros e vidros capazes de criar as mansões mais deslumbrantes da cidade. Ele nem sequer se perguntou, imerso em seu ânimo de navegante com rumo fixo naquela tarde, como era possível viver numa casa de quarenta aposentos, nem tampouco o que se podia sentir ao ver o amanhecer pelos vidros que formavam aquele vitral de são Jorge contra o dragão ou através da floresta tropical de uma rosácea gigantesca, parida de todos os frutos possíveis da natureza e da imaginação. O que pensou, enquanto caminhava por aquela avenida, reciclada três decênios antes e agora ocupada por escritórios, empresas e algumas cidadelas abarrotadas de moradores, foi que, exatamente quando ele tinha dezesseis anos e escrevia seu primeiro conto, Alberto Marqués era condenado a esquecer a glória e os aplausos. Seu pobre conto se chamava “Domingos” e fora escolhido para figurar no número zero de *La Viboreña*, a revista da oficina literária do pré-universitário. O conto relatava uma história simples, que Conde conhecia muito bem: sua experiência inesquecível, a cada despertar de domingo, quando a mãe o obrigava a assistir à missa na igreja do bairro enquanto todos os seus amigos gozavam da única manhã livre jogando beisebol na esquina de casa. Conde quis falar, assim, da repressão que conhecia, ou ao menos da que ele mesmo sofrera nos tempos mais remotos de sua educação sentimental, embora quando o escreveu não houvesse formulado o tema exatamente nesses termos. Contudo, o frustrante foi a repressão que se abateu sobre essa revista que nunca chegou ao número um – e, dentro dela, sobre seu conto também. Toda vez que se lembra disso, Conde recupera uma vergonha distante mas indelével, muito própria, toda sua, que o invade fisicamente: sente um torpor maligno, uma vontade asfíxica de

gritar o que não gritou no dia em que os reuniram para fechar a revista e a oficina literária, acusando-os de escrever relatos idealistas, poemas evasivos, críticas inadmissíveis, histórias alheias às necessidades atuais do país, dedicado à construção de um homem novo e de uma sociedade nova (dissera o diretor, o mesmo diretor que um ano depois seria demitido por fraudes incontáveis, cometidas em seu empenho de ser reconhecido como o diretor do melhor pré-universitário da cidade, do país, do mundo, mesmo que sua direção se construísse sobre a mentira: só importava que os outros pensassem que era o melhor diretor e o reconhecessem como tal, com todos os privilégios que o reconhecimento podia gerar...). O que seu conto tinha a ver com tudo aquilo que lhe disseram?, pergunta-se de novo, descendo a rua de vento em popa. Sim, quando isso aconteceu tinha dezesseis anos e Alberto Marqués quase cinquenta, aquele era seu primeiro conto e pensou que ia morrer, mas Alberto Marqués já estava acostumado a viver entre aplausos, loas e felicitações que lhe foram negados num belo dia porque ele e suas peças não obedeciam a determinados parâmetros que de repente eram considerados invioláveis. O que teria sentido esse homem de aspecto diabólico e língua afiada ao se ver separado do que queria, conhecia e podia fazer e ao se saber condenado a sofrer um silêncio que poderia durar para sempre? Conde tentou imaginar, como tentara imaginar de outras vezes os amanheceres naqueles palácios, e não conseguiu: faltava-lhe experiência, mas lembrou-se de sua velha vergonha, sua ira primária dos dezesseis anos, e pensou que devia multiplicá-la por cem. Talvez assim pudesse se aproximar das proporções dessa frustração maiúscula, confinada ao espaço de uma biblioteca municipal. Seria tão daninho a ponto de merecer esse castigo brutal e o exercício castrador da reeducação para que dez anos depois lhe dissessem que foram erros estratégicos, mal-entendidos de extremistas já sem nome e sem cargo? A ideologia nova, a educação das massas novas, o cérebro novo do homem novo podiam ser contaminados e até destruídos por engajamentos e exemplos como os de Alberto Marqués? Ou não seria mais prejudicial uma literatura oportunista como a que cultivava seu ex-companheiro Miki Cara de Boneca, sempre disposto a perverter sua escrita e, de passagem, a vomitar sua frustração sobre qualquer um que escrevesse, pintasse ou dançasse com verdadeiro talento? Não, não podia haver comparação, e o mundo, embora fosse cinza, não podia ser da forma como o

coloria Miki, que nunca mais foi chamado de Cara de Boneca. Então Conde compreendeu que essa história o estava enternecendo, a ele, que andava cada vez mais enternecido, e compreendeu também que a veadagem de Alberto Marqués começava a preocupá-lo menos e que uma furtiva solidariedade de rebelde começava a aproximá-lo do dramaturgo; inclusive pôs-se a lamentar uma possível descoberta que de alguma forma o incriminasse no assassinato e o levasse com toda sua veadagem, sua frustração, sua dignidade e sua cara tão feia para uma prisão onde suas nádegas se transformariam num vaso de flores e onde o serviço dos fanchões, embora não de surpresa, seria grátis, isto, sim, dava para garantir... Finalmente, ali estava o mar.

Aperte-o até a morte, dê uma dura nele, meta-lhe o dedo no olho, ele ordenara a Manolo depois de lhe explicar quem era Salvador K. e de incumbi-lo de ter a primeira conversa com o pintor. E, quando o viu, Conde teve uma esperança frustrada: o sujeito tinha pouco mais de quarenta anos e devia pesar uns noventa quilos, sustentava-se sobre uns pés grandes – chegaria a 44? – e exibia braços de fisiculturista, próprios para apertar uma faixa de seda até asfixiar um homem, talvez sem deixá-lo lutar.

Sentados na sala do apartamento, os policiais rejeitaram os insistentes oferecimentos de água, chá e mesmo café, de acordo com o plano que haviam combinado. Não, nem água.

Salvador K. parecia nervoso e tentava adular os policiais.

– É uma verificação, não é?

– Não, não – disse Manuel Palacios, e sentou-se na beira da poltrona. Conde gostava desse estilo agressivo de seu raquítico subordinado. – É algo muito mais sério e o senhor sabe. Quer falar aqui ou vamos para outro lugar?

O pintor sorriu, nervoso. Está encagaçado, sussurou a experiência de Conde.

– Mas, falar de quê...?

– Então falamos aqui. Que relação você tinha com Alexis Arayán?

Conde se alegrou ao ver que as últimas esperanças de Salvador K. naufragavam junto com o sorriso que desertou de seus lábios.

– Eu o conheço – disse, tentando aparentar certa dignidade espantada. – Do Fundo de Bens Culturais. Por quê?

– Por duas razões. A primeira, porque ontem mataram Alexis Arayán. A segunda, porque nos disseram que vocês eram grandes amigos.

O pintor tentou se levantar, mas desistiu. Era evidente que lhe faltava um plano de ação, ou talvez estivesse sinceramente surpreso.

– Mataram-no?

– Ontem à noite, no Bosque de Havana. Asfixiado.

O pintor olhou para o interior da casa, como se temesse uma presença inesperada. Conde se fixou no olhar de Salvador e então lhe ocorreu uma pergunta, mas resolveu esperar.

– Quer mesmo falar aqui? – Manolo insistiu.

– Quero, quero, por que não?... Quer dizer que o mataram. Mas o que é que eu tenho a ver com isso?

Manuel Palacios se permitiu um sorriso.

– Olhe, Salvador, isso é muito delicado, mas há quem comente que a amizade de vocês era algo mais que uma amizade.

Agora, sim, levantou-se ofendidíssimo, com seus braços musculosos enrijecidos.

– O que está dizendo?

– O que ouvi dizer. Quer que eu seja mais claro? Pois dizem que você e ele mantinham relações homossexuais.

Ainda de pé, o pintor tentou sobrepor-se ao desastre:

– Não lhe dou o direito...

– Tudo bem, não me dê o direito, mas vá à rua e grite isso em público, para ver o que dizem.

Salvador pareceu pensar e não gostou da ideia. Seus músculos começaram a perder força e voltou à inferioridade do assento.

– São uns invejosos. Uns fofoqueiros, as más línguas, uns frustrados...

– Claro, deve ser isso... Mas Alexis apareceu morto vestido de mulher – disse Manuel Palacios, e, sem dar tempo a Salvador, desviou o rumo da conversa: – Quando o viu pela última vez?

– Ontem de manhã, no Fundo. Levei uns quadros para vender. Estava vestido de mulher?

– E de que conversaram? Tente se lembrar.

– Dos quadros. Ele não gostou muito. Era assim, se metia onde não era chamado. Vai ver que foi por isso que o mataram.

– E dessas relações de vocês dois, o que me diz?

– Que é uma calúnia. Que alguém diga na minha cara que me viu...

– Isso é mais difícil, tem razão. Então, você nega?

– Claro que nego – disse, e pareceu mais seguro.

– Qual é seu tipo sanguíneo, Salvador?

Sua segurança evaporou-se de novo. Conde pensou que o sargento Palacios tinha marcado um tento. Ele nunca teria feito essa pergunta naquele momento, mas a outra que rondava em sua cabeça. Definitivamente, Manuel Palacios era melhor.

– Não sei, juro – disse, e realmente parecia desorientado.

– Não se preocupe, podemos averiguar na policlínica. Qual é a que corresponde ao seu endereço?

– A da 17 com a J, a que fica nessa esquina.

– E não o viu de noite?

– Já lhe disse que não. Mas que tem a ver meu sangue?

– E onde você esteve ontem à noite, entre oito e meia-noite?

– Pintando, no estúdio que tenho na 21 com a 18. Olhe, eu não sei de nada...

–Ah... e quem o viu ali?

Salvador olhou o chão, como buscando um ponto de apoio que lhe escapava constantemente. Seu medo e sua confusão eram tão visíveis como seus músculos.

– Não sei, quem pode ter me visto? Não sei, ali trabalho sozinho, mas cheguei por volta das seis e trabalhei até meia-noite mais ou menos.

– E ninguém o viu. Que falta de sorte!

– É uma garagem – tentou explicar –, fica fora do prédio e, se não tem ninguém estacionando ao lado...

– A 21 com a 18 fica pertinho do Bosque de Havana, não é?

O homem não respondeu.

– Escute, Salvador – interveio então Conde. Pensou que era um bom momento para mudar um pouco a direção do diálogo. – Que significa o K.?

– Bem, meu sobrenome é Kindelán, por isso assino K.

– Previsível. Outra coisa que há algum tempo quero lhe perguntar. É que vejo aqui reproduções de quadros famosos, mas nenhuma obra sua. Não é estranho?

O pintor sorriu, enfim. Parecia voltar a terreno seguro e respirou sonoramente.

– Nunca ouviu a história dos amigos de Picasso que vão à casa dele para almoçar e não veem em todo o ambiente um só quadro de Picasso? Pois um lhe pergunta, intrigado: Escute, mestre, por que não tem aqui nenhuma obra sua? E então Picasso lhe diz: Não posso me dar a esse luxo. Os Picassos são muito caros...

Conde imitou um sorriso para acompanhar o de Salvador.

– Entendo, entendo... Deixe-me fazer mais uma pergunta. Disseram-me que Alexis era católico. Sabe se ele ia à igreja?

– Acho que ia, sim.

– E ontem, quando o viu, ou outro dia, ele lhe falou algo sobre a festa da Transfiguração?

O pintor baixou os olhos, para evidenciar seu esforço em recordar-se. Conde soube que ele estava pensando qual poderia ser a melhor resposta.

– Não sei, não me lembro. Mas me lembro de que ontem havia uma Bíblia no escritório... E qual é a relação entre uma coisa e outra?

– Nada, é pura curiosidade de policial... Outra coisa, Salvador, por que acha que Alexis se vestiu de mulher ontem à noite?

– Eu sei lá... Por que tenho que saber? Já lhe disse que são fofocas...

– Claro, claro, você não tem que saber. Bem, por hoje chega – disse então Conde, como se estivesse muito cansado, e o mais surpreso com esse desenlace foi o sargento. Conde soltou um suspiro fatigado enquanto se levantava e mirou os olhos do pintor. – Mas vamos voltar, Salvador, e ponha isto na cabeça: procure ter tudo explicadinho, porque eu acho que você vai precisar de muitos bilhetes para tirar a sorte grande. Boa tarde.

Com os últimos protestos do pintor eles saíram para a rua e entraram no carro. O sargento Manuel Palacios arrancou dando uma guinada brusca e dobrou na primeira esquina.

– Quer dizer que a transfiguração... Por que fomos embora, Conde? Você não viu que ele estava na minha mão?

Conde acendeu um cigarro e baixou o vidro da janela.

– Pega leve, pega leve – exigiu do sargento, e acrescentou: – O que você queria, que o homem lhe dissesse que é um fanchão que se aproveitava do outro para vender todas as suas obras e que ontem à noite o matou porque Alexis lhe disse que seus quadros eram uma merda? Não encha o saco, Manolo, você tirou o que devia tirar e já não havia mais nada... Agora, que verifiquem o sangue dele e que o investiguem no Fundo e no estúdio que tem na 21 com a 18, para descobrir se alguém o viu ontem à noite. Peça na Central que lhe deem umas duas pessoas, melhor se forem Crespo e Greco, e me deixe em casa, pois tenho de ler um livro. E vá dormir cedo, que amanhã vamos ver Faustino Arayán e mais umas dez pessoas... Quer que lhe diga uma coisa? Você é um policial melhor do que eu... Pena que esteja tão magro e que às vezes fique vesgo.

Conde se deu conta de que lia em função da máscara atrás da qual se escondera Alexis Arayán, seu travesti mais próximo, e procurando as razões não só de um mistério, mas de uma certeza: seu desejo de voltar a falar com Alberto Marqués. Cada parágrafo do livro se transformava então num argumento para o possível duelo verbal com o Marqués, numa ideia para elevar-se à sua altura e equilibrar o diálogo com um conhecimento de causa que lhe permitisse se aproximar do centro dessa história sórdida que afinal começava a atraí-lo do jeito que ele preferia: como um desafio inteligente à sua abulia e aos seus prejuízos. Como policial, Mario Conde tinha o mau hábito das ideias fixas e da busca, em cada caso, de suas próprias obsessões. E a história desse travesti morto (e talvez simbolicamente transfigurado numa efeméride significativa) possuía todos os ingredientes capazes de atraí-lo e arrastá-lo até o fim. Por isso o rosto de falsa mulher de Alexis Arayán aparecia desenhado como um complemento gráfico desse tratado de transformismo e autocriação corporal que o Fortão escrevera, graças ao qual várias coisas iam ficando claras para Conde: o travestismo era algo mais essencial e biológico do que o simples ato de veadagem exibicionista de sair na rua vestido de mulher, como ele sempre pensara do alto de seu machismo provinciano visceral. Se bem que nunca o tivesse convencido de vez, é verdade, a atitude primária do travesti que

muda seu físico para paquerar melhor. Paquerar quem? Os homens-homens, heterossexuais, com pelo no peito e fedor de bodum, nunca se envolveriam conscientemente com um travesti: dormiriam com uma fêmea, e não com essa versão limitada de mulher, cuja entrada mais apetitosa fora definitivamente trancada pela caprichosa loteria da natureza. Por sua vez, um homossexual passivo preferiria um daqueles homens-homens, porque por alguma razão eram homossexuais e passivos. E um homossexual ativo, escondido atrás de uma aparência impenetrável de homem-homem – vulgo: *bugarrón*; língua culta arcaica: *bujarrón* –, não precisava daquele exagero por vezes grosseiro para sentir o despertar de seus instintos sodomizantes e penetrar *per angostam viam*.

O livro tentava dar explicações filosóficas à contradição: o problema, Conde imaginava entender, não era ser, mas parecer; não era o ato, mas a representação; nem sequer era o fim, mas o meio como seu próprio fim: a máscara pelo prazer da máscara, a ocultação como verdade suprema. Por isso achou lógica a identificação entre o travestimento humano e a camuflagem animal, não mais para caçar ou defender-se, mas para realizar um dos sonhos eternamente perseguidos pelo homem: o desaparecimento. Pois, definitivamente, não era provável que a transformação morfológica tivesse como único sentido a captura do macho-presa, tal como a de certos insetos que variam seu aspecto para simular flores atrativas e amadas por outros que, confusos, caem na cilada mortal; tampouco que a proposta do disfarce fosse enganar, como certos insetos de físico agressivo cuja aparência impõe temor a possíveis atacantes. Pelo contrário, era essa vontade de mascarar-se e confundir-se, de negar a negação e somar-se à tribo comum das mulheres, o que talvez guiasse um transformismo que em tantas ocasiões podia terminar sendo grotesco.

Mas, se a dissimulação era a razão última do travestimento, os resultados práticos do exercício tinham correspondências no mundo animal que podiam equiparar-se – fazendo-se mais e mais comparações – com o destino triste desses travestis, sempre descobertos, apesar de todos os seus esforços; um pomo-de-adão inevitável, as mãos crescidas por desígnio natural, uma pélvis estreita, alheia a qualquer vislumbre de maternidade... O livro citava um estudo, realizado durante quarenta e sete anos, que demonstrava que no estômago dos pássaros havia tanto vítimas mimetizadas como não

mimetizadas, de acordo com as proporções observadas na região. Então, o disfarce era inútil, vulnerável e não dava garantias de segurança? E o Fortão concluía, citando agora alguém que devia saber mais que ele, que o travesti confirma apenas “que existe no mundo vivo uma lei de disfarce puro, uma prática que consiste em fazer-se passar por outro, claramente provada, indiscutível, e que não pode ser reduzida a nenhuma necessidade biológica derivada da concorrência entre as espécies ou da seleção natural”. Então, a que merda se devia? Tudo isso para dizer que se tratava de um simples jogo de aparências? Não, claro que não podia ser. Mas seria totalmente casual o fato de um travesti católico, que além do mais não era travesti, se transformar no dia exato que a liturgia assinala como a data da Transfiguração? Tampouco pode ser, deve ter sido um acaso, isso é elaborado demais, pensava Conde ao fechar o livro e olhar pela janela da qual se via o velho castelo inglês, de pedras brancas e telhas vermelhas trazidas de Chicago, que se erguia diante das pedreiras, na colina mais proeminente do bairro. De repente ele se lembrou do pobre Luisito, o Índio, único veadoinho convicto e confesso de sua geração, ali no bairro. Lembrou-se de que Luisito era uma espécie de empestado para os moleques que jogavam beisebol e *quimbumbia* e pulavam carniça, entre os quais Conde se criara. Ninguém gostava dele, ninguém o aceitava e, mais de uma vez, vários deles tinham apedrejado Luisito até que sua mãe, a mulata Domitila, saísse, de vassoura na mão, para resgatá-lo, xingando as mães, os pais e toda a ascendência dos agressores. Eram atitudes cruéis, apelidos sucessivos – Luisita, o primeiro e mais duradouro; Luisito Pato; Bunda de Borracha (por causa de suas nádegas abundantes, já predestinadas a certos usos e abusos); ou Flor de Canela, devido àquela cor de índio de sua pele –, desprezo constante e marginalização histórica e culturalmente decretada desde sempre: quem manda ser tão veado, eles diziam, e também as outras mães, que ensinavam seus filhos a não andarem com aquele menino diferente, invertido e pervertido, doente do mal mais abominável que se poderia imaginar. Porém, Conde chegou a saber que alguns dos que o apedrejavam e xingavam em público haviam dado, em certas noites propícias, o segundo passo de sua iniciação sexual na bunda promíscua de Luisito: depois de experimentar com as cabritas e as porcas, provaram o buraquinho escuro de Luisito nos buraquinhos mais escuros dos túneis da pedreira. E, como nenhum deles jamais admitiu que também tivesse

havido beijos e carícias complementares para elevar a temperatura (isso, sim, é coisa de veado, argumentava-se com seriedade quando se falava do caso), para todos que fizeram isso a relação com Luisito foi aceita como uma prova de masculinidade conquistada na ponta do pênis... Luisito, sim; eles, não: como se a homossexualidade só se definisse por uma aceitação da carne alheia similar à recepção feminina. Depois, quando começaram a ter namoradas e deixaram de jogar beisebol e pular carniça todo dia nas esquinas do bairro, esqueceram-se de Luisito, e Luisito se esqueceu deles: então o rapaz começou a circular por La Rampa e El Prado, em companhia de outros invertidos tão jovens como ele, em grupos que caminhavam lentos e displicentes, como patos de La Florida em busca de lagos propícios onde patinhar, até que em 1980, graças à sua indiscutível condição de homossexual e, portanto, de escória, antissocial e excluível, permitiram-lhe subir tranquilamente a bordo de uma lancha no porto de Mariel e ir para os Estados Unidos. A última notícia que Conde tivera de Luisito Índio foram duas fotografias que circularam pelo bairro, onde apareciam um antes e um depois, como os de Charles Atlas: numa via-se o rapaz sentado num sofá brilhante, totalmente *gay* – ambos, Luisito e o sofá rosa pérola –, com as sobancelhas pintadas e uma mata de cabelo altíssima; na outra, sentada no mesmo sofá, havia uma mulata, um tanto gorda e bastante feia, que não era outra senão Louise Indira, a mulher na qual, cirurgicamente, se transformara o único veado confesso de sua geração, ali no bairro. E Conde se perguntou se algum dia Luisito Índio tivera fundamentos filosóficos ou psiconaturais para defender sua homossexualidade, primeiro, e para levar a cabo sua transfiguração irreversível, depois. Ou não seria, simplesmente, o fato de que desde menino sentia essa paixão irrefreável em vestir penhoar e brincar de boneca e que depois tinha derivado para a obsessão de meter coisas no cu?

Conde se afastou da janela e de suas recordações quando sentiu o apelo selvagem de suas tripas excitadas pela inatividade. Estava caindo a tarde e, fora dois peixes escuros e mal-encarados refugiados no fundo da geladeira, não havia outras provisões comestíveis em sua casa. Olhou o relógio: sete e quarenta e cinco. Discou um número de telefone.

- Jose, sou eu.
- Claro que é você, Condesito.
- Velha, estou com fome.

– E me liga a esta hora? Você sempre faz isso... Mas acho que se salvou, porque hoje eu me atrasei procurando umas coisinhas por aí e comecei mais tarde. Deixe eu ver o que posso fazer.

– Faça qualquer coisa.

– Cale a boca, preciso pensar. Coloquei o feijão-vermelho na panela e estava escolhendo arroz... Bem, venha para cá, que eu tenho uma ideia.

– *Bandeja paisa* – anunciou Josefina, e seus olhos brilharam com o orgulho e a satisfação que devia ter o olhar de Arquimedes pouco antes de sair da banheira.

O magro Carlos e Conde, como dois alunos meio retardados, ouviam a explicação da mulher: deixar-se surpreender era parte do rito: o impossível se tornaria possível, o sonhado se transformaria em realidade, e então o anseio cubano pela comida ultrapassaria de repente toda e qualquer fronteira da realidade pautada por cotas, cupons de racionamento e ausências irremediáveis, graças ao ato mágico que só Josefina era capaz de provocar e estava provocando.

– Meu tio Marcelo, que vocês sabem que foi marinheiro, uma vez se apaixonou em Cartagena das Índias e viveu vários anos na Colômbia. Mas a mulher era *paisa*, camponesa, como eles chamam os de Medellín, e lhe ensinou a fazer a *bandeja paisa*, que Marcelo diz, ou dizia, descanse em paz, coitado, que é o prato típico dos camponeses. Então, como eu já estava com feijão-vermelho na panela, quando você ligou comecei a pensar e me veio a ideia: claro, *bandeja paisa*, e ali mesmo, quando o feijão começou a inchar, joguei dentro uns duzentos gramas de carne moída, para que terminasse de cozinhar com o caldo, entendem? E aí fritei uns toucinhos de porco bem gordurosos, junto com a carne, umas bananas maduras, um ovo para cada um de vocês, para mim a esta hora o ovo não cai bem, por causa da vesícula, uma linguiça e um bife de carne de vaca, com bastante alho e cebola, e cozinhei o arroz branco com um pouco mais de banha de porco para ficar bem soltinho. Pode-se comer o feijão à parte ou jogá-lo em cima do arroz. Como vocês preferem?

– Dos dois jeitos – disseram em dueto, e Conde se postou atrás da cadeira de rodas de Carlos. Seguindo os passos da mãe do Magro, andaram até a sala de jantar, com a seriedade de quem visita um lugar muito, muito sagrado.

– Jose – Conde disse para a mulher, enquanto devorava colheradas de feijão com carne –, você me salvou a vida.

– Velha – disse Carlos, e esticou a mão para acariciar a de sua mãe –, você botou pra quebrar. Isso está de arreentar... Vou virar camponês, juro.

– O chato é que só tenho seis cervejas...

Enquanto comiam, Conde teve de contar a suspensão temporária de seu castigo e o novo caso em que estava trabalhando. Era outro ritual necessário que o policial contasse essas histórias para o Magro e Josefina, armando uma trama de capítulos diários até chegar ao desfecho.

– Mas isso tudo é horrível, Condesito.

– Então o tipo, digo, a tipa, não esperneou, nem deu porrada, nem nada? Ah, eu não acredito nisso, não.

– E esse pintor, com mulher e tudo, que horror. Na minha época a gente não via essas coisas... Mas o que eu não entendo é por que você meteu o pobre Jesus Cristo numa história tão feia.

Conde sorriu, enquanto chupava os dedos, dos quais pingava a banha dos torresmos. Limpou-se com o lenço e acendeu um cigarro, depois de dar um gole voraz na sua segunda cerveja.

– Escute aqui, Magro – falou enfim –, você ainda tem guardado aquele exemplar de *La Viboreña*?

– Claro que sim.

– Preciso que você me empreste.

– Está bem, mas você lê aqui.

– Não encha, deixe eu levá-lo.

– Só se eu fosse louco. Pois se você o jogou fora e eu recolhi.

– Juro pela sua mãe que vou cuidar bem dele – Conde prometeu, sorrindo e fazendo uma cruz com os dedos, e Josefina também sorriu, porque a alegria visível desse filho inválido há dez anos e a daquele outro homem atormentado e sempre faminto que também era como seu filho significavam a única cota de felicidade que ia lhe restando num mundo em que as vesículas paravam de funcionar e em que se via cada coisa de horrorizar. A felicidade parecia algo do passa do, quando seu filho e Conde se trancavam de tarde para estudar e ouvir música e ela confiava que um dia a casa se encheria de netos, Carlos penduraria na parede da sala seu diploma de engenheiro, Conde lhe presentearia com o

seu primeiro livro e tudo seria coerente e sossegado, como deve ser a vida. Mas nem a certeza de seu engano impediu que continuasse sorrindo quando disse:

– Vou fazer o café – e saiu.

– Sabe, Conde, hoje de tarde Andrés me ligou. Perguntou por você.

– E onde é que ele anda?

– Diz que está complicado no hospital, mas que amanhã passa aqui para falar comigo.

– Então, diga-lhe da minha parte que compre um litro de rum e venha nos ver uma noite dessas.

O policial terminou de esvaziar sua segunda cerveja e olhou para a escuridão que havia do outro lado da janela. Seu estômago, seu corpo e sua mente respiravam aliviados e teve a sensação de que os músculos e o cérebro se distendiam, perdiam eletricidade, e que estava à beira desses momentos de confidências e sentimentalismo que costumava ter com o magro Carlos, ali em sua casa. Todos os escudos, couraças, cascos e até máscaras com que devia andar pelo mundo – como qualquer inseto perseguido – caíam no chão, e uma leveza espiritual, necessária e ansiada, substituía os medos, as precauções e as mentiras de uso diário, tão gastas como essa calça *jeans* cotidiana que pedia aos gritos um banho urgente. E então disse:

– Não me sai da cabeça a história da Transfiguração... Sabe que ainda me lembro de quando a ouvi pela primeira vez? Além disso, Magro, não sei, acho que está me dando vontade de escrever.

– Puxa! – Carlos exclamou e bateu na mesa com uma de suas mãos de peso pesado. – O que houve? Se apaixonou de novo?

– Quem dera!

– Quem dera! – o outro repetiu, e então olhou com olhos incrédulos a sua garrafa de cerveja: como foi que ela esvaziou, porra? E Conde esperou tranquilamente a proposta que precisava escutar: – Vá comprar um litro de rum, que isso é pra comemorar, bicho!

– Vinte e oito anos – calculou Conde.

Disse em voz alta para tentar acreditar, utilizou os dedos enquanto tornava a fazer a conta grosseiramente exagerada, que podia amontoar tantos, tantos anos, e começou a admiti-la quando sentiu que o embargava a ansiedade do irrecuperável. Então o tempo lhe deu uma sensação ríspida e localizável, como uma dor que se expandia a partir do estômago e começava a oprimir seu peito: junto dele estava sua mãe, com um pequeno lenço branco cobrindo o cabelo tão negro e aquele vestido de linho – de linho? – estalando por causa da água de mandioca macerada em que ela o mergulhava antes de submetê-lo ao rigor do ferro de passar, e recuperou em seus dedos o tato antagônico da baba suave e azulada da goma e a severidade final do pano já passado a ferro, tal como o sentiu minutos antes de entrar na igreja, enquanto sua mãe lhe dava aquele abraço que seu filho jamais poderia esquecer. Você vai ser um santo, ela lhe disse, você é o meu menino lindo, disse, e a pureza branca dos panos que os envolviam na manhã de domingo traspassou seus poros e tocou sua alma: Sou puro, pensou, enquanto caminhava até a primeira fila dos bancos para escutar a missa que o padre Mendoza rezaria e receber, no fim, a pastilha grande e de sabor milenar que devia mudar sua vida: quando ela caísse sobre sua língua ele pertenceria definitivamente a um clã privilegiado: o dos que tinham direito à salvação, pensou, e virou-se para olhar a mãe, e ela lhe sorriu, tão bonita com seu lenço e seu vestido branco de vinte e oito anos antes.

O padre Mendoza pulou do altar da lembrança para a porta da realidade na qual por duas vezes Conde batera. Embora suas relações espirituais nunca houvessem sido reatadas desde aquele remoto domingo de pureza jamais

recuperada, o padre e o dissidente sempre mantiveram uma relação afável, em que o clérigo insistia em qualificar Conde de místico sem fé e este, em dizer que o padre Mendoza era um velho ladino, capaz de fazer qualquer coisa para ganhar – ou recuperar – um crente. Porém, durante esses anos os diálogos entre eles sempre se travaram em plena rua, fruto de encontros casuais, pois Conde nunca voltara a visitar a igreja do bairro nem a casa contígua onde vivia o padre e onde ele aprendera o catecismo necessário para ter acesso à comunhão com o sagrado e o eterno.

– Meu Deus, será um milagre? – disse o padre Mendoza quando seus olhos ainda vermelhos de sono e embaçados pelos anos lhe permitiram reacomodar na mente a imagem do visitante matutino.

– Já não ocorrem milagres, padre. Como vai o senhor?

O padre sorriu, enquanto lhe dava passagem para a sala da casa.

– Sempre ocorrem milagres. E estou um caco, ou será que você não está vendo?

– Estou vendo, mas não é para tanto. Nós dois envelhecemos na mesma velocidade.

– Mas eu tenho quarenta anos de vantagem sobre você. E como vai? Vem finalmente para confessar seus múltiplos pecados?

Conde ocupou o sofá de madeira e palhinha, pois não havia esquecido que a cadeira de balanço de altíssimo espaldar era a única propriedade terrena que o padre Mendonza defendia com veemência de comerciante. O religioso, como sempre, acomodou-se nela e começou a se balançar num ritmo frenético.

– Não se anime, padre: aquela decisão era para sempre.

– Este é o seu maior pecado, Condesito: a arrogância. E o outro, eu bem sei, é o medo de si mesmo... Sabe que algum dia cairá...

– Não tenha tanta certeza, padre. Sabe quantos anos fazia que eu não entrava aqui?

– Vinte e oito – disse o padre, como se não precisasse pensar, e Conde desconfiou de que chutara um número e por acaso acertara.

– Exatamente, vinte e oito, mas não faça milagres baratos.

O padre sorriu de novo.

– Não se assuste, não é por sua causa que me lembro... No dia da sua primeira comunhão meu pai morreu. Eu soube dez minutos antes de rezar a

missa. Foi a pior missa de minha vida, ou a melhor, ainda não sei. E também foi a última vez em que duvidei da bondade de Deus.

– E por que nesse dia falou da Transfiguração?

O padre quase fechou os olhos, como se precisasse olhar para dentro.

– Não sou o único que se lembra desse dia, não é?

– Não – Conde admitiu.

– Espere, deixe eu lhe oferecer um café. E deixe eu lhe dizer que não ofereço café a qualquer um. Imagine só, aqui vêm me ver umas vinte pessoas todo dia, e ainda não aprendi o milagre de multiplicar os envelopinhos de café que me cabem pela caderneta...

O padre Mendoza pulou da cadeira como que expulso pelo balanço e Conde sentiu na alma aquela impressão de vitalidade que impelia o velho pároco. Observou então a sala da casa, as paredes de madeira com várias cenas da via-sacra – ali estavam todas as quedas – e a estátua brilhante de São Rafael Arcanjo, réplica exata da que havia na igreja, sob a qual se sentavam – vinte e oito anos antes – os garotos que assistiam ao catecismo para escutar as lições da senhorita Mercedes e do padre Mendoza. Fantástico, pensou quando o padre voltou com uma xícara de café, que seu estômago, devastado pelo álcool e pela falta de sono, agradeceu piedosamente.

– Ainda fuma? – perguntou a Conde, que fez que sim. – Pois me dê um, que hoje vou me permitir esse prazer.

Conde tirou dois cigarros do maço e aproximou o isqueiro para acender o do padre e depois o seu. Soltaram ao mesmo tempo a fumaça, que os envolveu numa nuvem comum.

– Quero conversar com o senhor sobre a Transfiguração. Aconteceu algo comigo que me fez lembrar dessa passagem, mas estou atrapalhado com a história bíblica.

O padre, que recuperara a velocidade do balanço, contemplou seu cigarro antes de falar.

– Eu já sabia que você queria me usar... Sabe por que naquele dia eu li na missa a passagem da Transfiguração?

Conde, com os olhos cansados de acompanhar o pêndulo que marcava o rosto do padre, olhou para o quadro representando a chegada ao monte Calvário.

– Quer mesmo que eu adivinhe?

– Desculpe, estou me tornando um velho imbecil que faz perguntas imbecis... Fiz isso porque me sentia muito mal, e nessa passagem, quando Deus aparece aos apóstolos, Jesus compreende como poucas vezes a alma humana e diz a seus discípulos: “Erguei-vos, e não temais”... E nem todo mundo é capaz de entender as dimensões do medo. Naquele dia, como você compreenderá, eu tive muito medo da morte.

“Seis dias depois, toma Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os leva, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles: o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhe apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então disse Pedro a Jesus: ‘Senhor, bom é estarmos aqui; se queres farei aqui três tendas; Uma será tua, outra de Moisés, outra de Elias’. Falava ele ainda quando uma nuvem luminosa os envolveu: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo: a ele ouvi’. Ao ouvir isso os discípulos caíram de bruços, tomados de um grande medo. Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: ‘Erguei-vos, e não temais!’. Então eles, levantando os olhos, a ninguém mais viram senão a Jesus.

E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: ‘A ninguém conteis a visão, até que o filho do homem ressuscite dentre os mortos’.”

Esse é o capítulo 17 de Mateus. Marcos e Lucas também contam a Transfiguração, e, olhe só que interessante, Marcos a viu assim: “As suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar”.

Olhe, Conde, os estudiosos dizem que isso ocorreu no monte Tabor, que fica a uns setenta quilômetros de Cesareia de Filipe. É um monte estranho, que se ergue a mais de trezentos metros na planície de Esdrelão e reina solitário, como se houvesse brotado da terra ou caído do céu. Na plataforma do monte, os bizantinos construíram uma basílica com duas capelas, que vários séculos depois foi reconstruída pelos cruzados, que a entregaram aos beneditinos. Depois das cruzadas, os muçulmanos a transformaram em fortaleza no ano de 1212. A última coisa que sei é que em 1924 foi consagrada a atual basílica, que tem um frontão central com duas torres laterais.

Mas o importante de tudo isso é que no monte Tabor ocorreu a primeira revelação pública do caráter divino de Jesus, reconhecido por seu pai e apresentado como o Messias. Assim, os discípulos viram como o aspecto de Jesus, que devia estar sujo depois do longo caminho percorrido no mar e no deserto, se transformou profundamente: sua roupa, sua pele, seu cabelo brilharam, mas na verdade tudo era fruto de uma claridade interior necessária para receber a revelação do pai. Então é aí que se manifesta a grandeza de Jesus: sendo quem é, apresentado como ser divino, não perde sua humanidade e compreende o medo de seus seguidores, que foram testemunhas de algo que os supera infinitamente. E sabe por quê? Porque creio que Jesus pressentiu seu próprio medo quando lhes falou de como sua obra ia se realizar: sua glória estaria numa ressurreição, mas antes ele devia passar pelo sofrimento e pelo sacrifício que o esperavam na cruz, que era a prova necessária para se produzir esse milagre maior. Dilacerante e bonito, não é mesmo? E se Ele teve medo, e compreendeu então o que é o medo, por que nós vamos renegar um sentimento tão humano? Talvez o mais humano de todos, Conde.

Os antípodas, pensou Conde, já disposto a esquecer as transfigurações bíblicas demasiado distantes de um travestimento sórdido e terreno, enquanto observava de novo a casa de Faustino Arayán e a comparava com a gruta úmida e escura onde vivia Alberto Marqués e da qual saíra, em sua última incursão noturna, o travestido Alexis. Entre esses dois espaços vitais havia um abismo, intransponível e sem pontes possíveis, de classes sociais estabelecidas, interesses criados, méritos reconhecidos ou esquecidos, favores pedidos ou concedidos, oportunidades aproveitadas ou não, que os afastavam e os diferenciavam, como a luz e as trevas, a pobreza e a opulência, a dor e a alegria. Entretanto, com sua vida e sua morte Alexis Arayán fundira os extremos de sua origem e de seu destino, criando um vínculo improvável.

Desde que o carro entrou na Sétima Avenida de Miramar, sob o sol ainda clemente da manhã de agosto, Conde sentiu que entrava em outro mundo, de rosto mais afável e muito mais bem lavado que o da outra cidade – a mesma cidade – que acabavam de atravessar. E agora, defronte da casa de Faustino Arayán, concluía sua ideia – os antípodas –, quando pensou que os donos

originais dessa mansão luxuosa e de vidros ainda invictos com toda certeza também pretenderam marcar uma drástica diferença entre dois mundos, querendo magnificar o mundo melhor – sem dúvida para eles – na construção: a recorrente pretensão burguesa da permanência... Talvez em Miami, em Union City ou nos quintos dos infernos onde estivessem agora – se é que ainda estavam, trinta anos depois –, ainda deviam ter saudades da beleza precisa dessa edificação na qual investiram sonhos e dinheiro a rodo, acreditando ser para sempre. Mas as pessoas costumam se enganar, pensou Conde, enquanto avançava no labirinto de sua mente desenfreada e pensava que, se vivesse numa casa como essa, gostaria de ter três cachorros correndo pelo jardim. E quem limparia a merda?, perguntou-se, levantando o pé da imaginação para não pisar em dejeções caninas, e resolveu prescindir da matilha e dedicar o tempo – isto, sim, era irrenunciável – a cuidar da biblioteca que teria no primeiro andar, bem em cima do jardim.

No caminho, Conde também fora informado, pela boca do sargento Palacios, de notícias muito preocupantes: o sangue de Salvador K. era AB, como o do assassino, e ninguém nas redondezas do estúdio da rua 21 com a 18 o vira na noite do crime, embora mais de uma vez o tivessem visto entrar ali com Alexis Arayán. Pela conta de Conde, com esses dois outros bilhetes sem a menor dúvida ele tiraria a sorte grande no sorteio a que concorria.

Manuel Palacios tocou a campainha e a empregada abriu a porta.

– Entrem – disse, sem dar bom-dia, indicando-lhes as poltronas da sala. – Já vou avisar Faustino – e desapareceu com seus passos de fantasma.

Conde e Manolo se olharam, sorriram e começaram a esperar. Dez minutos depois apareceu Faustino Arayán.

Vestia uma *guayabera* tão branca e tão fina que Conde não ousaria trajá-la nem por um minuto: era resplandecente, mais que branca, com preguinhas finas, enfeitadas com fios brilhantes e com a etiqueta da marca discreta mas bem visível no bolso superior direito. A calça, de um cinza pérola, exibia o vinco exato de uma exímia passadeira, enquanto os mocassins, de couro preto e lustroso, pareciam cômodos e leves.

– Bom dia – disse, estendendo a mão: mão forte, sólida e rosada, como toda a figura de seu dono, cujo único sintoma de ter chegado aos sessenta era a

calvície quase total que marcava, observou Conde, sua enorme cabeça redonda e também brilhante.

– Sentimos muito incomodá-lo hoje, companheiro Arayán. Sabemos que ontem foi um dia ruim, mas...

– Não se preocupem, não se preocupem...

– Tenente Mario Conde – apresentou-se e, apontando para o colega, disse – e sargento Manuel Palacios.

– Estava lhe dizendo, tenente, que não se preocupe. É seu trabalho, e eu mesmo tenho de ir hoje ao meu, porque a vida continua...

– Obrigado – disse Conde, e observou o cinzeiro de Granada, novamente limpo, como se nunca houvesse sido usado.

– Um momento, vou pedir um cafezinho, está bem? – disse Faustino Arayán, e sem esperar resposta sussurrou: – María Antonia.

A negra surgiu rápida como a luz, com uma bandeja nas mãos e três xícaras de café, como se houvesse esperado o tiro atrás da linha de mira. A danadinha parece pairar, convenceu-se Conde, que foi o primeiro a ser servido. Ao terminar de servir, a mulher deixou a bandeja sobre a mesa e voou baixinho para dentro da casa.

– Posso fumar?

– Pode, claro. Deseja um charuto? Tenho uns excelentes Montecristos.

Conde pensou: não, não devia, mas se atreveu. Tudo ou nada.

– Aceitaria um, mas para fumar mais tarde.

– Por favor – disse o anfitrião, e da prateleira inferior da mesa de centro estendeu a Conde uma caixa de cedro na qual dormiam, em perfeita arrumação, uma dúzia de Montecristos de capa pálida e perfume promissor.

– Obrigado – disse Conde de novo, guardando o charuto no bolso da camisa.

– Bem, tenente, pode falar.

Só então Conde compreendeu que não tinha nada a dizer ou que se esquecera do que pensava em dizer: tanto brilho o atordoara e não via muito bem que caminho pegar. Voltara àquele lugar para cumprir uma rotina, e essa casa em perfeita ordem, de *guayaberas* e calvícies deslumbrantes, de empregadas negras com asas nos tornozelos e de cinzeiros de Granada sem uma molécula de poeira não parecia ter nenhuma relação com a história escatológica de um

veado estrangulado e com duas moedas no cu, depois de ter se exibido pelas ruas da cidade com um vestido teatral que terminaria manchado de eflúvios maiores e menores – como diria Alberto Marqués.

– Como vai sua esposa? – disse então, procurando uma deixa para entrar no assunto.

Faustino meneou insistentemente a cabeça.

– Muito mal. Ontem, quando voltamos do enterro, o doutor Pérez Flores, bem, digo-lhes o nome porque todo mundo o conhece, Jorge, lhe receitou calmantes e anti-hipertensivos. Agora está dormindo. A coitada não se conforma, mas eu sabia que um dia esse rapaz ia nos dar um desgosto, e olhem como tudo terminou – o homem fez uma pausa e Conde resolveu não interrompê-lo. – Quem pode saber em que história estava metido agora? Desde menino Alexis vivia nos dando dor de cabeça. Não só por seu... problema, mas por seu caráter. Às vezes até cheguei a pensar que nos odiava, a mim e a sua mãe, e era despótico, sobretudo com ela. Sempre jogou em sua cara que estivemos muito tempo fora de Cuba e que ele teve de ficar aqui com María Antonia e com minha sogra. Ele nunca quis entender que meu trabalho não me permitia agir de outra maneira, Não podia ficar conosco. Por exemplo, onde iria estudar? Seis meses em Londres, três em Bruxelas, um ano em Nova York, depois de volta a Cuba... Já imaginaram? Eu gostaria de ter lhe dado uma vida mais estável, tê-lo criado nós mesmos, e garanto que o teria controlado assim, de rédea curta, mas em meu trabalho sempre me deram tarefas importantes e minha mulher e eu sempre nos preocupamos com que tivesse todo o necessário: a casa, sua avó, María Antonia, que gostava dele como se fosse sua própria mãe, a escola, as comodidades que quisesse... tudo. Se isso parece um castigo... Vou confessar uma coisa, para que me compreendam melhor: meu filho e eu nunca nos entendemos. Creio que foi sobretudo culpa minha, que nunca cedi, embora no início tenha falado muito com ele, tentando ajudá-lo. Agora acho que foi pior. E olhem o que aconteceu, como tudo terminou. Eu me sinto culpado, não nego, mas ele também se comportou muito mal comigo e com a mãe, desde garoto. E depois, quando virou amigo desse sujeitinho, esse Alberto Marqués, aí foi impossível entender-se com ele. Esse homem fez nele uma lavagem cerebral, meteu-lhe todo o seu veneno na cabeça, mudou-o para sempre e em tudo: não é porque escrevesse peças de

teatro e gastasse cartolinas querendo ser pintor. Não, é algo pior. Era seu comportamento moral e até político, e isso, sim, eu não podia permitir, me entendem? Meu prestígio de tantos anos de luta, de trabalho, de sacrifício, nem Alexis nem ninguém iriam manchar, até que ditei bem claro minhas regras do jogo: para viver debaixo deste teto e ter todas as comodidades que aos poucos pudemos ter, não era possível pensar assim a respeito de certas coisas do país, nem ficar criticando tudo, nem ouvindo besteiras numa igreja, nem andando com um ressentido como o Alberto Marqués... Aqui tinha de ser tudo ou nada, e assim lhe disse um dia, porque ele já não era um garoto, então ficou furioso, eu queria que vocês tivessem visto, e as coisas que me disse, que eu era um dogmático, um extremista, um homem das cavernas e sei lá quantas coisas mais... E aí foi que disse que ia embora de casa. Sei que a toda hora vinha ver a mãe e María Antonia, depois que a avó morreu, e ia embora quando eu chegava, e eu quase me alegrava, porque não queria voltar a discutir com ele. Essas discussões me afetavam muito, entendem?... Agora eu lamento, claro, talvez pudesse ter feito algo mais por Alexis, obrigado-o a continuar a ver o médico, sido mais drástico com ele, não sei, mas ele não me deu essa oportunidade – disse e se inclinou para a caixa de charutos. Pegou um, mas logo o largou, como se de repente parecesse inadequada a possibilidade de acender aqueles lindos Montecristos.

– Faustino, você ou sua esposa têm alguma ideia do que pode ter acontecido naquela noite?

O dono da casa olhou as mãos, como se ali houvesse uma verdade, e enfrentou o olhar de Conde.

– O que vou lhe dizer, tenente? Tudo isso foi o resultado de uma escolha equivocada... Alexis escolheu seu caminho e olhe como terminou. É como um castigo... Fico de cara no chão de tanta vergonha só de pensar. Fantasiado de mulher... Quer que lhe diga uma coisa? – Conde assentiu, como um aluno na expectativa. – Nem mãe dele nem eu merecíamos isso. Tudo o que eu quero é que passe o tempo para ver se despertamos desse pesadelo. Claro que vocês me entendem...

– Claro – afirmou Conde, e olhou suas próprias mãos, procurando, talvez, outra verdade, também possível.

– É uma vergonha – Faustino repetiu, e Conde o encarou pela primeira vez em toda a conversa: descobriu duas pupilas úmidas, nas quais pensou notar uma dor verdadeira e lágrimas que talvez seu sentido de virilidade não o deixasse derramar. Embora fosse difícil, tratando-se de um homem tão poderoso e seguro de si, o policial se flagrou pensando que podia chegar a ter pena dele.

– Faustino, talvez você não saiba de nada disto. Por sua relação com Alexis, digo... Mas talvez sua esposa, não sei. Pergunte a ela, por favor, se ouviu Alexis falar alguma coisa sobre o Dia da Transfiguração. O assunto me interessa, embora não consiga explicar por quê. É uma ideia que não me sai da cabeça...

Mario Conde começou a sentir certo alívio quando o carro atravessou o túnel sob o rio e avançou pelo Malecón, para o centro da cidade. O mar tinha a faculdade de apaziguá-lo, provocando-lhe esse fascínio que sempre o envolvia. E naquela manhã o mar era um convite ao sossego: azul e sereno, como a brisa que entrava pelas janelas do carro.

– O que achou, Manolo? – perguntou enfim ao sargento, acendendo um cigarro.

O sargento Manuel Palacios pegou a fila da direita e diminuiu um pouco a velocidade.

– É difícil para ele. Deve estar, pelo menos, na boca de meio corpo diplomático, não é?... Mas quer saber de uma coisa? Acho que de certo modo ele se alegra. É como quando um doente de câncer morre: se não há remédio, o melhor é terminar rápido.

– É, pode ser – admitiu Conde, sem saber exatamente o que é que podia ser.

– E agora? – perguntou Manuel Palacios, disposto a aumentar a velocidade.

– Não sei bem... Salvador K. parece a bola da vez, não é? Mas também é verdade que não temos nada definitivo contra ele... Puta merda – disse, e atirou o cigarro na rua.

– Conde, Conde – Manolo meneava a cabeça, como se não pudesse crer. – Nestas alturas do campeonato você ainda fica assim! Não me encha a paciência,

se é preciso descobrir alguma coisa para implicar o pintor, pois então vamos descobrir, não é?

– Não fale assim. Pelo menos hoje não fale assim.

– E por quê?

– Porque estou preocupado. Você já conseguiu esclarecer o que aconteceu com Maruchi?

O sargento diminuiu mais um pouco a velocidade.

– Não, não soube de nada... Mas de manhã não lhe contei outra coisa que aconteceu ontem. O pessoal das Investigações Internas me convocou hoje para as três horas...

– E o que é que essa gente quer com você?

Manuel Palacios mexeu a cabeça, e Conde observou que secava o suor das mãos na calça.

– Não sei, não sei mesmo.

Conde olhou para a rua, cada vez mais esburacada, as latas transbordando de lixo, as casas carcomidas pelo salitre e pelo abandono.

– Se você não está em nenhuma enrascada, não se preocupe, mas tenha cuidado com o que diz, está bem? Você não é nenhum idiota, Manolo, portanto pense em cada resposta... Mas não fique ruminando isso, deve ser alguma bobagem.

– Está bem, Conde. Que calor, não é?

No Malecón, a essa hora transparente da manhã se reuniam os pescadores com a magra esperança de que a sorte pusesse em seus anzóis um lindo exemplar, capaz de lhes dar uma alegria justificada na mesa familiar. Ao ver tais silhuetas sobre o mar calmo, Conde as invejou. Sabia que era mais saudável para a vida estar ali, com a linha na água e a mente ocupada só no peixe possível e na comida sonhada, e não em sucessivas histórias de mortes, roubos, desfalques, estupros, agressões maiores e menores – que também podiam salvá-lo de morrer de tédio, pensou – e, para completar, sindicâncias das Investigações Internas que pareciam destinadas a trazer à luz histórias que Conde nem imaginava e que já haviam custado o posto a vários companheiros seus. Acharam algo a meu respeito?, pensou, e tentou se lembrar de algum ato passível de punição em sua carreira. Quem sabe... E Maruchi?, que diabo terá acontecido com ela?

– Que merda, não é? – disse. E acrescentou: – Vire aí na esquina, quero ir ao Bosque de Havana.

Sem as radiopatrulhas, as ambulâncias com falsa pressa, o indecente cordão de curiosos, os fotógrafos, médicos legistas e policiais convocados pela morte, essa floresta de fantasias, no meio da cidade e junto ao rio sujo, exalava uma harmonia que Conde tentou respirar por cada poro, numa apropriação voraz e urgente. A violência e aquele lugar pareciam agora tão distantes que sua própria presença ali era vexatória e incongruente e, como sempre, ele pensava na faculdade insana da morte para tudo alterar. Essa vegetação tão verde, o rumor incansável do rio, a sombra bondosa das árvores haviam sido, apenas umas horas antes, o cenário do palco macabro de um assassinato de cujas pré-história e pós-história o policial tentava apossar-se, com essa mania tão pouco profissional de começar a se sentir envolvido. Por isso estava agora diante do local, para outros anônimo – nunca se ergueria ali um monumento funerário ao primeiro travesti cubano morto em combate sexual –, onde terminara a vida de Alexis Arayán e começara o trabalho escatológico de Mario Conde. A morte se transformara então num acontecimento social, mais do que num drástico fato biológico que nenhuma ciência exata, médica, natural ou sobrenatural poderia revogar: agora só importava como delito, como possível castigo ao transgressor de uma lei já estabelecida desde a Bíblia e o Talmude, e Conde sabia que sua missão no mundo se encerraria com a vitória de Pirro de uma acusação, necessária e esperada, mas também incapaz de reparar o verdadeiramente irreparável.

– Em que está pensando? – Manuel Palacios arrancou um fiapo de capim e levou-o à boca.

– No bosque e nas feras – respondeu o tenente, e caminhou até o rio. – Esse travesti não se vestiu para se exhibir nem para sair caçando, Manolo. Estava procurando algo mais difícil de encontrar. A paz, talvez. Ou a vingança, sei lá... Se não era um travesti, o que procurava aqui, totalmente travestido e justamente na noite do Dia da Transfiguração? Isso me parece cada vez mais esquisito...

– O que eu não sei é por que você precisa complicar tudo. Por que sempre quer ver o que ninguém vê?... É com você que está acontecendo algo esquisito, Conde. E vou lhe dizer uma coisa: às vezes acho que você já perdeu o interesse em ser policial.

– Você é um gênio, Manolo.

Os policiais continuaram pela trilha que descia até o leito do rio, uma serpente lenta, decididamente doente. Conde se aproximou da beira e lamentou a agonia acelerada que vislumbrou: rastros de petróleo, espumas ácidas, animais arrebatados e resíduos incontáveis corriam com a água lenta do Almendares, o único rio verdadeiro da cidade. E então pressentiu:

– Claro, porra, pois se Alexis tinha uma Bíblia.

– Ah, de novo por aqui, senhor policial tenente Mario Conde. Conte-me, porque na certa já sabem quem foi. Eu às vezes vejo esses seriados em que os policiais logo esclarecem tudo, não é mesmo? Como são bons os policiais...

Conde engoliu a gozação, entrou na sala, tão escura e tão fresca como na véspera, e recuperou sua cadeira, enquanto Alberto Marquês ocupava a dele. Sentiu que ambos se deslocavam com a premeditação de dois atores cientes de seus movimentos cênicos.

– Ofereço-lhe um chá? Posso fazer bem frio, com gelo e tudo...

– Sim, acho que vai bem – Conde aceitou, e o Marquês se perdeu pelo corredor que ficava no fundo do cenário peculiar montado na sala escura. Agora, ao vê-lo caminhar, o policial observou que o dramaturgo tinha um incongruente andar de rapazinho: movia-se com uma leveza elástica, apoiando no chão só a ponta do pé, que o impulsionava passo a passo, como um coelho ou um grou apressado. Não parece tão velho, Conde pensou, mas sua mente se desviou para a entrevista que à tarde esperava o sargento Palacios. Que merda queriam saber? Uma leve mas incômoda sensação de medo instalou-se em seu estômago. A experiência lhe gritava que com uma investigação profunda era possível encontrar evidências desagradáveis, certezas delicadas, suspeitas improváveis mas irrefutáveis, e por isso ele começara a se perguntar que merda queriam saber, enquanto resolvia voltar à casa do Marquês, premido pela necessidade de descobrir mais: agora precisava examinar as peculiaridades de Alexis, em busca de um pressentimento. Enquanto isso, Manolo devia investigar no Fundo de Bens Culturais sobre o

travesti e seu lamentável amigo, Salvador K., e pegar ali a Bíblia que o pintor mencionara. Mas que merda quereriam saber?, perguntava-se outra vez quando o Marqués voltou com seus passos de jovem grou e, nas mãos, uma xícara para cada um. Entregou uma a Conde e voltou para a cadeira.

– Quer que abra a janela?

– Se não se incomodar...

O dramaturgo deixou sua xícara no chão e abriu a janela que ficava às suas costas. Todos os altíssimos janelões da sala tinham grades, e Conde teve curiosidade de saber como fariam os amantes alugados dos quais Miki falara para tomar essa casa de assalto. Quando o Marqués voltou para a cadeira, Conde entendeu que tudo tinha sido novamente preparado: o sol, em perfeita contraluz, só o deixava ver a silhueta do homem. Estava esperando por mim, pensou.

– Bem, não me martirize mais... Já sabem alguma coisa? – e piscou insistentemente.

– Na verdade, não muito... Mas há várias coisas estranhas nessa história. Asfixiaram Alexis sem que ele se defendesse.

– Ai, meu Deus – exclamou em voz muito baixa o velho dramaturgo, ao mesmo tempo que tocava no pescoço, como para evitar a chegada de mãos asfixiantes.

– E depois que ele estava morto o assassino meteu duas moedas em seu ânus.

– Ai, ai, ai – repetiu o dramaturgo, e fechou as pernas, como para evitar possíveis penetrações monetárias.

– Já ouviu falar de algo assim?

– Não, nunca, jamais... Isso parece coisa de filmes da máfia.

– É, mais ou menos... A outra coisa que fiz ontem foi ler um pouco o livro que me emprestou e aprendi várias coisas sobre os travestis.

– Interessante, não é?

– É, mas talvez conceitual demais. É verdade que os travestis têm toda essa filosofia do mimetismo e da dissimulação?

Apesar da intensa contraluz, Conde teve a impressão de que o Marqués estava sorrindo.

Nenhuma outra cidade do mundo – nem Havana – pode revelar o milagre da harmonia como Paris. Em Paris a tarde e a noite se fundem como uma sinfonia cautelosa, o amanhecer parece uma consequência necessária, tímida mas irrevogável, e se o espírito do homem é capaz de penetrar por osmose essa sensibilidade do ar, das pedras, dos cheiros de Paris e suas cores, viver nessa cidade pode ser um presente dos deuses: e assim eu sentia, naquela primavera.

Banhados e perfumados, entramos no táxi e, durante o caminho, minhas mãos não deixaram de suar, enquanto meus olhos recebiam por duas vezes a silhueta iluminada da Torre Eiffel, a estrutura do Teatro da Ópera, a alegria iluminada do Café de la Paix, até que pegamos umas ruazinhas de paralelepípedos – daqueles paralelepípedos que ficaram famosos no ano anterior, quando o amor, a inteligência e a ideologia copularam revolucionariamente atrás das barricadas feitas com esses mesmos paralelepípedos –, essas ruas sinuosas do Quartier Latin, e paramos na frente de um lugar com um néon amarelo que anunciava LES FEMMES como pórtico e objetivo de uma ansiada realização. O Fortão pagou e falou alguma coisa com o taxista – um marroquino, que lhe entregou um pequeno envelope –, enquanto o Outro Rapaz e eu observávamos a aparência caquética do lugar, quando se abriu a porta estofada, de dobradiças rangendo, e tivemos a primeira visão do cabaré: um esplendor azul.

O Fortão se aproximou de nós e pela primeira vez nessa primavera de minha última viagem a Paris vi um brilho de felicidade em sua cara redonda de camponês ainda tosco. Dias antes, quando eu chegara a Paris, ele me falara do fim de sua relação com Julien, o jovem antropólogo com quem vivera os dois últimos anos em permanente lua de mel – assim podia falar o Fortão, tão elegante outras vezes em suas imagens poéticas – e que o deixara, humilhando-o, por uma mulher: nada mais, nada menos do que uma bailarina russa – corpo de baile, nem sequer solista –, desertora do Bolshoi. A ideologia interpondo-se no amor, eu lhe disse então, e perguntei: essa bailarina teria mau cheiro nos sovacos e cara de matrioska como quase todas as companheiras soviéticas? Que nojo, as mulheres, dissemos em coro, e o Fortão teve de rir... Mas agora, defronte do cabaré azul de letreiro amarelo, o Fortão parecia recuperar sua vontade de viver.

– Vamos – disse, pegou-nos pelo braço (o meu esquerdo e o direito do Outro Rapaz) e entramos no esplendor azul... A luz brotava do chão e desenhava volutas de uma fumaça muito doce, inclusive para cigarros da Virgínia, que misturava seus eflúvios hipnóticos com bafos de suores acidulados e um forte perfume de essências árabes, dessas vendidas por atacado nos apócrifos mercados persas de Paris. Enquanto isso, os ouvidos recebiam o ritmo selvagem imposto pela voz de Miriam Makeba (a invasão do Terceiro Mundo), saída de uma cabine embutida na parede. Tive uma estranha sensação de medo ao me descobrir no vórtice dessa agressão a todos os sentidos, mas o Fortão e o Outro pareciam ter entrado num lugar conhecido, no qual se moviam com toda naturalidade. Comecei então a ver umas falsas valquírias cumprindo sua função ancestral de servir cerveja. Pareciam flutuar no azul, como crisálidas fosforescentes e recém-surgidas, brilhando nas organzas engomadas e nasafiadas saias plissadas que exibiam como triunfo de um gosto retrô. Cada valquíria levava numa das mãos uma bandeja com copos e na outra, flores amarelas (amarelas?). Eu olhava aquelas mãos grandes demais, até para uma valquíria, até se original e escandinava, quando uma delas me roçou com a bainha cortante de sua saia e tive a sensação de ter sido tocado por um inseto pré-histórico.

Atordoado, agradecei que o Fortão me empurrasse para uma mesa, onde já estava sentado o Outro Rapaz, bebendo um líquido cor de âmbar que depois eu descobri que não era cerveja. Como o conseguira, com aquela habilidade inata de sempre chegar primeiro? Então o *disc jockey* mudou a voz de Makeba pela de Doris Day e descobri que, como bom cabaré, o Les Femmes tinha um palco, no qual pousaram – têm de ter pousado – sete versões perfeitas – e até melhoradas – de Doris Day, que cantavam junto com a gravação para um público extasiado e respeitoso, no qual comecei a ver homens e mulheres de cuja filiação duvidei o tempo todo: muitas louras oxigenadas e opulentas no melhor estilo Marilyn Monroe, morenas saídas do cinema italiano do pós-guerra, negras de mãos grandes, acromegálicas de lábios metálicos como robôs de *comics* que davam beijos em seus companheiros de mesa no ritmo e na intensidade da balada dorisdayana.

Eu continuava perplexo quando o Fortão me convidou para ir ao banheiro, mostrando-me o envelope que o taxista lhe entregara. Ele sabia que eu não iria,

por isso não insistiu, mas o Outro Rapaz foi... Não que eu fosse puritano. Pelo contrário, devo ter sido muito atrevido em minha vida, experimentei de tudo, mas sempre acabou me sendo mais útil minha lucidez natural, que naquele dia, sem dúvida, estava em festa, alerta, na expectativa, querendo deglutir tudo o que chegava a meus olhos. E graças a essa lucidez compreendi que havia entrado num gigantesco *happening* de transmutação, transformismo e máscaras, menos famoso, porém mais intenso e real, do que um carnaval veneziano. Ter pensado em crisálidas e sentido o roçar de um inseto gigantesco me deu a chave do que eu estava vivendo, vendo: uma festa de insetos. Lembro-me de que pensei, entre aqueles travestis atrevidos, pioneiros esforçados do movimento, que o homem pode criar, pintar, inventar ou recriar cores e formas do que existe ao seu redor, e levá-los à tela, que fica mais além de seu corpo, mas é incapaz e impotente para modificar seu próprio organismo. Só o travesti chega a transformá-lo radicalmente e, como a borboleta, pode pintar a si mesmo, fazer de seu corpo o suporte de sua obra máxima, transformar suas emanções sexuais em cor, graças aos perturbadores arabescos e às tintas incandescentes de um ornamento físico. É uma autoplástica essencial, embora essas obras, infinitamente repetidas – sete Doris Day, quatro Marilyn Monroe, três Anna Magnani em vinte metros quadrados –, não consigam evitar, na melhor das hipóteses, uma perfeição fria e nostálgica. O mais inquietante foi compreender que tudo isso era a consumação do teatro consciente com que se sonhou desde os dias de Péricles: a máscara feita personagem, o personagem talhado sobre o físico e a alma do ator, a vida como representação visceral do sonhado... Aquilo era como uma iluminação que desde sempre estivesse me esperando, escondida nesse sujo local parisiense, e em poucos minutos tive planejada e montada em minha cabeça a solução que estava procurando para minha versão de *Electra Garrigó*... O que nunca pude imaginar foi que essa ideia genial seria o princípio de meu último ato como diretor teatral. O fim como princípio sem meios...

Então, quando fui contar essa revelação ao Fortão, descobri que ele e o Outro Rapaz haviam desaparecido, não sei com qual daqueles insetos pervertidos. O mais simpático foi que no dia seguinte me acusaram de ter me evaporado nos braços de uma Sara Montiel. Seja como for, contei ao Fortão o que havia sentido ali, e o ingrato nem sequer me deu crédito em seu livro sobre

os travestis, e ainda creio que sou capaz de pôr as aspas nos parágrafos que lhe ditei naquela conversa... Como eu não tinha dinheiro suficiente, precisei voltar para casa a pé, pois jamais teria ido embora com uma Sara Montiel, já que a verdade é que nunca suportei a Saritíssima.

– Isso é de Salvador K., não é?

– É, ele assina assim, SK. Que mau gosto... Parece um remédio, não é?

– Uma cerveja.

O Marqués o levava ao quarto de Alexis Arayán, que era o antigo quarto de empregados da residência. Havia um pequeno banheiro independente, e era possível ter acesso ao quarto sem entrar na casa principal. Ali tudo parecia conservar uma ordem precisa, como se seu dono o tivesse arrumado com especial esmero antes de sair, dois dias antes: as estantes organizadas, os quadros desempoeirados, a roupa limpa e pendurada no pequeno armário, duas cuecas lavadas e já secas, na janela do banheiro, os cinzeiros sem guimbas. Conde se dedicou a observar os livros, deixando correr um dedo invejoso pelas lombadas de diversas dimensões e texturas, entre as quais descobriu alguns títulos apetitosos.

– Alexis fumava?

– Não, tinha nojo de fumo. Sobretudo de charuto.

– O que acha desse desenho de Salvador K.?

O desenho, emoldurado e com vidro, representava algo como uma cabeça de mulher debaixo de uma sombrinha. Os ângulos eram cortantes e as cores, agressivas.

– Ele emprega uma técnica velhíssima de fazer incisões no papel e armar assim as figuras. Seria mais ou menos como uma gravura em papel, ou uma espécie de colagem, embora ele se gabasse de ter descoberto a água-fraca. E esse desenho é uma merda, cubanamente falando, como diria o Fortão. Essa figuração já foi esgotada pelos expressionistas e cubistas há sessenta anos, e antes significou alguma coisa, mas agora...

– E tem certeza de que eles tinham relações?

Agora, sim, Conde viu que o Marqués sorria.

– As paredes deste quarto são praticamente de papel. Se quiser, saia e eu dou um gritinho, então você me diz...

– Não precisa, não precisa – Conde tentou espantar a imagem do que o Marqués lhe propunha. – Alexis mantinha tudo muito limpo...

– Era um escrupuloso, conforme eu dizia a ele. E o pior é que queria que eu também fosse assim, mas sempre fracassou. Além disso, uma vez por semana María Antonia vinha aqui, uma senhora que trabalha como empregada na casa dos pais dele, e o ajudava a lavar e limpar, às vezes nos deixava comida pronta para vários dias. Sabe de uma coisa? Ela também roubava umas coisinhas valiosas da casa de Alexis e nos trazia: uns torresminhos espanhóis, salmão defumado, umas caudas de lagosta, dessas coisas que só existem na imaginação e nas lojas para diplomatas, entende?

– Que mais sabe de María Antonia? Essa mulher tem alguma coisa...

O Marqués tentou em vão pentear com os dedos os restos de sua cabeleira.

– Você vai me perdoar, mas ontem eu lhe disse uma mentira... Quem me ligou para contar o que aconteceu com Alexis foi María Antonia. Você me desculpa? Foi ela que me avisou que você vinha me ver.

Conde preferiu evitar qualquer repreensão.

– O que Alexis lhe contava de María Antonia e de sua família?

O Marqués se sentou na beira da cama, perfeitamente arrumada, e arrumou entre as pernas as pregas do roupão chinês.

– Desde que a avó morreu ele pensava em ir embora dali. Alexis gostava muito dela, porque ela e María Antonia o criaram... E o que vou dizer lhe parecerá incrível, mas é absolutamente certo: você já sabe que Alexis era um erudito em pintura italiana pré-renascentista. Pois María Antonia sabe tanto quanto ele sobre o tema. Sim, isso mesmo. Alexis estudava com ela, emprestava-lhe seus livros, e foi lhe ensinando o que aprendia. Se puder e se o interessar, fale algum dia com ela das Madonas italianas e sobretudo de Giotto, e prepare-se para ouvir uma notável dissertação... Quem Alexis não suportava era o pai, por mil motivos, mas creio que sobretudo porque uma vez, quando ele tinha uns sete anos, estava quase se afogando na praia e foi outra pessoa que o tirou do mar, porque o pai estava bêbado. Alexis nunca o perdoou e até dizia que o pai o largara para que se afogasse... Não sei de que grego será esse complexo... Além disso, o pai o odiava por ser, bem, por ser veado. Sempre que

podia, deixava claro que o desprezava. Imagine só, para um homem tão respeitável, essa era a pior desgraça... Mas deve ter sido Deus quem o castigou com essa vergonha. Sabe como é: esses homens que têm filhos para ser como eles, fortes, mulherengos, temíveis e, de repente... sai um homossexual. Mas Alexis sofria muito, sofria por tudo, e se não o tivessem matado eu diria que se suicidou.

– Alexis lhe falava de suicídio?

O Marqués se levantou e apontou para uma das estantes.

– Olhe só isto: Mishima, Zweig, Hemingway, meu pobre amigo Calvert Casey, Pavese... Sentia certo fascínio pelo suicídio e pelos suicidas, absolutamente doentio, claro. Vivia dizendo que tudo em sua vida era um erro: seu sexo, sua inteligência, sua família, seu tempo, e dizia que para quem tinha consciência desses enganos o suicídio podia ser a solução: talvez assim tivesse uma segunda chance. Acho que essa mística foi uma das coisas que o levou a virar católico.

– Ia à igreja?

– Ia, bastante.

– E você? – perguntou Conde, deixando-se agarrar pela curiosidade.

– Eu? – sorriu o Marqués, e mexeu as pálpebras. – Pode imaginar a mim, a mim, rezando num genuflexório?... Não, eu sou demasiado perverso para me entender com esses senhores... Pensando bem, prefiro vocês...

Conde observou, justamente, o sorriso perverso do Marqués e resolveu lhe dar o gosto, porque de alguma maneira também dava a si mesmo. Assegurou-se do paraquedas e se lançou no Mar dos Sarcasmos.

– Você odeia os policiais?

O riso do Marqués foi autêntico e inesperado. Seu corpo de pergaminho pareceu de repente uma pipa prestes a sair voando, pela janela mais próxima, empurrada pelos soluços que o sacudiam.

– Não, meu filho, não. Vocês não são os piores. Olhe, os policiais fazem trabalho de policiais, interrogam e prendem gente, e até fazem bem, é verdade. É uma vocação repressiva e cruel, para a qual se necessitam certas aptidões, e você vai me perdoar, tais como estar disposto a bater em outra pessoa para que ela obedeça ou anular a personalidade dela pelo medo e pela ameaça... Mas são socialmente imprescindíveis, tristemente imprescindíveis.

–E então?

– Os filhos da puta são os outros: os policiais por conta própria, os comissários voluntários, os perseguidores espontâneos, os delatores sem soldo, os juizes por *hobby*, todos esses que se creem donos da vida, do destino e até da pureza moral, cultural e mesmo histórica de um país... Foram esses que quiseram acabar com gente como eu, ou como o pobre Virgilio, e conseguiram, você sabe. Lembre-se de que nos últimos dez anos Virgilio não voltou a ver editado um livro seu, nem uma peça de teatro representada, nem um estudo sobre seu trabalho publicado em nenhuma dessas seis províncias mágicas que de repente se transformaram em catorze e num município especial. E me transformaram num fantasma culpado por meu talento, minha obra, meus gostos, minhas palavras. Todo o meu ser era um tumor maligno que deviam extirpar pelo bem social, econômico e político desta linda ilha. Já imaginou? E como era tão fácil parametrar-me, toda vez que me mediam por um lado, o resultado era sempre o mesmo: não serve, não serve, não serve...

Conde se lembrou de novo da reunião na sala do diretor do pré-universitário, onde lhes informaram que *La Viboreña* era uma revista imprópria, inoportuna e inadmissível e exigiram deles uma retratação, literária e ideológica.

– Como lhe disseram tudo isso? – quis então saber, com certo sadismo historicista e arriscando-se a uma agressão das facas infectas da ironia e do ressentimento.

– De uns anos para cá consegui até mesmo gostar de contar essa história. Agora já quase não me faz mal, sabe? Mas antes... E por que você se interessa tanto por tudo isso?

– É pura curiosidade – propôs Conde, incapaz de confessar suas verdadeiras razões... – Gostaria de saber sua versão.

– Bem, pois vou satisfazê-lo. Já haviam tirado de cartaz os espetáculos que estávamos apresentando enquanto eu ensaiava *Electra Garrigó*, e marcaram encontro conosco um dia no teatro. Todo mundo foi, menos eu. Não estava disposto a escutar o que no final das contas sabia que ia ter de escutar. Mas depois me contaram que reuniram as pessoas no vestíbulo e foram chamando-as uma por uma, como quando se vai ao dentista. Sabe o que é esperar três ou quatro horas para entrar no consultório de um dentista, ouvindo a broca e os

gritos dos que foram antes? Dentro tinham posto uma mesa no palco, onde ficara parte do cenário de *Yerma*, com seu ambiente de luto, cheio de panos pretos... Eram quatro, como uma espécie de tribunal inquisidor, sobre a mesa puseram um desses gravadores grandes de rolo e iam dizendo às pessoas os seus pecados e perguntando-lhes se estavam dispostas a rever suas atitudes no futuro, se estavam de acordo em iniciar um processo de reabilitação, trabalhando nos lugares em que eles decidissem. E quase todo mundo admitiu que era pecador, inclusive até acrescentavam pecados que os acusadores não haviam mencionado, aceitando a necessidade dessa purga purificadora que limparia seu passado e seu espírito de lastros intelectualoides e pseudocriticistas... E dava para entendê-los, é verdade, porque muitos pensaram que essas acusações tinham fundamento e até se sentiam culpados por não terem feito as coisas que diziam que deviam ter feito, então se transformavam nos mais ferozes críticos... de si mesmos. Depois organizaram uma espécie de assembleia: os protagonistas continuaram atrás da mesa, no palco, e as pessoas do grupo na plateia, com todas as luzes acesas... Já viu um teatro com luzes acesas? Viu como perde a magia e todo esse mundo criado parece falso, sem sentido? E então falaram de mim, como o principal responsável pela linha estética daquele teatro. A primeira acusação que me fizeram foi a de ser um homossexual que exibia sua condição, e observaram que para eles estava claro o caráter antissocial e patológico da homossexualidade e que devia ficar mais clara ainda a decisão já tomada de repelir e não admitir tais manifestações blandiciosas nem sua propagação numa sociedade como a nossa. Que eles estavam encarregados de impedir que a “qualidade artística” (e insistiram comigo que o homem que falava abriu e fechou aspas, enquanto sorria) servisse de pretexto para fazer circular impunemente certas ideias e modas que corrompiam nossa abnegada juventude. (Claro, o homem que falava sempre fora um medíocre que tentara ser ator e nunca passara de figurante, e sua fama no meio se devia apenas a ser pequenininho assim, por isso o chamavam de Croquetinho.) E que tampouco se permitiria que reconhecidos homossexuais como eu tivessem alguma influência que incidisse na formação de nossa juventude, que por isso ia ser analisada (disse “cuidadosamente”, agora as aspas são minhas) a presença dos homossexuais nos organismos culturais, que seriam transferidos todos aqueles que não deviam ter

nenhum contato com a juventude e que não seria permitido que saíssem do país em delegações que representassem a arte cubana, porque não éramos nem podíamos ser os verdadeiros representantes da arte cubana.

O Marqués suspirou, como para expulsar um grande cansaço, e Mario Conde sentiu que despertava de um longo sonho: por trás das palavras do dramaturgo ele entrara nesse teatro da crueldade e escutara as palavras dos protagonistas, enquanto o envolvia a densidade dessa tragédia real na qual se decidiam destinos e vidas com uma tranquilidade espantosa.

– Nunca imaginei que tivesse sido assim. Achei...

– Não ache nada ainda – pulou o Marqués, com uma agressividade verbal que surpreendeu o policial. – Queria ouvir a história? Pois vou continuar a história, porque falta o melhor... Sim, porque então veio o julgamento estético: disseram que minhas peças e minhas montagens só pretendiam transformar o esnobismo, a extravagância, a homossexualidade e outras aberrações sociais em matéria estética única, que eu havia me desviado do caminho das aspirações mais puras com toda essa filosofia da crueldade, do absurdo e do teatro total e que não iam me permitir essa “arrogância senhorial” (mais uma vez as aspas são deles, pois se tratava de uma utilíssima citação textual) de atribuir-me o papel de crítico exclusivo da sociedade e da história cubanas, enquanto eu abandonava o palco das lutas verdadeiras e utilizava os povos latino-americanos como tema para criações que os transformavam em favoritos dos teatros burgueses e das editoras do imperialismo... Não sei muito bem o que queria dizer isso, mas foi o que se disse, palavra por palavra, e se disse também que minha pessoa, meu exemplo e minha obra eram, como todos sabiam, incompatíveis com a nova realidade... E no final começou a votação. Pediu-se que levantassem a mão os que concordavam que o artista devia participar da luta para criticar severamente os horrores do passado e contribuir com sua obra para a erradicação dos vestígios da velha sociedade que ainda subsistiam no período da construção do socialismo. Votação unânime. Votou-se contra as manifestações de elitismo, blandícia, hipercriticismo, escapismo e atrasos pequeno-burgueses na arte, e de novo foi unânime. E votou-se tudo o que se podia votar, sempre com absoluta unanimidade, até que se pôs em votação minha permanência no grupo de teatro, o mesmo grupo que eu tinha fundado, ao qual dera um nome e toda a minha vida, e, dos vinte e seis presentes, vinte e

quatro levantaram a mão pedindo minha expulsão, e dois, só dois, não conseguiram resistir àquilo e saíram do teatro. Então se votou a permanência desses dois e foram expulsos por vinte e quatro a favor e nenhum contra... Por último veio o discurso final, lido por aquele que presidia a mesa e que até então não tinha falado, e como já se pode imaginar não disse nada de novo: repetiu que aquilo era uma luta aberta contra o passado, o imperialismo e os lacaios da burguesia, a favor de um futuro melhor, numa sociedade em que o homem não fosse o lobo do homem. Enfim: um mau desfecho de espetáculo para a representação histórica dessa tarde de 1971, na qual houve aplausos e gritos de júbilo... E deixaram que a cortina caísse sobre meu pescoço.

Com a última frase do Marqués, o policial sentiu que precisava urgentemente de uma dose de nicotina. Pegou seu maço de cigarros, voltou a olhar a limpeza imaculada do local e resolveu resistir à ansiedade da abstinência: queria tocar o fundo dessa ferida aberta que Alberto Marqués concordara em lhe mostrar. Tudo isso acontecera no mesmo país onde ambos viviam?

– E quem lhe contou tudo isso?

O Marqués sorriu e voltou a suspirar, cansado.

– Primeiro, os dois que venceram o próprio medo e se levantaram na penúltima votação. Depois, dali a uns meses, vieram me ver, um após o outro, os vinte e quatro que ficaram até o final... E, há uns dez anos, me contou mais uma vez um dos que estavam no palco e que pediu perdão pelo que havia feito. Mas não o perdoei, por infâmia... Aos outros, sim, bem, a quase todos, porque agiram por medo e eu sei o que é o medo, mas o infame, não... É verdade que, pelo que me disseram, quem fez o discurso de encerramento agora é um notável *perestroïko* e defensor da *glasnost* como necessidade social. O que acha dessa mudança de máscara?

Conde o encarou e tornou a sentir que estava no teatro, entre os acusados, envolto no medo e na culpa, e se perguntou se teria votado contra o Marqués. E pensou que agora era muito fácil achar que não e se sentir em condições de ostentar dignidade. Mas e naquele dia?

– Se acreditasse em Deus poderia perdoar, não é?

– Talvez por isso não queira acreditar, senhor policial...

Conde sentiu que não resistiria nem mais um segundo à necessidade de acender um cigarro. Incomodava-o fazê-lo exatamente naquele lugar, tão limpo, cujo último dono por certo se sentiria incomodado, mas não conseguiu se conter e resolveu usar sua própria mão como cinzeiro.

– Mas você mesmo diz que depois muitas coisas mudaram e até o convidaram para trabalhar de novo no teatro, não foi?

O Marqués ajeitou no alto da cabeça suas três mechas displicentes. Agora não sorria.

– É, isso também é verdade, mas antes aconteceu que vários expulsos de alguns grupos resolveram abrir um processo contra o que ocorrera e, estranha e justa justiça de meu país, ganharam a causa na Câmara de Garantias Constitucionais do Supremo Tribunal e então foram reintegrados em seus grupos. Pagaram-lhes o salário, mas se passou muito tempo antes de voltarem a trabalhar, pois a coisa mais simples do mundo é que um diretor decida livremente com quem deseja trabalhar, não é? Eu, não, eu não quis abrir nenhum processo, nem na época, nem depois, nem agora. Porque não era um problema jurídico: era um julgamento histórico; e tampouco aceitei o salário: preferi ser bibliotecário a viver de um salário que podia comprar minhas decisões. Por isso, quando me pediram para voltar, tampouco aceitei, pois não era obrigado a fazê-lo. Algo impossível de se recompor havia quebrado. Se eu voltasse, seria por vaidade ou vingança, mais do que por necessidade de dizer coisas, e isso perturba a arte. Dez anos são muitos anos, e me acostumei com o silêncio, quase aprendi a desfrutá-lo, assim como me acostumei com o fato de que falassem de mim em voz baixa, que de longe me apontassem. Além disso, ninguém podia me garantir que o que aconteceu em 1971 não voltaria a se repetir, não é mesmo?... E eu não teria forças para cumprir uma segunda sentença, depois de ter voltado ao espetáculo e às apresentações.

Mario Conde sentiu que escutara uma declaração desnecessária. Preferia conservar a imagem de soberbia e coragem que Miki lhe criara ou a de petulância provocadora e amoral contida nos relatórios bem fornidos que lhe entregaram dois dias antes sobre esse homem que tivera de ser condenado à revelia. Inclusive preferia a sensação de ironia agressiva e zombeteira deixada por seu primeiro encontro com esse Alberto Marqués que agora confessava sua verdadeira razão: o medo.

– E não é melhor esquecer tudo isso?

O velho dramaturgo sorriu e olhou para o teto, como se esperasse alguma coisa que deveria cair do céu.

– Sabe, é muito fácil dizer isso, porque a falta de memória é uma das características psicológicas deste país. É sua autodefesa e a defesa de muita gente... Todo mundo se esquece de tudo e sempre se diz que se pode começar de novo, e pronto: está feito o exorcismo. Se não há memória, não há culpa, se não há culpa, não se precisa sequer do perdão, está percebendo qual é a lógica? E eu entendo, claro que entendo, porque esta ilha tem a missão histórica de estar sempre recomeçando, de começar de novo a cada trinta ou quarenta anos, e o esquecimento costuma ser o bálsamo para todas as feridas que permanecem abertas... E não é que eu tenha de perdoar ou queira culpar alguém: não, é que não quero esquecer. Não quero. O tempo passa, passam as pessoas, mudam as histórias, e acho que já se esqueceram de coisas demais, boas e ruins. Mas as minhas são minhas e não tenho vontade de esquecê-las. Entende?

– Sim, também entendo – disse Conde, e saiu para o pátio para jogar fora a guimba e as cinzas acumuladas na mão. Além disso, queria evitar esse caminho tenebroso da conversa e voltar ao seu pressentimento. – Sabe onde Alexis guardava a Bíblia?

O Marqués o olhou com um gesto de fastio, como se aquela insistência policialesca lhe parecesse desatinada e doentia.

– Não. Examinou bem as estantes?

– Lá não está, por isso lhe pergunto.

– Pois me reviste, se quiser – propôs e levantou os braços, aproximando Conde do horror: o roupão se levantou quase à altura dos joelhos, enquanto os botões lutavam para escapar...

– Não precisa. Acho que é melhor eu ir embora. Ainda tenho trabalho – apressou-se Conde e, vendo que o Marqués continuava em sua pose de detido pronto para ser revistado, não pôde deixar de rir. – Mas gostaria de voltar a conversar.

– Quando quiser, príncipe – disse o Marqués, e só então baixou os braços.

– Uma última pergunta, e desculpe se sou indiscreto... O que sentia por Alexis Arayán?

O Marqués olhou para o quarto vazio.

– Pena. Sim. Era frágil demais para viver neste mundo cruel. E também gostava dele.

– E por que teria se vestido com a roupa de Electra Garrigó?

O Marqués pareceu pensar, e Conde se dispôs a escutar algo que talvez pudesse esclarecer de uma só vez toda a história.

– Porque o vestido era lindo, e Alexis era veado. Não acha que é suficiente?

– Mas se ele não era travesti...

O Marqués sorriu, como se se desse por vencido.

– Ai, você ainda não entendeu nada.

– Ultimamente isso anda acontecendo comigo: nunca entendo nada.

– Olhe, não pense que é um atrevimento, porque sei com quem posso me atrever... Mas como o vejo tão interessado no tema... Quer ir esta noite comigo a uma festa onde talvez possa ver uns travestis e outras pessoas assim, das mais interessantes?

Preso à nostalgia, Conde olhava a paisagem inalterável que se oferecia da janela de seu cubículo: copas de árvores, o campanário de uma igreja, os andares altos de vários edifícios e a eterna e desafiadora promessa do mar, sempre ao fundo, sempre inalcançável, como a maldita circunstância de tanta água por todo lado de que falara o poeta tão amigo do Marqués. Gostava dessa paisagem recortada pela moldura da janela, tão bucólica e solícita, agora difusa sob a luz clara e calcinante de agosto, porque lhe permitia pensar e, sobretudo, recordar, e ele era um tremendo saudosista. E agora recordava o quanto quisera se dedicar à literatura e ser um verdadeiro escritor, nos dias cada vez mais distantes do pré-universitário e nos primeiros anos de sua carreira universitária inconclusa. Sentia que Alberto Marqués, dono de poderes mefistotélicos, alvoroçara essa sua esperança cíclica, da qual por momentos se acreditava definitivamente a salvo, mas que mais uma vez, ao menor contato, tornava a obcecá-lo como um vírus recorrente do que na verdade nunca havia se curado. Então Mario Conde sentia que aquele rompimento prematuro, pelo qual se deixara vencer, talvez só funcionasse como um pretexto hábil de sua consciência para descarregar sobre um porto alheio uma culpa que era só sua: nunca voltara a insistir seriamente, talvez porque a única verdade fosse sua

incapacidade para escrever alguma coisa (que fosse sórdida e comovente). Sempre pensou que gostaria de escrever histórias de pessoas comuns, sem grandes paixões nem aventuras notáveis, vidas pequenas, dessas que podiam passar pelo mundo sem deixar um só rastro na face da Terra, mas que carregavam nas costas o fardo impressionante de viver cada dia. Quando pensava nessas preferências literárias, e lia Salinger, os contos de Hemingway, certos romances do século XIX e alguns textos de Sartre e Camus, ainda acreditava que, sim, era possível, podia ser possível. Necessidade exibicionista?, perguntou-se então, quando tampouco sabia se devia se arrepender do impulso de sinceridade que o fez confessar ao dramaturgo a paixão artística sempre postergada, tão inadequada para alguém dedicado por ofício à repressão e não à criação, às verdades sórdidas e não às fantasias sublimes... O sorriso com soluços, como única resposta que dera o Marqués enquanto insistia em cheirar o perfume inexistente de uma flor de buganvília, doía-lhe agora como uma caçoada. Contudo, as histórias desse personagem que insistia em espicaçá-lo encolhiam os limites de qualquer preconceito e ele já não podia vê-lo como o pederasta de merda com quem fora se encontrar apenas vinte e quatro horas antes. Puta que pariu, pensou, e olhou a porta que se abria, para que se tornasse realidade a figura esperada do sargento Manuel Palacios.

– Por que demorou tanto, meu velho?

O sargento Palacios atirou-se na cadeira e Conde temeu que ela se desconjuntasse. Quem o terá aceito como policial, caralho? Deve ter sido o mesmo louco que me recrutou.

– Deixe eu respirar. O elevador quebrou de novo.

Conde olhou mais uma vez para sua paisagem com mar e se despediu dela, até um próximo encontro.

– Bem, o que aconteceu?

– Nada, Conde, é que eu tive de esperar o chefe de Alexis. E acho que fiz bem, porque a coisa está se complicando.

O sargento Palacios respirou fundo antes de falar.

– Alexis não estava mais com Salvador K. O chefe dele no Fundo, um tal de Alejandro Fleites, que também tem uma tremenda pinta de bicha, diz que ultimamente Alexis e Salvador tinham se distanciado e que ele viu Alexis duas vezes com um mulato que trabalha no Instituto de Cinema, chamado

Rigofredo López. Imagine que salada... E diz que lhe disseram, você sabe como eles são, que Rigofredo e Salvador K. tiveram uma discussão na sala de Alexis. Conclusão de Fleites: ciúme. Então fui até o Instituto de Cinema e averigui que Rigofredo está há dez dias na Venezuela... Que tal esse galinheiro em alvoroço?

Conde sentou na cadeira e só então perguntou:

– E o que lhe disse de Alexis?

– Pouca coisa... Que era um bom funcionário, que se dava muito bem com os pintores, que era uma pessoa muito culta e que não o imaginava vestido de vermelho pelo Bosque de Havana. E também que era um cara complexado e muito tímido...

– E a Bíblia?

– A Bíblia? Porra, a Bíblia... – fez uma longa pausa, como se pensasse em alguma coisa e disse enfim: – Aqui está – e procurou na maleta que deixara no chão.

– Passe para cá, me dê aqui – exigiu Conde, que procurou no índice os livros dos Evangelhos.

São Mateus começava na página 971 e, segundo lhe dissera o padre Mendoza, o episódio da Transfiguração ocupava o capítulo 17. Percorrendo os cabeçalhos das páginas, Conde avançou no primeiro Evangelho até que encontrou o capítulo 16 e depois o 19, um salto mortal que o surpreendeu como um grito de alerta. Procurou então as folhas e descobriu a elipse: faltava a folha com as páginas 989 e 990, onde deviam estar os capítulos 17 e 18 de Mateus.

– Eu sabia, porra, Alexis estava pensando na Transfiguração... Olhe isto, falta a página onde se conta a cena. Deixe ver se falta nos outros.

Lentamente, Conde empreendeu a busca pelos versículos de Marcos e Lucas para descobrir que ambos conservavam todas as suas páginas, e encontrou a história da Transfiguração no capítulo 9 de Marcos: “As suas vestes tornaram-se resplandcentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar”, e também no 9 de Lucas: “E, enquanto rezava, seu rosto tomou outro aspecto e seu vestido ficou branco e resplandcente”.

– Onde estava a Bíblia, Manolo?

– Na mesa de Alexis. Na gaveta de baixo, sem chave.

– E as pessoas sabiam que estava ali?

– Bem, o chefe disse que não sabia... Você não me disse...

– Não, não se preocupe. O problema é que alguém arrancou a folha que falta. E olhe isto: arrancou com muito cuidado, não se nota o rasgão, está vendo? Vai ver que foi o próprio Alexis... Você imagina o que isso quer dizer?

– Que tinha algo escrito.

– Algo que incomodava ou prejudicava alguém, e esse alguém arrancou a página. Ou, se não, que significava uma coisa muito especial para esse rapaz e por isso ele mesmo chegou a tirá-la do livro. E, se foi assim, isso pode esclarecer muitas coisas, Manolo: esse sujeito estava louco e se transfigurou para entrar em seu próprio Calvário. Aposto minha bunda que foi isso.

– Mude a aposta, parceiro. Acho que certas influências não lhe fazem bem... Olhe só, lembre-se de que Salvador sabia que essa Bíblia estava ali.

– Você acha que foi ele?

– Não sei, mas eu o traria e lhe apertaria o “k” até que dissesse “q”.

– Não sei, Manolo, não sei... Se tivesse sido ele, por que teria falado da Bíblia? Não, não acho que Salvador seja tão imbecil para parecer culpado de algo tão grave e, além do mais, ser de fato o culpado. Não acha?... Agora tenho que falar com o Velho. Me espere aqui.

– Eu sempre espero, Conde.

O tenente ignorou a ironia e seguiu pelo corredor. Subiu dois lances de escada, até o último andar. Avançou por outro corredor e entrou na antessala do gabinete do major Rangel. Atrás da mesa de Maruchi – ela sempre tinha uma flor num vasinho que já não estava ali, talvez houvesse ido embora junto com a moça – continuava a tenente que o surpreendera na véspera. Conde a cumprimentou e lhe pediu para ver o major.

– Solicitou que ninguém o incomodasse – avisou a tenente.

– Diga que é urgente – retrucou Conde. – Faça-me o favor...

Ela resmungou sonoramente, que cara folgado, devia estar pensando, mas apertou a tecla do interfone e falou para o major que era o tenente Conde dizendo que era urgente. “Mande entrar”, disse a voz que o Velho enviou de sua sala.

Conde abriu a porta e o viu com um charuto nos lábios. Tinha o mesmo aspecto do fumo infame da véspera, feito em Holguín.

– O que houve, Mario? – disse o Velho, e sua voz naquele dia estava lenta e opaca.

– Trago-lhe isto, por isso era urgente – tirou do bolso da camisa o longo e deslumbrante Montecristo que Faustino Arayán lhe dera de presente.

– E de onde tirou isso, rapaz?

– Eu prometi, não prometi?

– Porra, que maravilha – jogou pela janela o charuto de Holguín quase sem olhar e se dedicou a cheirar o Montecristo. – Está meio seco, sabe?

– Dê um jeito...

– E o que mais quer? Olhe que eu te conheço...

Conde se sentou e acendeu um de seus cigarros.

– Convocaram Manolo. O que há com ele?

O major não respondeu. Cheirou mais um pouco seu novo charuto e com muito cuidado o enfiou numa gaveta.

– Para depois do almoço...

– Vai me dizer? – insistiu Conde.

– Foi chamado por sua causa – disse o Velho, e se levantou.

– Por minha causa?

– É lógico. Oficialmente você está suspenso e por isso interessa às Investigações Internas...

– Vão para a puta que...

– Escute – rugiu então Rangel, mudando sua voz cansada para uma modulação rouca e autoritária que terminava na ponta do dedo que brandia para o tenente. – Você vai ficar quieto... Se fizer, disser, comentar ou pensar alguma coisa sobre isso e eu for informado, aí, sim, eu corto seus colhões, está ouvindo? A coisa está fervendo e não quero mais um problema. Vão perguntar a Manolo sobre você, e o que ele vai dizer? Nada... Que você se atracou com Fabricio porque implicavam um com o outro e mais nada. Nada...

Conde apagou o cigarro e de repente desejou estar muito longe dali. Já era bastante complicado procurar estupradores, ladrões, vigaristas e agora até assassinos de travestis místicos para que, além do mais, desconfiassem dele.

– Fale com Manolo e diga-lhe por onde a conversa deve ir. Mas fale fora daqui. Está entendendo? Se alguém souber que eu lhe disse isso, são os meus colhões que vão cortar. Ok?

Conde não respondeu.

– Ok, Conde? – o major insistiu.

– Ok, Velho... Vou embora... – levantou-se.

– Espere, espere aí. Como vai seu caso?

Conde deu de ombros. De repente seu caso não o interessava muito.

– Regular... Tenho um morto que de vez em quando dava para ser um iluminado de Deus e um suspeito demasiado suspeito, mas não tenho nenhuma prova contra ele.

– E aí?

– Vou continuar procurando.

– Que merda! – disse o Velho, abrindo a gaveta da mesa e tirando o Montecristo. Cortou a pontinha com os dentes, à moda antiga, e mastigou rapidamente a parte retirada. Depois a cuspiu no cesto. Quando foi aproximar a chama do isqueiro da ponta do havana, algo o deteve, enquanto negava com a cabeça. – É bom demais para acendê-lo agora. Isso merece pelo menos um café de verdade – e devolveu o charuto à gaveta. – Ah, deixe eu lhe dizer uma coisa, Conde. Alguém me ligou para me pedir discricção em tudo o que se descobrisse sobre esse caso. Disse-me uma coisa que eu não sabia: que o morto era filho do velho Arayán, e você sabe o que isso significa. Querem que tudo continue como um problema alheio à família, para que eles sejam o menos possível envolvidos com essa corja de travestis e bichas em que o filho andava metido. Portanto, já sabe: primeiro eu digo *travestis* porque me dá vontade, depois não encha muito o saco da família e trate de resolver isso depressa e sem fazer muito barulho, ok?

– Aham, como eles dizem – respondeu de imediato e saiu da sala sem se despedir do major. Agora tinha mais vontade de abandonar tudo. E pensou: Que merda. Nem sequer há café para um bom charuto.

– O que acha?

Conde sorriu, olhando as folhas murchas e ressecadas daquela que aspirara ser a revista literária do pré-universitário, e lhe pareceu que tudo aquilo podia pertencer a outra vida, distante demais para ser a mesma em que ele ainda vivia: seu conto logo em seguida à folha de rosto, com o desenho impresso da

igreja de Jesus do Monte e o título pomposo de *La Viboreña*, atrás do qual se escondiam tantas ansiedades e esperanças cerceadas pela machadada brutal da intolerância e da incompreensão.

– Ingênuo e sem densidade. Eu me lembrava dele mais sórdido e comovente – disse, e se recostou na cama do magro Carlos. – Sobram uns dez “que” e faltam vírgulas...

– E por que queria lê-lo?

Conde pôs mais rum no copo e aproximou a garrafa do copo do Magro.

– Não sei se queria me lembrar do que dizia o conto ou do que me disseram do conto.

Carlos bebeu seu rum e fez uma careta afetada demais para o dono de uma garganta cozida no fogo lento de uma persistente prática cotidiana.

– Quem ainda se lembra disso, Conde...

– Eu – afirmou, e deu um gole demorado, quase excessivo.

– Vai com calma, bicho... Que diabo você tem hoje, hein? Ontem estava ótimo e hoje...

Conde olhou o amigo: uma massa cada vez mais amorfa sobre a cadeira de rodas. Fechou os olhos, como fazia seu personagem do conto e, como ele, pediu: Que seja mentira. Gostaria que o Magro ainda fosse magro, e não aquele gordo que ia adernando, como um barco que afundava e arrastava em seu naufrágio as últimas alegrias possíveis de Mario Conde. Queria jogar de novo na esquina e que estivessem ali todos os seus amigos da época e ninguém pudesse excluí-lo daquele lugar que tanto lhe pertencia. E ao mesmo tempo queria se esquecer de tudo, definitivamente e para sempre.

– Não vai me dizer o que está acontecendo? – Carlos insistiu, e levou a cadeira até a beira da cama que o amigo ocupava.

– Estou fodido, Magro. Já não me querem como policial... Hoje vão falar de mim com o Manolo. Na melhor das hipóteses me aposentam. Que tal? Aposentado aos trinta e cinco anos...

– Isso é sério?

– Mais sério que o cu de Desidério.

O Magro riu. O sacana não podia evitar.

– Você não tem jeito, hein?

– É o que dizem. Ponha mais rum. Estou com medo.

– Por que, bicho? Tem algum rolo?

– Não sei, mas não posso evitar o medo... Ponha mais rum.

– Olhe, esqueça isso... Conde, você é um cara fodido e mal pago, mas é um bom sujeito. Sei que você não deve, portanto não tema, está bem?

– Está bem – admitiu o outro, sem convicção.

– Eu lhe disse que de manhã Andrés veio me ver?

– Ontem você me disse que ele vinha. Afinal, o que esse louco queria?

Carlos se serviu de mais rum, deu um gole devastador e aproximou do amigo a cadeira de rodas, até ficar na frente dele.

– Dulcita está vindo – disse então.

– Dulcita? – foi um espanto para Conde: – Dulcita?

Havia mais de dez anos que Dulcita fora para os Estados Unidos, e Conde se lembrou de quantas vezes ele e o Magro falaram sobre a partida da moça que, durante dois anos no pré-universitário, fora namorada de Carlos. Dulcita, a inteligente, Dulcita, a perfeita, a boa companheira, que havia ido embora, deixando-os com a pergunta: por que ia embora, justamente ela? E agora regressava:

– E aí, bicho?

– Vem ver a avó, que parece que está morrendo. Andrés sabe porque falaram com ele para conseguir o certificado médico que a Cruz Vermelha pede para providenciar a autorização da viagem.

– Do caralho, hein? – continuou Conde, espantado.

O Magro terminou seu rum e pôs as mãos sobre os joelhos de Conde, que sentiu o calor profundo e úmido daquelas extremidades volumosas.

– Do caralho é pouco, bicho. Sabe o que a irmã de Dulcita disse a Andrés? Que, se nós não ficássemos zangados e que se isso não nos prejudicasse, ela queria nos ver. Mas que sobretudo queria ver a mim.

Conde ia sorrir, movido por uma inevitável alegria que logo esmoreceu, e matou o sorriso antes que nascesse.

– Me diga, Conde, você acha que é justo que Dulcita me veja assim? – usou as mãos obesas para fazer o gesto de mostrar seu corpo transbordando da cadeira de rodas.

Mario Conde se levantou, se aproximou da janela e cuspiu com força. Não era justo, pensou, enquanto se lembrava da foto em que apareciam Pancho,

Tamara, Dulcita, o Magro e ele, descendo a escadaria do pré-universitário, no dia em que tinham se matriculado na universidade. O Magro, que na época era muito magro e andava sobre suas duas pernas, estava no centro do grupo, com os braços abertos e a cabeça de lado, como pronto para uma crucificação: Carlos e Dulcita formaram um par bonito e puro, fanáticos por sexo, pela vida, pela alegria e pelo amor... Não, não era justo, continuou pensando, mas disse:

– Olhe, se ela vier vê-lo e você quiser vê-la, que veja: você é você e nunca vai deixar de ser, e quem gostou de você tem que continuar gostando, ou que vá à merda.

– Não fale bosta, Conde, que isso não é assim.

– Não é assim? Pois para mim é assim, porque você é meu irmão e tem que ser assim... Mas, se não quer vê-la, então não veja, e pronto.

– Aí é que fode tudo, Conde, eu quero vê-la, sim. Mas não tem a menor graça ela me ver assim. Está entendendo?

Conde acendeu um cigarro e voltou para a cama.

Aproximou ainda mais a cadeira de rodas, e o rosto de Carlos ficou a poucos centímetros do seu.

– Magro: deixe de veadagem – disse. – Não se deixe vencer, caralho, que, se você desiste, aí sim estamos ferrados. Faça isso por você, e por mim e pela velha Josefina: não deixe que nada venha foder a sua vida: nem uma bala, nem o passado, nem a guerra, nem esta cadeira de rodas desgraçada – falhou sem respirar e, contra seu costume de pensar em tudo, pegou com as mãos a cara de Carlos e o beijou numa bochecha. – Não desista, meu irmão.

– Mas que merda!

Claro que sim. Tinha de ser o verão mais quente que ele vivera, concluiu enquanto se despia para tomar uma ducha. Fazia vários dias que Conde espremia a memória e a pele para tentar se lembrar de outras temperaturas de agosto capazes de superar as desse ano cruel, mas o sol que carbonizava as paredes, o vapor que se soltava do teto, a umidade que o envolvia em sua cama e essa depressão profunda, capaz de derrotar sua vontade e seus músculos, estavam confirmando que não, não era possível se lembrar de outro forno desses. Ou será que o calor vinha de seu corpo mais do que do ambiente

infernais que se apoderara da ilha? Olhou o relógio: sim, ainda era cedo para que o sargento Palacios chamasse e ainda não sabia se se atreveria a ligar para Marqués.

Quando saiu do banho, com água pingando do corpo e a toalha nos ombros como um boxeador vencido, Conde resolveu terminar de se secar contra a rajada estática do ventilador. Jogou-se na cama quente e por um momento desfrutou desse privilégio mínimo da solidão, sentindo como o ar amassava seus testículos esparramados e escrutinava seu ânus, com especial veemência. Fechou um pouco as pernas. Então, para ajudar o ar, e também por simples mania onanista, começou a levantar o pênis molhado, deixando que seus dedos escorregassem até a cabeça cirurgicamente descoberta, para soltá-lo depois, numa queda livre que aos poucos começou a se levantar e transmitiu a seus dedos a dureza fraca da ereção. Por instantes ficou na dúvida se devia se masturbar ou não: e resolveu que não havia razão para não tentar. Nenhuma mulher possível estava esperando aquela ejaculação desprezível, e enquanto se acariciava até o calor do ambiente parecia ter cedido. Mas a decisão se sobrepôs a uma nova dúvida: a quem dedicá-la? Sem soltar o membro, mas reduzindo o ritmo da fricção, Conde abriu o livro manuseado de suas lembranças eróticas e começou a virar as páginas de suas mulheres amadas com o distanciamento com que tentava se proteger dos sucessivos abandonos, enganos e sumiços com que o haviam gratificado: na última página – sempre começava pelo final, como quando lia um número da revista *Bohemia* – surpreendeu Karina, nua, embocando um saxofone deslumbrante que, na intensidade da música, acariciava seus mamilos enquanto se mexia entre suas pernas abertas, mas deixou-a, humilhou-a com a indiferença de sua mente para, de certo modo, vingar-se dessa mulher demasiado dolorosa em sua proximidade para ser convocada, e ainda podia respirar seu cheiro de fruta madura, digerível, indeciso entre a goiaba e um perfume de ameixas maduras, que se misturava a esse vapor animal e profundo surgido de seu sexo inchado de desejos:

– Não, você não.

Da mesma maneira pulou por cima de Haydée, procurando não se lembrar de seu hálito de bebidas alcoólicas partilhadas, tomadas com o desespero de sedentos miseráveis, runs em seguida derramados na boca, nos peitos e no púbis, duplamente umedecido, e por isso fugiu, nem sequer tentou roçá-la –

embora sem ter vencido a angustiosa tentação –, porque havia sido sua melhor amante, tão inventiva na cama que não lhe bastara a produtividade de Conde e o substituíra, traiçoeiramente, por alguém da vanguarda nacional do gozo (o ânus de quem ela estará beijando agora, com sua língua de réptil perfurador e escatológico?), mas atravessou sem maiores sobressaltos a recordação de Maritza, sua primeira esposa, muito distante e gasta para ser útil, nem sequer para uma masturbação estival, apenas perceptível com seu cheiro rosado de pele de virgem, sempre banhada para enfrentar o amor, com limpeza e sem prazer; respirou com mais saudades que desejos a fragrância da mulher essencial encarnada naquela enfermeira, ninfomaníaca e bastante magra, de nome agora esquecido mas sempre lembrada porque o iniciara no prazer da mão alheia que acaricia, esfrega, faz descobrir o valor da outra pele e dá uma dimensão inesperada ao ato da masturbação, só por vir de outras mãos, de outra pele; e, ao chegar sua vez, sentiu isso na ponta dos dedos e na pele enrugada dos testículos, quase que fica com Tamara, ao rever sua bunda de dançarina de rumba e suas tetas com mamilos de negra, a profundidade escura de suas pilosidades crespas e, ao respirar o cheiro forte de suas colônias masculinas – Canoe é minha preferida, costumava admitir, alérgica a outros perfumes femininos e sutis –, parou a mão sobre o álbum – e sobre sua glândula já inflamada e disposta a cuspir – para chegar a uma conclusão definitiva: nenhuma delas... Da posição em que estava esticou o braço, deslizou-o para baixo da cama e tirou a *Penthouse* que Peyi emprestara ao Magro e o Magro emprestara a ele, e foi já sem nenhuma dúvida em busca da loura sem-vergonha – muito pelo em cima, pouco em baixo – que, na mesma posição que ele – deitada, pernas abertas à brisa ou a outras coisas possíveis –, empurrava sua nudez profissional contra os lençóis vermelhos arrumados para a fotografia: se havia brisa na foto – tinha de haver – devia cheirar a terra úmida e arada, e a mulher, seguramente, teria se apropriado dessa fragrância fértil e primária. Melhor você do que uma de mentiras e recordações, disse à loura, inclinou-se para a frente e continuou a fricção até deixar de ver a mulher e ver e sentir como perdia a vida nas gotas brancas que choviam sem ordem nem harmonia sobre os poeirentos ladrilhos do quarto, dos quais se soltava agora, como alarmante perfume de sua dolorosa solidão, aquele aroma açucarado da ejaculação...

Mas o alívio sexual não aliviou o calor: seu corpo e seu cérebro queimavam, e compreendeu que tudo fora em vão: não havia outro remédio contra aquele calor específico a não ser uma mulher verdadeira, e não de recordações, perfumes recuperados ou papel acetinado, mas uma fêmea tangível, capaz de quebrar aos pedaços esse abandono aflitivo que o queimava célula por célula, sem compaixão, nem remédios, nem técnicas dilatórias mais ou menos individualistas.

De sua cama observou então Rufino, o novo peixe-de-briga que morava na redondez do aquário. Era seu companheiro de dez dias para cá, quando teve de sair à sua procura para substituir o velho Rufino, que amanhecera de boca para cima, com as nadadeiras deslocadas, como à espreita de um vento inexistente, pálido no violeta profundo da morte de um peixe-de-briga. Agora o jovem Rufino havia parado, como esgotado pelo esforço de navegar num mar de lava, Conde quase podia ver suas gotas de suor, enquanto, com os olhos cravados no vidro, apenas movia suas diminutas guelras de animal de combate: então começou a descer lentamente, sem lutar, sem adejar, como que definitivamente derrotado, e Conde assumiu essa descida como própria, amargo reflexo especular de uma queda livre da qual não se quer nem se pode escapar, como a anunciada decadência do Ocidente ou o já inevitável declínio de seu pênis esgotado e vazio. Instintos suicidas?

Conde acendeu um cigarro e começou outra vez a suicidar-se, lenta e complacentemente.

– Mas que merda! – disse, disposto a voltar ao chuveiro, quando tocou o telefone.

– Sou eu, Conde.

Espera, Conde, espera, não saia correndo. Não, é por isso mesmo que eu quis falar aqui na rua, tranquilos, você e eu. Também quero um cigarro. Espera... Olhe, não sei o que é que pode interessar a eles sobre você, porque sabem tudo e não sabem nada, acho que estão atirando para todo lado para ver onde acertam. Não estou floreando, Conde, deixe eu falar, compadre. Porra, hoje está fazendo mais calor do que ontem, não está? Perguntaram-me o diabo a quatro sobre você, e sobre mim também, para que você fique sabendo, mas já

sabiam todas as respostas, juro. É uma coisa incrível, meu velho: sabem até quantos cigarros fumamos por dia, mas ninguém é bobo, e dá pra perceber que eles não têm nada na mão. Para alguma coisa a gente também é policial, não é? De você querem saber sobre a sua relação com o Velho, se eram amigos ou não, e isso toda a Central sabe, se eu achava que o Velho tinha preferências por você e se alguma vez ele te acobertou, coisas assim. Insistiram muito nisso, e a verdade é que não sei se era por sua causa ou por causa do major Rangel. O que acha? Se também estiverem investigando o major, você já fica sabendo... Então me perguntaram se a sua briga com o tenente Fabricio tinha sido por algum problema de trabalho ou por rancores pessoais, o que achávamos das investigações que estão sendo feitas, se eu achava que você tinha dependência alcoólica, por que você vivia sozinho, imagine só. Também me perguntaram sobre os seus informantes e até mencionaram o nome de Candito, se você dava proteção a ele para que se metesse em negócios clandestinos e coisas assim, como se ninguém fizesse isso, não é? Ah, e ouça isto, sabiam que você teve relações com Tamara quando estava investigando o caso do marido dela. Com quem você comentou isso, Conde? Bem, pois eles sabiam, e que depois vocês não voltaram a se ver, até isso sabiam. E sabiam mil outras bobagens, se bem que nada importante: me perguntaram por que você gosta de entrar nas igrejas e por que diz às pessoas que quer viver numa casa perto do mar, se você continua pensando em ser escritor e sobre o que gosta de escrever. Nada, eu disse que você gostava de escrever sobre coisas sórdidas e comoventes e aí, sim, eles ficaram embananados. Mas você imaginava que eles sabem tudo? O chato é isto, Conde, de repente a pessoa sente que está vivendo numa urna transparente, ou num tubo de ensaio, sei lá, e que a veem cagar, mijar e até tirar meleca, porque acho que sabem se a pessoa faz bolinhas para atirá-las ou se gruda as melecas debaixo da mesa: isso é que me horrorizou. Eles ficam de olho em nós, sabem tudo o que fazemos e o que não fazemos, e tudo lhes interessa. Vai ver que eu sou um babaca completo, mas não imaginei que fosse assim. Dá medo, de verdade, Conde, de verdade, dá mesmo. Não, eram três, não os conheço, um capitão e dois tenentes, me disseram, mas estavam de uniforme militar de campanha, sem dragonas. Num escritório do segundo andar, ao lado da sala de reuniões. Mandaram-me entrar, serviram-me café e foi tudo muito suave, como uma conversa de amigos, e eles eram os amigos

curiosos que se interessam em saber qualquer coisa, qualquer bobagem. E são uns sacanas quando perguntam, eu só queria que você visse como sabem dar uma disfarçada e depois voltam ao que interessa, mas fingindo que não interessa muito, sabe como é, mas comigo eles entraram pelo cano: primeiro porque eu conheço de cor e salteado esse joguinho, e nisso eu sou um leão escanhado, como você diz, e segundo porque não sei que merda é que pode interessar a eles. Dizem que isso é um trabalho necessário, que descobriram muitas irregularidades, indisciplinas, violações dos regulamentos, e que não se pode permitir essas coisas e por isso os mandaram intervir e investigar todo mundo e que todos que tiverem feito alguma coisa errada vão ter de assumir a responsabilidade. E vou lhe dizer uma coisa, Conde: eles realmente não têm nada certo contra você nem contra mim, mas estão dispostos a passar o facão bem baixinho, sem considerações com ninguém, portanto fique de pé atrás nesses dias, porque a maré está brava mesmo. Imagine só, sabe quem me disseram que eles tiraram da Central? O Gordo Contreras... Não, claro que não me disseram por que, nem eu fiquei averiguando, tampouco estou disposto a me queimar assim por prazer, de bobeira, mas se o tiraram é porque têm coisas contra ele, você pode apostar no escuro, Conde, pode apostar até sua bunda que têm coisas contra ele... Pobre Gordo, não é?

Foi Afón, disseram-lhe Pancho e o Coelho, quase num sussurro, quando viu que em sua mala aberta faltavam as duas latas de leite condensado que guardava como seu maior tesouro para as noites de fome e frio. Uma ira maligna cobriu-lhe então o rosto, martelou suas têmporas e ressecou sua garganta, mas pensou duas vezes antes de se decidir: não há outro jeito a não ser partir para a briga. Se deixo isso assim vão terminar me enrabando, e eu sou um homem, porra, também pensou, e pensou que ia perder essa parada, que o negro Afón, com aqueles bíceps de levantador de peso, ia desmontá-lo aos socos e que não tinha sentido, além de ser roubado, terminar com os lábios cortados e os olhos inchados perante o tribunal disciplinar, mas naquela selva as leis estavam claramente escritas no lombo dos tigres, e a primeira delas avisava que homens são homens, de manhã, de tarde e de noite, e a segunda rezava: “Antes morto que desmoralizado”, e que roubar a comida de alguém, e

esse alguém, sabendo quem foi o ladrão, preferir disfarçar em vez de reclamar como se deve reclamar nesses casos (com os punhos), era o primeiro passo para uma desmoralização sem fim: se hoje roubam a sua comida da maleta, amanhã podia ser a roupa, depois o dinheiro e três dias depois você estaria limpando as botas de três ou quatro caras ou, como Bertino, arrumando a cama de meio albergue e dizendo que deixava que lhe metessem o dedo no cu porque faziam isso brincando e ele não tinha complexos. Naqueles acampamentos, atirados numa convivência forçada, isolados da proteção paterna e tendo cada um que decidir sua própria vida e segurança, os estudantes se viam obrigados a defender-se e acabavam trazendo à tona seus instintos primários, enquanto estabeleciam uma luta constante pela comida, pela água, pelo melhor colchão, pelo banheiro limpo e pelo trabalho mais cômodo, numa competição sem fim capaz de desenvolver uma agressividade que só se equilibrava com mais agressividade. Grito por grito, roubo por roubo, soco por soco, era a terceira lei fundamental dessa química cruel e sem espaço para qualquer relatividade. Fechou com um empurrão a tampa de madeira de sua mala violada e saiu para o pátio onde Afón, tranquilamente, jogava voleibol, esbanjando arremates impossíveis com seus braços de levantador de peso.

Conde entrou na quadra, agarrou a bola que passou perto dele e, com ela debaixo do braço, em meio aos protestos dos jogadores, avançou para Afón, enquanto pensava, a voz não pode falhar, porra, e a voz não falhou quando disse: Me dá minhas duas latas de leite. Então os jogadores fizeram silêncio e se prepararam para assistir ao *show* que acabava de se anunciar. Afón olhou os espectadores e sorriu para seu adorado público, com aquele sorriso tão seguro que também dava medo. E então lhe disse: Que merda é essa, garoto? Você roubou minhas latas de leite, seu veado, gritou Conde, e pensou – pensava tudo – que não devia falar mais e atirou a bola bem no rosto do negro Afón e depois, agora sem pensar, lançou-se por sua vez atrás da bola em busca da cara espantada do ladrão. Conseguiu esmurrá-lo duas vezes, na altura do pescoço, até que um punho de Afón se chocou contra uma de suas faces e o jogou no chão, para o que devia ser o princípio do fim, quando uma voz gritou da beira da quadra: Afón, largue o garoto e devolva as latas de leite dele..., mas Conde tinha se levantado, impelido pela fúria sanguínea que lhe provocava receber um murro na cara, e voltou ao ataque, sem pensar em nada e em ninguém, até que

uns quatro ou cinco jogadores conseguiram tirá-lo do abraço mortal em que Afón o envolvera, quando a voz de Candito Vermelho, de mãos na cintura e já na frente do ladrão, tornou a dizer: Afón, você vai devolver as latas de leite dele, não vai...?

– Afón ia matar você, Conde – Candito sorriu e terminou sua xícara de café.

– Não encha o saco, Vermelho, ele não matava ninguém... Por que me deu as latas de leite e não meteu a mão em você?

– Pobre Afón, não sei como era tão forte, com a fome que esse negro passava. Está bom o café?

– Do cacete – Conde sentenciou.

– Sou péssimo nesse negócio de fazer café. Ou sai fraco, ou doce, ou forte demais, ou com gosto de requentado...

– Esse estava ótimo – ratificou Conde, que se gabava de ser um bom provador de café, acendendo um cigarro, enquanto passava o maço a Candito Vermelho. O mulato pegou um e se reclinou na cadeira. A essa hora efervescente da tarde o corredor do cortiço vivia sua agitação máxima do dia, e chegavam até eles os gritos e ruídos da vizinhança promíscua: vozes de crianças que brincavam, uma mulher que pedia sal a Macusa, um rádio em que cantava Tejedor e outro que informava o descarrilamento de um trem em Matanzas, com mortos e feridos, além de um homem que, com voz grossa, xingava a mãe do dono do cachorro filho da puta que tinha cagado na frente da porta do seu quarto.

– Às vezes o cara tem vontade de ir para a lua, Conde... Você sabe que eu nasci aqui, quando não tinha a churrasqueira e nem banheiro aqui dentro, este quarto era a metade do que é agora e viviam aqui meus pais, meu avô, meu irmão e eu, e tínhamos que fazer fila para tomar banho e cagar nos banheiros coletivos. Mas é mentira essa história de que a gente se acostuma a tudo... Mentira, Conde. Eu já estou que não aguento mais, e às vezes me ponho a pensar quando vou poder viver como qualquer pessoa, ter minha casa, ficar tranquilo quando quiser ficar tranquilo e ouvir música quando quiser ouvir música e não todo santo dia... Já estou até aqui – e tocou num de seus cabelos ruivos. – Você sabe que quando saio por aí, pela rua, tenho a mania de ficar olhando as casas das pessoas e pensar qual eu gostaria de ter, e tento adivinhar

por que tem gente que vive em casas tão lindas e gente que nasce num cortiço fedendo a merda, que além disso vai ser a nossa casa para a vida toda... Quando eu gosto muito de uma casa, até imagino como viveria ali se ela fosse minha... Isso não acontece com você? Olhe, sabe o menino que mora no segundo quarto, o filho de Serafina? O cara é engenheiro químico, Conde, e sabe um mundo de coisa, mas continua amarrado aqui no cortiço... Por isso eu tenho que me conformar com este quarto, né?, e até dar graças a Deus, porque tem gente que nem isso têm.

– E por isso toda hora você vai à igreja?

– Bem, ali pelo menos as pessoas não gritam.

– E o que você pede a Deus?

O Vermelho deu uma tragada em seu cigarro antes de amassá-lo no cinzeiro de barro e olhou o amigo.

– Está me gozando, Conde?

– Não, é sério.

– Peço que me dê saúde, que me dê paz, que me dê paciência, que me proteja, e peço também coisas boas para meus amigos, como você ou Carlos...

Conde sabia que Candito estava falando a verdade e sentiu que essas preces, nas quais também figurava, ditas por alguém como seu velho amigo, o Vermelho, tinham um valor adicional que o comoveu. Porque o Vermelho não só o salvara de ser estripado por Afón naquela escola no campo, mas lhe demonstrara uma fidelidade permanente, à qual Conde não correspondia com a mesma sinceridade: como amigo nunca teve tempo de se dedicar a Candito, e como policial o espremera mais de uma vez, aproveitando-se sem piedade do conhecimento que o Vermelho tinha de tudo que se movesse na Havana clandestina. Em certo sentido, pensou Conde, sou cínico e egoísta.

– Se Deus existe, tomara que o ouça...

– Como você é interesseiro, seu sacana... E o que anda fazendo agora, Conde?

– Agora estou procurando quem matou um travesti... Mas não é assim tão fácil como você pensa. Parece que o travesti era um místico, lia a Bíblia, e na noite em que o mataram tinha se vestido como o personagem de uma peça de teatro. Mas o melhor da história é que lhe meteram duas moedas de um peso no cu.

Candito olhou o chão, enquanto escrutinava sua memória.

– Está esquisito, isso – Candito admitiu. – Isso sim é uma novidade nesse ambiente. Mas significa alguma coisa, Conde. Vai ver que o estavam pagando por algo... Bem, e quer que eu o ajude, não é?

– Não, agora não. O que eu vim fazer foi te avisar de que você tem que largar a birosca – disse afinal, e acendeu outro cigarro.

– Deu algum rolo?

– Parece que sim, mas não me pergunte, porque não sei bem qual é o problema e, além disso, não posso dizer. Apenas ouça o que eu digo e largue a birosca.

Candito passou a mão na cabeça, como se precisasse tirar alguma coisa que se alojara entre seus agressivos cabelos vermelhos.

– Tudo bem, Conde, você sabe por que está me dizendo isso... Que pena, né? Eu estava faturando uns pesos...

– E o mulato do outro dia? O da briga?

Agora Candito sorriu, mas parecia aborrecido e triste.

– Disse que vinha falar comigo para que eu o deixasse entrar e mijar...

– Não lhe disse? Mas vocês estão loucos.

– Não, Conde, não estamos loucos. Você sabe da sua vida e eu sei da minha.... Esse cara é um cobrador.

– Como, um cobrador?

– Você ouviu. As pessoas o alugam para que cobre por elas: ele tanto cobra dinheiro emprestado como faz qualquer tipo de serviço: uma chifrada no marido, uma caguetagem, qualquer coisa que uma pessoa quiser cobrar de outra. E o cara é profissional no assunto.

Conde balançou a cabeça, negando-se a crer, mesmo sabendo que vindo de Candito devia ser verdade.

– Mas e se o cara queria mesmo mijar?

– Nesta casa ninguém pode entrar para mijar. Isso todo mundo sabe, portanto é conversa fiada desse sujeito. E, se era verdade que queria mijar, então se deu mal, coitado, mas quem não podia se dar mal era eu. Ou você. Ou Carlos.

Conde tornou a balançar a cabeça, negando algo que não era capaz de negar com palavras.

- Sem a menor dúvida era por minha causa.
- Diz ele que não, mas isso nunca se sabe...
- Quem nunca sabe sou eu, Vermelho. Você sabe que estou me sentindo como se fosse carta fora do baralho? É uma coisa estranhíssima, mas cada vez entendo menos. Ou tudo está mudando muito depressa, ou estou ficando imbecil. Não sei, não sei, mas minha cabeça está uma zona... Me dê mais café, ande – pediu então, e acendeu outro cigarro. – Deixe eu lhe dizer uma coisa, Vermelho. Depois que você largar a birosca, dê sumiço em tudo e trate de ficar uma semana na praia, ou na lua, como você diz... Mas, se alguém vier vê-lo por causa de algum problema, a primeira coisa que tem a fazer é me ligar e que me procurem onde quer que eu esteja enfiado. Porque, se você entrar numa fria, eu também vou me queimar... De qualquer maneira, vá amanhã à igreja e peça a Deus, da minha parte também, que nos dê uma mão, se é que pode.
- Que sujeitinho você me saiu, Conde!
- Olhe, e falando nisso, já que vai fechar o negócio, por que não me dá uma cervejinha para espantar o calor, hein?

Conde olhou-se no espelho: de frente, diretamente nos olhos, observou o ângulo esquivo de seu perfil e, quando terminou o exame, teve de aceitar: é verdade, tenho cara de policial. E que vou fazer com essa cara de policial se me tiram da polícia? Provisoriamente, não vou fazer a barba hoje, pensou, e foi então que resolveu ligar para Alberto Marqués e aceitar seu convite. Às nove? Tudo bem. No Prado com a Malecón... E cuidado com os tiros de canhão da fortaleza, príncipe...

Agora, às nove e quinze, Conde já estivera três vezes em cada uma das duas esquinas e da reta formadas pelo cruzamento do Paseo del Prado com a avenida del Malecón, pois cometera o erro de não especificar com o Marqués o lugar exato do encontro. O pior era que o tempo todo sentira suas mãos ficando úmidas, assim como costumava acontecer quando esperava uma mulher para um primeiro encontro. Isso é veadagem minha, acusara-se, mas nem a consciência de carregar esse fardo terrível suavizou a transpiração que não contava sequer com a justificativa do calor: a essa hora, vinha do mar uma brisa leve mas suficiente, que refrescava esse lugar antiquíssimo da cidade e arrastava

com suas lufadas intermitentes certas mulheres cheirando a porto, brotadas, como borboletas turvas, de alguma flor de ciclo lunar e convocadas talvez pela penumbra recém-inaugurada e sempre favorável a seu ofício de trevas. Conde compreendia que sua ansiedade se devia à incerteza: aonde iriam?, que coisas Alberto Marqués lhe proporia ver (ou fazer)? Embora pudesse garantir que o velho dramaturgo não tentaria lhe dar uma boa cantada, Conde sentira um rubor tangível e ponderou, antes de sair de casa, que, se tinha cara de policial e se até o investigavam por ser policial, esta noite devia levar sua pistola de policial, cujo peso frio segurou entre as mãos por um minuto antes de se convencer de que os riscos nesta noite não seriam defendidos com chumbo, preferindo assim abandonar a arma na profundidade de sua gaveta. Pensando na pistola, pensou de novo em seu amigo, o capitão Jesús Contreras, o terrível Gordo, e na notícia que Manolo lhe dera. Puta que pariu, disse para si mesmo, observando a planície escura do mar, inabordável, como a felicidade ou o medo, e nesse momento ouviu a voz.

– Não pense tanto, senhor policial tenente Mario Conde. Desculpe o atraso.

E o viu: era ele mesmo, mas também era outro, Como se de certo modo houvesse se fantasiado para um carnaval extemporâneo. Uma cabeleira loura, curta mas bem fornida, agora cobria o original desgrenhado de sua cabeça, dando-lhe um aspecto de caricatura viva que ele tentava remediar com constantes arrumações do capacete capilar. Enquanto isso, a cara empoada com esmero e abundância tinha a palidez amarelada de uma máscara japonesa. Usava uma camisa rosa, parecendo uma bata aberta no pescoço, que boiava sobre seu delgado esqueleto sombrio, uma calça preta, muito justa contra suas coxas magras, e sandálias sem meias que deixavam ver a impudicícia de seus dedos gordos, com aquelas unhas como garras agressivas. Conde então compreendeu: mais que um erro, ele cometera uma loucura. Por isso olhou para as três esquinas das duas avenidas, procurando possíveis perseguidores, pois, se o estavam vigiando, como dizia Manolo, iam expulsá-lo não por corrupto ou incapaz, mas por imbecil. Tentou imaginar, da calçada do outro lado da rua, que imagem ofereciam ele e Alberto Marqués e se horrorizou com o que viu.

– Bem, pegue a bússola – disse enfim, disposto a enfrentar seu destino.

– Vamos subir por Prado, pois embora muita gente não acredite o sul também existe.

– Você manda – Conde aceitou, e cruzaram a avenida del Malecón, afastando-se do mar.

Atrás dos passos do Marqués, o policial seguiu seu caminho pelo velho calçadão flanqueado por alguns falsos loureiros, cada vez mais maltratados, e pelas filas que engordavam e se alongavam em cada parada de ônibus. Os postes sobreviventes iluminavam o chão sujo desse lugar que, pela primeira vez, Conde começou a imaginar como um bulevar.

– Sabe que este passeio é uma réplica tropical das Ramblas de Barcelona? Os dois terminam no mar, têm quase os mesmos edifícios nos lados, embora em certa época os pássaros engaiolados vendidos em Barcelona tenham sido aqui bichos livres e silvestres. O último encanto que este lugar perdeu foram os *totis* que vinham dormir nas árvores. Lembra-se disso? Eu gostava de ver de tarde como os *totis* voavam por toda a cidade, formando bandos cada vez maiores à medida que se aproximavam do Prado. Nunca soube por que esses pássaros negros escolheram estas árvores em pleno centro de Havana para dormir toda noite. Era algo mágico vê-los voar como rajadas escuras, não é mesmo? E foi um ato de necromancia o desaparecimento deles. Onde estarão agora os pobres *totis*? Uma vez ouvi dizer que foram embora por culpa dos pardais, mas o fato é que não sobrou nenhum por aqui. Foram embora voluntariamente ou foram expulsos?

– Não sei, mas posso perguntar.

– Pois pergunte, porque qualquer dia se fica sabendo que também desapareceram os leões de bronze... Dá pena esse lugar, não é mesmo?... Mas veja que ainda tem algo mágico, como um espírito poético invencível, não é? Olhe, embora as ruínas ao redor sejam cada vez mais extensas e a imundície pretenda engolir tudo, esta cidade ainda tem alma, senhor Conde, e não são muitas as cidades do mundo que podem se vangloriar de ter a alma assim, à flor da pele... Diz meu amigo, o poeta Eligio Riego, que por isso aqui nasce tanta poesia, embora eu diga que este é um país que não a merece: é demasiado leve e amante do sol...

Conde concordou, sem responder. Queria fugir desse rumo metafísico da conversa e trazê-la para níveis de realidade concreta.

– Afinal, o que vamos fazer?

– Bem – o Marqués retificou o equilíbrio de sua peruca loura e disse: – Você não queria ver de perto os hábitos noturnos dos *gays* havaneses?

– Não sei... Queria ter uma ideia do ambiente...

O Marqués olhou para a amurada, depois de passar diante de um grupo de jovens que os estudaram com óbvia insolência.

– Pois já começou a ver alguma coisa... E o que quer ver e saber não é muito agradável, vou lhe avisando. É sórdido, alarmante, descarnado e quase sempre trágico, porque é resultado da solidão, da repressão eterna, do deboche, da agressão, do desprezo e até da monocultura e do subdesenvolvimento. Está me entendendo, não está?

– Estou, mas quero ver – Conde insistiu, tapando o nariz da consciência para se dispor a saltar naquele poço escuro e sem fundo dos sexos invertidos.

– Pois vamos passear um pouco e depois vamos a uma festinha na casa de Alquímio, um amiguinho meu... Ali vai ter gente que conhecia Alexis, embora eu tenha feito minhas investigações detetivescas e fizesse mais de uma semana que ele não ia lá. Sabe, acho que estou gostando de ser um pouco policial...

Despojando-se de sua peruca, como se fosse o adereço de um plebeu, o Marqués anunciou: Este é um nobre, como eu, embora seja apenas Conde. Sente-se aí, senhor Conde, e quase o empurrou para que o policial caísse de bunda numa almofada jogada no chão, enquanto seu guia material e espiritual deixava-se envolver por um abraço múltiplo, de beijos úmidos nas faces, risos ansiosos e galantes que o dramaturgo recebia com a avareza insaciável de um deus pagão acostumado ao culto. Na sala do casarão, com amplas varandas abertas para os mistérios da noite e um teto altíssimo e repleto de sanefas, anjos cegos de poeira fossilizada e cornucópias paridas de frutos saídos da terra, havia cerca de trinta pessoas, todas dedicadas naquele instante a oferecer o tributo que parecia merecer a presença de Alberto Marqués, junto a quem se formara um coro havanês, sem a menor dúvida dedicado a escutar certos pormenores da morte vermelha de Alexis Arayán. Meu Deus, que horror, exclamou uma moça que ficara na periferia e cujas coxas, de sua posição favoravelmente inferior – era o único sentado –, Conde olhava gulosamente até dois

milímetros antes do nascimento de uma bundinha de pardal sem ninho. Sua fome sexual de dois meses de dieta manual sentiu o impacto alarmante desse cheiro de comida, racionada mas fresca, distante mas possível.

Mais de dez minutos durou a louvação que a presença do Marqués provocara, até que aos poucos os corifeus foram desertando para recuperar almofadas, e o dramaturgo pegou pela mão seu interlocutor mais próximo e o levou à frente de Conde, fazendo-lhe um sinal para que não se levantasse.

– Alquímio – disse, e o policial soube que era o anfitrião da festa –, este é meu amigo, Conde... É escritor, lamentavelmente heterossexual e também conheceu Alexis...

– Muito prazer – disse Alquímio, e estendeu-lhe a mão suave que escorregou pela umidade incontrolável da mão de Conde. – Se é amigo do Marqués, também é meu amigo, e tudo o que há nesta casa é seu. Até eu... Bem, o que quer tomar?

– Dê-lhe rum, filho – interveio Marqués.– Dizem que é um macho crioulo... – Sorriu, na hora em que já dava meia-volta e se atirava num canto onde parecia esperá-lo um rapaz com cara de peixe fresco.

– Já lhe trago o rum, Conde. Quer em taça ou em copo? – perguntou Alquímio, e Conde deu de ombros: em tais casos só importava o conteúdo, não o continente. Então o risonho anfitrião também foi embora, mas na direção em que devia ficar a cozinha. Enquanto isso, alguém havia posto música, Conde escutou a voz de Maria Bethânia e presumiu que devia ser uma convidada habitual no ambiente. Da solidão metafísica e objetiva de sua almofada pôde dedicar-se a observar algo da festa: havia mais homens que mulheres e apesar da música ninguém dançava, pois se dedicavam a conversar em grupos ou em pares, sempre de fácil troca de composição ou lugar, como se o movimento perpétuo fosse parte de um ritual. Como se houvessem sido picados na bunda e não pudessem ficar quietos, concluiu Conde. Durante sua viagem visual, o policial surpreendeu vários olhares gulosos dirigidos a ele e enviados por bichinhas da vertente lânguida, que pareciam lamentar sua imaculada heterossexualidade já proclamada publicamente pelo Marqués. Conde surpreendeu a si mesmo ao pegar um cigarro com certo estilo Bogart, como para aumentar sua cotação nesse mercado rosa: sentia-se desejado, com toda a ambiguidade da situação, e se deliciou com essa atração fatal. Estarei

virando bicha?, começou a duvidar, quando diante de seus olhos apareceu uma taça, verde, mas felizmente cheia de rum.

Bundinha de Pardal sorriu ao entregar-lhe a bebida e, cruzando as pernas ainda de pé, caiu sentada em posição de ioga na almofada que misteriosamente aparecera na frente de Conde.

– Quer dizer que você é *um* heterossexual? – perguntou-lhe, examinando-o como a um bicho raro e em vias de extinção.

– Ninguém é perfeito – Conde citou, e deu um gole demorado que sentiu circular de sua boca para seu estômago e do estômago para o sangue, como uma necessária transfusão sanguínea desinibidora.

– Eu sou Poly, sobrinha de Alquimio – ela disse, penteando com os dedos a franjinha que caía em sua testa.

– E eu Conde, embora não de Monte Cristo.

Poly sorriu. Devia ter pouco mais de vinte anos e vestia um *baby-doll* violeta roubado de algum filme dos anos sessenta. No pescoço usava um camafeu preso com uma fita também violeta (de que filme seria?) e, embora não fosse linda nem cheia de encantos carnavais visíveis, entrava na categoria de objeto comível de primeiro grau, de acordo com a desvalorizada exigência erótica de Conde.

– O que você escreve?

– Eu? Bem, contos.

– Que interessante. E você é pós-moderno?

Conde olhou a moça, surpreso com aquela disjuntiva estética inesperada: devia ser pós-moderno?

– Mais ou menos – disse, confiando na pós-modernidade e em que ela não lhe perguntasse quanto mais e quanto menos.

– Eu gosto de pintar, sabe?, e sou louca pelo pós-modernismo.

– Aham – disse Conde, e terminou o rum.

– Meu Deus, que horror, como você bebe... Dê o copo, vou trazer mais.

De seu canto o Marqués lhe deu um tchauzinho com a mão. Continuava ali, ao lado de seu peixe exposto no balcão, e parecia feliz da vida à sombra da cabeleira loura que voltara à sua testa mal guarnecida.

– Tome – disse Poly, e agora a taça estava cheia até a borda.

– Obrigado. E você, é *uma* heterossexual?

Ela sorriu de novo. Também tinha dentes de pardal, pequeninos e afiados.

– Quase sempre – admitiu, e Conde engoliu em seco. Será um travesti, com essa bundinha? – É que se uma pessoa quer conhecer todas as suas possibilidades, todas as capacidades de seu corpo, deve ter uma relação homossexual. O Marqués não lhe disse isso?

– Não. Ele sabe que sou da linha machista-stalinista.

– Você que sabe... Mas lhe falta algo muito importante na vida.

– Até agora tenho me virado bem assim, não se preocupe. Escute aqui, você conhecia Alexis?

Ela acariciou o camafeu e suspirou:

– Foi um horror o que fizeram com ele. Pobre rapaz. Não se metia com ninguém, não é mesmo?... Porque tem aqueles que são mais agressivos, que são atrevidos com os homens, desses que vão aos banheiros para olhar essas coisas. Mas ele não. Eu sou meio pintora, já lhe disse, não disse?, e por isso gostava muito de conversar com ele, quando vinha ver meu tio. Conhecia pintura às pampas, sobretudo pintura italiana... E falando com ele pensava que seu problema era que se apaixonava de verdade e que não resistia a mudar de parceiro a toda hora.

– Porque eles mudam muito, não é?

– É, quase ninguém tem uma relação assim, de muito tempo, e era isso que ele queria. Tenho cá para mim que era mais mulher do que homem, mulher de cabeça, entende?

– Não, acho que não.

– Sabe, o que ele gostaria era de viver numa casa com um homem, que fosse seu marido, dele e de mais ninguém, e então ser como a mulher desse homem. Agora você entende?

– Mais ou menos. O que não entendo é que andasse pela rua vestido de mulher, como se tivesse saído para procurar um homem.

– É, isso é estranhíssimo, porque ele era meio tímido. E, vou lhe contar, os travestis de verdade estão assustados porque dizem que pode ter começado um linchamento em cadeia. Mas deve ser histeria deles.

– Quer dizer que são histéricos?

– Os travestis? Muitíssimo. Pois querem ser mulheres e não há mulher que não seja histérica. Mas Alexis não, eu não acho que fosse histérico, embora

fosse um depressivo pra ninguém botar defeito...

– Poly – Conde atreveu-se –, sabe, é que eu queria escrever sobre este ambiente. Fale-me um pouco das pessoas que estão aqui hoje.

Ela tornou a sorrir, sempre que podia sorria, e fez cara de ingênua.

– Você parece polícia.

Conde recorreu a todo o seu poder de recuperação:

– E você parece um pardal pós-moderno.

Agora foi uma risada, entrecortada e lenta, que levou a cabeça de Poly a descansar sobre um joelho de Conde. Não, claro que não é um travesti, tentou se convencer.

– Meu Deus, que horror, aqui tem de tudo – ela disse, olhando nos olhos do policial, como se se tratasse de uma confissão.

E Conde soube que naquela sala de Havana Velha havia, como primeira evidência, homens e mulheres, diferenciáveis além do mais por serem: militantes do sexo livre, da nostalgia e de partidos vermelhos, verdes e amarelos; ex-dramaturgos sem obra e com obra, escritores com *ex libris* nunca impressos; veados de todas as categorias e filiações: bichas-loucas – de plumas e paetês e da tendência pervertida –, mariquinhas sem sorte, caçadores especialistas em presas de alto coturno, fanchões independentes, desses que dão o cu em domicílio e prestam serviço até nas zonas rurais, se lhes derem transporte, almas desconsoladas sem consolo e almas desconsoladas em busca de consolo, bolinadores classe A-1 com o buraco costurado por medo da aids e até aprendizes recém-matriculados na Escola Superior Pedagógica da homossexualidade, cujo chefe docente era exatamente o tio Alquímio; vencedores de concursos de balé, nacionais e internacionais; profetas do fim dos tempos, da história e dos cupons de racionamento; niilistas convertidos ao marxismo e marxistas convertidos em merda; ressentidos de todas as espécies: sexuais, políticos, econômicos, psicológicos, sociais, culturais, esportivos e eletrônicos; praticantes do zen-budismo, do catolicismo, da bruxaria, do vodu, do islamismo, da macumba e um mórmon e dois judeus; um jogador de beisebol do time Industriales que rebate e arremessa com as duas mãos; admiradores de Pablo Milanés e inimigos de Silvio Rodríguez; especialistas iguais a oráculos que sabiam tanto quem ia ser o próximo Prêmio Nobel de Literatura como as intenções secretas de Gorbachev, o último mancebo

adotado como sobrinho pelo Personagem Famoso das Alturas ou o preço da libra de café em Baracoa; solicitantes de vistos temporários e definitivos; sonhadores e sonhadoras; hiper-realistas, abstratos e ex-realistas socialistas que abjuraram seu passado estético; um latinista; repatriados e patriotas; expulsos de todos os lugares dos quais alguém é expulsável; um cego que enxergava; desenganados e enganadores, oportunistas e filósofos, feministas e otimistas; lezamianos – em franca maioria –, virgilianos, carpenterianos, martianos e um fã de Antón Arrufat; cubanos e estrangeiros; cantores de boleros; criadores de cães de combate; alcoólatras, psiquiatras, reumáticos e dogmáticos; doleiros; fumantes e não fumantes; e um heterossexual machista-stalinista.

– Esse sou eu... E travestis? Não há travestis? – perguntou, cravando no peito dela seu olhar de caçador de vampiros.

– Olhe, ao lado da porta da varanda: essa é Victoria embora goste de ser chamada de Viki, mas na verdade se chama Victor Romillo. É linda, não é? E aquela, a morena que parece a Annia Linares: de dia se chama Esteban e de noite Estrella, quando canta boleros.

– Diga uma coisa: aqui tem umas trinta pessoas... Como pode haver tantas coisas como você me disse?

Poly sorriu, inevitavelmente.

– É que praticam o multiofício e fazem trabalho voluntário... Ha, ha... Olhe, olhe, aquele ao lado de Estrella se chama Wilfredito Insula e é umas dez das coisas de que lhe falei. Meu Deus, que horror, e você vai escrever sobre isso?

– Não sei, pode ser que sim. Mas o que mais me interessa são os travestis.

– Então tem que ir um dia a uma festa na casa de Ofelia Belén Pacheco, uma bicha velha que vive perto da Virgen del Camino, porque ali se fazem festas de travestis, com *show* e tudo. Bem, é ali que Estrella canta boleros e que uma chamada La Zarzamora faz um *striptease* de morrer de rir.

– O Marqués não me falou disso.

– Claro que não: Ofelia Belén Pacheco e o Marqués são inimigos jurados desde que Ofelia roubou um namorado do Marqués. Embora isso tenha sido quando as galinhas tinham dentes... Bem, pois ali acontecem festas fantásticas, com todos os travestis de Havana amigos de Ofelia. Às vezes tem uns trinta.

No amplo salão, sob o influxo da música aparentemente propícia de Barbra Streisand, vários casais de composição diversa tinham começado a dançar, e

Conde se fixou em Estrella, que também cantava boleros, cuja altura parecia incongruente em relação ao seu companheiro de dança, um negrinho de apenas um metro e sessenta, que Conde imaginou ter maiores proporções, por enquanto ocultas. Viki continuava em pé, perto da varanda, e Conde se espantou porque, se não soubesse, teria achado que se tratava de uma mulher, se não bonita, pelo menos apetitosa.

Respirava-se uma liberdade de gueto, pequena mas bem aproveitada, enquanto as mãos dos dançarinos eram pródigas em acariciar seus parceiros e se escutavam vozes em surdina que faziam eco à música. Um calafrio perigoso percorreu toda a estrutura do policial ao descobrir o casal que se beijava com absoluta falta de pudor: dois homens – segundo códigos jurídicos e biológicos –, de uns trinta anos, ambos de bigodes e cabelo muito preto, uniam os lábios para propiciar um tráfico de línguas e salivas que estremeceu Conde com a violência de uma repugnância agressiva que ele tentou vencer terminando de um só gole seu segundo copo de rum. Soube então que fora longe demais nessa viagem aos infernos e que precisava de outros ares para não morrer de asfixia e consternação. Ele, que era policial e se gabava de ter visto todas as barbaridades possíveis, agora sentia esse abalo doloroso, nascido do núcleo invariável de seus hormônios masculinos, incapacitados para resistir à negação mais alarmante da natureza. Olhou para Poly e tentou sorrir, enquanto girava sua taça verde, como para demonstrar que a evaporação estava fazendo estragos atmosféricos.

– Incluo você na lista dos alcoólatras?

– Ponha-me como aspirante ou como bebedor destacado... Escute, o Marqués me disse que fazia vários dias que Alexis não aparecia aqui.

– É, fazia um tempo que eu não o via.

– E quando viu ele lhe falou se estava apaixonado por alguém?

Poly olhou para cima, como se procurasse a resposta na parte visível de sua testa coberta pela franjinha lisa.

– Acho que não. Acho que ainda estava com um pintor, mas não me lembro como se chamava, um que fazia umas coisas cortadas.

– Salvador K.

– Puxa, como você sabe coisas! Jura que não é policial?

– Juro que não, garota... E o que lhe disse Alexis?

– Nada, que estava cheio de tudo e que, se brigasse com esse Salvador, não ia ficar com mais ninguém. E depois foi embora porque ia à missa na catedral.

Conde pensou que com certeza Alexis Arayán levava sua Bíblia, na qual talvez faltasse o trecho da Transfiguração.

– Por que você ficou tão calado? – Poly perguntou, apertando uma perna sua. – Quer outro rum?

– Não seria mal. Gosto de beber ao seu lado.

E ela sorriu, pondo em evidência toda a sua manha.

– Quer beber na minha casa? Eu moro aqui pertinho.

– Você não é travesti?

– Descubra por si próprio.

– Andando a gente se aquece – disse Conde, comparando Poly com um são-bernardo que chegasse no meio de uma tempestade de neve. Evitando mirar os bigodes beijantes, procurou o olhar do Marqués. Ele não estava na sala, nem seu amigo anfíbio. A conta de Poly, pensou enquanto se levantava, ficara incompleta.

Conde se deixou despir sem exigir a bebida prometida e alegrou-se ao ver que seu melhor amigo estava de guarda: apesar dos rebuliços vespertinos e das desconfianças de fraude sexual que ainda o atormentavam, o cheiro da bundinha de pardal o despertara. Então, tirou o *baby-doll* de Poly e não se espantou com suas tetinhas, de bicos maduros, explodindo de vontade de serem tocados e mordidos, até que examinou com cautela dentro da calcinha e não encontrou falsas castrações, mas um poço úmido e invertido no qual perdeu meia mão. Definitivamente alerta com a descoberta dessa jazida, seu companheiro de viagem se entusiasmou, esticou os braços, bocejou e estalou seus ossos intumescidos, para cair, como bala com rumo, dentro da boca de Poly, tão profunda como suas outras cavidades já exploradas.

Poly militava no clube das preciosistas: sem pressa mas sem pausas, empenhou-se na felação, pondo toda a sua mestria no ato de passar a língua em cada cantinho do pênis, chupá-lo depois, botá-lo de novo para fora e deixar que morresse de inveja enquanto ela se dedicava a esticar os testículos, com o auxílio de seus dentes de pardal. Foi Conde que teve de pedir uma trégua, alarmado com um iminente derramamento e desejoso de aprofundar seu

conhecimento do segundo orifício desse colosso, e empurrou Poly para a cama, disposto a crucificá-la, quando a mão da moça se interpôs no seu destino.

– Ai, mãe do céu, sempre tive vontade de trepar com um policial. Ande, debaixo do travesseiro tem preservativos – disse, e chupou as tetinhas de Conde enquanto ele encapuçava o amigo desesperado, incomodado com a demora da festa.

Penetrou-a como se sempre tivesse estado ali, percebendo que lhe faltava muito para encher aquela ranhura que não era de pardal, mas de baleia branca, Moby Dick inesperada, mas se satisfez com as manobras que lhe permitiram os menos de cinquenta quilos de Poly, Poly portátil, fácil de trazer e levar, na largura e no comprimento do polietileno que lhe vedava uma parte considerável dessa realidade, objetiva embora invisível. Conde se surpreendeu com sua própria energia, atribuível apenas à falta sistemática dessas práticas binárias. Entrava e saía como da casa da mãe Joana, aferrava-se num mamilo e depois esticava uma orelha para que a língua da moça a examinasse. A saliva corria como os rios da vida, transformando-os em serpentes marinhas escorregadias e malvadas. Entrou de novo, consciente de que a cortina já ia cair, quando Poly, pós-moderna, escapou dele, dando meia-volta na cama e pondo diante dos seus olhos o traseiro de pardal, avolumado pela pose favorável.

– Meta no cu – ela pediu, e não sorriu.

Conde olhou então seu sacrificado companheiro, mal vestido mas pronto para o combate, e agarrou-se à bundinha de Poly, para abrir melhor a entrada daquela porta de saída.

– Meu Deus, que horror! – ela disse quando ele perfurou o buraquinho. Então Conde se sentiu na medida certa para suas proporções, Poly polifônica, e se empenhou em seu labor enquanto ouvia o lamento inquieto da moça, que, entre meta e meta mais, foi se transformando em sorriso, em riso, em gargalhada e em grito que pedia arrebente o meu cu, arrebente, embora já não houvesse nada inteiro para arrebentar, a não ser insistir num vaivém que o homem tentou tornar interminável. Ai, Poly prostrada...

Mas tudo tem seu fim. Conde se surpreendeu com seu próprio uivo de macho potente e vitorioso, enquanto as gargalhadas de Poly baixavam para um riso, depois um sorriso, e terminavam num lamento:

– Meu Deus, que horror! – para acrescentar, com um juízo que Conde estimou ser por pleno conhecimento de causa: – Ai, *papi*, como você fode gostoso!

Ali estava o rosto. Quase podia vê-lo, se esticasse o braço até conseguiria tocá-lo, mas seus olhos e suas mãos deslizavam desfalecidos ao serem envolvidos por véus e redes viscosas que de repente desfaziam seus laços, deixavam-no escapar, aproximar-se do rosto, estar a ponto de tocá-lo, só para tornar a cobri-lo, afastá-lo, negar-lhe a revelação que se desfazia numa nuvem luminosa de calor, arrastada por um rio sujo, que afinal se desvanecia e o obrigava a acordar, sobre-excitado, ao primeiro toque do telefone, com a respiração agitada e o corpo úmido pelo suor tristíssimo da incerteza. Eu o conheço; claro que o conheço, dizia no trânsito revisionista do sonho para a realidade mais objetiva, enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Era o telefone, diáfano e brutal, como o sol que penetrava pelas janelas de seu quarto, impondo o calor já agressivo do novo dia.

– Puta que pariu – disse, enquanto rastejava até o aparelho, com os olhos feridos pelo esplendor. Ergueu o fone e perguntou: – Que horas são?

– Nove e dez, Conde, nove e dez – insistiu a voz do outro lado do fio, talvez do mundo.

– Porra, Manolo, não ouvi o despertador, ou não coloquei. Nem sei...

– A que horas você desabou?

– Lá pelas quatro.

– Nível alcoólico?

– Nada, dois copos.

– Ainda bem, porque tem mais confusão: Salvador K. não aparece desde ontem à tarde.

Finalmente Conde se sentiu acordado.

– Como assim?

– Greco e Crespo o seguiram. Ontem, lá pelas cinco, dizem que ele saiu andando, como se fosse para o estúdio, e entrou pelo corredor de uma casa que fica na 19 com a A. Esperaram-no por mais de uma hora e depois descobriram que o corredor ia dar numa garagem com saída para a 21. Evaporou-se. Não está em casa nem no estúdio.

– E falaram com a mulher?

– Falaram, mas só para perguntar por ele, e também disse que estava no estúdio.

Conde acendeu um cigarro, tentando vencer a última trincheira do sono, e então se lembrou.

– Escute, Manolo, eu estava sonhando uma coisa estranhíssima: via o assassino, mas não podia vê-lo... Sabe como é, essa coisa estranha dos sonhos: quando achava que ia vê-lo não o via, porque além disso tinha uma coisa assim como um disfarce... Puta que pariu, estou obcecado pelos travestis, pela transfiguração, pela alma no purgatório e toda essa merda.

– Não era Salvador?

– Não sei, não sei, mas, agora sim, estou convencido de que o conheço, não sei por que, mas estou convencido. Olhe, fale com a mulher de Salvador, aperte-a mas não exagere, e venha me buscar às... bem, quando terminar.

Conde desligou o telefone e observou ao redor: só havia traços de desastres mais ou menos antigos. Roupa no chão, uma guimba amassada, o peixe Rufino nadando em águas cada vez mais turvas. Tenho de limpar esta pocilga, pensou, mas esqueceu a exigência quando observou sua própria nudez, que o remeteu à aventura erótica da noite anterior. Meu Deus, que horror, ela diz que quase sempre é heterossexual, em que merda estou metido?, interrogou-se e sorriu enquanto se felicitava por ter café suficiente para mais duas manhãs.

Enquanto esperava, Conde agarrou o vendedor de jornais que passou pela calçada com seu precioso tesouro informativo debaixo do braço e, como não era seu freguês habitual, teve de lhe pagar em dobro – depois de pedir encarecidamente – para conseguir o diário. Ainda sem camisa, na entrada da casa, dedicou-se a cumprimentar os conhecidos que passavam enquanto ele deglutia as manchetes e pinçava textos para fazer um resumo das notícias, o

qual lhe deu algumas certezas. Segundo as páginas internacionais do jornal, o mundo parecia estar bem fodido, embora os países socialistas – apesar das dificuldades e das incessantes pressões externas – estivessem decididos a não abandonar o caminho ascendente e vitorioso da história. Por sua vez, as páginas nacionais demonstravam que a ilha não estava nada mal, salvo algum imprevisto, como o do acidente ferroviário que deixara vários mortos (e que, é óbvio, não estava planejado). Inclusive se criavam minhocas, o sacrossanto Came, o Conselho de Ajuda Mútua Econômica, prometia resolver os problemas da telefonia cubana e até choveria e haveria eclipse lunar dali a uma semana. Essa foi a notícia que mais o agradou: o eclipse seria no dia do aniversário do Magro. E quando Dulcita chegará? Além disso, o jornal dizia que esta tarde haveria um recital de poesia do famoso Eligio Riego, e ele resolveu que, como gostaria de falar com ele, ligaria para o major Rangel para que o pusesse em contato com seu amigo, o poeta...

Conde respirou até encher os pulmões, no momento em que um caminhão lançava seus gases indigestos. Mas sentiu que a leitura do jornal o fortalecera para enfrentar um novo dia de duro batente.

– E onde esse cara pode estar metido?

O carro ia andando, driblando os buracos do último bombardeio nuclear que aquele trecho da Calzada devia ter sofrido. Depois de apanhá-lo, o sargento Manuel Palacios havia lhe falado de sua conversa com a mulher de Salvador K.: ela insistia em que o marido saíra para o estúdio e, se não estava ali, não imaginava onde podia estar, e perguntava, bastante ansiosa, ao policial: dou queixa na polícia?

– Manolo, você acha que ela não sabe mesmo?

– Não sei, Conde, o psicólogo aqui é você. Não sei se queria nos enganar.

– E você lhe pediu uma foto do cara?

– Claro. Vamos espalhá-la?

Conde fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás.

– Vamos esperar um dia. Vai ver ele aparece sozinho e acaba-se o problema.

– Tomara, mas não confie. Se foi esse cara que fodeu com o veadinho, ele pode se evaporar, Conde. Pegar uma lancha para ir embora, sei lá...

– Vamos esperar mais um pouco – o tenente resolveu, quando o carro parou num sinal. Ao lado deles se colocara um ônibus e, de seu assento, Conde via o motorista da condução. Era um homem de uns cinquenta anos, e o policial descobriu que tinha cara de motorista de ônibus: olhava para a rua enquanto, aborrecido, batia no volante com a aliança que usava na mão esquerda. Mostrava esse tédio leve mas evidente que os anos conferem aos motoristas profissionais, e algo em seu rosto era capaz de advertir: esse homem não podia ser outra coisa na vida: era um motorista de ônibus, Conde determinou, e então viu a moça que lhe fazia sinais, pedindo por favor que abrisse a porta do ônibus. De sua altura olímpica, o motorista pareceu pensar muito e finalmente acatou o pedido, um segundo antes que a mulher se ajoelhasse para suplicar no meio da rua. Então ela sorriu, enquanto lhe agradecia e depositava sua moeda na caixinha, justo quando o sargento Manuel Palacios arrancou com o carro e deixaram o ônibus para trás.

– Escute, Manolo, entre em Luyanó, quero ver o Gordo Contreras.

– O Gordo? – o sargento Palacios perguntou como se não tivesse entendido, embora Conde soubesse que esse não era o sentido da pergunta. De repente a visão do motorista de ônibus com cara de motorista de ônibus lhe fizera sentir a fatalidade de certos destinos, já estabelecidos desde sempre, e de imediato ele recebeu como se fosse uma ordem a necessidade de falar com o capitão Jesús Contreras. Sobre o quê? Sobre qualquer coisa. Simplesmente precisava vê-lo.

– O que foi? Te disseram que era proibido falar com ele?

– Não, Conde, não encha o saco, você sabe que não é isso, é que... Lembre-se do que eu lhe disse ontem.

– Não encha o saco você, Manolo. Está com medo?

O sargento suspirou e virou à direita.

– Tudo bem – aceitou, enquanto balançava a cabeça, negando, para enfatizar seu desacordo. – Estou com medo, sim. Eu lhe disse ontem... E você, por que está fazendo isso? Para mostrar que é foda e não tem medo ou porque, ao contrário, tem medo?

A casa de Contreras ficava na esquina, uma quadra antes de se chegar à *calzada* de Luyanó. Era uma das construções velhas e típicas do bairro, com a porta dando direto na calçada e janelas altíssimas e gradeadas, cobertas da

fuligem perniciosa das indústrias das redondezas. Muito tempo atrás, quando nem sequer sonhava que um dia seria policial e conheceria o capitão Jesús Contreras, Conde já havia decidido que não gostava dessas casas achatadas nem desse bairro ferruginoso, demasiado monótono e tão cinzento, sem jardins nem portões, e desde sempre com poucas vidraças intactas.

– Fique no carro – disse a Manolo. Desceu e bateu na aldrava de ferro.

O Gordo Contreras abriu a porta e se iluminou com um sorriso que Conde temia como a morte.

– Olhe, olhe – disse o capitão –, olhe só quem está aqui. Entre.

E lhe estendeu a mão. Mas dessa vez Conde pensou que já era tempo de lutar pelos humildes e despossuídos da terra: o maior prazer do Gordo era apertar mãos, fossem amigas ou inimigas, com aquelas pás mecânicas de cinco dedos, capazes de levantar pesos de uma tonelada e fazer os joelhos do ingênuo cumprimentado se dobrarem com a dor da pressão devastadora em carpos, metacarpos, falanges, falanginhas e até em pobres falangetas...

– Que a sua mãe lhe dê a mão, seu gordo veado.

E foi a explosão. O segundo maior prazer do Gordo era rir, com essas gargalhadas retumbantes, de terremoto humano, que punham para dançar a papada, as tetas e a pança inabordável e sempre suarenta do capitão Jesús Contreras, chefe do Departamento de Evasão de Divisas da Central.

– Você é um filho da puta, Conde, por isso gosto de você. E já estou vendo que também gosta mesmo de mim. Sabe de uma coisa? – e riu de novo, como se fosse inevitável –, você é o primeiro filho da puta de policial que vem me ver...

E riu todo um minuto mais, convulsivamente, grosseiramente, suarentamente, enquanto Conde olhava para o teto, esperando ver a queda mortal dos primeiros pedaços do céu limpo.

É duro, Conde, duro, duríssimo, juro por minha mãe. Olhe, até pus pijama para cumprir o plano: se me põem no plano pijama, então obedeco e ponho o pijama, mas o que não vou fazer é pedir nada a ninguém. Nem ao major, nem aos investigadores, nem a ninguém, porque sou mais honesto que a Virgem Maria. E se cheiro a merda é porque trabalho na merda, tomo banho

na merda e vivo na merda, como qualquer policial que se respeite, e não vou permitir que ninguém me enlameie com outras merdas que não são minhas. Não são minhas, Conde. Não, não, espere. Você ainda não sabe da melhor: não me acusam de porra nenhuma, mas como há problemas com a evasão de divisas querem me implicar na história porque dizem que eu devia saber... Saber o quê? Saber o que faziam outros policiais que até ontem eram maravilhosos e agora estão na desgraça? O meu negócio era na rua, arrebatando com a vida de quem estivesse passando cantada em estrangeiro para conseguir dólar, e isso eu fiz bem, você mesmo sabe. Na rua não havia um dólar que se mexesse sem que eu soubesse, e se tinha informantes claro que lhes dava proteção, senão que diabo de gente iria me informar, não é? Agora, se havia contas em bancos do Panamá, e havia gente lá do alto metida em outros negócios com dólares, ou com cartões de crédito e toda essa história, eu não podia chegar lá, aí não havia negrinho de Havana Velha, branquinho comerciante do Vedado ou piranha de La Lisa que pudesse chegar. Essa história não é minha nem tem a ver comigo... Mas não se preocupe, Condesito, que eles não têm por onde me pegar. Tudo o que há nesta casa é meu, meu porque ganhei com meu trabalho ou porque alguém me deu de presente, e não tenho culpa se esse alguém agora está em desgraça, está entendendo? E você sabe que todo mundo a quem disseram meta a mão meteu a mão, ou é mentira? Agora dizem que o padrão de vida, que os privilégios indevidos, que isso, que aquilo, veja só. Mas o que querem? Monges tibetanos vestidos com um pedaço de pele de burro? Eu, o que eu sei é que não roubei um centavo, nem um. Bem, você me conhece, Conde, não é mesmo? Mas o mais duro é ver como pessoas que até dois dias atrás quase se ajoelhavam para que eu as ajudasse, e davam tudo para ser minhas amigas, e me levavam café à minha sala, e diziam que, ao meu lado, Serpico era um babaca, agora não querem nem ouvir falar de mim porque eu posso prejudicá-las, posso enlameá-las... O único que me ligou foi o major Rangel, para me perguntar se eu precisava de alguma coisa, e sabe o que eu disse a ele? Que me torram o saco e que ele não me ligasse mais se não fosse para me dizer que queriam se desculpar. Isso é a única coisa que aceito, Conde: desculpas, homenagens e medalhas... Não, não estou sendo exigente, mas a gente tem que ter seu orgulho, porque se não que diabo é que a gente tem? Hein, diga? E, como não tenho nada a esconder, estou com a moral mais alta

do que o Turquino, mais alta do que o Himalaia, porra... Mas é terrível, Conde. Só estou suspenso há um dia e me sinto pior do que um rabo quando lhe cortam o cachorro. Estou assim, no ar, sem saber em que merda eu vou pousar. São vinte anos de polícia, e o mais chato é que não sei fazer outra coisa e que além do mais gosto de ser tira. Agora o que é que eu vou fazer da minha vida, Conde? Me diga, o que eu vou fazer? E, agora que eu sou um leproso, vou lhe dizer uma coisa: pelo seu bem, não venha me ver de novo. Sou eu que não quero que você venha, porque você é meu amigo e já me demonstrou, por isso mesmo não quero foder com você, Conde. E você se cuide, que a maré não está para peixe e quando jogam merda no ventilador qualquer um se suja... Até um cara como você, que é homem e amigo, como se diz na rua... Me dê a mão, Conde, não seja fresco. Me dê, juro por minha mãe que não vou apertá-la... Assim... Te peguei, seu babaca... Ha, ha, ha... Isso é para que você nunca confie num policial, ha, ha, ha.

– Ande, vamos. Vamos. Vamos a qualquer lugar menos à Central – disse Conde, enquanto entrava no carro e jogava na calçada a guimba do cigarro.

– Agorinha mesmo ligaram de lá.

– Mas não tenho vontade de ir e não vou, Manolo – Conde o interrompeu e bateu no piso do carro, num gesto de evidente histeria. – O que estão fazendo com o Gordo é uma tremenda sacanagem... Como vão acusar um policial como ele? Não vou à Central, Manolo.

– Vai me deixar falar, Conde?... Ligaram porque Alberto Marqués anda à sua procura por causa de alguma coisa urgente. Foi isso.

Conde sentiu como a plenitude raivosa do sol de agosto penetrava pelo para-brisa e o golpeava no peito e no estômago. Ajeitou os óculos escuros.

– Ande, vamos vê-lo.

O sargento Manuel Palacios ligou o carro e olhou Conde. Já conhecia demais seu companheiro para tentar qualquer argumentação. Preferiu dirigir calado, até parar defronte do número 7 da rua Milagros, entre Delicias e Buenaventura.

– Também não quer que eu o acompanhe, não é mesmo? – disse, e Conde sentiu a acidez da interrogação final.

– Não, prefiro falar sozinho com ele. Acho que é melhor.

O sargento olhou para a frente; do chão soltavam-se nuvens de calor, como fantasmas dançantes em busca do céu prometido.

– Pois pegue o caso só para você e de quebra fique com o veado. E faça bom proveito. Se é que dando tantas voltas que nem cachorro com sarna você vai poder resolvê-lo... Olhe, Conde, sabe que eu gosto de você e sempre quis trabalhar contigo, mas você já não é o mesmo.

– Mas o que está acontecendo, Manolo?

– Está acontecendo tudo, Conde. Acontece que você manda os casos à merda, que parece que se envergonha de ser policial, que só faz o que lhe dá na telha... e que você pode se enganar.

Conde acendeu um cigarro antes de falar.

– Não seja cretino, Manolo, que não é nada disso... É que eu – e parou antes de completar uma justificativa que soaria falsa. Talvez o sargento tivesse razão e ele o colocasse de lado e até o excluísse de certas partes do caso, mas não havia mais jeito: o diálogo seria entre o Marqués e ele, e a presença do sargento poderia cortar a delicada comunicação com o dramaturgo. É como uma peça para dois atores, pensou, e disse: – Você tem razão em tudo o que está dizendo e lhe peço desculpas, mas fique aqui.

As buganvílias continuavam viçosas e petulantes sob um sol que parecia enfurecido com a proximidade do meio-dia, disposto a matar toda célula viva que caísse sob sua férula incendiária, salvo as daquelas buganvílias desafiadoras. Conde as observava com inveja, enquanto deixava cair a aldrava que nesse dia ele preferira à campainha com topografia de mamilo e que ele nunca escutava.

– Ahá, mas como esse policial é eficiente! – comentou o Marqués enquanto abria a porta. – Bastou ligar e ele já está aqui.

– Bom dia – disse Conde, apenas, enquanto procurava na penumbra a cadeira de braços que lhe fora designada naquele cenário. Quando pensou que estava ali por causa da morte obscura de Alexis Arayán, sentiu-se constrangido e desorientado e imaginou que talvez também fosse verdade que o caso deixara de interessá-lo e que para ser sincero só o movia uma curiosidade mórbida em se meter mais no mundo de Alberto Marqués, cheio de surpresas e trevas, como aquela sala.

– Divertiu-se bastante ontem?

– Sim, foi uma boa noite – Conde respondeu, sabendo o que devia enfrentar.

– Esperei-o na casa de Alquímio até duas da manhã, mas meu corpo doente não aguentava mais. Fazia muitíssimo tempo que eu não encarava uma noite dessas.

– Desculpe se o deixei esperando. E por que me ligou tão cedo? Para me repreender?

O Marqués ajeitou seu roupão entre as pernas antes de dizer:

– Deus me livre de repreender uma autoridade...

– Hoje você está bem afiado. Por que tem que ser sempre assim?

– Ai, desculpe, senhor Conde... Está chateado comigo? Liguei porque aconteceu uma coisa que provavelmente pode interessá-lo – e baixou a voz, dispondo-se à confidência. – Hoje de manhã María Antonia voltou a me telefonar.

– E agora, o que aconteceu?

– É muito estranho, estranhíssimo. Perguntou-me se Alexis tinha deixado aqui uma medalha que ele usava. É uma medalha pequena, de ouro, com uma circunferência dentro, na qual está gravada a figura do homem vitruviano de Leonardo. Ele a usava no pescoço quando vocês o encontraram?

Conde pôs para rodar o filme com a recordação do travesti morto no Bosque de Havana: examinou-o outra vez, com o dramático vestido vermelho, a faixa de seda no pescoço, o peito sem seios, e não viu a medalha.

– Não, acho que não estava usando.

– Pois eu também não consegui encontrá-la aqui. O negócio é que a mãe de Alexis comprou há vários anos duas medalhas iguais no museu de Vinci, a aldeia onde nasceu Leonardo. Uma para ela e outra para Alexis. A dela se perdeu pouco depois, e nunca a encontraram. E agora apareceu uma num cofrezinho que Alexis tinha em casa. Diz María Antonia que nunca a vira ali e agora não sabe se é a de Matilde que estava perdida ou a de Alexis.

– Mas Alexis continuava usando a dele?

– Continuava, sempre a usava. O que acha? Que foi Alexis que a roubou da mãe e a mantinha guardada ali ou que deixou a dele ali por algum motivo?

Conde não pôde evitar um sorriso ao pensar no enigma proposto pelo Marqués.

– Realmente, não pensei que gostasse tanto de brincar de detetive. Acusam-me de querer pegar o caso para mim e quem o está pegando é você.

– Ai, não diga isso. Eu seria incapaz de tirar alguma coisa de você, amigo policial.

Conde sorriu de novo e acendeu um cigarro. O Marqués estava conseguindo que ele se reconciliasse com o mundo.

– Não vai me oferecer um chá? Acho que estou precisando...

– Com muito prazer, amigo policial. E vou jogar bastante gelinho – disse o Marqués, indo numa corridinha até o fundo do cenário, enquanto o roupão de seda chinesa acariciava suas canelas finas.

Meu Deus, que horror, lembrou-se Conde, vendo essa figura grotesca que de repente se transformava no seu doutor Watson, chá na mão, sorriso satisfeito.

– Sabe de uma coisa, Marqués? Se Alexis pôs a própria medalha na caixa de joias, é como se estivesse dando um sinal de suicídio. Não? Para organizar tudo antes de partir. Mas não se suicidou. Talvez não tenham lhe dado tempo.

– Ou talvez tenha provocado a própria morte... Que é o que eu creio. Olhe o que encontrei em minhas estantes.

E estendeu a Conde um pedaço de papel-bíblia: ali estava a folha cortada do Evangelho de São Mateus, as páginas 989 e 990, que se iniciavam com o capítulo 17: “Sete dias depois, toma Jesus a Pedro, Santiago e seu irmão João e sobe com eles a um monte alto, sozinhos. E se transfigurou diante deles”. E, escritas na margem, com letra diminuta mas precisa, as palavras: “*Deus pai, por que o obrigas a tanto sacrifício?*”.

– Onde estava isto?

– Elementar, tenente Conde, estava onde devia estar: dentro do *Teatro completo* de Virgilio Piñera que tenho em minhas estantes. Olhe – e tocou na têmpera: – pura dedução.

– É, devia estar ali... Alexis não se travestiu por prazer. Ou estava louco, ou era um místico, como você diz, ou quis representar um ato de transfiguração com o qual não sei o que pretendia...

– Pretendia que o crucificassem, senhor amigo policial.

Conde olhou mais uma vez a folha da Bíblia, leu todo o capítulo e sentiu que ali estava escondida a verdade sobre a morte de Alexis Arayán, mas que essa

verdade tornava a lhe escapar, assim como o rosto entrevisto no sonho.

– É, talvez tenha razão. Mas por que fazê-lo dessa forma?

– Pois para mim está claro: porque tinha medo de se matar... Lembre-se de que Alexis era católico, e o catolicismo condena o suicídio, mas sua religião também sempre condenou a homossexualidade. Graças a ele aprendi a citação do Levítico que diz: “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”... Para um fiel não é fácil viver sabendo que seu Deus chamou Moisés para lhe dizer uma barbaridade dessas, não acha? Mas isso é só uma parte da Tragédia da Vida, como diz um velho amigo meu, que com certeza não tem nada de homossexual. Já faz tempo que ninguém expõe esse problema tão judaicamente, digamos assim, mas durante muitos séculos esse pecado chamado de *contra natura* condenou a vida dos homossexuais, tal como a ideia de que é uma doença... Pecado capital, aberração social, doença da mente e do corpo: não é fácil ser veado em nenhuma parte do mundo, meu amigo senhor policial, ouça o que eu digo. Mas digo mais: gente que entende do assunto comentou comigo que, dos dez milhões de cubanos que vivem nesta república socialista, entre uns cinco e seis por cento são homossexuais. Claro, claro, contando nossas camaradas lésbicas. Faça a conta, faça a conta: se são cinco milhões de homens, e três por cento, digamos, são homossexuais, isso dá cento e cinquenta mil, ou seja, quase um quinto de milhão de compatriotas. Suficiente para formar um exército... E quer que lhe diga mais ainda? Essa cifra não me convence, porque há muitíssima gente incapaz de confessar que é homossexual, o que tem lógica, pelo que lhe disse antes e pela longa história nacional de homofobia que vivemos entre as quatro paredes desta ilha desde que chegaram os espanhóis e que acharam porco e bárbaro o que faziam nossos indiozinhos sodomitas quando se banhavam em mansos riachos com um charuto na boca e uma iúca na mão... A experiência da vida histórica pode acrescentar outros conflitos ao drama, meu amigo policial: não esqueça que nos anos sessenta houve aqui mesmo algo que se chamou Umap, as famosas Unidades Militares de Apoio à Produção, onde confinavam, entre outros seres daninhos, os homossexuais, para que se tornassem homens cortando cana e colhendo café, e que, depois de 1971, ditou-se um decreto, de novo aqui mesmo, para que os policiais como você, os promotores e os juízes o

cumprissem, e no qual se legislava sobre o “homossexualismo ostensivo e outros comportamentos socialmente condenáveis”... E você é tão ingênuo que ainda pergunta por que um homossexual chega a pensar no suicídio?

Em Paris, na primavera, não se costuma pensar em suicídio. Pelo menos, eu não. Sentia-me tão livre e tão inteligente que não podia imaginar que toda essa liberdade, essa inteligência, essa primavera reveladora me levariam depois a sofrer tanto e a presenciar meu último ato dramático... O Fortão me dizia que eu estava irreconhecível, que nunca me vira assim, tão otimista e tão feliz, enquanto íamos no táxi para a casa de Sartre e Simone, que haviam nos convidado para jantar naquela noite e a quem eu ia convidar formalmente para virem a Cuba na estreia de minha nova versão de *Electra Garrigó*. Nessa noite, porém, o destino decretara que uma decisão minha seria o possível princípio de tudo. Comentei com o Fortão que talvez fosse melhor não levar o Outro Rapaz, pois temia que fizesse uma de suas barbaridades, que podiam ir desde embriagar-se e vomitar numa almofada até querer dar um beijo em Jean-Paul por não ter aceitado o Nobel... E o Fortão me disse que pensava a mesma coisa, que o Outro era muito bom para *travestis* e lugares públicos sem maiores consequências, mas não tão bom para a casa de Simone... Foi um jantar delicioso, em que nem sequer faltaram velas: bebemos vinho de Bordeaux, comemos pratinhos de queijos franceses combinados com os melhores queijos italianos e uma carne ao molho de cogumelos que embriagava cada uma das papilas da boca e da memória afetiva, incapaz de evocar outro sabor igual a esse. E o sorvete holandês de sobremesa... Toda a noite falamos de meu projeto, comentei com eles como imaginava o cenário e os figurinos e, sobretudo, a gestualidade que queria impor aos atores, maquiando-os como máscaras gregas mas com caras muito havanasas, de brancos, mulatos e negros havaneses, tentando fazer com que a máscara os mostrasse e não os ocultasse, que os revelasse interiormente e não escondesse essa espiritualidade trágica e ao mesmo tempo burlesca que eu queria buscar como essência de uma cubanidade da qual Virgilio Piñera posava de profeta máximo, pois, para ele, se alguma coisa nos diferenciava do resto do mundo era possuímos essa sabedoria crioula de que nada é verdadeiramente doloroso ou totalmente prazenteiro. Minha

ideia, explicava-lhes então, seria fazer uma estilização extrema dos velhos bufos havaneses do século XIX e do vernáculo crioulo do teatro Alhambra, mas assumidos como uma vontade trágica e filosófica, até deixar apenas sua essência artística, pois afinal de contas esse foi o grande teatro da idiosincrasia cubana... Comentava que por isso também devia me apoiar muito na palavra, e não pretender, como o pobre Artaud, uma linguagem cênica só amparada em sinais ou gestos ativos e dinâmicos, porque um dos traços mais visíveis da cubanidade é nossa incontível propensão para não fechar a boca. Por outro lado, como Artaud, eu queria demonstrar que, se o teatro não é um jogo e sim uma realidade verdadeira, mais verdadeira do que a própria realidade, eu devia resolver o problema que sempre significa restituir ao teatro essa posição, para fazer de cada espetáculo uma espécie de acontecimento capaz de provocar a perplexidade, despertar a inteligência e ultrapassar sempre o estado fácil da recreação digestiva, como ele dizia... E a máscara facial devia ser algo essencial no propósito revelador dessa máscara moral com que viveu muita gente em algum momento de sua existência: homossexuais que aparentam não sê-lo, ressentidos que sorriem dos tempos adversos, *brujeiros* com manuais de marxismo debaixo do braço, oportunistas ferozes vestidos de mansos cordeiros, ideólogos apáticos com um utilíssimo passaporte no bolso: enfim, o carnaval mais variegado num país que muitas vezes teve de renunciar a seus carnavais... O que eu queria, pura e simplesmente, era dar projeção poética transcendente, fora de um tempo concreto, mas num espaço preciso, a uma tragédia que o autor concebera como uma disjuntiva familiar: ficar ou partir, acatar ou desobedecer, ou o mesmo de sempre, desde Édipo e Hamlet: ser ou não ser... No final da noite contei a eles como os travestis de Paris haviam me dado a chave última desse transformismo espectral que magnificava a aspiração suprema da representação, na qual o ator morre sob o traje do personagem e o mascaramento deixa de ser um ato passageiro e carnavalesco para se transformar em outra vida, mais verdadeira por ser mais desejada, conscientemente escolhida, e não assumida como simples ocultação conjuntural... Então Sartre, com os olhos de águia que sempre teve, se transformou em meu oráculo: Não é complexo demais o que você propõe?, começou perguntando, para me dizer que tivesse cuidado com as revelações, pois sempre propõem diversas leituras, e essa diversidade podia ser perigosa

para mim, tal como o fatalismo essencial que eu queria representar por intermédio de uma Electra cubana do século XX: já ouvira certos burocratas insulares dizerem que a arte em Cuba devia ser outra coisa, e essa outra coisa não se parecia com a minha *Electra Garrigó* e sua disjuntiva de ser ou não ser... Mas estava escrito que eu não ia ouvi-lo: minha decisão era irrevogável, e assim Plimpton contou na entrevista que fez comigo e publicou na *Paris Review*.

Voltamos e, nessa noite, para prosseguir a embriaguez intelectual e física em que eu vivia naquela primavera em Paris, o Fortão e eu fizemos amor pela primeira e também única vez, depois de quase vinte anos de amizade, enquanto seu toca-discos fazia girar lânguidas valsas de Strauss. Tudo era possível, tudo era permitido, tudo era meu, pensava na manhã seguinte enquanto bebia na cama o café turco que o Fortão fizera e ouvimos alguém batendo à porta. Lembro-me de que me lembrei que não havia me lembrado do Outro Rapaz, excluído por nós, e pensei então que era ele, voltando depois de sua orgia perpétua, mas o Fortão me disse que o Outro tinha a chave e, assim, abriu a porta e ali estava, hierático e volumoso, o inesperado funcionário da embaixada com a notícia que nos atirou de sua gorda e petulante estatura de diplomata imaculado: o Outro Rapaz estava preso numa delegacia de Montmartre por escândalo público, agressão e conduta imprópria, e a embaixada não podia arcar com a fiança nem com a representação jurídica desse problema pessoal...

Mais uma vez tivemos de ligar para Sartre, que por sorte não havia saído de casa, e fomos com ele à delegacia, um lugar horrível onde não havia ninguém parecido com Maigret e onde não entrava nem um sopro fugaz da primavera que envolvia o resto da cidade: ali a harmonia tinha seu cárcere e talvez sua guilhotina. Mas antes Jean-Paul dera uns telefonemas e, quando chegamos, o entregaram ao Outro Rapaz, envolto em lágrimas e mucos e com a camisa rasgada, e decidiu-se que não haveria julgamento nem fiança, pois tudo tinha sido uma briga um pouco exaltada entre homossexuais de procedência nacional duvidosa: o Outro e um travesti albanês sem documentos por quem – garantia, jurava, gritava – ele se apaixonara. Mas o mal maior estava feito: o Outro teve de apresentar-se nessa tarde à embaixada e lhe disseram que ia voltar para Cuba no avião que saía na manhã seguinte. Nessa noite o Fortão e eu conversamos muito com ele, que chorava, desconsolado por seu amor perdido, assustado por seu futuro de escritor representativo que também parecia perdido, e nos pedia

perdão, sofrendo antecipadamente o castigo que o aguardava em Havana, onde devia apresentar-se dois dias depois na direção do Conselho Nacional de Cultura que financiara sua viagem a Paris, justamente a Paris, justamente naquela primavera em que sonhei que tudo era possível, que tudo era meu, que o teatro era eu.

– Quer falar você?

– Ah, agora você quer que seja eu a falar... Como preferir, Mario Conde...

– Quer ou não quer? – perguntou Conde, em tom de discussão encerrada, e o sargento Manuel Palacios meneou a cabeça dizendo que sim: esse sacana é policial demais para dizer não, pensou o tenente, e abriu o portão de grade que levava à mansão dos Arayán. No jardim, uma estrela giratória lançava tênues cortinas de água sobre o tapete de grama recém-cortada, do qual se levantava um aroma que sempre comovia Conde: o perfume da terra úmida e da relva aparada, um cheiro telúrico e simples que inevitavelmente remetia à imagem de seu avô Rufino Conde, com um charuto agônico mas bem mordido entre os dentes, borrifando água na camada de serragem da rinha dos galos, enquanto de um rádio saíam modinhas da roça cantadas por poetas camponeses cubanos. Conde desejou, no instante em que tocava a campainha da casa onde Alexis Arayán vivera, estar de novo atrás do tablado circular que delimitava a rinha, bem perto do avozinho Rufino, como naqueles dias em que o mundo inteiro só dependia das esporas de um galo e da habilidade de um criador de galos para que seu animal brigasse com certa vantagem. Nunca jogue se estiver em desvantagem, seu avô lhe ensinara, presenteando-lhe numa frase toda a filosofia de uma vida.

– Boa tarde – disse María Antonia quando abriu a porta.

Os policiais a cumprimentaram e Conde disse que desejavam falar com ela e com os pais de Alexis.

– Por quê? – perguntou a mulher, que acendera seu pisca-alerta.

– Por causa da medalha...

– Mas é que... – ela começou, e ao pisca-alerta juntaram-se as sirenes: perigo iminente, Conde observou.

– Eles não sabem que você a encontrou?

A negra negou com a cabeça.

– Mas têm que saber... Essa medalha pode nos dizer muita coisa sobre a morte de Alexis.

Ela balançou de novo a cabeça, agora para afirmar, e com a mão fez um gesto para que entrassem.

– Quem está em casa é a senhora Matilde.

– E o companheiro Faustino?

– Está no Ministério das Relações Exteriores. Na segunda-feira devia ir para Genebra, mas a patroa continua muito nervosa... – ela informou, e Conde e Manolo viram como María Antonia, a dos pés alados, saía em seu voo rasante para dentro da casa, depois de indicar-lhes as poltronas de couro da antessala.

– Vamos dar um bom aperto nela, Conde.

– Não se preocupe, que essa negra sabe mais que você e eu...

Matilde tinha o aspecto de uma velha muito doente. Em três dias, desde que Conde lhe comunicara a morte de seu filho, a mulher parecia ter vivido vinte anos devastadores, dedicados dia após dia a ofuscar os traços de vitalidade que pudesse ter conservado. Ela os cumprimentou, com voz sonolenta, e ocupou outra poltrona, enquanto María Antonia permanecia de pé, como exigia seu personagem de empregada submissa. Conde pensou mais uma vez que estava no meio de uma representação teatral muito parecida com uma realidade pré-fabricada e na qual cada um tinha designados seu papel e seu lugar. O *grande teatro do mundo*, que disparate. A Tragédia da Vida, mais disparate ainda. *A vida é sonho?*

– Bem, Matilde – Manolo começou, e era evidente que para ele a conversa era difícil –, soubemos por María Antonia algo que pode ser importante para nosso trabalho, embora talvez não signifique nada... Entende?

Matilde apenas mexeu a cabeça. Claro que não podia entender, pensou Conde, mas resolveu esperar. Manuel Palacios tinha o instinto do cachorro que sempre termina reencontrando a pista certa. Então o sargento lhe contou a descoberta de María Antonia e acrescentou sua conclusão:

– Se essa medalha é a sua e Alexis a escondeu ali, não há problema. Mas, se é a de seu filho, acreditamos que isso pode esclarecer algumas coisas...

– Quais, por exemplo? – perguntou a mulher, que parecia despertar após um sonho invernal.

– Bem, tudo é uma suposição, mas, se ele pôs ali a própria medalha, talvez tenha sido porque pensava em se suicidar e não queria que ela se perdesse... Embora exista outra possibilidade, talvez menos factível: alguém a pôs ali...

– Quando?

– Talvez depois da morte de Alexis – disse Manuel Palacios, e Conde o olhou. Puta que pariu, pensou então o tenente, surpreendido com essa estranha possibilidade que ele não havia contemplado. O assassino podia ter escondido ali a medalha? Não, claro que não, Conde tentou pensar, embora soubesse que podia. Mas por quê?

– Como é essa história, Toña? – perguntou então Matilde, sem sequer se virar para a negra. María Antonia, de seu lugar dramático, contou a descoberta, naquela manhã muito cedo, e seu telefonema para Alberto Marqués. Matilde se virou para observá-la e disse enfim:

– Traga-me a medalha, por favor.

Com seus passos deslizantes, María Antonia perdeu-se no interior da casa, enquanto Matilde olhava os dois policiais.

– Não eram exatamente iguais. Eu diferenciava a minha da de Alexis. O homem da minha tinha uma saliência debaixo do braço esquerdo – disse, e voltou a um silêncio que foi se enchendo de ansiedade ao longo dos minutos que María Antonia demorou para voltar.

– Dê-me aqui – Matilde pediu então; aproximou os olhos da figura brilhante presa na circunferência e disse:

– Esta é a de Alexis – e não havia vestígio de dúvida em sua voz.

– Ainda bem – soltou o sargento Manuel Palacios, traído pela intensidade de seus desejos, e Conde se apressou em penetrar na brecha de vitalidade que Matilde demonstrara.

– Também queremos lhe perguntar se tem certeza de que esta é a letra de Alexis. – E mostrou-lhe a folha bíblica.

A mulher esticou o braço mecanicamente para os óculos que estavam sobre a mesa de centro, e María Antonia se adiantou para pô-los em sua mão.

– É, acho que é. Olhe você, María Antonia.

– É a dele – disse a criada, sem necessidade de óculos e com a mesma segurança que Conde já supunha que teria na arte de identificar os autores das

mais famosas Madonas italianas... O tenente observou o cinzeiro limpo e dessa vez se conteve. Falou, olhando para as duas mulheres.

– Senhora, a medalha, esta folha arrancada por Alexis e escrita por ele e o vestido que usava naquela noite são coisas muito estranhas. Algum dia Alexis falou de suicídio em sua presença?

O senhor não pode imaginar o que uma mãe sente quando descobre que seu filho é homossexual... É como pensar que foi tudo em vão, que a vida se interrompe, que é uma armadilha, mas aí a gente começa a pensar que não, que é algo passageiro e tudo voltará ao normal, e o filho com quem sonhamos, casado e com seus próprios filhos, vai ser um homem igual aos outros, e então começamos a olhar para todos os homens, desejando trocá-los por nosso filho, esse filho que dizemos que ainda está em tempo de ser o que se quis que ele fosse. Mas a ilusão durou muito pouco, Alexis nunca iria mudar, e mais de uma vez eu até desejei que morresse antes de vê-lo transformado num homossexual, apontado, execrado, diminuído... Sei que se existe Deus no céu eu não tenho perdão. E por isso falo agora com tanta tranquilidade. Além do mais, depois me acostumei com o inevitável e assumi que acima de tudo ele era meu filho. Mas seu pai, não. Faustino não ia admitir isso nunca, e transformou sua desilusão em desprezo por Alexis. Então preferiu viver mais tempo fora de Cuba e deixá-lo aqui, com María Antonia e minha mãe. E isso foi muito duro para Alexis: imagine só o que é se sentir diferente e desprezado na escola, na rua e até em casa, e que seu próprio pai o rechace e o negue! Um dia, na saída de um teatro, Faustino e eu estávamos conversando com uns amigos nossos, e Alexis saiu, acompanhado de um rapaz como ele, de uns treze anos, e Faustino virou a cara, para demonstrar que não queria cumprimentá-lo. Foi cruel demais. Tudo isso foi criando um sentimento de culpa em Alexis, e o pior é que eu insisti em curá-lo, como se fosse possível curar sua inclinação pelos homens. Levei-o a vários psiquiatras e, agora, sei que foi um erro. Tudo isso o fazia sentir-se mais infeliz, mais desprezado, mais diferente, não sei, como se fosse o leproso da família. Foi então que começou a ir à igreja, e parece que ali ninguém o humilhou, e também começou a conversar com Alberto Marqués, quando esse homem estava trabalhando na Biblioteca de Marianao, e sua vida

foi se fazendo por esses caminhos, longe de mim, de sua família... Ultimamente era um desconhecido para mim. Desde que teve a última discussão com o pai, e Faustino o botou para fora de casa, vinha aqui só uma vez por semana, para falar com a avó e María Antonia, e às vezes conversava comigo, mas nunca me deixou entrar em seu mundo. Meu filho já não era meu filho, entende agora? E nisso eu tive muita culpa. Ajudei para que fosse uma pessoa triste, sem amor, e para que começasse a dizer que talvez tudo fosse melhor se ele nunca tivesse nascido ou inclusive se se matasse: disse-me exatamente isso, um dia. É o que o senhor quer saber? Pois me disse... E, agora, o senhor se espantaria muito se eu lhe dissesse que também estou desejando morrer? Se lhe dissesse que a morte de Alexis também foi executada com estas duas mãos? Diga-me, o senhor conhece castigo pior que esse?

– Porra, parece que vai chover, ainda bem. Vamos em frente; você não quer ser o grande policial? Me diga, agora o que é que temos?

– Bem, Conde...

– Primeiro sabemos que a medalha é de Alexis, e isso cria duas possibilidades: que ele a tenha posto ali ou que alguém a tenha posto ali, que então tem que ser o assassino. Vejamos, quem poderia enfiá-la ali?

– Não foi María Antonia, porque não teria telefonado, nem Matilde, porque era a única que podia diferenciar as duas medalhas.

– Faustino?

– Não, Conde, dá um tempo. É o pai dele. Eles tinham seus problemas, mas você está prejudgando o homem. Me dê um cigarro, ande.

– Então temos de aceitar que o assassino é um estranho que entrou na casa para pôr a medalha ali.

– Bem, deve ser, não é? No dia do velório e do enterro a casa ficou vazia.

– Dá um tempo você, Manolo. Para que alguém faria isso?

– Bem, para despistar. Me dê logo o cigarro.

– Tome... Mas o assassino não sabia que as medalhas eram diferentes nem tampouco devia saber que havia duas medalhas, não é?

– É verdade, pode ser que não soubesse. Mas, se não foi Alexis que a pôs ali, então, aí sim, ele sabia.

– E onde fica a sua teoria de que o assassino não jogou o cadáver no rio porque ninguém iria saber que era Alexis?

– É, isso não se encaixa bem... Vejamos. E se Alexis, que sabia que elas eram diferentes, contou isso a Salvador ou a outro amante seu?... Ainda bem que está chovendo, vamos ver se o calor diminui um pouco. Olhe, entraram na casa nestes dias o jardineiro, que esteve lá ontem; o técnico do fogão a gás, na quinta-feira; o médico de Matilde, três vezes desde a morte de Alexis; cinco, sete, oito pessoas da família de Matilde e Faustino antes e depois do enterro; os dois veadinhos amigos de Alexis, Jorge Arcos e Abilio Arango, não é?... Vejamos, são pelo menos treze pessoas.

– Gente demais. Que belo temporal, hein?...

– É. Se bem que o médico teve mais oportunidades do que os outros, não acha?

– Claro, esteve um dia com Matilde até ela dormir. Mas por que Salvador K. se escondeu?

– É mesmo, até agora parece ser ele o dono do bilhete sorteado, não é?

– Conde, o técnico do fogão era novo. Não seria Salvador?

– Dá um tempo, Manolo, não seja tão chato. Imagine todos os acasos necessários para que Salvador ficasse sabendo que precisava consertar esse fogão e substituísse o técnico, guardasse a medalha e, para completar, consertasse bem o aparelho.

– Conde, você viu acasos piores... De toda maneira, se está fugindo é porque fez alguma cagada.

– Está na cara. E temos a folha da Bíblia anotada por Alexis e escondida no livro de Piñera... “*Deus Pai, por que o obrigas a tanto sacrifício?*”... O que acha disso?

– Aí, sim, estou perdido.

– Dá um tempo, Manolo, é muito fácil: Alexis sofre e se solidariza com alguém que sofre, não é?

– É, muito bonito, mas me diga uma coisa: por que enfiou a folha nesse livro?

– Porque já pensava em se vestir com o traje de Electra... Queria montar sua própria tragédia. Parece uma bela veadagem, não acha?

– Se você, que entende do assunto, está dizendo... E as moedas? Já esqueceu?

– Claro que não, mas sobre isso não tenho a menor ideia. E você, gênio?

- O que eu lhe disse: estavam pagando-o por alguma coisa.
- Mas me diga que coisa... Porra, seria uma delação?
- Ah, sei lá. Olhe, e o que você acha de María Antonia?
- Toña, a Negra, a dos pés ligeiros... Não sei o que pensar, mas sei o seguinte: essa negra sabe muitíssimo mais do que aparenta. Por que você acha que ela ligou para o Marquês e contou essa trapalhada das medalhas?
- Para que nós ficássemos sabendo.
- Isso é o que eu penso. Então é porque sabe alguma coisa que...
- Vamos intimá-la para ir à Central?
- Dá um tempo, Manolo, você quer resolver tudo metendo a faca no peito das pessoas. Se fosse tão fácil ela teria ligado para nós. Parece que vai chover a tarde toda, não é?
- É, olhe como está o céu lá pelo seu bairro... Bem, e o que fazemos enquanto Salvador não aparece e nos diz que foi embora de casa porque não aguentava mais a mulher?
- Que fazemos? Pois pensar, o que mais podemos fazer? Pensar como a dupla de pensadores que somos... Me deixe em casa, ande.

Quis acreditar que a chuva que limpava os vidros também limpava sua mente e o ajudava a pensar. Por isso pensava pondo à sua frente a imagem escorregadia e velada que se apresentou em seu sonho, e tentando fazer com que seu exercício mental fosse capaz de arrancar a máscara atrás da qual se escondia a verdade. Sempre a verdade. Sempre escondida ou transfigurada, a verdade desgraçada: umas vezes atrás de palavras, outras atrás de atitudes e às vezes até mesmo atrás de toda uma vida fingida e redesenhada só para esconder ou transfigurar a verdade. Mas agora sabia que estava ali e lhe faltava uma ideia, uma luz como a de um refletor capaz de acender sua mente e fazer com que dela pulasse essa verdade filha da puta. A verdade, disse então para si mesmo, pensando e pensando, é que eu gostaria de rever Poly Bundinha de Pardal, meu Deus, que horror, lembrou-se, e embora tenha sentido vontade de se masturbar negou-se terminantemente a essa solução individualista e autossuficiente, agora que aquela bundinha era verdadeira e comível, não esta noite, mas no domingo, ela aceitara, pois no sábado vou ao balé, sabe?, e se parasse de chover

ele aproveitaria para ir ao recital de poesia de Eligio Riego e talvez pudesse falar com o declamador, e pensou também que devia fazer muito tempo que não via o Magro e que precisava lhe contar seu contato imediato de primeiro grau com aquela louquinha que lhe arrancara todo o sêmen armazenado em seu corpo, enquanto dizia: Meu Deus, que horror!, como se tudo fosse um erro. Como estaria agora Dulcita, depois de tantos anos vivendo em Miami? Talvez tivesse engordado, ficado com cara de dona de casa e se vestisse com aquelas roupas brilhosas que usavam todos que vinham de Miami, ou talvez não, e ainda tivesse as pernas bonitas que ele tentava observar até as últimas consequências – as nádegas que sabia serem duríssimas, o Magro lhe dissera – quando seu amigo não estava olhando. Se continuava linda, perfeita, simpática, era justo que visse assim o pobre Carlos? Se se pudesse fazer tudo de novo e o Magro fosse de novo magro! Se Deus existia, em que porra estaria metido no dia em que feriram o Magro, justamente o Magro?... Quem? Salvador? O médico? E Faustino? O técnico do fogão? Ou talvez alguma das outras dez pessoas que estiveram na casa? E por que nunca pensou que o Marqués tivesse algo a ver com tudo isso? Um cobrador alugado pelo dramaturgo? Não invente, Conde, pensou. Quase pôde vê-lo, porra, ele estava bem ali, depois de comer os dois peixes fritos e um pedaço de pão e de ter feito mais café, sem pensar que se não comprasse mais já na segunda-feira não teria café, porque tudo era melhor com o ar fresco trazido pela chuva que não tinha intenção de parar. O Gordo Contreras estaria pensando enquanto olhava a chuva? Pobre Gordo, se pudesse consultá-lo sobre o caso seguramente me diria algo que poderia me ajudar. Esse sacana, sim, é um bom policial. Agora, sem o Gordo e sem o velho capitão Jorrín, cuja morte Conde ainda lamentava, o ofício de policial ia ficar mais difícil. A quem consultar sobre suas incertezas? E onde teriam enfiado Maruchi? Que teria acontecido depois entre o Marqués e o Outro Rapaz de nome impronunciável, deportado para Havana por ser tão veado? Precisava que o Marqués lhe contasse o final dessa aventura que a cada capítulo se tornava mais pessoal e menos travestida. Será que finalmente lhe diria quem era o Outro Rapaz e se de fato o arrebetara no dia em que ele urinou em sua casa? O que precisava saber, pensou enquanto via a água correr pelos vidros, bebia um pouco mais de café, acendia outro cigarro e olhava o relógio calculando que lhe sobrara tempo para digerir esta noite alguns poemas de Eligio Riego, o

que precisava saber era o fim da história de Alexis Arayán, tão mascarado e tão morto no mato sujo do Bosque de Havana, perseguindo uma morte que não se atreveu a executar com as próprias mãos, falso justicador divino atravessando seu Calvário sem fama nem céu, sacrifício construído na sua medida de homossexual pecador, tragicamente envolto nos mantos de uma Electra havanesa. Como você fode gostoso, *papi*...! Era verdade? Nunca haviam lhe dito, pelo menos nunca haviam lhe dito assim. E quanto do que o Marqués dizia era verdade? No mundo, só o Magro dizia a verdade, e ele mesmo nem sempre dizia a verdade ao seu amigo. Faustino Arayán diria a verdade? E a negra María Antonia? E seria verdade que ele, Mario Conde, estaria se tornando amigo de Alberto Marqués, tão aveadado e teatral? A verdade podia ser aquele motorista de ônibus com cara de motorista de ônibus que ele vira de manhã, batendo no volante com a aliança enquanto resolvia se abria ou não a porta para a moça que lhe suplicava dando pulinhos na frente do ônibus. Que poderia acontecer depois entre essas duas pessoas que não se conheciam e talvez nunca tivessem se conhecido se a luz vermelha não parasse o ônibus nesse exato momento? Seria esse o acaso coincidente? A chuva continuava caindo, rolava branda pelos vidros como as ideias pela mente de Conde, que então olhou suas mãos e pensou, depois de tanto pensar, que ali e no rio que tudo arrastava estava a única verdade.

Levantou-se e puxou a caixa da máquina de escrever que estava debaixo da cama. Abriu-a e observou a fita, meio manchada de mofo e preguiça. Levou a máquina para a cozinha, pousou-a em cima da mesa e foi buscar umas folhas de papel. Sentia que vira um travesti e que a luz da revelação chegara à sua mente, assustada de tanto pensar. Pôs a primeira lauda no rolo e escreveu: “Enquanto esperava, José Antonio Morales acompanhou com a vista o voo extravagante daquela pomba”. Precisava de um título: mas depois o procuraria, pensou, porque sentia na ponta dos dedos a urgência de uma revelação. Afundou os dedos no teclado e continuou: “Observou como a ave tomava altura...”.

Foi um ato de magia perfeitamente realizado: a chuva parou, o vento arrastou as nuvens para outros despenhadeiros e o sol incendiário das sete da

tarde voltou para se encarregar de puxar a cortina do dia. Mas o cheiro de chuva parecia instalado para o resto da noite na pele da cidade, vencendo o bafo de gás, o amoníaco da urina seca, o cheiro ambíguo das pizzarias abarrotadas e até o perfume da mulher que caminhava na frente de Conde, talvez para o mesmo destino que ele. Tomara.

Transbordando de euforia com as oito laudas datilografadas que levava no bolso traseiro da calça, Conde esqueceu sua pressa em chegar ao recital e se dedicou, pelos jardins devastados do Capitólio, a fazer um exaustivo exame visual enquanto acompanhava o passo prodigioso daquela mulher não menos prodigiosa para a qual confluíam todos os benefícios de um entrecruzamento brutal: o cabelo louro longuíssimo, lambido de tão liso, caindo sobre as nádegas cavalgáveis de negra forra, a bunda de perfil estritamente africano, cuja redondez de musculatura bem trançada descia por duas coxas compactas até os tornozelos de animal selvagem. O rosto – para maior espanto de Conde – não desmerecia a retaguarda invencível: lábios de fruta-do-conde madura dominavam a circunferência graças à brevidade dos olhos asiáticos, puxados, definitivamente malvados, com os quais, na altura do teatro onde terminaria a perseguição e o exame óptico, ela olhou um instante para Conde com arrogância oriental e o desqualificou sem direito a apelação. A safada sabe que é bonita e se aproveita. É tão bonita que eu a mataria, disse Conde, deleitado em poder citar a si mesmo, enquanto atacava as escadas luxuosas por onde em outros tempos subira e descera dos salões mais exclusivos do país todo o dinheiro da cidade, envolto em quimonos de seda, ternos de algodão grosso e até peles de raposa ou de arminho, impensáveis nesta cidade tórrida onde, porém, qualquer coisa era pensável.

No segundo andar do edifício encontrou o salão de conferências e enfiou o nariz: pelo visto a leitura de poemas terminara e o poeta, atrás da imensidão aflitiva de uma mesa onde repousavam seus papéis, seus óculos e um copo d'água pela metade, conversava agora com os fiéis assistentes de sua convocação lírica. Eligio Riego andava por volta dos setenta anos e sua voz, preguiçosa e fraca, tinha um ritmo desacelerado que não era velhice nem esgotamento: era poesia.

De sua distância furtiva Conde o observou com curiosidade sentimental: sabia que, para muitos, aquele homem de ar doméstico e *guayabera* coberta

com a poeira do esquecimento era um dos poetas mais importantes gerados pela ilha e que, em sua passagem pela poesia, além da passagem pelo tempo, legara uma percepção única deste país estranho e desproporcional onde moravam. Essa grandeza poética, para muitos imperceptível, oculta atrás de um físico que nunca ninguém teria perseguido com admiração pelas ruas de Havana, tinha porém um valor essencial e permanente pela capacidade invejável de sua força, feita só da magia essencial das palavras.

Agora, enquanto chupava seu cachimbo enegrecido com ansiedade de fumante com enfisema, Eligio Riego deixava correr seus olhos miúdos sobre o auditório e se permitia um sorriso, antes de continuar:

– Nós, os católicos, somos demasiado sérios com as coisas divinas. Falta-nos a alegria primitiva e vital dos gregos, dos iorubás ou dos hindus, que dialogam com seus deuses e os sentam à sua mesa. Sempre achei injusto, por exemplo, ignorar o humor que existe nas Sagradas Escrituras, desprezar esse riso sagrado que Deus nos deu e nos comunicou, e até esquecer que o primeiro grande milagre de Jesus foi transformar a água em vinho... Claríssimo sinal divino.

– E os demônios, Eligio? – perguntou-lhe alguém bem-informado da primeira fila. – Olhe, meu jovem, a existência dos demônios atesta a existência de Deus, e vice-versa. Eles se necessitam mutuamente como se necessita o Bem para que exista o Mal. E por isso o demônio também está em toda parte: no Inferno e na Terra, aqui dentro e lá fora. Além disso, se nos ativermos à tradição talmúdica, os anjos apareceram no segundo dia da criação. Portanto, Lúcifer, o mais bonito de todos os anjos, existe desde essa data tão remota, não é mesmo? Logo se produz sua queda, a de Lúcifer e seu bando dissidente, e pelo que ouvi dizer desde então o demônio se caracteriza pelo fato de que uma em cada três vezes pisca de baixo para cima, não pode andar para trás nem sabe assoar o nariz; não dorme nunca e é impaciente, ambicioso e não produz sombra; seu prato favorito são as moscas, mas come outras coisas, sempre muito condimentadas, embora tenha aversão ao sal... Mas o que mais me interessa dos demônios, claro, é sua comprovada capacidade artística: diz-se que o maligno é um excelente músico e que seus instrumentos preferidos são os de corda. Sempre me lembro como um exemplo o padre Juan de Horozco y Covarrubias, que em seu *Tratado de la verdadera y falsa profecía*, publicado em

Segóvia em 1588, garantiu que tinha provas dessa vocação artística do demônio. Em seu livro o padre conta ter visto como Lúcifer, possuindo o corpo de uma camponesinha de poucas luzes, compôs lindos versos profanos e, como se diz agora, os musicou, para cantá-los acompanhado por uma viola que, com os braços e mãos da mulher, tocava como “o mais destro do mundo”... Agora, meu jovem, mais que os demônios do Inferno me interessam os demônios da Terra, os homens demoníacos, como Max Beerbohm, o romancista inglês que escreveu *Zuleika Dobson*, a apaixonante história da moça mais linda do planeta, causadora de estragos amorosos capazes de provocar o suicídio maciço de todos os estudantes de Oxford, apaixonados por seus diabólicos encantos e, segundo se depreende das últimas páginas do romance, também amada pelos de Cambridge, para onde se dirigia. É uma das histórias mais demoníacas que já li – assegurava Eligio, com os olhos apertadinhos, quando Conde resolveu garantir a tranquilidade de sua próxima conversa com o poeta e saiu para reservar uma mesa no café El Louvre. Tem rum envelhecido? Tem, e também *carta oro*. Não, dois envelhecidos duplos, sem gelo. Não, volto já, prepare-me a mesa, falou ao garçom e saiu em busca de Eligio Riego que, cachimbo na mão, conversava na saída do salão de conferências com uma jovem que parecia se derreter sob o calor de suas palavras. Será o próprio demônio? Não tenho outro jeito senão interrompê-lo, meu velho, pensou Conde, e o abordou:

– Desculpe, mestre... eu sou amigo de seu amigo Rangel.

Meu jovem, é fabulosa essa história do travesti morto com o traje de Electra Garrigó. E também meio demoníaca, não acha?, como quase tudo o que tem a ver com Alberto Marqués, que é mais terrível do que o próprio Max Beerbohm... Olhe, meu jovem, ele e eu nos conhecemos e somos amigos desde os anos quarenta, quando nos reuníamos para fazer os números da revista, muitas vezes na casa do Gordo, e sempre pensei que por sorte havia ali um sujeito como ele, que debochava de tudo e destruía o ambiente de solenidade poética que o Gordo impunha. Para nós a poesia era algo perfeitamente sério, transcendente, telúrico, como se diz agora, e para ele sempre foi um meio de exibir engenho, brilhantismo, talento. Porque Alberto é um dos homens mais

inteligentes que conheci, embora eu sempre o tenha criticado porque é capaz de sacrificar tudo por uma boa piada, por uma caçada erótica, como ele diz, ou por uma de suas maldades, demoníacas, claro. Sua ruptura nos anos cinquenta com o Gordo e todo o grupo da revista foi uma de suas maldades mais estrondosas, mas na época eu o entendi: precisava ser ele mesmo e brilhar a sós. Sempre foi assim, um francoatirador numa busca incansável, por isso lamentei o excesso cometido contra ele, quando o afastaram de tudo, justamente porque queriam castigar sua irreverência e sua rebeldia artística. Foi imensamente triste, meu jovem, e os dez anos que levaram para tentar reparar esse erro foram tempo demais para ele. Mas o mais extraordinário do caráter dramático de Alberto aflorou nesses anos difíceis: exibiu uma dignidade simplesmente invejável e deixou de escrever e de pensar no teatro, o que foi o mais espantoso em alguém como ele, que vivia no palco do mundo... Ele ainda não lhe disse que é um exibicionista?... Portanto, tenha cuidado. Alberto é um ator nato, um dos melhores atores que já vi, e gosta de inventar suas comédias e tragédias particulares. Exagera no que é ou dá a entender o que não é, para que na verdade nunca se saiba o que é... Diz que é seu modo de se defender. Talvez esse caráter dele seja a razão de nossa amizade crescer melhor a distância: preferimos nos respeitar a nos envolver. Creio que você pode me entender. Não, não. Comigo, não, comigo a história foi outra: sempre fui católico, embora não seja um místico como o seu travesti e muito menos um beato, nada disso: como vê, bebo rum em quantidades consideráveis, fumo meus cachimbos e nunca pude me negar à contemplação às vezes desesperada da beleza de uma moça em flor, porque estou convencido de que não há outra beleza terrena que supere esse calor que brota da juventude. Em suma, somos filhos do tempo e do amor, e nem a poesia vai nos salvar disso. De outras coisas talvez, mas, do tempo que toca a cada um, disso não. Por isso acho que a vida deve ser desfrutada nos limites da própria vida, sempre e quando esse desfrute não cause prejuízos ao próximo, não é mesmo? Mas em certa época estimou-se que a visão que nós, os escritores católicos, tínhamos do mundo e da vida não era apropriada, que nossa fidelidade estava ofuscada por fidelidades espirituais irrenunciáveis e, portanto, não éramos confiáveis, além de sermos retrógrados e filosoficamente idealistas, não é? E nos afastaram discretamente. Não, nada comparável aos casos de Alberto e outras pessoas. Confundi-se o

compromisso social com a individualidade mental e então o extremismo nos pôs em sua lista de objetivos a alcançar: éramos ideologicamente impuros e, para alguns, prejudiciais e até reacionários, quando já parecia demonstrada a preponderância da matéria, como se diz por aí. Alguém com mentalidade moscovita pensou que a uniformidade era possível neste país tão quente e heterodoxo onde nunca houve nada puro, e então se desencadeou uma histeria contra a literatura que deixou vários cadáveres pelo caminho e vários feridos que andam por aí cheios de cicatrizes... Mas minha saída de cena foi voluntária: eu não podia renunciar a algo em que sempre acreditara (um querido costume, diria Alberto) e tampouco confundir o circunstancial com o essencial. Em qualquer caso eu teria me traído se tivesse me deixado vencer pelo passageiro ou, mais ainda, se tivesse aparentado uma mudança, como muita gente fez... Por isso acatei o silêncio, mas não deixei de escrever. O Marqués é diferente, como você já sabe se falou algumas vezes com ele: seu sacrifício extremo tem algo, e eu diria muito, de tragédia teatral. Mas, repito, não se deixe confundir pelo que diz e tente enxergar a verdade no que ele fez: resistiu a todas as injúrias, mas ficou aqui, embora fosse apenas, como diz, para ver a sorte final dos infames que o hostilizaram... É que ele pretende, pelo menos, a reivindicação da vingança, embora seja incapaz de transformá-la em atos físicos ou ofensas públicas. Olhe, meu jovem, também lhe aconselharia que, se possível, não se deixe confundir por todas essas aventuras desagradáveis e pelas histórias que escutou sobre qualquer um de nós: os escritores e artistas não são tão diabólicos como às vezes se crê ou se faz crer. Nunca lhe falaram das infâmias e trapaças que ocorrem entre os empregados de um banco, ou entre os operários de uma fábrica de inocentes compotas, ou entre os sossegados membros de uma missão diplomática? Entre vocês, policiais, não acontecem coisas assim? O que quero lhe dizer é que não temos a exclusividade da intriga, do oportunismo e da ambição. Como em todos os lugares, o Bem e o Mal estão misturados entre os homens e mesmo dentro de cada homem. Meu jovem: que mais posso lhe dizer, além de agradecer-lhe esse rum envelhecido que ninguém classificaria de demoníaco e com o qual aquecemos nossa conversa neste lugar em que tão bem se está?... Talvez você, por algum defeito profissional, tenha se confundido de pessoa e buscasse em mim outra opinião, mas professo duas fidelidades inalteráveis em minha vida: a amizade e

a poesia. Enquanto viver escreverei poesia, pouco importa se é publicada ou não, se vence jogos florais ou não, se me reconhecem por causa dela ou não. E a amizade é um compromisso voluntário que se faz e, ao fazê-lo, deve-se cumprir: embora não pensemos igual sobre muitas coisas, Alberto Marqués é meu amigo, e quando alguém, como você ou qualquer outro, me pergunta por ele, a primeira coisa que esclareço é que ele é meu amigo, e acho que com isso disse tudo. Não acha, meu jovem?

Enquanto esperava, José Antonio Morales acompanhou com a vista o voo extravagante daquela pomba. Observou como a ave tomava altura, numa vertical insistente, e depois dobrava as asas e fazia piruetas estranhas, como se nesse instante descobrisse a sensação vertiginosa de cair no vazio. Depois retomava o voo e se perdia atrás do edifício, para voltar ao pedaço de céu visível daquele ângulo do pátio, onde José Antonio esperava pelas contas do cobrador. Então pensou que em seus vinte e oito anos de motorista de ônibus nunca tinha visto pombas enquanto aguardava o resultado da arrecadação e sentiu com mais força a certeza de que ia matar aquela mulher.

Até esse dia José Antonio se comportara como uma pessoa equilibrada e responsável, que nunca havia pensado em matar ninguém, pelo menos fria e premeditadamente. Às vezes, enquanto dirigia o ônibus e sofria as imprudências e barbeiragens de outros motoristas, sentia-se tão agredido que podia imaginar, inclusive, que carregava uma metralhadora, vista em alguma história siciliana, e da janela do ônibus executava o malvado violador de seus direitos de rua. Mas mesmo esses imaginários julgamentos sumarríssimos foram se tornando mais espaçados nos últimos anos, à medida que José Antonio se acostumava a conviver com os motoristas imprudentes, cuja existência já lhe parecia tão comum como a das formigas no açúcar ou rosas num roseiral. Ou será que estava envelhecendo?

Por isso estranhou tanto o repentino mandato de sua consciência: ia matar aquela mulher, aquela exata mulher, e nada no mundo poderia impedi-lo. A necessidade apresentou-se tão diáfana que José Antonio temeu que tudo fosse a cilada de um amor nascido à primeira vista. Não podia ser outra coisa, pensou, enquanto assinava o recibo da fêria diária e calculava que, se havia recolhido quarenta e sete pesos e trinta e cinco centavos, isso significava que diante do caixa do ônibus nesse dia haviam passado novecentas e quarenta e sete pessoas, sem contar os empregados da empresa que lhe mostraram seu passe e os inevitáveis pilantras de sempre, que faziam até atos de magia para não pagar ou depositavam arruelas e tampinhas em vez de moedas. Em cifras redondas: mil pessoas, e só a cara daquela mulher, de uns trinta ou trinta e cinco anos, bastante simpática, talvez um pouco magricela, vestida com apuro mas sem elegância e pouco maquiada, se instalara em sua memória e, para completar, acompanhada de um mandato que voltava a lhe parecer inapelável: sim, ia matá-la.

Quando chegou em casa, José Antonio repetiu uma rotina que completava a de seu trabalho no ônibus: entrou pelo corredor lateral, até o terraço, deixou seu coxim de motorista de ônibus sobre uma cadeira e lavou as mãos, ensaboando-se até os cotovelos, com esmero de cirurgião. Pensava que era a única maneira de arrancar a sujeira perigosa dos ônibus, onde sobe todo mundo, os doentes e

os limpos, os sujos e os saudáveis, os infectados e os recém-nascidos cheirando a água-de-colônia. Pegou seu coxim, assobiou enquanto atravessava a porta dos fundos e encontrou sua esposa, como sempre a essa hora, entre o tanque e a cozinha. Deu-lhe um beijo no rosto, recebeu o dela, perguntou-lhe se Tonito voltara da escola e elogiou o cheiro do refogado, enquanto ela lhe perguntava como havia sido o dia e ele dizia que bem. Comeram, falaram das mesmas coisas de sempre – o dinheiro que não dava, quão ruim estava o transporte, o calor que não cedia, a possibilidade de que ela voltasse a trabalhar na fábrica –, e ele dormiu suas duas horas de sesta. Levantou-se, calçou os chinelos de borracha, tomou o café recém-passado por sua esposa e se sentou no terraço para ler o jornal do dia, quando pensou de novo naquela mulher condenada e tentou esquecer a certeza de que ia matá-la.

Na manhã seguinte, a mulher não apareceu. José Antonio Morales lembrava-se de que a havia apanhado em sua terceira corrida (saída do terminal: 8h16 da manhã), na parada da San Leonardo com a Diez de Octubre (8h29 da manhã). Porém, sua ausência não lhe produziu alívio nem o preocupou demasiadamente, pois sabia que de toda maneira não poderia se esquecer dela e estava decidido que iria matá-la. A ausência da mulher durou outros seis dias, até que na terça-feira – o mesmo dia em que a vira, na semana anterior – ela apareceu, com sua falta de elegância, sua escassez de maquiagem e uma pasta abarrotada de livros e papéis que José Antonio não havia observado no encontro anterior, e jogou sua moeda no mealheiro, sem sequer olhar para o motorista decidido a matá-la. Ele a olhou, como olhava todos os passageiros, fechou a porta e arrancou, para pegar a pista enorme e um tanto suja da Diez de Octubre, antes chamada Jesús del Monte.

Nessa noite, enquanto via o noticiário na televisão, José Antonio pensou que a ideia de que a conhecia de antes e por isso desejava matá-la não tinha sentido. Na verdade, até a terça-feira anterior nunca a tinha visto, e talvez vivesse toda a sua vida sem vê-la se, três semanas antes, durante a última reunião do segundo semestre para decidir os horários das corridas, ele não tivesse tomado a inesperada decisão – para ele, para sua esposa, para o resto dos motoristas de ônibus – de mudar seu expediente, deixando a linha 4 e indo para a 68, que saía dois minutos mais cedo do que seu horário habitual e terminava três minutos depois, à 1h27 da tarde. Foi uma decisão tão impensada como irrefutável, para a qual José Antonio tentou depois encontrar justificativas: ganhava trinta e dois centavos a mais por dia, talvez houvesse se cansado do trajeto da linha 4, o pessoal que viajava na 68 era um pouco diferente, os minutos gastos para atravessar o bairro Apolo eram agradáveis... Talvez no dia da assembleia fizesse muito calor no local de reuniões e ele se sentisse muito incomodado com as mãos sem lavar. Ou será que estava envelhecendo? Sim, já estava com quarenta e sete anos e quando começou como motorista de ônibus, recém-saído do serviço militar, tinha apenas dezenove, e todo esse tempo fora motorista da linha 4: desde então, todo dia, cinco voltas em Havana durante onze meses seguidos, dirigindo pelas mesmas ruas, nas mesmas horas, com as mesmas paradas e até apanhando as mesmas pessoas, que foram se tornando suas amigas no correr dos meses e dos anos, e assistiu a casamentos, entradas em hospitais, alguns aniversários e até vários enterros desses passageiros habituais, sem nunca pensar em matar nenhum deles. Nada havia alterado o previsível e muito menos o lógico em todo esse tempo: aos vinte e um se casara, depois tivera um filho em quem pusera seu nome, sua mãe morrera tranquila, enquanto dormia, pouco depois de completar sessenta e dois anos, e nunca o chamaram para ir combater em Angola, apesar de, num dia de 1975, o terem convocado e, de acordo com sua especialidade militar, lhe dito que pertencia à reserva de artilheiros

da unidade 2.154 e lhe perguntado se estava disposto a combater como soldado internacionalista aonde a Revolução o enviasse, e ele ter dito que sim. Naquela noite José Antonio dormiu tranquilo, depois de fazer amor com sua mulher, na posição de sempre: ela montava sobre ele, introduzia o pênis e assim, enquanto sua vagina rodava ao longo do membro, a coluna vertebral de José Antonio, maltratada pelos anos de motorista, descansava reta sobre o colchão. No resto da semana também dormiu tranquilo, embora na noite de segunda-feira pensou haver sentido certa ansiedade pelo encontro que esperava ter na semana seguinte. Mas fechou os olhos e aos quatro minutos caiu, como a pomba extravagante, na vertigem do sonho.

Quem trabalha vinte e oito anos como motorista de ônibus domina à perfeição, quase sem pensar, todos os truques necessários para sobreviver no ofício: as mentiras que pode dizer ao fiscal que o surpreende vários minutos adiantado; os modos de responder aos passageiros iracundos, sabendo quando se pode tomar a ofensiva ou quando se impõe dar uma desculpa ou até mesmo simular não ter ouvido a ofensa; como pedir café em algum ponto de venda que exista no trajeto, sem precisar fazer fila; ou como iniciar uma relação com alguém, segundo o sexo, a idade e os interesses que se tenha.

José Antonio a viu sob a placa do ponto, com uma pasta nos braços, junto com outros três passageiros. Então parou o ônibus dez metros antes do grupo e os obrigou a caminhar até ele. Ela foi a última a subir e, quando foi jogar a moeda, sem dúvida incomodada por essa parada fora do lugar, ele disse: Acho que vou ter de baldear. Se tivesse lhe dito algo concreto como: Os freios estão ruins, ou: É que havia um buraco, ou algo assim, a conversa só se entabularia se ela fosse uma pessoa muito loquaz. Mas o enigma que ele propusera era infalível. Ela parou junto dele, segurando-se numa barra vertical, e perguntou: Por quê? Enquanto lhe explicava que a lona de freio da roda dianteira direita estava com problemas, pediu-lhe a pasta para acomodá-la sobre o painel do ônibus e soube enfim que ela era professora de inglês, num curso secundário de Luyanó, e que nesse dia começavam suas aulas no segundo turno, às 8h55, e esse ônibus a deixava ali às 8h42, com o tempo exato para chegar e entrar na classe, e se ele baldeasse...

O resto de setembro e todo o mês de outubro, a cada terça-feira, ela subia com ele, que lhe pedia a pasta, e conversavam durante treze minutos, os quais serviram para saber que ela se chamava Isabel María Fajardo, tinha trinta e um anos e era divorciada, sem filhos, professora desde muito tempo e se considerava uma pessoa enfadonha. Além disso, ela lhe deu o endereço de casa e na terceira terça-feira de outubro convidou-o para que um dia fosse tomar um café. Depois das seis estou sempre lá, disse-lhe.

Embora tenha pensado em ir a um psiquiatra, José Antonio logo descartou a ideia: não estava louco nem nada, e sua decisão de matar Isabel María não era nem sequer uma sentença pessoalmente adotada, mas um mandato que tinha recebido. Um mandato de quem? Talvez um padre ou um babalão pudessem lhe dar a resposta, mas um psiquiatra não. O único problema era que ele se considerava um ateu total, sem expectativas de um mais além. O que mais o preocupava, contudo, era entender por que tinha de ser, justamente, Isabel María. Na verdade, se era necessário matar uma pessoa, talvez pudesse escolher alguém melhor, uma pessoa que ele odiasse ou que lhe desagradasse,

ou um doente que inclusive lhe agradeceria seu ato piedoso ou, melhor, um ser daninho que a sociedade se alegraria em ver executado por um vingador anônimo e voluntário. Desses sujeitos indesejáveis ele conhecia vários. Então, por que ela? Depois de sete terças-feiras e aproximadamente noventa e um minutos de conversa, aquela mulher não conseguira despertar-lhe nenhum sentimento especial: nem ódio, nem amor, nem desejo, nem repugnância, nada que justificasse o empenho (o mandato?) de matá-la. Ela, como ele, era um desses milhões de seres anódinos que povoavam a terra, que viviam no país, agora mesmo, passando seus dias honradamente, sem euforias ou rancores excessivos, sem maiores contradições com a sociedade ou a época, sem ideias políticas definidas nem projetos individuais ambiciosos. Trabalhava, comia, dormia, sofria um pouco sua solidão, mas sem tormentos aparentes e, segundo já lhe havia confessado, adorava passar horas ouvindo música, clássica ou popular. Por quê? Talvez justamente por isto, pensou então: por ser nada... Mas ele já sabia disso antes de conhecê-la?

O mais curioso, dizia a si mesmo quando pensava que devia matá-la, é que não tinha pressa em fazê-lo, nem tampouco um plano definido, e esteve prestes a se convencer de que não seria um assassinato vingativo nem premeditado, mas um acidente fatal enquanto ele dirigisse o ônibus. Mas depois compreendeu que não: ia matá-la com suas próprias mãos, um dia, talvez em breve.

José Antonio era um bom leitor de jornal: todas as tardes dedicava-lhe mais de uma hora, e refletia sobre cada notícia ou comentário, com a intenção de não se esquecer: aconteciam tantas coisas no mundo, todos os dias, que a memória mal dava para vinte e quatro horas, abrindo depois espaço para novas notícias, novos fatos. Nessa tarde de quinta-feira leu com muito interesse uma informação sobre a aids e as poucas esperanças imediatas de se encontrar um antídoto, apesar dos esforços de milhares de cientistas no mundo todo. Pensou: se Deus existisse, esse seria um castigo divino. Mas, se não existe, por que acontecem essas coisas no mundo? Ele, que não costumava ser muito reflexivo, concluiu então que, viesse de onde viesse, essa praga era um castigo contra o amor. Gostou tanto de sua ideia que, enquanto tomava banho, comentou-a com a mulher e depois lhe disse: Vou dar um pulo até a casa de tia Angelina, sabendo que iria tomar o café que Isabel María lhe oferecera nas duas últimas terças-feiras.

Bateu na porta e esperou, pensando em como se sentia: Não estou nervoso, não estou ansioso, não sei se é hoje que vou matá-la, terminava de pensar quando ela abriu. Continuava magricela, sem maquiagem, e parecia mais limpa que de costume, com o cabelo úmido e recém-lavado, e não pareceu muito surpresa quando o convidou a entrar. Ela usava um roupão de banho, bastante recatado, e de algum lugar da casa vinha uma música triste, dessas que José Antonio nunca seria capaz de identificar e sobre a qual ela logo lhe diria: é o *Réquiem*, de Mozart. Passaram para a cozinha, depois ele disse que vinha tomar o café que ela prometera. Ela preparou a cafeteira e se sentaram à mesa. Era um lugar limpo e bem iluminado, onde José Antonio se sentiu tranquilo, como se já o conhecesse. Enquanto saboreava o café, compreendeu que não sabia o que ia acontecer nos próximos minutos: tentaria fazer amor com ela?, iria embora quando terminasse o café?, lhe contaria que ia matá-la? Então a olhou nos olhos: Isabel María também o olhava, com olhos de mulher adulta, preparada para qualquer contingência, e ouviu-a dizer: Você veio para deitar comigo? E ele disse: Foi.

Isabel María estava nua sob o roupão e, quando se jogaram na cama, ela subiu em cima dele, introduziu o pênis e pôs sua vagina para rodar por todo o membro, como se soubesse que aquela posição permitia que a coluna vertebral de José Antonio, maltratada por seus anos de motorista, descansasse reta sobre o colchão. Foi um ato correto e bem sincronizado que satisfaz aos dois.

Depois ela contou a ele: Desde que vi você pela primeira vez, duas semanas antes de começarmos a conversar, sabia que íamos fazer amor. Não sei de onde saiu essa ideia, nem por quê. Mas sabia que você ia falar comigo e que um dia viria aqui, para tomar um café... Tudo era muito estranho, porque quando eu olhava para você não encontrava nada que me agradasse muito e além disso achava que continuava apaixonada por Fabián, o diretor da escola. Mas era como um pressentimento muito forte, como uma necessidade, como uma intimação, sei lá, disse ela, e beijou-o nos lábios, nos mamilos, no ventre avolumado e na cabeça ainda congestionada de seu membro. E agora você está aqui. O que mais me preocupava, continuou, era a razão pela qual tinha de ser você, necessariamente... Aconteceu algo parecido comigo em relação a você, ele lhe confessou, e senti vontade de tomar café. Vou buscar mais café, disse-lhe.

Saiu da cama e, antes de ir para a cozinha, olhou por um minuto a nudez de Isabel María: dois seios pequenos, de bicos endurecidos, e um triangulozinho de pelo escuro, quase liso e mal penteado. Serviu-se de café, acendeu um cigarro e, fumando, voltou para o quarto, com uma faca na mão. Cravou-a no peito, debaixo do seio esquerdo, e ela mal se mexeu. Por quê?, perguntou-se outra vez, antes de apagar o cigarro no cinzeiro que estava ao lado da cama e decidir que devia vesti-la para que não a encontrassem nua. Depois, quando mexeu no travesseiro de Isabel María, sentiu o peso frio da faca que ela guardara ali para cumprir, talvez, sua própria intimação. Nesse instante, José Antonio lembrou-se de que devia andar depressa, pois sua esposa odiava comer sem ele.

Mario Conde, 9 de agosto de 1989

– Falta o título, bicho...

– Deixe pra lá, deixe pra lá. Me diga, o que achou do conto?

– Um arraso.

– Só isso?

– E sórdido.

– E comovente?

– Também.

– Gosta?

– É terrível.

– Mas é terrível para bom ou para mau?

– Para bom, ora essa, para bom. Deixe eu lhe dar um abraço, veado.

Finalmente você voltou a escrever, porra.

Conde inclinou-se sobre a cadeira de rodas e enfiou-se entre os braços abertos do magro Carlos: deixou-se grudar no peito suado e gorduroso do amigo. Saber que podia escrever e que o que escrevera agradava ao Magro era uma combinação explosiva demais para o sentimentalismo de Conde, que sentiu que estava prestes a chorar, não só por ele, mas pelo futuro impossível de se imaginar sem aquele homem que, fazia vinte anos, era seu único/melhor amigo e a quem a vida premiara com tanta bondade, tanta inteligência, tanto otimismo e tanto desejo de viver e com uma bala nas costas, saída de algum fuzil nunca reconhecido, escondido atrás de uma duna qualquer do deserto de Namibe.

– Parabéns, bicho. Mas, preste atenção, amanhã você me traz uma cópia ou então nunca mais olhe para a minha cara. Conheço você, e você é capaz de acordar um belo dia dizendo que é uma merda e rasgar o conto.

– Tudo bem, meu velho.

– Escute aqui, a gente precisa comemorar isso, não? Olhe, pegue vinte pratos na gaveta. Ponha mais dez e compre duas garrafas de Legendario, que hoje apareceu lá no bar de Santa Catalina.

– Duas garrafas?

– É, uma para cada um, não é?

– Meu Deus, que horror! – disse Conde.

– Ei, e esse Deus com horror? Garotão, não está lhe fazendo nada bem andar com veados, olhe como você está falando.

– É, a gente acaba pegando alguma coisa. Uma bundinha de pardal, por exemplo.

– Que troço é esse?

– Nada, depois eu conto. Vou pegar as duas garrafas. Não saia daqui, está bem?

– Ei, espere, espere aí, vou dar o conto à velha para ela ler e, se gostar, prepare-se para comer bem.

– E se não gostar?

– Arroz e omelete.

Josefina assoou o nariz com o lençinho e disse:

– Ai, meu filho, pobre moça, que seja morta assim por prazer. Você tem cada ideia, menino. E esse motorista, coitado... Mas me comoveu e, como esse

meu filho diz que é o melhor conto cubano do mundo, assim diz ele, pois então me inspirei um pouco e comecei a pensar que podia preparar uma comida para vocês para que não tomem o rum de barriga vazia, e o que eu fiz foi uma besteirinha, a primeira coisa que me veio à cabeça, embora eu ache que está ficando uma delícia: um peru recheado com *congrí*.

– Um peru?

– Recheado?

– É, isso mesmo, é muito fácil de fazer. Olhem, ontem comprei o peru e, como hoje descongelei a geladeira, ele ainda não tinha endurecido muito, de modo que tirei da geladeira e temperei enquanto terminava de descongelar. No tempero pus alho, pimenta, cominho, orégano, folhas de manjeriço e salsinha e, claro, laranja-azeda e sal, e molhei bem, por dentro e por fora, com esse caldo. Depois joguei em cima bastante cebola, assim, em rodelas grandes. O bom é deixar nesse tempero algumas horas, mas como estou vendo que vocês estão com cara de famintos... Aí, como já tinha posto o feijão-preto na panela, comecei a preparar um bom refogado: peguei as lascas de toucinho, cortei em pedacinhos e pus para fritar e, nessa gordurinha, joguei mais cebola, mas bem picadinha, alho socado e bastante pimentão e, pronto, joguei o refogado no feijão quando já estava quase macio e depois pus um copo de vinho seco, para que fiquem azedinhos, assim, como vocês gostam, não é?

– É, é, eu gosto assim.

– Eu também.

– E que mais?

– Bem, aí joguei o arroz branco para misturar com o feijão e fazer o *congrí* e pus louro, um pouco mais de orégano, assim espalhado, uma pitada de sal e um monte de cebola picada em cubinhos. Aí esperei que o arroz secasse, mas que ainda não estivesse macio, claro, apaguei o fogo e com esse mexidinho de arroz e feijão rechei o peru, para que termine de cozinhar lá dentro, não é? Sabe o que é que eu não tinha? Palitos de dente para fechá-lo... Por isso pus uns talinhos de laranja-azeda, que são bem duros... E, claro, meti o peru no forno, portanto não se impacientem, que isso demora um pouco. Tomem sua bebidinha tranquilos, que às nove e meia já deve estar pronto. Ponha aqui um pouquinho de rum para mim... Assim, pouquinho, chega, chega, Condesito, que eu vou me embriagar...

– E isso dá para quantas pessoas, Jose?

– Como o bicho tinha uns quatro quilos, deve dar para dez ou doze pessoas... mas com vocês dois... Bem, espero que sobre alguma coisa para o almoço de amanhã. Vou dar uma olhada nele.

– Ouviu isso, bicho? Essa velha está maluca.

– E o que eu me pergunto é de onde ela tira tudo isso... A única coisa que não tinha eram palitos de dente.

– Não seja tão policial. Me sirva um gole... Esse rum está bom para soltar um belo peido e sair voando.

– O que há com você, Magro?

Carlos bebeu mais rum e não respondeu.

– Continua pensando na história de Dulcita? – perguntou Conde, e seu amigo o olhou um instante.

– Está cheirando, está cheirando, o bicho já deve estar cozido – disse, escapando por uma tangente propícia. – Olhe, sabe o que cai bem depois de um bichão desses? Um bom charutão. Um Montecristo ou algo assim, não acha?

– Claro, porra, claro que sim, um Montecristo – disse Conde, e tomou de um gole todo o seu rum. – Tem que ser um Montecristo – disse, enquanto via afinal o rosto pressentido no sonho, cuja máscara, uma máscara feita de mil mentiras atrás da qual se escondera a verdade, caía, precipitada por um rio sujo, repentinamente enfurecido. – Sim, a verdade tem de ser essa.

Não há crime que pague isso, foi a conclusão filosófica mais elaborada a que pôde chegar enquanto sentia a frieza da água em suas costas. Na boca ainda navegava, ácida e opulenta, a recordação viva de toda uma pálida garrafa de rum Legendario, embora estivesse surpreso em descobrir que estava com fome e muito pouca dor de cabeça. Como é possível? Na cozinha, depois de engolir duas duralginas, olhou assustado como o filtro da cafeteira engolia as últimas reservas de café e, enquanto esperava o líquido coar e a chegada do sargento Manuel Palacios, pôs seu velho *jeans* – você está morrendo de sede, pensou, observando os efeitos de uma feia cor hepática entranhada no pano na altura das coxas e nos bolsos – e foi até o portão da casa, como todo domingo, para respirar um pouco a nostalgia da vida de um bairro também travestido, transformado, definitivamente diferente, no qual se sentira feliz ou desgraçado, em doses similares, muitos outros domingos de sua vida, desde que tinha consciência desta vida. Já fazia muitíssimos anos que os sinos da igreja não dobravam por ninguém, e da padaria perto dali nunca mais viera pairando o perfume vital de pão saindo do forno – de que fazem agora o pão, que já não cheira como antes? Mas verificou que, apesar das ausências, era um dia simplesmente esplendoroso: a chuva forte da tarde da véspera varrera as sujeiras do céu e da terra, e o brilho do sol se impunha sobre qualquer dúvida escurecedora. Um bom dia para jogar beisebol (também a dinheiro?), pensou Conde, e voltou por causa do café e tomou uma xícara grande, que devia afastar em seu laborioso amargor os últimos fantasmas do sonho, do álcool e da dor de cabeça. Quando estava acendendo o cigarro, ouviu a buzina que o

chamava na rua. Com a camisa aberta, foi para a calçada e quando abriu a porta do carro cumprimentou o sargento Manuel Palacios.

– Tudo bem, você manda – resmungou Manuel Palacios, tornando evidente sua disposição para obedecer.

– Estraguei o seu domingo?

– Não, não, claro que não.

Conde sorriu. Só me faltava essa, pensou então, imaginando que também teria preferido não trabalhar no domingo e ficar em casa, dormindo, lendo ou até escrevendo, agora que voltara a escrever. Mas disse:

– Vamos para a Central, o Velho está lá... Mas, me diga, alguma notícia de Salvador?

– Não, nada ainda.

Manuel Palacios ligou o carro, sem olhar para o chefe, e na altura da igreja Conde resolveu se dar por vencido.

– Olhe, Manolo, aconteceu uma coisa comigo que pode resolver toda essa história. Por isso eu liguei.

Esperou em vão alguma pergunta do companheiro, depois continuou:

– Lembra-se de que entre as coisas que apanharam no lugar onde mataram Alexis havia um toco de charuto Montecristo? – e esperou. Não esperou muito.

– Porra, é mesmo, Conde! Você acha...? Não, não, não pode ser. O pai...?

– Vamos ver se encontramos a ponta do Montecristo que dei ao Velho e se o laboratório nos diz se é possível saber se são iguais. Se forem no mínimo parentes distantes, então acho que Faustino Arayán tirou a sorte grande com um só bilhete.

Definitivamente convencido das razões de Conde, Manuel Palacios pisou no acelerador e o carro deu um tranco, receoso.

– Vai com calma, que tem tempo.

– Não, quanto mais rápido se resolver isso, mais depressa eu vou sair por aí... Se você visse a garota com quem eu trepei ontem...

Enquanto Manuel Palacios lhe contava as maravilhas de sua nova prometida – às vezes as chamava assim, embora não houvesse uma só promessa, nem sequer em sonho, e pela conta do tenente essa era a de número dezesseis só naquele ano –, Conde tentou imaginar o que acontecera no Bosque de Havana na noite da Transfiguração e deixou-se vencer por sua

incapacidade fabuladora: o que terá acontecido?, um pai que mata o filho?, e as duas moedas?, pensava quando o sargento Palacios entrou no estacionamento da Central, plácido e ensolarado, como tudo naquele domingo de agosto.

Decidido a aproveitar a tranquilidade do dia de descanso, Conde esperou o elevador que devia vir vazio, para evitar, pelo menos uma vez, a escalada até o último andar. Mas, quando as portas metálicas se abriram, Conde sentiu como um golpe no peito: dentro do elevador vinham três homens, vestidos com uniforme de campanha, sem patentes militares nos ombros, que cravaram os olhos nele. Sua mente, devendo decidir nos escassos segundos que se ofereciam com a porta aberta, ordenou enfim que ele devia dar bom-dia e entrar na caixa metálica, em vez de sair correndo pela escada, como desejava. Os homens retribuíram o cumprimento e Conde lhes deu as costas e dirigiu seu olhar para o quadro que marcava os andares. Sentia na pele a ardência da observação de que era objeto: talvez esses mesmos três homens tivessem sido os que interrogaram o sargento Manuel Palacios e lhe demonstraram que sabiam tudo da vida de Mario Conde. Talvez esses mesmos três homens fossem os que decretaram a suspensão de seu amigo, o Gordo Contreras, e até mesmo tiraram da Central a pobre Maruchi. Talvez fossem os emissários de um novo Apocalipse: Conde os imaginou com vestes compridas de inquisidores, dispostos a acender piras e empregar instrumentos de torturas. A lei antinatural do policial que vigia outro policial tinha ali três de seus indesejáveis mas inevitáveis executores, a quem Conde agora se lamentava por ter dado algo, mesmo que fosse algo tão elementar como um bom-dia, quando sentiu que o elevador parava no terceiro andar, os homens lhe pediam licença e saíam do caixote dizendo-lhe: Até logo, tenente, e ele, enquanto esticava a mão e apertava de novo o quatro, se negava a responder, como sua dignidade o exigia.

Quando entrou na antessala deserta do escritório do major Rangel, Conde descobriu que seu rosto ardia como quando alguém lhe dava um golpe e então se desatava nele a fúria homicida de touro cego que só atina em atacar. Resolveu esperar que se dissolvesse em seu sangue o vapor maligno e então foi até a porta de vidro e ouviu uma voz. O Velho falava no telefone, concluiu ao não ouvir resposta, e bateu de leve na porta.

– Entre – disse o Velho. Como esse safado sabe quando sou eu?

Conde deu-lhe um aperto de mão e esperou que seu chefe terminasse de falar. O Velho disse sim duas ou três vezes e pendurou o fone como se temesse quebrá-lo. Conde observou que, apesar de ser domingo, o major vestia farda. Algo de ruim estava acontecendo.

– Não há sossego, Conde, não há sossego – disse, e olhou pela janela. – E você, o que está fazendo aqui? Afinal, ontem viu Eligio? E o seu caso, já resolveu?

– Acho que estou resolvendo.

– Há quantos dias você já está nessa merda de caso?

– Quatro.

– Quatro dias e agora acha que está resolvendo!

– Preciso de um favor seu... – percebeu um sorriso cético nos lábios de seu chefe. – Não se preocupe, é muito simples. Já fumou o Montecristo que lhe dei outro dia?

– Já, por quê? – Rangel se surpreendeu e afinal virou-se para olhar Conde.

– E onde está a guimba?

– Mas o que há com você, Mario?

– Preciso daquela guimba de charuto. Tenho uma ideia...

– Você com uma ideia. Que estranho... Olhe, deve estar no cesto, porque ontem não tiraram o lixo – disse o major, erguendo do chão o cesto de papéis e exclamando: – Aqui está. Reconheci pelo invólucro... E para que você quer isso, Conde?

O tenente recebeu o toco de charuto, consumido até mais além de onde o major costumava fumar. Observou que a boquilha estava mastigada, meio desfeita, e concluiu que o Velho o desfrutara, embora enquanto fumava devesse estar ansioso ou aborrecido para mordê-lo assim.

– Daqui a meia hora lhe digo, major – prometeu e saiu da sala imitando Rangel, com o charuto na mão.

– Não brinque comigo, Mario – escutou enquanto saía.

– Bem, Conde, isso não é definitivo nem nada, mas pode se dizer que esses dois charutos têm a mesma origem. Mas, veja bem, isso não significa nada além de que são feitos com uma folha similar, embora seja evidente que não foi

a mesma pessoa que os torceu. Este, o do Bosque, que é o maior, tem uma torcedura um pouco mais apertada e parece que o acenderam uma só vez, pois acumulou menos teor de alcatrão e nicotina perto da boquilha, além de estar fumado pela metade, e vai ver que foi por isso que não retiraram a anilha. Não, sem impressões digitais. Um pouco de terra, só isso. Mas lembre-se de que numa mesma caixa pode haver charutos feitos por mais de uma pessoa, porque à medida que ficam prontos vão sendo arrumados na caixa. Mas o que eu garanto é que são da mesma qualidade de fumo e, se fosse possível assegurar, acho até que são do mesmo fumo, quer dizer, da mesma colheita, embora isso não signifique nada.

– Então, não posso dizer que esses dois charutos desgraçados são irmãos?

O homem do laboratório olhou para Conde e sorriu:

– Mas por que você precisa aparentá-los assim? Têm a mesma origem e ponto final. Mas não me peça para lhe dizer se são irmãos, nem da mesma folha nem do mesmo pé.

– E se lhe trago outro charuto dessa mesma caixa, você acha que pode ter algo mais seguro?

O homem do laboratório olhou os restos dos dois charutos, abertos no meio como para uma autópsia.

– Isso poderia ajudar bastante, é verdade.

– Pois vou conseguir. Até que horas você trabalha hoje?

– Não se preocupe, estou aqui até as quatro da tarde, mas se precisar eu espero. Afinal, para que servem os amigos?

Conde foi para o corredor e desceu um lance de escada, em busca do seu cubículo. Ia estimulado pelo vigor impertinente de seus palpites e desejava torná-los realidade o quanto antes. Entrou em seu pequeno escritório e encontrou Manuel Palacios brandindo um papel na mão.

– Olhe isto, Conde: já localizamos Salvador K.

– Já tinha me esquecido desse bosta. E onde está?

– Apareceu no Cerro. Vivendo um novo romance.

– Com uma mulher?

– Quase, quase, mas não... não chega a ser mulher. Diz Greco que foi o que ele contou depois que o localizaram, que o cara lhe disse que, se todo mundo já sabia da história dele com Alexis, então não ia se esconder mais e ia

viver a vida como queria. Diz que o sujeito parecia na maior felicidade por ter virado bicha de capa e espada. Que tal?

– Acho que é o único que ganhou alguma coisa com toda essa confusão, não é?

– E que fazemos? Trago-o para cá?

– Deixe-o se divertir por enquanto... Depois vemos se precisamos falar com ele. Mas que o mantenham sob vigilância.

– Foi o que pensei – disse Manolo, e guardou o papel com o endereço dentro de uma pasta que estava em cima da mesa e na qual estava escrito, com letras vermelhas e irregulares: *Alexis Arayán / Homicídio / Aberto*.

– Agora vamos jogar a última carta. Me passe o telefone.

O sargento aproximou o aparelho da quina da mesa onde Conde estava e o observou discar, enquanto acendia um cigarro.

– María Antonia?... Sim, é o tenente Mario Conde... Como vai? Olhe, María Antonia, precisamos que você nos faça um favor... Não, é muito simples... Queremos falar com você... Não, não. Estou lhe dizendo falar, falar sobre algumas coisas de Alexis, porque sabemos que vocês dois gostavam muito um do outro e que você o via com mais frequência do que Faustino ou Matilde, não é mesmo?... Sim, eu também preferiria que fosse aqui... Está bem? Vou mandar buscá-la... Onde? Aham, na esquina da 32, claro... Ah, María Antonia, vou lhe pedir outro favor. Você poderia me trazer um charuto da caixa de Montecristos que está na mesinha da sala?

– Obrigado, María Antonia – disse Conde quando a negra abriu sua bolsa e lhe deu o charuto. Olhou-o detidamente, como admirado com a beleza pálida e sem nervos do excelente fumo havana cultivado em Vueltabajo, e sorriu, ao entregá-lo ao sargento Manuel Palacios. – Entre, por favor – e abriu-lhe a porta do cubículo. Agora os pés de María Antonia não pareciam tão ligeiros como de outras vezes; ela mais parecia ter o andar cauteloso de um animal acuado, e Conde adivinhava uma chuva de dúvidas na consciência da mulher, que se virou para ver se a porta estava fechada. Mais uma vez sentiu pena dela, quando lhe indicou uma cadeira, lhe falou do calor que fazia na rua, da vista agradável que tinha da janela de seu cubículo, de que, por isso, preferia estar ali do que nas grandes salas que davam para a outra ala do edifício e lhe perguntou afinal se era casada.

– Não, solteira – afirmou a mulher, que com seu vestido florido de domingo, a bolsinha no colo, o cabelo preso sob um lenço de seda sintética e os lábios pintados de vermelho-sangue parecia ter saído de uma cena de *A cor púrpura*, pensou Conde.

– E desde quando conhece a família Arayán?

– Desde o ano de 1956, quando comecei a trabalhar para eles. Matilde e Faustino eram recém-casados e nessa época viviam em Santos Suárez, com a mãe de Matilde, que era viúva. Depois da Revolução eu quis ir embora da casa, queria fazer minha vida sozinha, longe deles, e pensei em procurar outro trabalho, mas o menino já havia nascido e eu estava muito afeiçoada a ele, então fui adiando e adiando, até quatro dias atrás, quando aconteceu isso... Agora acho que vou mesmo embora, mas não sei para onde. Como sempre vivi com eles, não tenho casa nem direito a aposentadoria... Teria que ir para a casa de meu irmão e aquilo lá é um inferno, com a mulher dele, três filhos e não sei quantos netos.

– Você se sentia bem com os Arayán?

– Sentia, Fabiola, a mãe de Matilde, sempre se deu muito bem comigo, e eu gostava do menino como se fosse meu filho. Durante muitos anos nós três vivemos sozinhos na casa, sobretudo aqui em Miramar, quando começaram a dar missões a Faustino fora de Cuba. O menino passava mais tempo comigo e com a avó do que com os pais, e saíamos muito, íamos ao cinema, ao teatro, aos museus, porque Fabiola tinha sido professora da universidade e era uma mulher muito culta. Faustino diz que por culpa nossa ele saiu assim, bem, o senhor sabe, mas juro que o criei como teria criado meu próprio filho... É que o menino era assim, tão desamparado e carinhoso, e Faustino o pressionou tanto e o ameaçou tanto, inclusive o surrou mais de uma vez, que eu acho que Alexis se vingou dele dessa forma. Eles tinham uma relação muito difícil, para serem pai e filho. Até ficaram vários anos sem se falar...

– O que você pensa de Faustino?

María Antonia procurou um lençinho na bolsa e enxugou o suor do lábio superior. O ar do cubículo se perfumou com o voo do lençinho e Conde sentiu ainda mais um pouco de pena dela: a mulher tinha gestos de aristocrata, perfeitamente assumidos, que pareciam incongruentes com sua atitude submissa na casa dos Arayán. Quantas de suas verdadeiras aspirações e aptidões

ela escondera durante anos, postergando a própria vida, para continuar junto do filho alheio que adotara como próprio?

– Acho que não cabe a mim... – foi, enfim, sua resposta.

– Diga alguma coisa – o tenente insistiu. – Tudo ficará entre nós.

– Bem, que quer que lhe diga? Ele é uma pessoa de muita confiança do governo, o senhor sabe, por isso viaja tanto, foi embaixador e tudo isso. Comigo, sempre me tratou bem, embora nunca tenha sido como Fabiola ou Matilde, o senhor sabe. E eu nunca o perdoei pelo modo de agir com o menino. O pobre garoto chegou a ter medo do pai. Por isso, quando o menino saiu de casa, eu fiquei muito alegre, e tínhamos decidido que se ele chegasse a ter sua própria casa eu iria viver com ele.

Quando viu correrem as lágrimas nas faces negras de María Antonia, Conde pensou que esse final de telenovela transbordaria sua cota dominical de pena. Recriminou-se por ter confundido por um momento o rosto do amor com a máscara da submissão e tentou imaginar a solidão sideral dessa mulher, com uma vida equivocada de tempo e de lugar, cuja única razão de viver devia ser aquele travesti estrangulado que ela criara e de quem cuidara como de seu próprio filho. Conde se levantou e deixou-a chorar: imaginou que sua dor devia ter proporções semelhantes à sua solidão inalcançável. Então ouviu-a pedir desculpa, justo quando olhava o relógio e calculava que Manuel Palacios devia estar chegando, e mais que nunca quis ver o V da vitória nas mãos do sargento. Por María Antonia, pelo infeliz Alexis, até pelo Marqués e por ele mesmo e seus queridos pressentimentos. Tanto desejou que a porta do cubículo se abriu para deixar passar o esqueleto de Manuel Palacios, em cuja mão direita se formara um V.

– María Antonia – disse então, e voltou para sua cadeira, defronte da mulher, que já estava guardando o lençinho na bolsa –, há dias tenho a sensação de que você quer nos dizer alguma coisa que talvez tenha a ver com a morte de Alexis. Estou enganado?

A mulher o olhou nos olhos.

– Não sei por que imagina isso.

– Mais que imaginar, tenho certeza, sobretudo desde ontem, quando você ligou para Alberto Marqués e lhe contou que havia encontrado a medalha no cofrezinho de Alexis. Não sei por que, mas também estou convencido de que

você sabia que essa medalha era a de Alexis e que ligou para o Marqués para que ele ligasse para nós. Estou enganado?

– Bem, eu não tinha certeza...

– Deixe-me ajudá-la, porque você é a única pessoa que pode nos ajudar agora, se é que sabe alguma coisa, como eu penso... Ouça bem: muito perto do cadáver de Alexis apareceu um pedaço de charuto Montecristo que, segundo o laboratório, é muito provável que pertença à caixa que Faustino Arayán tem na sala... Isso e a medalha de Alexis posta no cofre não são provas de nada, mas podem indicar muitas coisas. Entende?

A cada palavra de Conde a cabeça da mulher se afundara mais um pouco, como se o mundo tivesse jogado todo o peso da verdade sobre sua nuca e ela só quisesse olhar, enquanto cumpria o castigo, para a bolsinha que amassava com duas mãos nodosas. Conde esperou, sentindo que suas esperanças se desvaneciam, derrotadas pelo medo, até que viu como o peso se dissipava e a cara de María Antonia subia, para encontrar-se com seus olhos suplicantes. Os da mulher brilhavam, embora, pelo visto, ela não fosse chorar.

– Na calça que ele usou naquela noite havia dois fios de seda vermelha. Ele a jogou na máquina de lavar, mas eu tirei porque era de brim azul e podia manchar as outras roupas. Achei estranho porque as barras estavam um pouco enlameadas e por isso olhei bem... Puta que pariu – disse, e Conde se surpreendeu com a força da voz, o brilho maligno dos olhos e a crispação homicida das mãos de María Antonia, a dos pés ligeiros. – Então foi ele. Filho da puta – disse, pronunciando todas as sílabas, e então começou a chorar, aristocrática e desconsoladamente.

– Trago-lhe um presente, mas não é para fumar – avisou Conde, e depositou sobre a mesa do major Rangel a bandeja com três envelopes transparentes onde se viam os charutos trucidados.

– Que merda é essa?

– Deve ser a prova número dois para o julgamento de Faustino Arayán pelo homicídio de seu filho, Alexis Arayán.

O major Rangel bateu na mesa com a palma da mão.

– Mas o que você está dizendo?

– Não se faça de surdo... O grande Faustino matou o filho no Bosque de Havana. Entendeu agora?

Porém, para que o major Rangel conseguisse entender, Conde teve de lhe contar os resultados de sua conversa com María Antonia Galarraga, a comprovação de que Faustino tinha sangue do grupo AB, a história da medalha com uma saliência debaixo do braço e a existência de dois fios de seda vermelha numa calça enlameada desse mesmo Faustino Arayán.

– Mas o que eu ainda não entendo é por que ele o matou – o major Rangel manteve-se incrédulo.

– Isso só sabem ele, Alexis, que já não fala, e Deus, que cada vez aparece menos, mas que andou rondando toda essa história... Pelo que eu sei, major, posso imaginar que Alexis disse, exigiu ou lembrou algo tão terrível ao pai que Faustino resolveu matá-lo. Parece que o rapaz estava enlouquecido e pensava no suicídio, que culpava Faustino por toda a sua tragédia pessoal. Olhe o que escreveu nesta página de sua Bíblia... Então se vestiu de mulher e foi se encontrar com ele, tiveram uma discussão e Faustino o matou. Muito simples.

– Mas este país enlouqueceu? – perguntou então o major, e Conde pensou que era esse o seu momento.

– Parece que sim. Deve ser o calor. Veja o que fizeram com Maruchi e o Gordo Contreras.

O Velho se levantou.

– Não comece, Conde, não comece – e agora sua voz pairou cansada e amarga. – O que fizeram com o Gordo? Sabe por que estou aqui agora? Por causa do capitão Contreras... porque o capitão Contreras cagou fora do penico, Mario Conde, e está borrado por todos os lados.

Conde tentou sorrir. O Velho era um mau trocista, por isso nunca se permitia fazer uma piada. Mas agora tinha de ser uma piada.

– Que loucura é essa, major?

– Loucura nenhuma, Conde. Para começar, evasão de divisas, suborno e investigações truncadas. Para continuar, extorsão e contrabando. E tem um monte de provas. O que me diz?

O tenente Mario Conde procurou um cigarro no bolso, mas, embora seus dedos tocassem no maço, foi incapaz de tirá-lo. Seu amigo, o capitão

Contreras, um dos melhores policiais que havia conhecido. Não, pensou, não pode ser.

– Isso é essa gente querendo jogá-lo na merda – disse, ainda resistindo.

– A merda quem fez foi ele, e fez comigo. Por culpa dele vão me investigar até os cabelos... Melhor eu calar a boca – mas não se calou, apenas mudou de voz: mais cansada e amarga ainda. – Cagou, Conde, cagou, e isso não tem desculpa... Hoje de manhã a Promotoria deu ordem de prisão e já foram buscar Contreras. Assim são as coisas... Eu acho que você me conhece: eu confiava no capitão Contreras, assim como confio em você, e pus as mãos no fogo por ele, pus até o ombro, e duas vezes impedi que o investigassem, e pus minhas patentes, meu cargo e até meus colhões nesta mesa para proibir inclusive que desconfiassem dele... Mas eram eles que tinham razão, Conde, e não eu. Portanto, agora me cabe responder por ter confiado em Contreras. Sabe o que isso significa? Que para mim isto aqui se acabou...

– Vou para casa, Velho – disse Conde, e deu meia-volta.

– Espere aí, você não vai para lugar nenhum. Termine este caso, o que está acontecendo com você, porra? Você não é policial? Pois comporte-se primeiro como um homem e depois como um policial. Entendeu?

Finalmente Conde conseguiu pegar o cigarro acendeu-o e achou-o com gosto de merda. Resolveu se sentar, porque um cansaço infinito invadira seus músculos e sua mente. O Velho continuava sendo o mesmo homem que ele admirava e respeitava, e não merecia que ele se comportasse como uma criança. Também arruinariam a vida do major? Não, isso eu não quero nem imaginar, pensou.

– E, já que lhe interessa tanto o destino de Maruchi, ouça isto: ela também é das Investigações Internas e foi a agente que puseram aqui para que começasse toda a investigação, a partir dessa sala desgraçada que fica ali fora, diante da minha porta e do meu escritório. Gostou da história?

– É sórdida e comovente – ocorreu-lhe dizer, e mexeu a cabeça: outra máscara que caía. – Bem, Velho, vamos terminar com isso: como resolvemos o caso? Vou lá, prendo e dou dois chutes na bunda desse Faustino até que me conte as mil e uma noites ou você precisa telefonar para alguém para explicar tudo isso?

O major olhou com apetite os restos de charuto guardados nos envelopes. Então remexeu na gaveta e tirou mais um daqueles mata-ratos negros e musculosos que vinha fumando nos últimos dias.

– Tenho que telefonar, Mario. Isso é uma bomba, e você sabe. Inclusive pode repercutir até em Genebra quando Arayán não for à conferência sobre direitos humanos... Sim, este país ficou louco. Olhe que fazer charutos em Holguín e além do mais chamá-los Selectos... Que o Gordo Contreras vá para puta que o pariu...

A única coisa que lamentaria o tenente Mario Conde, oficial investigador da Central, Departamento de Homicídios, seria perder a cara que faria Faustino Arayán na hora em que o detivessem, acusado de ter assassinado o filho e condenado, muito antes do julgamento, a perder todos os seus créditos e todas as suas viagens, toda a sua história impoluta e suas *guayaberas* brilhantes, uma embaixada bem pertinho do céu e aqueles charutos deliciosos, uma mansão em Miramar e dois carros na garagem, o sabor do caviar e do uísque – adoro uísque e nunca posso tomá-lo –, as amizades poderosas e a empregada que, para sua desgraça, lavava a roupa dele e sempre a examinava, para acumular evidências sobre suas levianas aventuras sexuais, cada vez menos estáveis, aquela mesma empregada que desta vez não cumprira suas obrigações e resolvera guardar a calça enlameada com o barro do rio e da qual pendiam dois fios de uma seda vermelha apodrecida pela umidade e os anos de censura... Conde se perguntou se o levariam para uma cadeia de presos comuns. Não, certamente não. Ele era Faustino Arayán, e para insatisfação de Conde não o jogariam numa prisão com assassinos de todas as espécies e tendências, capazes de obrigá-lo a limpar suas celas e a compensar seus atrasos sexuais e deixar seu cu rosado igual a um vaso de flores, sem sequer pagá-lo com duas moedas de cobre... No mais, alegrava-se de ter terminado a investigação e poder voltar à sua melancolia compacta e à sua angústia pelo café que nunca era suficiente, a pensar em Poly e no próximo conto que devia escrever, no aniversário do Magro dali a quatro dias, a observar a desordem estabelecida de sua casa e a pensar que sempre tudo poderia ter sido diferente: inclusive que o Gordo

Contreras tivesse sido diferente O que fariam com o Velho?, perguntou-se, e não quis nem pensar na resposta que imaginava.

Dois capitães vestidos à paisana tinham chegado por volta do meio-dia, e Conde lhes explicou os detalhes do caso e entregou as magras provas incriminatórias: três charutos destripados, uma medalha gravada com a figura do Homem Vitruviano, duas moedas amarelas e uma página com dois capítulos bíblicos nos quais se revelava aos homens a essência divina do filho putativo do carpinteiro José e se anunciava o caráter de seu sacrifício ingente, no Reino Deste Mundo. Depois, indicou-lhes onde ficava o laboratório em que continuavam a ser analisados os fios de seda e o barro do rio Almendares. Os oficiais o felicitaram pela rapidez e eficiência com que havia conduzido a investigação e lhe garantiram que sua suspensão temporária seria revista, pois precisavam de gente como ele. E lhe explicaram – embora tais explicações sejam inúteis, o senhor é policial e sabe disso – que aquele era um caso de conotações especiais e requeria um tratamento especial. Conde disse que sim, e não imaginaram que ele, enquanto abria a porta e saía ao corredor, só lamentava perder a cara de Faustino Arayán quando fossem lhe arrancando as faixas da máscara que no final se transformara em seu próprio rosto. Choraria? Pediria perdão? Ficaria de joelhos, inclinando toda a sua compacta petulância? Sim, gostaria de estar presente para assistir a essa cena, o desmoronamento digno de avalanche desse homem capaz de julgar e condenar, classificar e desprezar, esmagar com seus rígidos critérios morais e políticos pessoas e vidas como moscas impertinentes. Direitos humanos? Foda-se, lamentou-se enfim, de novo, pois perderia aquela última encenação depois de ter trabalhado tanto em toda a peça... E então pensou que na verdade restavam-lhe pendentes outras lamentações adicionais: gostaria de ter sabido, por exemplo, o que Alexis dissera ao pai, que palavras capazes de provocar sua ira homicida, e saber também tudo o que enchia a mente de Alexis Arayán enquanto vestia as roupas impróprias de Electra Garrigó, na noite suicida em que saíra para fabricar a própria morte, embora ele soubesse que essa verdade estava perdida para sempre junto com os medos, os ódios e a própria vida do travesti ocasional. E gostaria também de saber – e claro que lamentava não sabê-lo – por que podiam acontecer no mundo fatos tão terríveis como esse em que seu ofício o obrigava a se envolver, como num manto trágico... E o Gordo Contreras? Um

policial corrupto, que se aproveitava de seu cargo, seu uniforme e sua patente para achacar os outros? Não, disse, ainda negando o que, pelo visto, já não tinha negação possível.

Quando chegou ao estacionamento da Central, Conde sentiu que todo o calor da cidade se jogava em cima dele, como devia acontecer quando se atravessavam as águas negras do Inferno, diante das portas sulfurosas do mundo do retorno impossível.

– Você já levou María Antonia? – perguntou então a Manuel Palacios, quando se aproximou do carro.

– Levei, me disse para deixá-la em Miramar. Queria apanhar suas coisas. Disse que à noite vai para a casa do irmão.

– Ela pelo menos vai presenciar o desmascaramento. Tomara que possa desfrutá-lo... Leve-me para casa, acho que preciso dormir. Talvez sonhar – citou, acendeu um cigarro e cuspiu na rua. – Que merda, não é?

– É, Conde, que merda... Olhe, pega mal se eu pedir perdão por todas as cretinices que lhe disse outro dia?

O suor o acordou com uma sensibilidade de enguia na pele. Procurou os números vermelhos do relógio elétrico e encontrou o mostrador apagado. O ventilador também havia parado de girar. Mas como é que vai faltar luz a esta hora, protestou, quando afinal encontrou seu relógio de pulso e verificou que eram apenas quatro da tarde. Penetrando a densidade das cortinas, o reflexo do sol pairava impertinente em seu quarto, como um benefício imposto ao qual não é possível renunciar. Levantou-se e saiu em busca dos restos mortais do café que fizera de manhã. Enquanto bebia, observou pela janela as perspectivas de seu futuro mais imediato e pela primeira vez em vários meses elas lhe pareceram levemente propícias. Fumou tranquilo e, quando se dispunha a tomar um banho, o telefone tocou.

– Sou eu, Mario.

– Sim, major, o que houve?

– O homem está aqui, já confessou.

– E como foi a sessão?

– Bem, diz ele que deve ter sido um momento de loucura, que nunca pensou em fazer isso, e joga a culpa de tudo em Alexis. Diz que saiu do Hotel Riviera, onde tinha um encontro com um deputado italiano que é seu amigo pessoal, e que encontrou na rua uma mulher, ao lado de seu carro. Diz que no primeiro momento não a reconheceu, mas que a olhou porque tinha algo estranho e se deu conta de que era Alexis – a voz sem inflexões intencionais do major Rangel continuou a história, que a mente de Conde, já preparada para imaginar, foi visualizando cena por cena, até o final trágico: o personagem do homem grande, até esta manhã sem rosto, agora tinha a fisionomia de Faustino Arayán, que se espanta ao ver o filho, vestido de mulher, esperando por ele na saída de um hotel. “E o que você está fazendo aqui com essa roupa de mulher?” “Nada, estava esperando por você, para que me leve para casa. Toña me disse que você ia estar aqui. Você pode me levar no seu carro ou vai ficar muito envergonhado por me ver assim?” Alexis não recebe resposta, mas seu pai se aproxima do carro e lhe abre a porta do carona. Faustino, incomodado, acende um dos Montecristos que leva no bolso e o carro se inunda de fumaça, que se dissipa quando começa a andar. “E o que vai fazer em casa, com esse vestido? Você enlouqueceu? Não tem vergonha de andar assim na rua? De onde está vindo desse jeito?” “Vesti-me no banheiro do hotel e não tenho nenhuma vergonha... Hoje senti que minha vida ia mudar. Recebi uma luz, que me ordenou: Faz o que tens de fazer e vai ver teu pai.” “Você está maluco!” “Estou em meu perfeito juízo.” “Diga de uma vez o que quer e não me encha mais.” “Entre aí no Bosque, para conversarmos mais tranquilos.” Faustino volta a pensar que seu filho enlouqueceu, que o está provocando e que talvez seja melhor resolver tudo antes de chegar em casa. Dobra à esquerda e o carro desce para o Bosque de Havana, onde a essa hora da noite corre uma brisa que contrasta com o calor do resto da cidade. “Vamos para o rio. Quero ver o rio.” “Está bem, está bem. O que você ia mesmo me dizer?” E Alexis lhe disse que o odiava, que o desprezava, que ele era um oportunista e um hipócrita, e de repente se atirou para lhe bater na cara. Faustino largou o charuto e empurrou Alexis, que caiu ajoelhado no mato, mas só para se pôr de pé e tornar a agredi-lo, e Faustino, sem explicar como, pegou a faixa de seda que havia se soltado da cintura daquela mulher equívoca e enfurecida, que por sua vez o enfurecia, o

agredia, o enlouquecia, e, quando se deu conta do que estava fazendo, Alexis desabava, com os pulmões vazios de oxigênio... O que você acha?

– Dá para acreditar, mas ele se esqueceu de contar metade da história. Alexis disse ao pai alguma outra coisa, que foi o que o deixou louco: ameaçou-o de fazer ou contar alguma coisa, não sei... E acho que por isso ele lhe pagou com duas moedas.

– Não invente, Conde.

– Não estou inventando, Velho. Essa história de oportunista, hipócrita e ódio Alexis já havia dito mil vezes a ele. Averiguem agora o que Alexis sabia que podia ser muito perigoso para o pai... E Alexis disse isso porque sabia que ele ia reagir assim. Desenterrem toda essa história e verão que vão aparecer coisas terríveis, ou não me chamo Mario Conde. Mas tem de apertá-lo, Velho, como um delinquente qualquer.

– Imagino...

– E o que diz das moedas?

– Diz que teve muito medo e de repente lhe veio essa ideia para despistar e fazer crer que fosse coisa de homossexuais.

– Que bom filho da puta, não é? E sobre a medalha, o que é que ele diz?

– Diz que pensou que talvez ninguém identificasse Alexis e por isso tirou a medalha. Mas esqueceu que ele podia estar com a carteira de identidade.

– É, também me parecia pouco elegante essa mulher andando com uma carteira de identidade. Quer dizer que quanto a isso pensamos a mesma coisa. Lamento por mim.

– Diz que guardou a medalha no cofrezinho, nessa mesma noite... Agora a única coisa que faz é jogar a culpa em Alexis e dizer que não sabe como tudo aconteceu. Você sabe como é isso.

– Sei, Velho, sei como é isso, mas não se esqueçam de uma coisa: esse sujeito é um filho da puta com marca de qualidade e selo de garantia... Só tendo uma mente muito torta para que lhe venha à cabeça tirar a medalha de um enforcado, que é seu próprio filho, para tentar se salvar e além do mais meter-lhe duas moedas no cu. E por que não o atirou no rio?

– Diz que passou uma moto perto e ele se assustou. Foi então que tirou a medalha.

– Deu uma de pobre coitado, o homem... Olhe, Velho, não tenham pena dele...

– Não fale assim, Mario, vamos fazer tudo como deve ser feito.

A voz do major agora soou pastosa e amena, e Conde pensou que era melhor assim: tudo devia ser pastoso e ameno, e resolveu começar a tirar de cima dos ombros o fantasma vermelho de Alexis Arayán.

– Bem, agora o problema é de vocês e dele... Velho, me dá uma semana de férias?

– O que há com você? Não me venha com a história de que vai escrever.

– Não, claro que não. Quem se lembra disso? É que estou cansado e fodido. E você, como está?

O silêncio pairou na linha mais tempo do que era de esperar com o major Rangel.

– Estou cheio, Conde. E decepcionado... Acho que vou pendurar as chuteiras. Mas esqueça isso, rapaz. Pegue a sua semana e se puder ponha-se mesmo a escrever alguma coisa. Aprenda a ajudar a si mesmo e não se lamente de nada... Venha na próxima segunda-feira. Se eu precisar lhe telefono antes, ok?

– Ok, Velho. Cuide-se. E olhe: vou ver se lhe consigo uns bons charutos – disse e desligou.

Enquanto tomava uma ducha, pensou que lhe sobrara tempo para ir se encontrar com Poly e sentiu necessidade de contar ao Marqués o último capítulo dessa história sórdida da qual, enfim, nunca se saberia toda a verdade. Mas lhe devia essa versão. Tentava imaginar como contaria tudo ao dramaturgo e percebeu que nada mais fazia senão ocultar de si mesmo a verdadeira ansiedade que essa visita lhe provocava: levaria seu conto ao velho dramaturgo. Será que ele vai gostar?, perguntou-se enquanto tomava banho, quando se vestia, ao sair para a rua, e ainda se perguntava quando deixou cair pela terceira vez a aldrava e esperou que se abrissem as cortinas do teatro do mundo de Alberto Marqués.

– Você é um homem surpreendente, amigo senhor policial. Tanto que agora acho que é um falso policial. É como um outro tipo de travestimento,

não é? Com a diferença de que aqui se despiu... e se vê cada coisa – disse o Marqués, abanando como um leque as laudas do conto.

– Mas... o que acha? – Conde suplicou, tímido em sua nudez observada.

O dramaturgo sorriu, sem chegar aos soluços. Nessa tarde de domingo usava um roupão felpudo, talvez menos decrépito que o de seda, e para poder ler abriu todas as janelas da sala e aproximara as laudas dos olhos, como se precisasse senti-las muito perto das pupilas, e Conde afinal conseguiu ter uma ideia exata do cenário em que haviam se encontrado todos esses dias. Era a imagem que sempre se tem de um desvão, ou de uma mansarda, ou desses lugares poeirentos e mofados, próprios para os filmes de terror e que não existem nas casas cubanas, menos ainda nessas de pé-direito tão alto. Enquanto o Marqués lia, Conde fumou dois cigarros e se dedicou a fazer o inventário do que podia ser útil naquele acúmulo surrealista de objetos que nunca se costuma encontrar: fora as duas poltronas que ocupavam, o tenente acreditou que só dava para salvar uma mesa de madeira escurecida, o pé de bronze que devia sustentar um abajur *art nouveau* e uns pratos que pareciam em bom estado e talvez até de porcelana. Todo o resto cheirava a cadáveres estranhos, mas sem opção de ressurreição: deviam ser os restos finais da autofagia que certamente o Marqués praticara com a própria casa.

– O que eu acho eu lhe digo depois. Primeiro quero saber uma coisa. Ultimamente você andou lendo Camus ou Sartre?

Conde pegou outro cigarro.

– Não, quase não tenho lido. Por quê?

– Conhece *O estrangeiro*? – Conde disse que sim, e seu anfitrião sorriu de novo. – Bem, é que o seu motorista de ônibus me faz lembrar o senhor Meursault de *O estrangeiro*... É bonita essa possibilidade metafórica, não é? O existencialismo francês e os ônibus cubanos enlaçados pela insistência do sol – sorriu de novo e Conde sentiu vontade de agarrá-lo pelo pescoço. O sacana está debochando.

– Então lhe parece ridículo.

– Mas não tem título – continuou o Marqués, como se não tivesse ouvido a queixa de Conde, que agora mexeu a cabeça: não tinha. – Pois me vem um à mente, vendo esses personagens mortos antes de morrer fisicamente: *Com a morte na alma*. O que acha?

– Não sei, acho que gosto.

– Pois, se quiser, lhe dou de presente. Inteirinho, é de Sartre...

– Obrigado – Conde devia dizer, e pensou que não tinha sentido voltar a lhe pedir uma opinião definitiva sobre a qualidade já desvalorizada daquele seu conto da alma.

– É curioso voltar a ler contos assim... Em outra época certamente o teriam acusado de assumir posturas estéticas de caráter burguês e antimarxista. Imagine essa leitura do conto: não há explicação lógica nem dialética para o irracionalismo de seus personagens nem de sua história; é evidente a incapacidade dessas criaturas para explicar a desorganização da vida humana, enquanto o detalhismo naturalista do narrador apenas reforça a desolação do homem que recebeu, não se sabe de onde, uma iluminação de sua existência. Tal estética, poderia então se dizer (como muitas vezes se disse), nada mais é do que um reflexo da degeneração espiritual da burguesia moderna. Além disso, sua obra não oferece soluções para as conjunturas sociais que apresenta, sem falar do que é mais evidente: que transmite uma imagem sórdida do homem numa sociedade como a nossa... O que acha dessa leitura? Pobre existencialismo... E que fazemos então com essas obras tão horripelantemente belas de Camus, de Sartre e de Simone?... E o pobre Scott Fitzgerald, e o escatológico Henry Miller, e os bons personagens de Carpentier, e o mundo obscuro de Onetti? Decapitar a história da cultura e as incertezas do homem?... Mas sabe o que mais me surpreende? Sua capacidade de fabulação. Você não escreveu um conto de aprendiz, amigo policial, mas o conto de um escritor, embora eu tivesse preferido outro final: que ela é que matasse o motorista... E, me diga, como teve a ideia de escrever esse conto? Sempre me fascina o mistério da criação.

– Não sei, acho que porque vi um motorista de ônibus com cara de motorista de ônibus, e ultimamente me disseram que tenho cara de policial.

O riso do Marqués se transformou na cadeia de soluços que pareciam empenhados em desmontá-lo de vez, e Conde esteve a ponto de se levantar e sair da casa.

– E você acreditou em mim, amigo senhor policial? Se foi só uma brincadeira. Ou uma defesa, não sei direito. Queria pôr distâncias, você sabe. Medos e receios, não é? É que, quando a gente já recebeu golpes, aprende a

levantar os braços antes que tentem nos golpear de novo. Como o cão de Pavlov. Mas a verdade é que acho que me excedi com você: não sou tão perverso, nem tão irônico, nem tão... nem tão veado como o fiz crer. Não tanto. Por isso agora lhe peço perdão, se é que lhe faltei com o respeito. Um homem com a sua sensibilidade e capaz de escrever uma história tão inquietante e tão comovente, e além disso tão bem escrita e tão sincera, não merecia ser tratado assim. Peço-lhe desculpas por todas as minhas ironias.

– Então o conto lhe parece bom? – insistiu Conde em busca de uma afirmação simples, desprovida das volutas verbais da dúvida.

– Mas você não escuta? Já lhe disse... E vou lhe dizer mais uma coisa: também o admiro como policial. A história do charuto foi coisa de gênio, não é? Nunca teria me vindo à cabeça essa solução dramática para catalisar a tragédia que se tinha urdido... Porque não sei se notou que tudo isso parecia uma tragédia grega, no melhor estilo de Sófocles, cheia de equívocos, histórias paralelas que começam vinte anos antes e se cruzam definitivamente num mesmo dia e personagens que não são quem dizem que são, ou que escondem o que são, ou mudaram tanto que ninguém mais sabe quem são, e num instante inesperado se reconhecem tragicamente. Mas todos enfrentam um destino que os supera, os obriga e os impulsiona para a ação dramática: só que aqui Laio mata Édipo, ou Egisto se antecipa a Orestes... Será que se chama filicídio?... E tudo se desata porque se comete *hybris*. Há excessos de paixão, de ambição de poder, de ódios exasperados, e isso costuma ser duramente castigado... Nesse jogo quase teatral, só é lamentável o fato de os deuses terem escolhido Alexis para o sacrifício macabro de seu destino. O que fez esse pobre menino me causou uma grande dor, porque em meus anos de vida já vi morrer muita gente, dezenas de amigos, toda a minha família, e cada morte próxima é como uma advertência alarmante de que a minha pode ser a seguinte, e quanto mais velho estou mais temo a morte. Mas agora me alegro muito que você tenha desmascarado esse senhor e que o tenham prendido... Porque vou lhe contar mais uma coisa: quer saber onde começaram a se cruzar as linhas dessa tragédia? Em Paris, na primavera de 1969: Faustino Arayán foi o funcionário da embaixada que bateu naquele dia na casa do Fortão para dizer que o Outro Rapaz estava na delegacia. E foi ele quem decidiu que o Outro devia voltar a Cuba e o mandou envolto em papéis onde pôs toda a merda que quis, sobre o

Outro e sobre mim também, é claro. E, é óbvio, Alexis também sabia de tudo isso...

Chegara o fim da festa e saí de Paris debaixo de chuva. Porque a primavera em Paris é frágil assim: o bater de asas agônico do inverno pode agredi-la com uma impunidade simplesmente asquerosa e vingativa. O mau tempo chegou sem aviso prévio, e as janelas, que de dia deixávamos abertas para os cheiros e ruídos amáveis daquela estação, tiveram de ser fechadas para vermos pelas vidraças como a chuva gélida maltratava os brotos virgens das árvores da praça ali perto. Dois dias antes eu terminara minhas buscas de documentos sobre Artaud e também o ciclo de aulas magistrais no Teatro das Nações, onde expus pela primeira vez em público minha nova ideia sobre a montagem de *Electra Garrigó* a partir do que chamei uma estética travesti. Foi um sucesso, na verdade meu último grande sucesso público... De Sartre a Grotowski, passando por Truffaut, Néstor Almendros, Julio Cortázar e Simone Signoret, todos me fizeram elogios públicos e privados, e recebi ali mesmo o convite para apresentar a peça na temporada seguinte, com espetáculos em seis cidades francesas. Estava no auge do meu sonho quando começou a chover em Paris, como se nunca tivesse chovido, e resolvi então voltar para o sol ímpio mas seguro de Havana, com uma pressa febril em me meter a trabalhar. O Fortão me acompanhou a Orly, e nunca pudemos imaginar que aquele abraço e o beijo que me deu no pescoço seriam o último contato carnal que eu teria com ele. Nunca voltamos a nos ver.

Assim que cheguei comecei a trabalhar. Deixei que os outros diretores se encarregassem do repertório daquele ano, tranquei-me em casa com o texto de Virgílio e comecei a conceber a montagem. Em dezembro já tinha pronto o primeiro libreto, com todos os esboços de cenário e figurinos, a distribuição cênica por atos e cenas e uma tentativa de elenco do qual participavam atores de diversos grupos, porque eu precisava contar com o melhor dos palcos cubanos. Mas então já havia começado a safra e todo o país vivia em função de cortar e moer cana – até os atores e os técnicos de teatro – e tive de esperar o mês de julho para ter a possibilidade de trabalhar com as pessoas que eu queria. Escrevi a Paris, expliquei as causas do atraso e eles amavelmente propuseram a

turnê para o ano terrível de 1971, então aproveitei para preparar a edição de *O teatro e seu duplo*, a melhor que se publicou em castelhano... Por fim, no dia 6 de setembro, reuni no teatro todos aqueles que iam trabalhar na montagem e fiz uma primeira leitura do libreto, explicando os complementos cenográficos requeridos, de luzes, figurinos e atuação. As palmas, no final, com todo mundo de pé, me convenceram definitivamente de que eu chegara às portas do céu: só precisava bater para que o bom são Pedro me recebesse de braços abertos... E começamos a trabalhar. Embora tudo fosse muito difícil (os tecidos para os figurinos, a confecção das trinta e duas máscaras que a peça exigia, o traje impecável do Pedagogo-centauro, os desenhos cenográficos), pouco a pouco fomos conseguindo o necessário e em janeiro passamos dos ensaios a frio aos ensaios com o cenário e os trajes prontos. O trabalho dos atores era realmente muito complicado, e eu exigia deles a perfeição. Deviam manejar as máscaras como se fossem sua própria cara, o que requeria um treinamento especial e muitíssimo trabalho, e dedicamos longas horas a ver filmagens de teatro japonês. Então comecei a convidar pessoas bem selecionadas para assistirem aos ensaios e todos saíam dali alucinados. Só Virgílio me disse algo que, na minha euforia, eu não soube ouvir: Marqués, isso é melhor do que o que escrevi, mais intenso, mais provocador, e você me deixa assim, humilhado, ou seja, de bunda no chão... Mas, meu velho, é demasiado turbulento e cruel, e estou me borrando de medo... Na verdade o ambiente já estava muito carregado, mas eu não soube ver os sinais de perigo que chegavam de todo lado, como que pressagiando a tormenta. Sempre tive o defeito de não acreditar nos boletins meteorológicos. Deixo que a paixão me envolva e fecho olhos e ouvidos para tudo o que não seja essa ideia fixa... Por isso, no final, marcamos a data de estreia em Havana para abril e o início da turnê pela França para maio. E aí se iniciou o princípio do último ato da história que terminaria com a representação que fizeram os quatro burocratas atrás da mesa de dissecação posta num cenário teatral... Um dia me chamaram para me dizer que havia problemas com a viagem a Paris. Tinham em mãos uns relatórios dizendo que durante minha última temporada na França houvera problemas morais bastante sérios e que se sabia que eu inclusive havia me hospedado na casa do Fortão, que mantinha uma atitude ambígua diante de todo o processo e tinha relações suspeitamente cordiais com certos círculos intelectuais franceses,

pseudorrevolucionários e revisionistas... Que eu havia me reunido com Néstor Almendros e com outras pessoas que mantinham atitudes críticas, entre as quais incluíram até o fiel Julio Cortázar, e foi então que começaram a me contar coisas que só duas pessoas sabiam: o Fortão e o Outro Rapaz... Disseram-me que na embaixada de Paris conheciam muito bem todas essas histórias, nas quais descobri que se ligavam a verdade e a mentira de um modo surpreendente: os fatos eram reais e só o Outro podia tê-los contado, pois no que iam me dizendo era visível a marca de sua vulgaridade, mas os juízos de valor que faziam seriam de mijar de rir, se aquilo não fosse tão sério. Ali se podia dizer qualquer coisa sobre minha pessoa, minha obra, minha moral, minha atitude, minha ideologia e até meu estado de espírito... Mas ainda não me deixei vencer. Escrevi ao Fortão e lhe pedi que recorresse às suas influências em Paris para agilizar os convites, e que os enviasse pela via mais oficial possível, e mantive a data de estreia em Cuba para abril. Então veio o golpe de mestre: numa semana vi como iam abandonando a peça Orestes, o Pedagogo, Clitemnestra Pla e até a própria Electra Garrigó... Achei que ia morrer, mas ainda não me dei por vencido e comecei a procurar outros atores, até o próprio dia em que convocaram a nós todos no teatro e decidiram, *in absentia*, expulsar-me do grupo por vinte e quatro votos a favor e duas abstenções.

Dois meses depois, o Outro Rapaz publicou um texto sobre o teatro cubano contemporâneo em que não citava meu nome nem minhas peças, como se eu nunca houvesse existido ou como se fosse impossível que eu voltasse a existir... Então compreendi que não havia nada a fazer, ou que eu não tinha nada a fazer, a não ser me refugiar em meu caracol, como uma lesma fustigada. E deixei cair o pano. Dei-me por vencido e aceitei todos os castigos: trabalhar na fábrica, primeiro, e na biblioteca, depois, esquecer o teatro e as publicações, as viagens e as entrevistas, transformar-me em nada. E assumi meu papel de fantasma vivo, atuando com máscara e tudo, durante tanto tempo que você mesmo pode ver: a máscara branca agora é meu próprio rosto.

– Será verdade? – disse-lhe o Marqués, e acrescentou: – Pois agora venha comigo. – E Conde o seguiu pela sala, atravessaram o quarto, caminharam pelo corredor e chegaram ao aposento com cheiro de umidade, de poeira antiga e

papéis velhos. O dramaturgo acendeu a luz e o policial se viu rodeado de livros, do chão até o teto altíssimo, livros em quantidade e qualidade incalculáveis, em encadernações e volumes disparatados, em tamanhos e cores diversos: livros.

– Olhe bem, o que está vendo?

– Bom... livros.

– Livros, sim, mas você que é um escritor deve saber que está vendo algo mais: está se deparando com o eterno, o inextinguível, o magnífico, algo contra o qual ninguém pode nada, nem mesmo o esquecimento. Olhe, aquela ali é a edição de *O paraíso perdido* que eu roubei... Como você sabe, seu autor é o poeta Milton e as ilustrações são de Gustave Doré. Agora vou lhe perguntar uma coisa: quem seria capaz de dizer o nome do vizinho de Milton, um homem riquíssimo, muito temido em seu tempo, que talvez um dia o tenha acusado de alguma barbaridade? Não sabe? Claro: ninguém sabe nem ninguém deveria saber, mas todo mundo se lembra quem foi o poeta. E Dante, foi guelfo ou gibelino? Tampouco você sabe, não é mesmo? Mas sabe que escreveu *A divina comédia* e que sua fama é superior à de todos os políticos de seu tempo. Pois isso é o invencível... E agora vou lhe dizer por que o trouxe aqui.

Foi até uma das estantes e pegou uma pasta vermelha, presa com fitas que um dia foram brancas e agora exibiam camadas de sujeira.

– Vou lhe contar isto, amigo policial, porque acho que devo, como lhe devia uma desculpa por meus excessos com você... Pois aqui dentro há oito peças de teatro escritas durante esses anos de silêncio e nessa outra pasta que vê ali há um ensaio de trezentas páginas sobre a recriação dos mitos gregos no teatro ocidental do século XX. O que acha?

Conde fez seu gesto: meneou a cabeça, negando.

– E por que manter isso escondido? Por que não tenta publicar tudo?

– Pelo que disse antes: meu personagem deve sofrer em silêncio até o fim. Mas esse é o personagem: o ator fez o que devia fazer, por isso continuei escrevendo, porque, como acontece com Milton, um dia vão se lembrar do escritor e ninguém será capaz de mencionar o triste funcionário que o hostilizou. Não me deixaram publicar nem dirigir, mas ninguém podia me impedir de escrever e pensar. Essas duas pastas são minha melhor vingança, entende agora?

– Acho que sim – disse Conde, acariciando as folhas datilografadas de seu conto, e descobriu, nesse instante, que não sabia o que fazer com ele. Talvez fosse só uma história para três leitores: ele mesmo, o magro Carlos e Alberto Marqués, e isso lhe pareceu suficiente. Não, nem sequer achava necessário exibi-lo a outras pessoas, nem pretender nada da literatura: apenas fazê-la, pois o Marqués tinha razão: nessas laudas estava o invencível.

– Eu também queria me desculpar, Alberto. Em algum momento devo ter sido muito brusco com você.

– Ai, meu filho! Mas você é um anjo! Você não sabe o que é ser brusco comigo. Olhe, se eu lhe contar... É melhor não, deixe para lá.

Conde sorriu, lembrando-se das histórias ouvidas sobre as aventuras eróticas do Marqués, naquela mesma casa. Bem, digam o que disserem, ele é veado, isso, sim, não é mentira, mas já não tenho nada contra, concluiu.

– Vamos, é melhor nos sentarmos – o Marqués propôs e voltaram para a sala, enquanto Conde acendia um cigarro.

– Devo confessar que agora sou eu que estou humilhado – disse o policial enquanto recuperava seu assento e seu lugar no cenário da sala. – Mas todas essas confissões me confirmaram uma ideia que tenho há dois ou três dias: você não me disse algo que sabe e que pode explicar melhor a morte de Alexis. Vai contar agora ou tenho de interrogá-lo?

– Quer dizer que você acha que ainda tem mais?... Você é um investigador de mão cheia, não é? Então quer ouvir mais? – o Marqués insistiu e, sem esperar resposta, levantou um de seus braços para que a manga de seu roupão deixasse espaço e, como um mágico de fato espetacular, pudesse introduzir a mão e tirar algo que mostraria a Conde. – Quer que lhe diga o que foi que Alexis deve ter dito a Faustino para que ele ficasse nesse estado? Bem, pois... ai, que língua a minha. Não, não devo dizer, porque, quando Alexis descobriu e me disse, me fez jurar sobre sua Bíblia que, acontecesse o que acontecesse, eu não diria a ninguém. E não disse a ninguém. Por isso fiquei calado, sabe?

Conde sorriu.

– E agora você acredita em juramentos sagrados? Mesmo sabendo que manter esse segredo pode salvar o assassino de Alexis ou atenuar sua culpa?

O Marqués passou a mão pela cabeça mal guarnecida e sorriu, diabolicamente.

– É verdade, se eu não acredito em nada e esse senhor é... Mas deixe eu lhe dizer que também fiquei calado porque não imaginei que esse homem fosse capaz de chegar a fazer o que fez... Pois o que Alexis lhe disse foi que ficara sabendo da fraude que o pai cometeu em 1959, quando falsificou uns documentos e conseguiu duas testemunhas falsas que atestaram que ele havia lutado na clandestinidade contra Batista... Foi assim que Faustino subiu no carro da Revolução, com um passado que lhe garantia ser considerado um homem de confiança que merecia sua recompensa... Imagine só o que aconteceria se descobrissem isso? Bem, você imagina: terminava a festa dele.

Conde quis sorrir, mas não conseguiu. Deve ser outra história desse safado, pensou.

– Por isso lhe pagou com duas moedas... E como Alexis ficou sabendo da história? Quem teria lhe contado?

– Quem lhe contou foi María Antonia...

– E por que lhe contou?

– Não sei, talvez porque pensasse que Alexis deveria ter essa carta na manga, não acha?

Conde sorriu enfim.

– Quer dizer que María Antonia... Quantas coisas María Antonia sabia; e eu que acreditei...

– É, você é um crédulo, meu amigo policial. Mas é melhor que seja assim: antes crédulo do que cínico. Por isso vou lhe confessar mais uma coisa: muitas das acusações que me fizeram são verdadeiras: sou autossuficiente, orgulhoso, experimentalista e, desde que fiz doze anos e compreendi que estava apaixonado pelo namorado de minha irmã, aprendi que não tinha outro jeito senão me esfregar, onde quer que fosse, num homem, e desde então é o que estou fazendo. Porque isso, sim, é o meu negócio, ontem, hoje e amanhã, como diz o lema...

Conde nunca pensou que pudesse ouvir algo assim e que, para completar, achasse simpático e não pensasse em se levantar e dar um pontapé naquele malandro exultante. Mas, de qualquer maneira, resolveu que se impunha uma retirada a tempo e tentou amarrar os últimos fios da história.

– O relatório de Paris foi Arayán que escreveu?

– E quem seria? Sempre foi um tipo ruim, insidioso e arrivista.

– E o que você soube do Fortão?

– Como tudo é terrível, não é? Soube que ele está muito mal, mas mal mesmo. Dizem que só lhe restam uns meses... Pobre de meu amigo. Sofreu muito com o que aconteceu comigo. Talvez até mais que eu.

– Bem – disse então Conde, enquanto se levantava –, preciso ir. Mas quero lhe fazer duas últimas perguntas.

– É sempre a mesma coisa: duas últimas perguntas.

– Quem é o Outro Rapaz?

– Mas não adivinhou? Ai, então você não é tão bom policial. Olhe que lhe dei todas as pistas. Portanto, averigüe você, se pensa em ser escritor e não quer ter problemas. E qual é a outra?

– No dia em que fui urinar no seu banheiro, você ficou me espiando?

O Marqués recuperou o gesto de espanto que Conde já conhecia: armou um enorme O mudo na boca e pôs a mão direita sobre o peito, como disposto a jurar.

– Eu? Você me acha capaz disso, amigo senhor policial?

– Acho.

Então riu, sem chegar aos soluços.

– Pois você faz um péssimo juízo...

– Se é você que diz.

– Claro que digo. Escute aqui, quero lhe pedir um favor: guarde meu segredo. Fui com a sua cara e quando vou com a cara de alguém fico propenso às confissões. Mas o que há nessas pastas só três pessoas sabem, e você é uma delas.

– Não se preocupe. Nem sequer vou lhe perguntar quem é a outra pessoa, além do Fortão... Bem, agora vou indo. Obrigado por tudo.

– E quando volta aqui?

– Quando escrever outro conto ou quando matarem outro travesti. Deixo-lhe o livro do Fortão que você me emprestou, portanto não lhe devo nada, não é? Bem, quase nada... – disse, e estendeu a mão ao Marqués, que depositou sua esquelética estrutura óssea na palma de Conde. Se o Gordo Contreras o agarrasse, pensou o tenente, e apertou de leve a mão do dramaturgo, mas logo a soltou, pois teve a impressão de adivinhar uma aproximação perigosa que se iniciava na cara do Marqués. Quer me dar um beijo? Não, não, isso não,

pensou, e saiu para a rua, onde um sol carmim terminava com delicados tons púrpura a agonia lânguida e aveludada da tarde de domingo, mais aveadada do que o próprio Alberto Marqués.

Enquanto se embrenhava pela parte velha da cidade, Conde observava com olhos interrogativos cada mulher que cruzava o seu caminho: será um travesti?, perguntava-se, procurando algum detalhe revelador na maquiagem, nas mãos, na forma dos seios e na curva das nádegas. Dois jovens, que caminhavam rebolando e de braços dados, lhe pareceram levemente suspeitos de transformismo, mas a penumbra da rua não lhe permitiu chegar ao convencimento acusatório. Então percebeu que queria encontrar um travesti. Para quê?, perguntou-se, vazio de respostas, e pensou, enquanto subia para o apartamento de Poly, que devia tirar todo esse lastro da cabeça, voltar a elevar-se e aproveitar o espetáculo de ver o andar de uma fêmea, melhor ainda se cubana, melhor ainda se numa rua de Havana, e pensar que aqueles seios dançantes, as nádegas inabordáveis, a boca mamífera podiam ser justamente para ele.

Poly o recebeu na porta, coberta apenas com um penhoar branco através do qual se revelavam a escuridão avermelhada de seus mamilos e a negritude de sua cabeleira inferior. Sem deixá-lo falar jogou-se sobre ele e disparou a língua entre seus lábios, como uma serpente desesperada.

– Meu Deus, que maravilha, um heterossexual policial – disse quando terminou seu exame bucal e enquanto apertava com a mão a turgência despertada de Conde, que lhe perguntou, no limite de seu orgulho:

– Estava me esperando?

– O que você acha, seu machista-stalinista? E o que traz nessa bolsa? – foi ela que então perguntou, tentando olhar dentro da sacola, mas Conde não deixou.

– Espere, primeiro quero lhe perguntar uma coisa... Posso ficar três dias aqui com você, sem sair nem ver o sol?

Ela sorriu, mostrando seus dentinhos afiados de pardal.

– Fazendo o quê?

– Uma coisa que não cansa nunca...

– Acho que sim.

– Bem, pegue a bolsa e ponha-a na trincheira. Aí dentro estou trazendo dez ovos, uma lata de sardinhas, duas garrafas de rum, cinco maços de cigarros, um pedaço de pão e um pacote de macarrão. Com isso ficamos fortes e resistimos ao assédio... Tem café? Bem, pois então, agora sim, somos invencíveis, como Milton.

– Que Milton?

– O cantor brasileiro... Agora preciso falar ao telefone – disse por último, enquanto tirava a camisa.

Discou o número direto do major Rangel e não se surpreendeu ao encontrá-lo ainda na Central.

– Velho, ouça isto e prepare-se para cair de bunda no chão – disse, sorriu e lhe contou a última revelação sobre o mascarado Faustino Arayán. – Bem, o que acha?

– O que já disse: este país enlouqueceu – e sua voz soou vazia de espantos ou cansaços: simplesmente era uma voz vazia, e Conde pensou como outras vezes: sua voz é o espelho de sua alma.

– Bom, ganhei minha semana de folga, não?

– Sim, e ganhou bem. Tomara que um dia desses você queira ser um bom policial... E, falando nisso, vai me dizer um dia por que se meteu a ser policial, hein, Conde?

– Vou tentar investigar e depois lhe conto... Ah, mas posso dizer uma coisa que eu sei: você é o melhor chefe de polícia do mundo, digam o que disserem e façam o que fizerem.

– Obrigado, Mario, é sempre bom saber essas coisas, embora às vezes não sirva para nada.

– Serve, sim, Velho, e você sabe. Cuide-se e nos vemos na segunda-feira – disse e desligou, para discar o número do Magro. Só precisou esperar três toques.

– Magro, sou eu.

– Diga, bicho. Vem para cá?

– Não, hoje não posso, nem amanhã, nem depois... Estou com uma bundinha de pardal. Pedi asilo por três dias.

– Ei, você está apaixonado por essa maluquinha?

– Não sei, Magro. Mas acho que com a cabeça que pensa não estou apaixonado, e é melhor assim.

– Ainda bem... Mas tome cuidado com a outra cabeça, que quando ela toma gosto por uma ideia...

– Escute, anote aí um número de telefone. Vamos lá: seis, um, três, quatro, cinco, seis. Isso é para você e para a velha Josefina, caso precisem de mim, mas não dê nem à morte se ela lhe pedir. Nem à Fundação Guggenheim, nem a Salinger se vier me ver em Havana, está bem? Ah, dê a Candito Vermelho, se me procurar por alguma razão...

– Ei, e se esses investigadores quiserem vê-lo?

– Que se danem, Magro, que se danem, ou que soltem em cima de mim os cachorros de busca e apreensão. Vamos fazer a versão cubana de *O fugitivo*... Ah, estava esquecendo o mais importante, com tanta besteira que estou falando: compre duas garrafas de rum para quarta-feira, que eu lhe dou o dinheiro. É o meu presente de aniversário. Vou ligar para Andrés e o Coelho para ver o que vamos inventar nesse dia, está bem?

– Não tem problema. Você sabe o que a velha quer fazer para o meu aniversário? Diz que é um churrasco argentino, com *chorizo*, *chinculines*, contrafilé, bife... Ah, escute, lembre-se de que você não me trouxe uma cópia do conto.

– Mas eu levo na quarta-feira... Olhe, e o que você vai fazer com a Dulcita? Conde sabia que devia esperar e esperou com toda a paciência.

– Nada, Conde, que porra eu vou fazer? Se vier, que venha, e vamos nos ver e vou lhe dizer: assim é a vida, minha chapa.

– É, isso é que é a merda, que assim é a vida. Bem, depois conversamos. Um abraço, meu irmão – e desligou.

Polyo esperava sentada na beira da cama, com um copo de rum em cada mão, e Conde pensou que era injusto sentir-se feliz enquanto o Magro, que já não era magro, vítima de uma guerra geopolítica na qual fora um peão destroçado, tinha vedadas todas as possibilidades dessa satisfação necessária e sofria com a ideia de que uma de suas antigas namoradas o visse assim, no fundo do abismo. Acariciou a franjinha de Poly, escolheu o copo mais cheio e, sem camisa, foi até a pequena varanda do apartamento em busca de um alívio para seus calores físicos e mentais e observou, na noite incipiente, os sobrados

de Havana Velha, eriçados de antenas, de ânsias de desmoronamento e histórias indecifráveis. Por que cargas d'água tudo tem de ser assim? É porque tudo é assim e não de outra maneira, Conde. Será possível voltar atrás e desfazer ofensas, erros e equívocos? Não é possível, Conde, embora você ainda possa ser invencível, pensou, quando, no meio da escuridão, descobriu o voo extravagante daquela pomba branca, que brotava de um sonho ou burlava seus costumes de animal diurno e desafiava a noite tórrida, tomando altura, numa vertical insistente, e depois dobrava as asas e fazia piruetas estranhas, como se nesse instante descobrisse a sensação vertiginosa de cair no vazio, até que ele a perdia de vista, atrás de um edifício carcomido pelos anos. Eu sou essa pomba, pensou, e pensou que, como ela, não tinha outra coisa a fazer: só retomar o voo, até perder-se no céu e na noite.

Mantilla, 1994-1995



Em 23 de agosto de 1989, cerca de 2 milhões de pessoas dão-se as mãos numa manifestação conhecida como Cadeia Báltica, que se estendeu por mais de 600 quilômetros, cruzando Estônia, Letônia e Lituânia, como protesto ao pacto Ribbentrop-Molotov em que, na mesma data, em 1939, União Soviética e Alemanha dividiram suas áreas de influência no leste da Europa.

© Leonardo Padura, 1997
© da tradução Boitempo, 2000, 2016
Traduzido do original em espanhol Máscaras
First published in Spanish language by Tusquets Editores, Barcelona, 1997

Direção editorial

Ivana Jinkings

Edição

Bibiana Leme

Assistência editorial

aisa Burani e Mariana Tavares

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar

Coordenação de produção

Livia Campos

Capa

Ronaldo Alves sobre fotos de Tom Marvel (frente) e Paul Lim (quarta)

Diagramação

Antonio Kehl

Equipe de apoio: Allan Jones / Ana Yumi Kajiki / Artur Renzo / Eduardo Marques / Elaine Ramos /
Giselle Porto / Isabella Marcatti / Ivam Oliveira / Kim Doria / Leonardo Fabri / Marlene Baptista /
Maurício Barbosa / Renato Soares / aís Barros / Tulio Candiotto

Versão eletrônica

Produção

Kim Doria

Diagramação

Schäffer Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P141m

Padura, Leonardo, 1955-

Máscaras / Leonardo Padura ; tradução Rosa Freire D'Aguiar. - 2. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.
recurso digital (Estações Havana)

Tradução de: Máscaras

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7559-530-5 (recurso eletrônico)

1. Romance cubano. 2. Livros eletrônicos. I. D'Aguiar, Rosa Freire. II. Título. III. Série.

28/11/2016 29/11/2016

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: dezembro de 2016

BOITEMPO EDITORIAL

www.boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.wordpress.com

www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/user/imprensaboitempo

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br

E-BOOKS DA BOITEMPO EDITORIAL

17 contradições e o fim do capitalismo

DAVID HARVEY

Cabo de guerra

IVONE BENEDETTI

Cidades sitiadas

STEPHEN GRAHAM

Deslocamentos do feminino

MARIA RITA KEHL

Estação Perdido

CHINA MIÉVILLE

Gênero e trabalho no Brasil e na França

ALICE RANGEL DE PAIVA ABREU, HELENA HIRATA E MARIA ROSA LOMBARDI

Mulheres, raça e classe

ANGELA DAVIS

A nova razão do mundo

PIERRE DARDOT E CHRISTIAN LAVAL

Por que gritamos golpe?

IVANA JINKINGS, KIM DORIA E MURILO CLETO (ORGS.)

Sartre: direito e política

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA

O sujeito incômodo

SLAVOJ ŽIŽEK

Televisão

RAYMOND WILLIAMS

A teoria da alienação em Marx

ISTVÁN MÉSZÁROS

Siga a Boitempo

BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 [/blogdaboitempo.com.br](https://blogdaboitempo.com.br)

 [/boitempo](https://www.facebook.com/boitempo)

 [@editoraboitempo](https://twitter.com/editoraboitempo)

 [/tvboitempo](https://www.youtube.com/tvboitempo)

 [@boitempo](https://www.instagram.com/boitempo)

"NÃO SE PODE FALAR SOBRE MIEVILLE
SEM USAR A PALAVRA 'BRILHANTE'." – URSULA K. LE GUIN

CHINA MIEVILLE

ESTAÇÃO PERDIDO

SÉRIE BAS-LAG



Estação Perdido

Miéville, China

9788575594902

610 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Com seu novo romance, o colossal, intrincado e visceral Estação Perdido, Miéville se desloca sem esforço entre aqueles que usam as ferramentas e armas do fantástico para definir e criar a ficção do século que está por vir." – Neil Gaiman

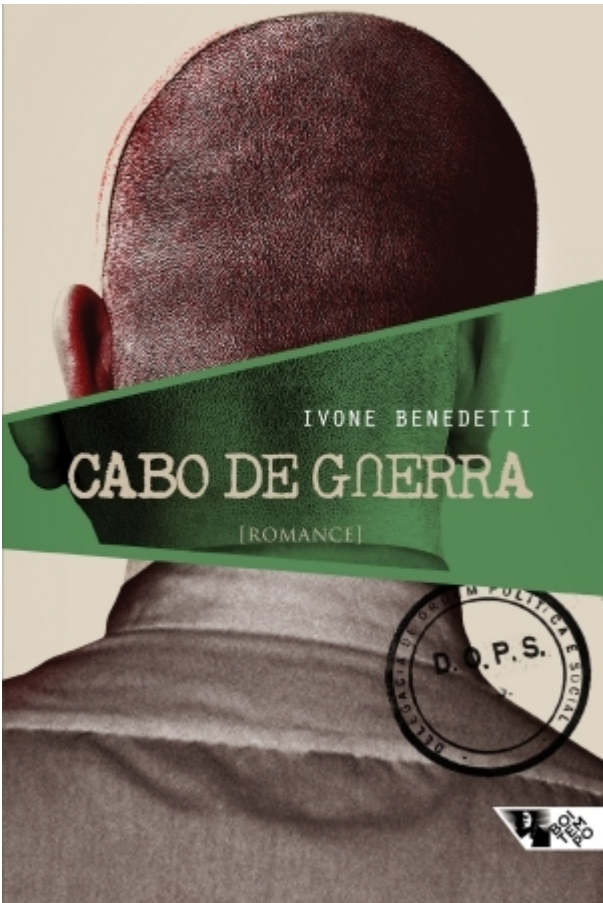
"Não se pode falar sobre Miéville sem usar a palavra 'brilhante'." – Ursula K. Le Guin

O aclamado romance que consagrou o escritor inglês China Miéville como um dos maiores nomes da fantasia e da ficção científica contemporânea. Miéville escreve fantasia, mas suas histórias passam longe de contos de fadas. Em Estação Perdido, primeiro livro de uma trilogia que lhe rendeu prêmios como o British Fantasy (2000) e o Arthur C. Clarke (2001), o leitor é levado para Nova Crobuzon, no planeta Bas-Lag, uma cidade imaginária cuja semelhança com o real provoca uma assustadora intuição: a de que a verdadeira distopia

seja o mundo em que vivemos.

Com pitadas de David Cronenberg e Charles Dickens, Bas-Lag é um mundo habitado por diferentes espécies racionais, dotadas de habilidades físicas e mágicas, mas ao mesmo tempo preso a uma estrutura hierárquica bastante rígida e onde os donos do poder têm a última palavra. Nesse ambiente, Estação Perdido conta a saga de Isaac Dan der Grimnebulin, excêntrico cientista que divide seu tempo entre uma pesquisa acadêmica pouco ortodoxa e a paixão interespecies por uma artista boêmia, a impetuosa Lin, com quem se relaciona em segredo. Sua rotina será afetada pela inesperada visita de um garuda chamado Yagharek, um ser meio humano e meio pássaro que lhe pede ajuda para voltar a voar após ter as asas cortadas em um julgamento que culminou em seu exílio. Instigado pelo desafio, Isaac se lança em experimentos energéticos que logo sairão do controle, colocando em perigo a vida de todos na tumultuada e corrupta Nova Crobuzon.

[Compre agora e leia](#)



IVONE BENEDETTI

CABO DE GUERRA

[ROMANCE]



Cabo de guerra

Benedetti, Ivone

9788575594919

306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010, Ivone Benedetti lança pela Boitempo seu segundo romance, o arrebatador Cabo de guerra, que invoca fantasmas do passado militar brasileiro pela perspectiva incômoda de um homem sem convicções transformado em agente infiltrado.

No final da década de 1960, um rapaz deixa o aconchego da casa materna na Bahia para tentar a sorte em São Paulo. Em meio à efervescência política da época, que não fazia parte de seus planos, ele flerta com a militância de esquerda, vai parar nos porões da ditadura e muda radicalmente de rumo, selando não apenas seu destino, mas o de muitos de seus ex-companheiros.

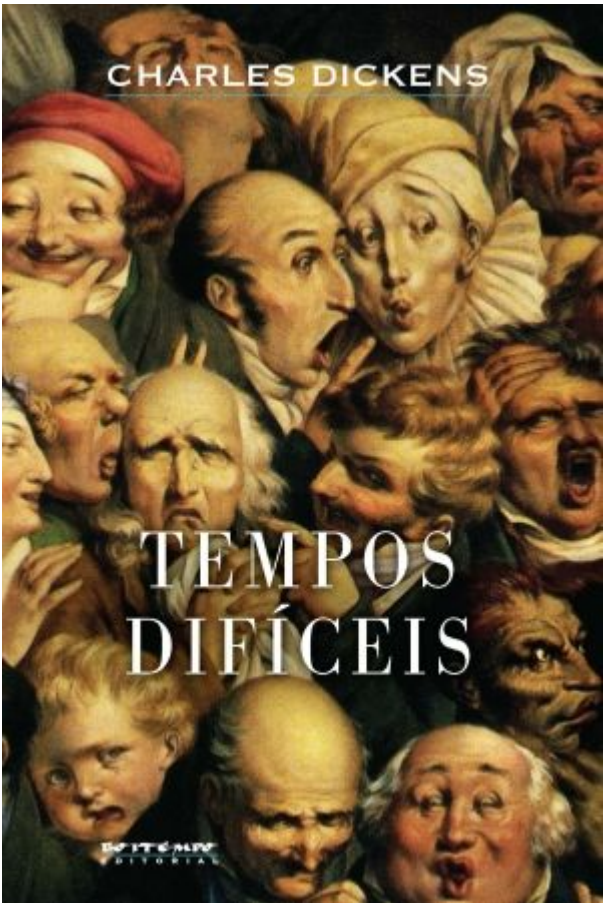
Quarenta anos depois, ainda é difícil o balanço: como decidir entre dois lados, dois polos, duas pontas do cabo de guerra que lhe ofertaram? E, entre as visões fantasmagóricas que o assaltam desde

criança e a realidade que ele acredita enxergar, esse protagonista com vocação para coadjuvante se entrega durante três dias a um estranho acerto de contas com a própria existência. Assistido por uma irmã devota e rodeado por uma série de personagens emersos de páginas infelizes, ele chafurda numa ferida eternamente aberta na história do país.

Narradora talentosa, Ivone Benedetti tem pleno domínio da construção do romance. Num texto em que nenhum elemento aparece por acaso e no qual, a cada leitura, uma nova referência se revela, o leitor se vê completamente envolvido pela história de um protagonista desprovido de paixões, dono de uma biografia banal e indiferente à polarização política que tanto marcou a década de 1970 no Brasil. Essa figura anônima será, nessa ficção histórica, peça fundamental no desfecho de um trágico enredo.

Neste Cabo de guerra, são inúmeras e incômodas as pontes lançadas entre passado e presente, entre realidade e invenção. Para mencionar apenas uma, a abordagem do ato de delação política não poderia ser mais instigante para a reflexão sobre o Brasil contemporâneo.

[Compre agora e leia](#)



CHARLES DICKENS

TEMPOS
DIFÍCEIS

EDITORA
VITÓRIA

Tempos difíceis

Dickens, Charles

9788575594209

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste clássico da literatura, Charles Dickens trata da sociedade inglesa durante a Revolução Industrial usando como pano de fundo a fictícia e cinzenta cidade de Coketown e a história de seus habitantes. Em seu décimo romance, o autor faz uma crítica profunda às condições de vida dos trabalhadores ingleses em fins do século XIX, destacando a discrepância entre a pobreza extrema em que viviam e o conforto proporcionado aos mais ricos da Inglaterra vitoriana. Simultaneamente, lança seu olhar sagaz e bem humorado sobre como a dominação social é assegurada por meio da educação das crianças, com uma compreensão aguda de como se moldam espíritos desacostumados à contestação e prontos a obedecer à inescapável massificação de seu corpo e seu espírito.

Acompanhando a trajetória de Thomas Gradgrind, "um homem de fatos e cálculos", e sua família, o livro satiriza os movimentos iluminista e positivista e triunfa ao descrever quase que de forma caricatural a sociedade industrial, transformando a própria estrutura do romance numa argumentação antiliberal. Por meio de diversas

alegorias, como a escola da cidade, a fábrica e suas chaminés, a trupe circense do Sr. Sleary e a oposição entre a casa do burguês Josiah Bounderby e a de seu funcionário Stephen Blackpool, o resultado é uma crítica à mentalidade capitalista e à exploração da força de trabalho, imposições que Dickens alertava estarem destruindo a criatividade humana e a alegria.

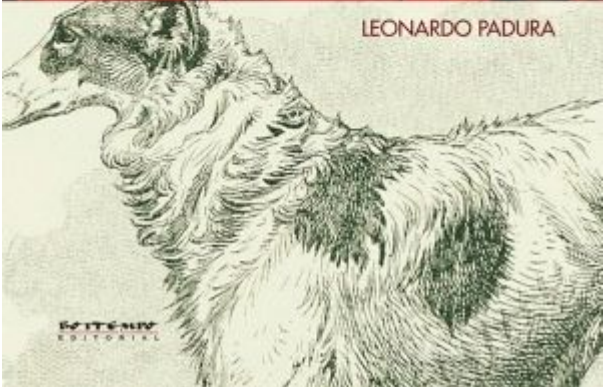
[Compre agora e leia](#)



ROMANCE

O HOMEM
QUE AMAVA
OS CACHORROS

LEONARDO PADURA



SPITZ
EDITORIAL

O homem que amava os cachorros

Padura, Leonardo

9788575593622

592 páginas

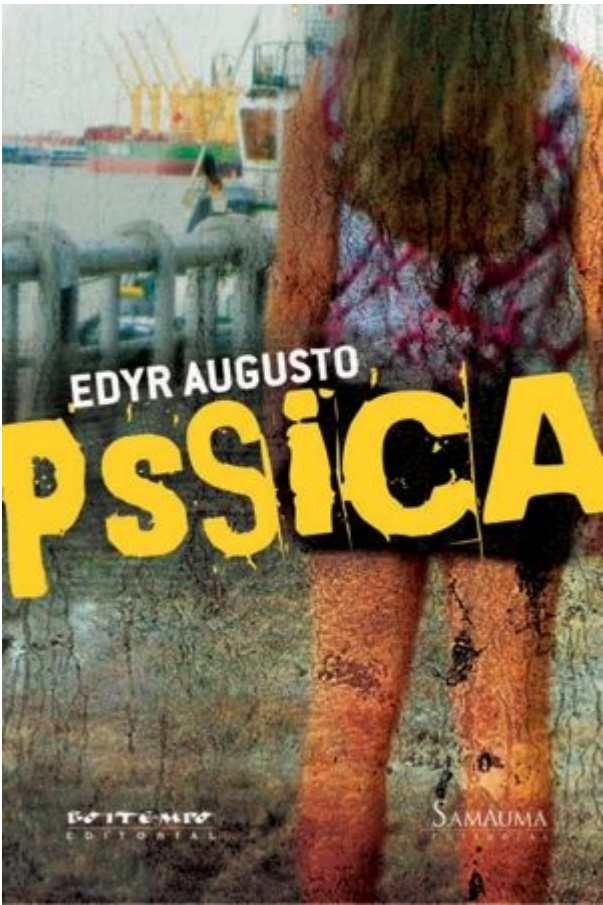
[Compre agora e leia](#)

Esta premiadíssima e audaciosa obra do cubano Leonardo Padura, traduzida para vários países (como Espanha, Cuba, Argentina, Portugal, França, Inglaterra e Alemanha), é e não é uma ficção. A história é narrada, no ano de 2004, pelo personagem Iván, um aspirante a escritor que atua como veterinário em Havana e, a partir de um encontro enigmático com um homem que passeava com seus cães, retoma os últimos anos da vida do revolucionário russo Leon Trotski, seu assassinato e a história de seu algoz, o catalão Ramón Mercader, voluntário das Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola e encarregado de executá-lo.

Esse ser obscuro, que Iván passa a denominar "o homem que amava os cachorros", confia a ele histórias sobre Mercader, um amigo bastante próximo, de quem conhece detalhes íntimos. Diante das descobertas, o narrador reconstrói a trajetória de Liev Davidovitch Bronstein, mais conhecido como Trotski, teórico russo e comandante do Exército Vermelho durante a Revolução de Outubro, exilado por Joseph Stalin após este assumir o controle do Partido Comunista e da URSS, e a de Ramón Mercader, o homem que empunhou a picareta que o matou, um personagem sem voz na

história e que recebeu, como militante comunista, uma única tarefa: eliminar Trotski. São descritas sua adesão ao Partido Comunista espanhol, o treinamento em Moscou, a mudança de identidade e os artifícios para ser aceito na intimidade do líder soviético, numa série de revelações que preenchem uma história pouco conhecida e coberta, ao longo dos anos, por inúmeras mistificações.

[Compre agora e leia](#)



Pssica

Proença, Edyr Augusto

9788575594506

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após grande sucesso na França - onde teve três livros traduzidos -, o paraense Edyr Augusto lança um novo romance noir de tirar o fôlego. Em Pssica, que na gíria regional quer dizer "azar", "maldição", a narrativa se desdobra em torno do tráfico de mulheres.

Uma adolescente é raptada no centro de Belém do Pará e vendida como escrava branca para casas de show e prostituição em Caiena. Um imigrante angolano vai parar em Currálinho, no Marajó, onde monta uma pequena mercearia, que é atacada por ratos d'água (ladrões que roubam mercadorias das embarcações, os piratas da Amazônia) e, em seguida, entra em uma busca frenética para vingar a esposa assassinada. Entre os assaltantes está um garoto que logo assumirá a chefia do grupo. Esses três personagens se encontram em Breves, outra cidade do Marajó, e depois voltam a estar próximos em Caiena, capital da Guiana Francesa, em uma vertiginosa jornada de sexo, roubo, garimpo, drogas e assassinatos.

[Compre agora e leia](#)